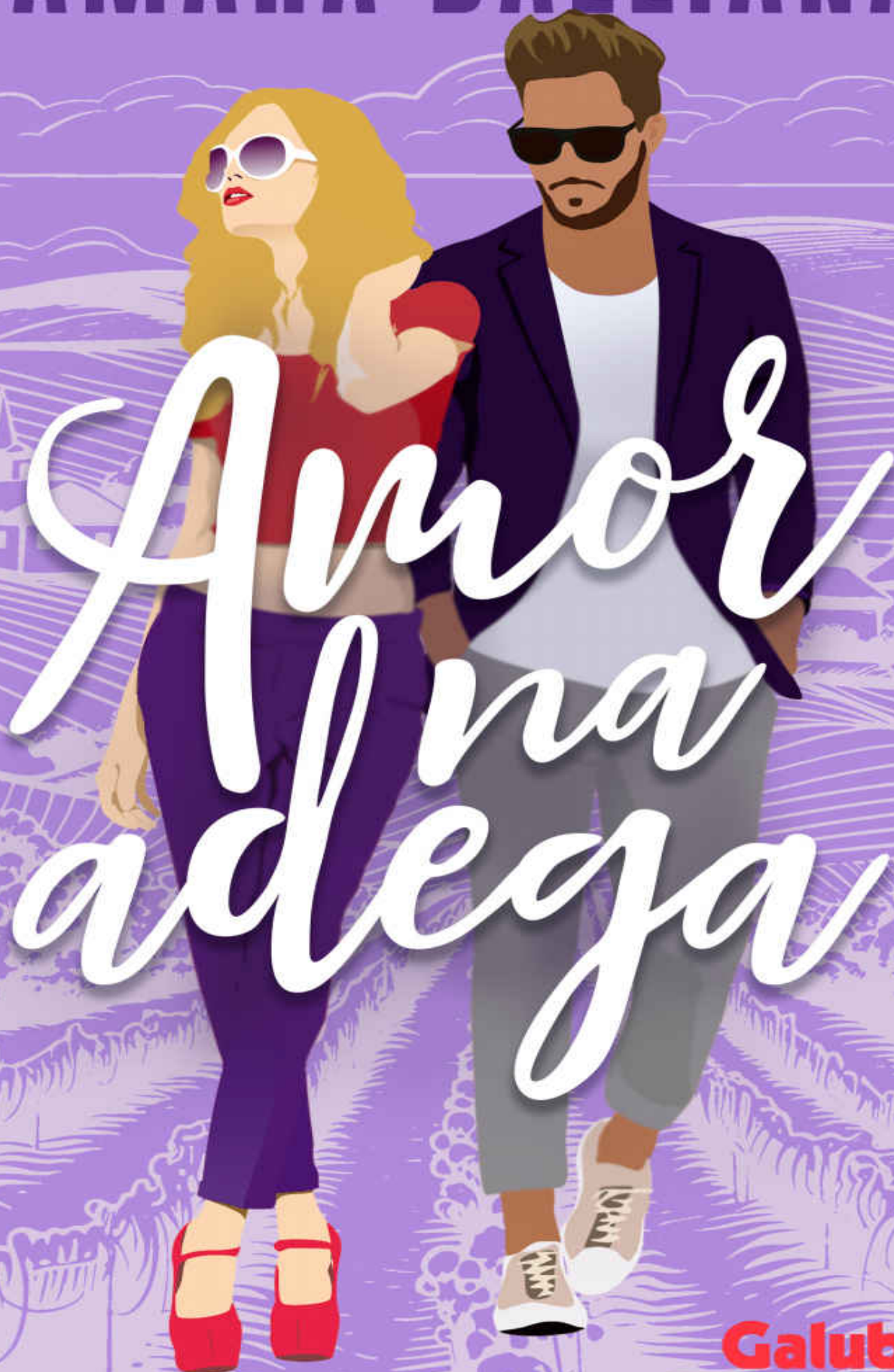


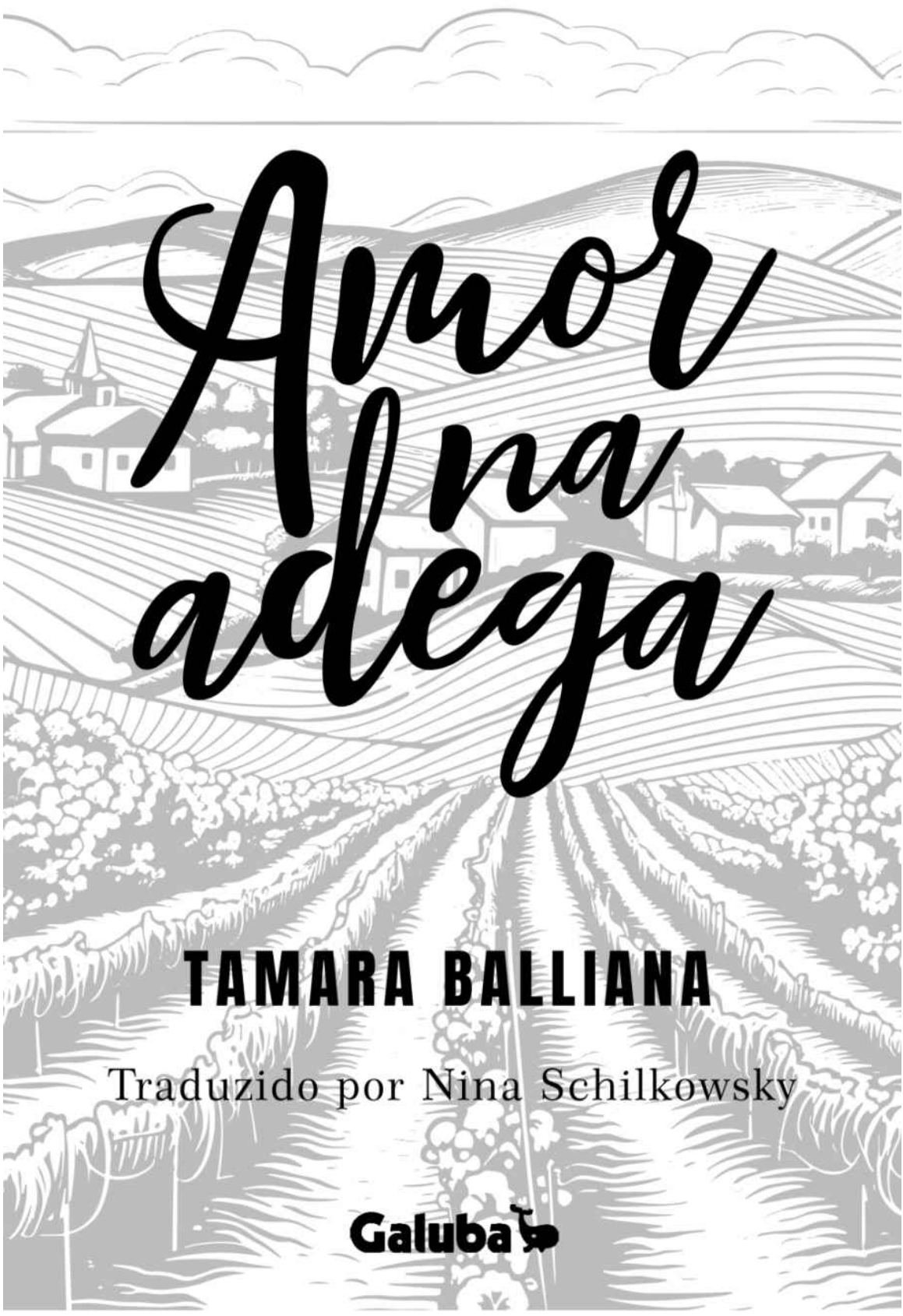
AUTORA BEST-SELLER NA FRANÇA

TAMARA BALLIANA



Galuba 





Amor na aldega

TAMARA BALLIANA

Traduzido por Nina Schilkowsky

Galuba 

SUMÁRIO

[Capítulo 1 - Léonie](#)

[Capítulo 2 - Léonie](#)

[Capítulo 3 - Léonie](#)

[Capítulo 4 - Léonie](#)

[Capítulo 5 - Léonie](#)

[Capítulo 6 - Léonie](#)

[Capítulo 7 - Léonie](#)

[Capítulo 8 - Léonie](#)

[Capítulo 9 - Léonie](#)

[Capítulo 10 - Léonie](#)

[Capítulo 11 - Léonie](#)

[Capítulo 12 - Léonie](#)

[Capítulo 13 - Enzo](#)

[Capítulo 14 - Léonie](#)

[Capítulo 15 - Léonie](#)

[Capítulo 16 - Léonie](#)

[Capítulo 17 - Léonie](#)

[Capítulo 18 - Léonie](#)

[Capítulo 19 - Enzo](#)

[Capítulo 20 - Léonie](#)

[Capítulo 21 - Enzo](#)

[Capítulo 22 - Léonie](#)

[Capítulo 23 - Enzo](#)

[Capítulo 24 - Léonie](#)

[Capítulo 25 - Léonie](#)

[Capítulo 26 - Enzo](#)

[Capítulo 27 - Léonie](#)

[Capítulo 28 - Léonie](#)

[Capítulo 29 - Enzo](#)

[Capítulo 30 - Léonie](#)

[Capítulo 31 - Léonie](#)

[Capítulo 32 - Léonie](#)

[Capítulo 33 - Léonie](#)

[Capítulo 34 - Léonie](#)

[Epílogo - Léonie](#)

[Gostou desse livro?](#)

[Leia também:](#)

[Sobre a autora](#)

[Conheça a Galuba editorial](#)

*A todos aqueles que lerão esta história com uma taça de
vinho na mão.*

CAPÍTULO 1

Léonie

Ato 1, cena 1

Uma plataforma de trem

A ação que está acontecendo neste momento na plataforma da estação de *Draguignan*, na região do Var, é totalmente insignificante, talvez até tediosa para os espectadores presentes. Desço do trem e piso no asfalto quente pelo sol de verão, arrastando minha enorme mala preta. Cruzo a plataforma em direção à saída. Não tem câmeras, ninguém está prestando atenção em mim e, no entanto, tento ir adiante com tanta graça quanto Marilyn com seus saltos altos em *Quanto Mais Quente Melhor*. Avanço com a cabeça levantada como se eu estivesse indo conquistar o mundo.

Assisti dezenas de filmes e peças que têm cenas geniais, tocantes e por vezes decisivas que acontecem em estações de trem. Mas, até hoje, meu nome não esteve no cartaz de nenhuma dessas produções.

Neste grande filme da minha vida, essa plataforma de trem está mais para o local que representa meu fracasso e desencanto. Mas não tem nenhum perigo que eu diga isso em alto e bom tom. O que me vem à mente é o oposto: *Como tirar proveito dessa situação?*

Saco meu celular para fazer o que sei fazer de melhor: fingir. Tiro uma foto bem enquadrada da placa anunciando o destino diante de uma ponta de céu azul sem nuvens, que

esconde o lado menos glamouroso do local. Confiro a foto: consegui evitar os fios de luz, está impecável. Aplico um filtro bonito que dá à cena cores perfeitas demais para serem verdadeiras; mas no reino das aparências, a autenticidade não tem lugar. Falta escolher a legenda...

Bem-vindos ao Sul!

Cheio de emoticons em forma de sol, será suficiente para deixar minhas amigas que estão presas no monocromático parisiense, loucas de inveja. Apesar de não estar eu mesma entusiasmada com a situação, ao menos darei a impressão de estar. Nenhuma necessidade de que meus seguidores saibam do meu humor. Porque sim, voltar aqui – sem ser nas férias –, não fazia parte dos meus planos.

Guardo o telefone na bolsa e me ocupo com a alça da mala. A travessia do saguão da estação não dura mais que alguns segundos, não o suficiente para aproveitar o ar-condicionado. Chego ao estacionamento e examino os arredores através dos meus mega óculos de sol à procura do carro amarelo ovo da minha mãe. Não preciso procurar muito. Como se não bastasse o fato de que ela é a única, sem contar o carteiro, que ousa dirigir um veículo dessa cor para que a reconheçamos, ela está do lado de fora, balançando os braços. Só faltavam painéis luminosos.

— Uhu! Léonie!

Eu aceno e, acompanhado de um sorriso nervoso, espero que ela entenda que eu a vi e que ela pode parar com o circo. Me esgueiro entre os carros estacionados de maneira anárquica e a reencontro.

— Bom dia, mamãe — digo, cumprimentando-a com um beijo.

Ela me aperta brevemente em seus braços e declara:

— Bom dia, minha Léo. Tive medo de estar atrasada com todo esse trânsito horrível. Ainda bem que saí cedo.

Essa reflexão me faz sorrir por dentro. Sempre me pergunto o que seria esse “trânsito horrível” a que ela se refere. Certamente um carro que levou alguns segundos a

mais para arrancar no semáforo ou o fato de que ela precisou parar um instante atrás de um caminhão que fazia entregas. Esses minúsculos incômodos aos quais a gente nem presta mais atenção quando se vive há tantos anos na região de Paris, como eu. Basta dizer que os engarrafamentos do anel viário nas manhãs dos dias de semana parecem com o apocalipse para a pequena vida rural de meus pais.

Minha mãe agarra com vigor a minha mala e a coloca no bagageiro do carro como se não pesasse nada. Entretanto, eu arrastei a mala por todo o caminho até aqui, inclusive fazendo baldeação entre trens, e tenho lugar de fala para garantir que não é o caso. Viajar com pouca coisa é algo totalmente desconhecido para mim. E desta vez não seria diferente. Ainda mais que estou aqui sem data de retorno, então trouxe tudo o que consegui. Algumas caixas devem chegar por transportadora durante a semana e uma das minhas amigas foi muito simpática ao me emprestar um espaço em seu porão para guardar o que não conseguiria trazer.

Mamãe se instala atrás do volante e aproveito para observá-la. Algumas rugas se juntaram a seu rosto desde a minha última visita no Natal. Estou certa de que ela não usa o creme diurno que eu lhe dei. Ainda estamos no começo do verão e ela já ostenta um bronzeado sólido. Mas não um bronzeado adquirido em uma cabine UV ou numa praia de *Saint-Tropez* com um coquetel na mão. Está mais para aquele que se ganha sem prestar atenção, aquele próprio das pessoas que passam muito tempo do lado de fora.

Para algumas pessoas, minha mãe e eu somos parecidas. O que é ao mesmo tempo verdade e uma completa mentira. Se temos nossos olhos azuis, nossas mechas loiras e alguns traços do rosto iguais, somos diametralmente opostas no resto. Ela usa o cabelo curto, à *la garçonne*; pois é prático, diz ela. Ela ama o ar puro, os passeios na floresta, as viagens de motorhome e os

piqueniques entre amigos. Quanto a mim... meio que detesto tudo isso. Principalmente o motorhome. Na verdade, minha irmã mais velha Laetitia tem mais paixões em comum com ela do que eu. Quanto à nossa caçula, Lena, que faz dezoito anos em algumas semanas, é um pouco mais difícil saber com quem ela se parece. Acredito que nem ela mesma saiba muito bem quem é. Ela teve uma fase gótica, agora parece que está em uma fase meio emo, mas escuta Katy Perry escondido. Quando a vejo, lembro porque não sinto falta da adolescência, e não é só por causa da acne.

Alguns quilômetros passam e nos encontramos nas ruelas familiares de minha infância em Cadenel, o pequeno vilarejo típico dessa parte do Var, com seu centro antigo dominado pelo campanário da igreja, sua rua de comércio, seus vinhedos que são o orgulho dos habitantes.

Nunca imaginei voltar a morar aqui. Para mim, Cadenel era o lugar que sempre teria um canto especial em meu coração, mas no qual eu não passaria mais do que alguns dias por ano. O tempo certinho de visitar meus pais e minhas irmãs e, por que não, assinar alguns autógrafos no caminho para agradar aos habitantes da vila.

É vergonhoso a quantidade de vezes que já imaginei essa cena. Em vez da recepção calorosa e a carona no Kangoo amarelo ovo da minha mãe, eu chegaria em um luxuoso, mas discreto, sedã preto. Sem muita ostentação, as pessoas daqui não gostam. A multidão estaria se acumulando na praça principal, onde teria sido montado um palanque. Eu daria alguns passos saudando meus fãs tal qual uma miss França (talvez já tenha treinado o movimento em frente ao espelho) e o prefeito me receberia com entusiasmo. Ele faria um discurso listando meus inúmeros sucessos e mostraria o orgulho dos cadenelenses por saberem que eu nasci ali. Eu iria, em seguida, pedir a palavra (eu posso ou não já até ter escrito algumas linhas do discurso) e agradeceria com emoção às pessoas

presentes, citando alguns nomes de professores do colégio ou de comerciantes, a fim de mostrar que não esqueci de onde venho. O auge seria o momento em que seria revelada a placa que daria o meu nome à praça da vila: Léonie Fabre. O fato dela já ter um homenageado é apenas um detalhe que, a meu ver, pode facilmente ser resolvido. O general de Gaulle nunca veio à Cadenel; já eu, dei meus primeiros passos e vivi minhas primeiras desilusões amorosas aqui, isso deveria contar, não?

Mas vejam só, por agora, tudo isso continua a ser uma utopia, pois sem contar a minha família e vizinhos, meu agente e o barista que trabalha no café embaixo da minha casa em Paris, ninguém no resto do mundo sabe quem é Léonie Fabre. E vale lembrar que o barista escreve meu nome no copo com no mínimo dois erros a cada pedido.

Meus sonhos de ver meu nome em destaque em um cartaz de uma peça de teatro ou de um filme de sucesso ainda não foram concretizados e só Deus sabe se serão um dia. Por muitos anos, assim como na canção de Aznavour, eu imagino para mim uma vida que está longe da realidade.

É por isso que a minha chegada aqui me deixa tão amarga. Pois, aceitar voltar a viver em Cadenel, é em parte abandonar meus sonhos. Me faz admitir que eu fracassei na minha existência. Me ressinto de ter consentido com essa derrota. Mas era preciso constatar o óbvio: a geladeira não se enche sozinha e esta solução tem a vantagem de ser temporária. Poderia mesmo dizer que a proposta de Laetitia de substituí-la durante sua licença maternidade veio a calhar.

Quando ela falou comigo há algumas semanas, eu estava no fundo do poço. Tinha acabado de saber que mais uma vez eu não tinha sido escolhida para um papel depois de um teste. No entanto, achava que estava no papo. Éramos apenas duas concorrentes. E como em todas as outras vezes, não fui eu a escolhida. A outra atriz era mais talentosa, mais bonita, tinha mais pistolão? Nem mesmo

procurei saber, mas eu estava amarga. Por isso, quando minha irmã ligou e me disse que tinha pensado em mim para substituí-la no *Domaine de Manons* até que ela acabasse de mimar meu futuro sobrinho ou sobrinha, eu a mandei catar coquinhos. Para minha sorte, Laetitia é do tipo insistente quando coloca uma ideia na cabeça. Ela tentou a sorte alguns dias depois, com argumentos muito convincentes, dentre eles o de um belo cheque ao fim de cada mês trabalhado em Cadenel.

Nunca fui muito próxima das minhas irmãs. A Lena é muito mais nova, tanto que não compartilhamos brincadeiras infantis. Já a Laetitia... acho que somos simplesmente muito diferentes. Não é que a gente não se ame, só não temos afinidades. Nos contentamos em crescer lado a lado, sem compartilhar muita coisa além dos jantares de família. Ela montava a cavalo com sua melhor amiga Solène enquanto eu ia às compras com as minhas amigas. É a segunda vez que ela me surpreende em poucos anos. A primeira vez foi quando, há um ano e meio, ela me contou que iria se casar com o Sébastien, o filho do proprietário da vinícola *Domaine de Manons*. Não foi o fato que ela iria se casar com ele que me surpreendeu, eles namoravam há tanto tempo que o pároco da vila guardava um horário para eles em seu planejamento há vários anos por via das dúvidas. O que me deixou boquiaberta foi quando ela me convidou para ser uma de suas madrinhas. É claro que eu aceitei (existem mesmo pessoas que recusam?), com a condição de que eu poderia vestir o que eu quisesse, e ela rapidamente concordou porque Laeti não se importa com esse tipo de coisa.

Enfim, quando ela insistiu para que eu aceitasse o emprego no *Domaine*, achei que se ela confiava em mim, eu deveria provavelmente fazer o mesmo. Afinal de contas, ela é quem conhece o trabalho e parecia convencida de que eu seria perfeita para substituí-la. O fato de que a minha única qualificação na área do vinho era ser capaz de

apreciar uma taça de rosé em um churrasco de verão não parecia deixá-la preocupada.

— Organizei uma festinha essa noite — anuncia a minha mãe quando eu acabei de arrumar minhas coisas.

— Uma festa? — me espanto.

Sabia que eu teria direito a um almoço de família nesse fim de semana com meus pais, minhas irmãs, meu cunhado e vovó Violette, mas uma festa?

— Sim, vem a família, os amigos e alguns vizinhos.

— Para comemorar o que, exatamente?

— Como assim? Seu retorno, ora essa!

— As pessoas querem festejar isso?

Eu não. A ideia de voltar para a casa do papai e mamãe com um emprego arranjado pela minha irmã não me deixa em clima de festa. Melhor seria colar um adesivo de “perdedora” na testa.

Nas minhas fantasias de pré-adolescente, achava que na idade em que estou hoje minha vida teria realmente tomado um rumo diferente. Além do meu sucesso como atriz (que eu não tinha nenhuma dúvida), teria um carro conversível vermelho, uma casa dos sonhos de três andares, patins luminosos e um noivo com uma cabeleira de surfista. E sim, daria festas fantásticas. Agora, preciso admitir que esse futuro só existe para a Barbie e não para mim. Sempre posso me consolar me lembrando que, ao menos, passei férias em um motorhome. *Eca!*

— Todo mundo quer te ver. Além de permitir que você se reconecte com as pessoas daqui, coloque os assuntos em dia. Você saiu daqui há tanto tempo.

Tenho vontade responder que se eu precisasse de uma atualização das fofocas da vila, bastava me instalar na varanda do *Bar de la Place*, gerenciado pelo Jules, o irmão da Solène. Em menos de uma hora já saberia todas as

fofocas que perdi no tempo que não estive por aqui. Mas assim que percebo o brilho nos olhos de minha mãe, entendo que é importante para ela, então decido não reclamar mais.

— Você tem razão, é uma boa ideia — sorrio enquanto por dentro suspiro com irritação.

O que é que a gente não faz para agradar nossa mãe?

CAPÍTULO 2

Léonie

Mesmo eu não me importando com o que terá para comer esta noite, o oposto é verdadeiro para a mamãe. Ela está levando a pequena confraternização muito a sério. Por isso eu me encontro acompanhando-a no supermercado duas horas mais tarde. Não ia ser egoísta a ponto de deixá-la sozinha para lidar com toda a confusão, além disso, a verdade é que eu não tenho nada mais para fazer. Não tenho muitos amigos em Cadenel e, como só começo no meu novo emprego na segunda-feira, estou com o fim de semana livre.

Logo depois que chegamos no mercado, para não perder muito tempo, decidimos nos separar. Percorro o corredor das frutas e legumes, com o nariz enfiado na lista feita pela mamãe, quando eu escuto alguém se dirigir a mim:

— Não acredito! Léonie, é você mesmo?

Uma morena pequena empurrando um carrinho cheio até a borda e ostentando uma barriga redonda como se ela tivesse engolido uma melancia inteira está acenando para mim. Levo alguns segundos para reconhecer uma das minhas amigas de colégio.

— Jessica! Que surpresa boa.

“Surpresa”, sim. “Boa”, é um pouco exagerado. Mas é o que se diz neste tipo de situação, certo? Coloco meu melhor sorriso nos lábios. Sei que ele é bem convincente, eu já treinei na frente do espelho por horas e mais horas.

Jessica contorna o carrinho com tanta facilidade quanto a sua circunferência imponente a permite.

— Me conta amiga, você voltou para ficar uns dias conosco? Férias? — ela me pergunta antes de emitir um risinho cristalino muito perfeito para ser sincero.

Sabia que ia ser alvo de perguntas constrangedoras, contudo achava que teria algumas horas de descanso. Minha primeira inquisidora já está aqui, entre as batatas-doces e as berinjelas.

— Na verdade, vou ficar o verão inteiro.

Como não tenho vontade de me demorar no assunto, desvio o rumo da conversa:

— E você? Tenho a impressão de que as coisas vão muito bem...

Ela abre um grande sorriso. Se tem uma coisa que tenho certeza é de que mulheres grávidas adoram falar dos seus bebês. E se me lembro bem, Jessica adora falar dela mesma, então devo ter um momento de paz.

— Sim! Estou casada há três anos e a família vai crescer ainda mais daqui a um mês, como você pode ver. Não estou dormindo muito, mas vai valer a pena. É nosso terceiro — ela esclarece apontando a barriga. — Nós já temos gêmeos.

Uau! Quem disse que os pequenos vilarejos estão se despovoando?

— Preciso dizer que você está resplandecente — comento.

É sincero. A grandeza do abdômen só acrescenta, pois a pele dela está limpa, os cabelos brilhantes, ela veste sandálias adoráveis e um vestido que quase me dá vontade de estar grávida para poder comprar o mesmo. Isso me irrita de alguma maneira. Jessica era minha amiga, em teoria; mas acredito que, com o tempo, nós passamos a nos detestar cordialmente mais do que qualquer outra coisa. Antes isso não me incomodava, afinal eu era mais popular do que ela. Mas agora...

Jessica faz uma pequena careta acompanhada de um gesto de mão que significa: *Você está dizendo bobagem*, mas vejo

que o elogio lhe agrada. Também percebo de passagem o enorme diamante que adorna seu anular.

— Pierre-Louis sempre quis uma família grande. Ele me diz que eu nunca estive tão bonita quanto grávida.

Pierre-Louis, o geek meio magricela do nosso colégio? No momento em que estou prestes a perguntar (com uma descrição um pouco mais lisonjeira do marido, de qualquer forma), um homem se coloca ao lado dela com um carrinho duplo. Este é ocupado por dois mini humanos que parecem ser clones de seus pais. A menininha tem o mesmo corte de cabelo perfeito que a mãe, com a diferença de que um lacinho azul marinho segura a sua mecha da frente. O menininho está usando a mesma camisa polo que o pai e pequenos óculos redondos que lhe deixam muito fofo.

— Léonie Fabre? Que surpresa!

O marido de Jessica se dirige a mim, o que me confirma que ele é mesmo o Pierre-Louis que eu achava. Só que ele não tem mais o físico de um aspargo que tinha na época. Ombros largos e bíceps que forçam o tecido de sua camisa, parece que o geek andou treinando na academia nesses últimos anos. A não ser que sejam todas as horas carregando os bebês no braço? Em todo caso, quem teria acreditado que o patinho feio se transformaria em cisne antes dos trinta anos? Eu com certeza não.

Ele me dá um sorriso e beija os cabelos da mulher, antes de colocar uma mão terna em seu ombro. Tenho na minha frente a imagem de uma família perfeita. Estou certa de que eles ficariam lindos em um cartão de Natal com suéteres combinando.

— E você, Léonie, o que tem feito? — me interroga Jessica.

— Bem... não sou casada, não tenho filhos — começo.

E sou uma atriz desempregada...

— Começo um trabalho novo na segunda no *Domaine de Manons* — digo em vez do que pensei.

— Ah, sim! Cruzei com a sua irmã no curso de preparação para o parto. Ela me disse que você vinha substituí-la. É muito gentil da sua parte, colocar sua carreira de lado durante alguns meses por eles — ela acrescenta com admiração na voz. — Mas você tem razão, não tem nada mais importante do que a família.

— Não, nada é mais importante do que a família — repete Pierre-Louis acariciando o ombro dela.

Eles trocam um olhar repleto de amor e eu quase tenho uma overdose.

— Então, você está morando onde? — pergunta Jessica.

— Na casa dos meus pais — confesso a contragosto.

Ainda não esgotaram as perguntas? Eles não têm nada mais importante para fazer? Tipo dar à luz? Fazer um ultrassom? Comprar o enxoval?

Para minha sorte, os pirralhos deles parecem entender meu sofrimento e começam a se agitar no carrinho.

— Vamos ter que ir embora, mas de qualquer maneira, foi ótimo te ver. Você deveria passar lá em casa um dia desses — acrescenta Pierre-Louis.

Para ir contemplar de perto a vidinha perfeita de vocês? Não, obrigada. Tenho certeza de que eles têm um labrador e um gramado perfeito que Pierre-Louis deve aparar com o torso nu nos fins de semana. Não vou me infligir isso.

— Boa sorte com o seu novo emprego — diz Jessica.

— Uma boa hora para você — respondo.

Espero que você sofra dores atrozes.

Essa conversa mais me contrariou do que qualquer outra coisa. Meus amigos do colégio se casaram e levam vidas de adulto enquanto eu estou bem longe disso. Meu maior compromisso até hoje foi o que eu fiz com a minha operadora do celular. É um tanto patético.

Continuo minhas compras tentando focar na lista que minha mãe me deu mais do que no meu encontro com

Jessica e Pierre-Louis. Tomo até o cuidado de examinar cada tomate antes de colocá-los na sacola. Depois de pesar, tiro um tempo para colar corretamente a etiqueta por cima e volto em direção ao meu carrinho. Problema: ele não está no lugar onde eu deixei.

Olho em volta, alguém deve tê-lo deslocado. Mas rapidamente percebo que ele não está em lugar nenhum. Começo então a verificar as pessoas que estão empurrando um carrinho. Alguém deve ter pego achando que era o seu. Só pode.

Vejo um homem de costas com as mesmas garrafas de suco e os mesmos pacotes de chips que eu peguei mais cedo. Ando em sua direção, mas ele também vai para frente e se distancia de mim com facilidade. Ele tem 2 metros de pernas no mínimo! Ainda por cima, como se não bastasse, metade das pessoas fazendo as compras nessa loja parecem ter decidido se colocar no meu caminho.

— Ei! — digo na intenção de deter o ladrão de carrinhos.

Se eu tivesse sorte na vida, teria que lidar com uma vovó com os passos tão rápidos quanto os de uma lesma, mas foi preciso que eu encontrasse o Usain Bolt dando uma volta no supermercado.

É claro que todo mundo virou a cabeça na minha direção menos ele.

— Ei! Você aí, com a camiseta e o boné azul! — grito um pouco mais forte.

Desta vez, o homem para e se vira. Alguém passa na minha frente, bloqueando a minha visão, preciso de mais alguns segundos para cruzar com o seu olhar. Mas assim que isso acontece, percebo uma coisa: ele está longe de ser um estranho.

CAPÍTULO 3

Léonie

Sou alvo de um olhar desdenhoso e com mais cólera do que o século XIX; as infames maçãs-do-rosto latinas e proeminentes, as sobancelhas grossas que, nesse momento, se franziram em uma careta de desgosto. Seu rosto está em parte encoberto pelo boné, mas sei exatamente como ele é. Mesmo que faça seis anos que não o vejo de perto, tive que suportar a sua ignóbil presença em minha vida dos meus 0 aos 18 anos.

Enzo Deluca.

Nosso vizinho.

Meu pior inimigo.

Aliás, o sorrisinho sarcástico que se abre no rosto dele me indica que ele está tão contente quanto eu com esse reencontro. O que quer dizer nem um pouco.

— Esse carrinho é meu — anuncio sem preâmbulo.

Meu tom é tão frio que a Antártica pareceria um paraíso tropical.

— Boa tarde para você também, *Léonie*.

O tom com que ele fala meu nome deixa excepcionalmente irritada. Mas não vou me humilhar reconhecendo minha falta de educação.

— Eu adoraria ter meu carrinho de volta, *Enzo* — respondo colocando uma mão sobre o objeto em questão, mas prestando bastante atenção para ficar o mais longe possível da mão que o segura.

Sempre alerta, esse é meu mantra quando estou em sua presença.

— Não posso te ajudar, não sei onde está.

— Ah, sabe sim, visto que você está empurrando ele, *Enzo*.

Uma de suas sobrancelhas se ergue e seus olhos lançam raios.

— Você tem certeza, *Léonie*?

Meu olhar se desvia do dele para enfim analisar o conteúdo do carrinho: suco de frutas, chips, bananas, cervejas, desodorante... masculino, creme... para barbear?

Merda!

— Então *Léonie*, é esse o seu carrinho? Você tem certeza? — ele pergunta.

Não quero encará-lo nos olhos. Sei exatamente como é o ar vitorioso que ele deve estar ostentando. Em vez disso, fico olhando feito besta para as compras dele. Compras irritantes, se querem saber a minha opinião. Lasanhas e pizza congelada? Patético. Em especial quando se sabe que a mãe dele, Rita Deluca, de origem italiana, é uma das melhores cozinheiras que eu conheço. Só se ela finalmente entendeu a verdadeira natureza da sua prole e se recusa a alimentá-lo desde então. Se esse for o caso, ela não aceitou nem o receber em casa. Assim como eu, Enzo saiu de Cadenel depois do vestibular. Só Deus sabe o que ele veio fazer aqui nesse fim de semana e eu é que não vou perguntar. Por outro lado, uma ideia me vem à cabeça, e ela não é totalmente sem sentido quando penso em sua natureza perversa.

— Quem me garante que você não roubou meu carrinho e acrescentou alguns produtos masculinos para tentar me enganar?

Ele me observa por um segundo e... cai na gargalhada.

Seu riso é grave e muito desagradável e o fato de que ele me sacaneia abertamente é muito, muito irritante.

— Ah, Léo, você não gosta mesmo de estar errada.

— Não acontece comigo com frequência.

Embora, neste caso, estou começando a duvidar de mim mesma. O fato dele usar meu apelido é exasperador.

— Você não acha que aquele dali deve ser o seu? — ele pergunta apontando um outro carrinho um pouco mais longe.

De fato, ele se parece um pouco com o meu, com alguns itens a mais. Então vou em direção ao tal carinho e sinto que Enzo está bem atrás de mim, o que me irrita ainda mais. Ele não podia se contentar em continuar com suas compras como se nada daquilo tivesse acontecido e desaparecer de vez da minha vida? Não, ao contrário, ele se permite especificar os produtos do carrinho tocando-os com suas mãos grandes e cheias de dedos. Vou ter que lavar tudo com desinfetante quando chegar em casa.

— Vejo que seus problemas de incontinência não se resolveram — ele diz se empossando de um pacote roxo que não me lembro de ter pego.

Aliás, o conteúdo do carrinho é ao mesmo tempo familiar e diferente. Eu lhe arranco o pacote das mãos e vejo com horror se tratar de fraldas geriátricas.

— É...

Me apresso em lhe dizer alguma coisa sobre como devem ter me roubado o carrinho, o que também explicaria seu deslocamento misterioso. Mas eu sou cortada por minha mãe que surge do nada.

— Enzo Deluca, que surpresa boa!

A expressão constipada e zombeteira desaparece do rosto do meu vizinho de infância, ele abre um grande sorriso antes de se virar para ela.

— Michelle!

Eles trocam um beijo de cumprimento e esse bajulador de meia tigela não se furta de acrescentar:

— Se Léonie não estivesse bem ao meu lado, eu poderia te confundir com ela. Você está resplandecente, parecem duas irmãs. Você mudou o corte de cabelo?

Minha mãe se deixa levar por conversinha barata, mas eu sei o que ele quis realmente dizer: eu que envelheci. Aliás, o sorrisinho satisfeito que ele exhibe me confirma isso.

— Oh, você é adorável, Enzo, mas está exagerando — diverte-se minha mãe lhe dando tapinhas no braço.

Enzo lhe dá uma piscadela o que deixa mamãe levemente vermelha. É patético. Reviro os olhos, completamente aflita, mas não tenho tempo de remoer esse sentimento, pois ela acrescenta:

— Sua mãe te falou da festinha para a Léonie que estamos organizando essa noite? Você devia vir.

Antes que ele tenha tempo de abrir a boca, me antecipo:

— Enzo estava me contando justamente que ele já tem uma coisa marcada para esta noite.

Ele me lança um sorrisinho que significa: *Ah, é? Eu disse isso?* E eu me dou conta nesse instante do meu erro. Ao passo que ele teria provavelmente declinado o convite com educação (pois, concretamente ele não tem nenhuma razão para aceitar, a gente se odeia), ele vai ter um prazer malicioso em me contradizer.

— Acho que eu consigo remarcar meu compromisso. Obrigado pelo convite, Michelle. Devo levar alguma coisa?

— Não desfaça todos os seus planos por mim, Enzo. Se você está aqui apenas pelo fim de semana, duvido que não tenha um monte de gente que você deve querer encontrar. Nós já nos encontramos aqui.

Abro um sorriso maroto que, espero, parecerá simpático do ponto de vista da minha mãe.

— Para falar a verdade, não tenho nada de especial programado para hoje à noite — ele responde imitando a minha expressão facial.

— Você deve ter um velho amigo que te espera, uma antiga namorada para reencontrar?

Seus olhos se fixam em mim e acredito detectar diversão, mas a impressão é fugaz.

— Não tenho nada mais importante para fazer do que celebrar o retorno da minha vizinha preferida a Cadenel.

— Ah, perfeito. Então, até a noite, Enzo. Venha Léonie, precisamos terminar as compras, que ainda tenho umas coisas para pegar para a vovó Violette — diz mamãe.

Enzo se inclina em minha direção e, por um instante, me pergunto o que ele pretende fazer. Petrifico. *Ele não vai me dar um beijinho!* Mas não, sua boca se aproxima da minha orelha; e um instante depois, sua voz grave ressoa:

— Não esqueça de trocar a fralda antes da festa.

Ainda estou com o pacote de fraldas na mão. Em tempos normais, eu o teria lançado na cara dele, mas é preciso autoconhecimento para admitir que meus reflexos não estão tão bons hoje em dia.

— Babaca.

— Eu sei — ele responde me dando uma piscadela antes de se afastar.

Um pouco mais tarde, minha mãe me explica que foi ela que pegou o carrinho enquanto eu conversava com a Jessica e que ela colocou algumas compras que tinha feito para a minha avó. Me dou conta, enquanto ela fala, que Enzo não pareceu surpreso com a notícia da minha volta à Cadenel; ele até parecia estar sabendo antes de me encontrar.

— Mamãe, foi você que disse ao Enzo que eu voltaria a morar aqui?

Ela me olha de lado e responde:

— Não, deve ter sido a Rita. Ela sabia, evidentemente.

Tendo em conta que todo mundo da vila se conhece e que não existe mais do que uma dezena de metros entre nossa casa e a dos Deluca, não é de se espantar. Ainda mais que meus pais e eles são grandes amigos... que é a minha grande maldição.

CAPÍTULO 4

Léonie

Desde que eu me lembro, Enzo Deluca e eu sempre nos detestamos. E isso desde o nosso primeiro dia nesta Terra.

A família Deluca se mudou para a casa ao lado da nossa na época em que Rita estava esperando Enzo e minha mãe estava grávida de mim. Inevitavelmente, em menos de um mês, as duas vizinhas se tornaram amigas e inseparáveis. Por culpa do Enzo, nós dois nascemos no mesmo dia.

De certo querendo se tornar interessante, Enzo não tinha mostrado o menor sinal de uma chegada iminente na data prevista para o parto. Farto de esperar que o rapazinho quisesse sair, o pai dele, Domenico, ficou ausente por algumas horas para visitar um cliente em Toulon. Foi bem na sua ausência que Enzo enfim se decidiu a botar o nariz para fora. Quando as contrações de Rita começaram, tomada pelo pânico com a ideia de estar sozinha, ela aceitou a proposta da minha mãe de levá-la de carro até maternidade. Diga-se de passagem, uma inconsequência das duas futuras mães de achar que dirigir naquele estado era uma boa ideia...

Foi então, com os assentos afastados ao máximo para caber as barrigas grandes, que as duas amigas tomaram juntas a direção do hospital. Um trajeto de apenas alguns quilômetros, mas que tinha um grande obstáculo: o trator do padre Laugier.

Entre minha mãe, bombardeada pelos hormônios da gravidez, e o velho padre, sempre sob influência maior ou

menor de uma taça de vinho rosé, ninguém nunca soube quem foi o responsável pelo acidente. Por outro lado, é certo que a colisão entre o trator e o Renault 5 vermelho que ela dirigia na época foi o evento desencadeador do trabalho de parto para minha mãe. Enzo e eu então nascemos com algumas horas de diferença, ele no caminhão de bombeiros que veio prestar socorro às nossas duas genitoras e eu na maternidade.

E não ficamos muito tempo separados, já que o pessoal da maternidade nos instalou no mesmo quarto pelos poucos dias que nós devíamos passar lá em observação. Desde a primeira noite da minha vida eu tive que suportar a presença dele. E durante os dezoito anos seguintes, crescemos a poucos metros um do outro e nos detestando com todo o nosso coração.

Desde as nossas primeiras brincadeiras de criança, durante as quais ele tinha um prazer malicioso em me fazer tropeçar, até o pátio da escola, onde ele levantava a minha saia na frente de seus colegas que riam, ele não me poupou em nada. E quando chegamos na adolescência, só piorou: ele parecia sempre ter alguma coisa para fazer no jardim no momento em que um menino vinha me buscar. Eu era vítima dos olhares depreciativos e comentários amargos que só eu podia ouvir e que tinham o dom de me dar nos nervos. Ele parecia continuamente querer entrar na minha cabeça para arruinar tudo o que poderia me acontecer de bom. O pior é que nossos pais, longe de tentar nos poupar da presença um do outro, pareciam fazer de tudo para que nós passássemos a maior parte possível do tempo juntos. Toda as vezes que reclamei do comportamento dele com meus pais (ou com os dele), a resposta era sempre a mesma: *A gente só implica com quem ama!*

Aos dezoito anos, com o resultado do vestibular no bolso, e sem combinarmos, nós dois deixamos a casa de nossos pais. Ele em direção a Bordeaux, e eu a Paris, colocando enfim centenas de quilômetros entre nós.

Confesso que quando eu o vi embarcar no mesmo trem que eu em Draguignan (no mesmo dia, é claro), tive um momento de terror pensando que ele talvez pudesse ter mudado seus planos para a faculdade e que ele iria para a capital junto comigo. Mas para a minha sorte, chegando em Marseille, nossos caminhos se separaram. Foi na plataforma da estação de Saint-Charles, há mais ou menos seis anos, que eu o vi pela última vez.

Desde então, meticulosamente evitei todo reencontro com ele. Minha mãe foi, sem saber, cúmplice nessa operação. Grande tagarela, ela sempre me manteve a par das novidades dos vizinhos. E assim que a Rita anunciava a volta do Enzo para um fim de semana, eu anotava com cuidado a data na minha agenda em vermelho, adiando se necessário a minha vinda para o sul, tudo para não cruzar com ele. Além disso, em cada uma das minhas vindas, eu nunca ficava muito tempo, no caso dele ter uma vontade súbita de vir comer as lasanhas materna. As férias de Natal eram sempre mais complicadas. Nunca fui tão cruel com meus pais a ponto de lhes privar da minha presença, nem sou boba de renunciar a alguns dias lagarteando no sofá da família comendo chocolate de graça. Para minha sorte, as temperaturas do inverno eram o álibi perfeito para ficar enclausurada; e se alguma vez os vizinhos tivessem sido convidados para ajudar a acabar com os restos da sobremesa, bastava fingir indigestão para ficar enfiada no meu quarto e não cruzar com eles.

Até hoje, meu plano tinha funcionado perfeitamente, e estava orgulhosa de mim. Talvez até seja o caso de acrescentar essa qualificação ao meu currículo: capacidade excepcional em evitar os indesejáveis. Isso deve ser bem útil em uma área como... a de serviço de atendimento ao cliente?

Conferi meu traje no espelho de corpo todo do meu quarto. Passei horas neste mesmo lugar mais jovem, me observando por todos os ângulos. Nunca duvidei de mim naquela época. Eu era a menina segura de si, bem em seu corpo, popular. É óbvio que eu me tornaria uma grande atriz. Acreditava em mim.

Nesta noite, meu reflexo me agrada: o vestido me cai bem, minha maquiagem está perfeita. Passei tanto tempo alisando meus cabelos que daria para escorregar por eles. No entanto, dentro de mim, a confiança desapareceu. Vejo uma mulher bonita no espelho, mas nada além disso. Não me tornei aquela que eu projetava nos meus sonhos de adolescente.

Suspiro e pego um batom. Tenho uma coleção impressionante deles. Passando o protetor na boca, sempre tenho a impressão de estar passando no coração. Uma paixão que me foi transmitida pela vovó Violette. Ela costuma dizer que uma mulher com lábios pintados demonstra segurança. Posso garantir que, no meu caso, é só uma fachada. Mas isso não impede de usar o batom como escudo. *Vermelho Sorte* é o nome desse batom, esperemos que isso seja premonitório para minha estada aqui.

Sorrio para o meu reflexo. Me arrumei como se eu fosse sair com meus amigos em Paris; enquanto a verdade é que só vou participar de uma confraternização no andar de baixo com pessoas que, na maior parte, têm a idade de meus pais.

Não mantive contato com muitos dos meus amigos de colégio e a maior parte nem mesmo mora mais aqui, acho eu. Os *jovens* se limitarão às minhas irmãs; Sébastien, meu cunhado; Solène, a melhor amiga de Laetitia e seu namorado Léo^[1], meu homônimo.

E Enzo.

Secretamente, espero que ele quebre a perna ou seja vítima de um sequestro. Nunca se sabe, talvez a magia do batom funcione?

Meu celular toca da mesa de cabeceira. Dou uma olhada, é minha amiga Victoire. Nós nos conhecemos em um elenco há alguns anos e, desde então, ela se tornou a cúmplice das minhas saídas parisienses.

— Léooo! — ela esganiça tão forte que eu afasto o aparelho de minha orelha ao menos trinta centímetros.

— Oi, Vic.

— Então, como está a sua volta ao sul? Já está bronzeada?

Rio.

— Não estou nem a vinte e quatro horas aqui. Ainda não tive tempo de lagartear no sol.

— E o que você fez então?

Arrumei minhas coisas, acompanhei minha mãe ao supermercado, preparei uma salada de macarrão...

— Levei um tempo me instalando, passei um pouco pela cidade...

— E você reencontrou quantas pessoas interessantes? — ela pergunta com uma voz sugestiva.

Volto a lembrar de Jessica e sua família perfeita, depois de Enzo e a história do carrinho. Dou uma tossidinha.

— Nenhuma...

— Você não cruzou com um ou dois amores antigos que festejariam o seu retorno?

— Não, de verdade não.

Longe disso. Não sei com quantos meninos Victoire acha que eu saí na época do colégio, mas não foram tantos assim. Então a probabilidade que eu cruze com um deles no meu primeiro dia...

— Bem, me diga ao menos que você tem um plano fantástico para conseguir um cara bonitão hoje à noite. É claro que você vai sair, não é?

Observo meu reflexo no espelho.

— É... claro.

— Perfeito! Promete para mim que você vai achar o cara mais bonito da noite. E quero que você me faça um relatório completo amanhã!

— Realmente não vim para o sul para encontrar um cara para mim, Vic — protesto. — Só vou ficar aqui por alguns meses e...

— Não estou te dizendo para encontrar um namorado — ela me corta. — Estou te dizendo para se divertir. Não tem nada melhor do que uma paixonite de férias. A gente se diverte e, na volta, só se guarda boas lembranças.

— Sei que estou no sul e que é verão, mas ao contrário do que parece, não estou de férias. Estou aqui para trabalhar na vinícola da família do meu cunhado.

— E daí? Eles não vão te prender lá vinte e quatro horas por dia. Hoje é sábado à noite, você deveria curtir!

Concordo com ela para mudar de assunto. Conversamos ainda alguns minutos e desligo.

Me observo mais uma vez no espelho, meu telefone sempre na mão. Tento algumas expressões com meu rosto, uma mania de treinar pensando em vários personagens que um dia farei. Mas o personagem que estou interpretando agora é outro e isso me dá uma ideia. Encontro a expressão que me convém e levanto o celular ligando a câmera. Tiro algumas fotos, escolho a melhor, aplico um filtro e pronto. Postado diretamente no Instagram com a seguinte legenda:

Pronta para uma noite louca!

Se ao menos eles soubessem...

CAPÍTULO 5

Léonie

Estou nervosa, o que, se parar para pensar, é totalmente ridículo. Daqui a alguns minutos os primeiros convidados vão chegar e estou tão estressada quanto estaria se fosse receber o maior diretor de elenco que já existiu.

— A gente é obrigado a receber todo esse pessoal? — pergunto pela quinquagésima vez para a minha mãe.

— Não tem como cancelar a festa agora. Vai ficar tudo bem, Léo — ela responde com calma, de certo habituada aos meus caprichos.

— Sempre podemos dizer que houve uma morte na família — tento.

Ela me encara com horror e faz o sinal da cruz.

Juro para vocês, se eu tiver um filho tão pentelho quanto eu, o darei para adoção. É um milagre que meus pais tenham me aturado todos esses anos.

— Você gostaria de enterrar sua avó prematuramente? Léo...

Eu a corto antes que ela desmaie.

— Não estava falando da vovó! Não temos uma tia velha que ninguém se lembra e que a gente poderia reenterrar com facilidade?

Dessa vez, ela nem se dá ao trabalho de me responder e coloca uma travessa cheia de mini folheados na mesa.

Vendo que minha ideia não colou, resolvo analisar minuciosamente a sala. Já escondi as fotos de família que

me desfavorecem. O que quer dizer quase todas. Coloquei para frente uma foto magnífica de Laetitia na época que ela usava aparelho nos dentes e um permanente improvável nos cabelos, isso deveria ocupar os convidados mais curiosos por um tempo.

Lena está instalada no sofá e joga no celular, ou conversa com as amigas sobre a dura realidade da vida de uma adolescente de 17 anos... ou qualquer outra coisa que as jovens fazem com o celular nos dias de hoje.

— Sei por que você está tão estressada — ela cantarola sem tirar seus olhos da tela.

— Você não tem dever de casa para fazer, hein?

— Faço vestibular na semana que vem — ela responde chateada.

— Aí! Bem que eu disse — grito para a minha mãe, que voltou para a cozinha. — É razoável receber um monte de gente quando a Lena precisa estudar para a prova?

— Lena vai sair daqui a dez minutos para passar a noite estudando na casa da melhor amiga. Ela não será incomodada.

Minha irmã me lança um sorriso vitorioso que significa duas coisas: a primeira, que ela não vai estudar nada nesta noite; a segunda, que ela está bem contente de ter a desculpa perfeita para escapar.

— Cruzei com o Enzo Deluca agora mesmo. Conversamos por um tempinho, ele está extremamente *hot*, na minha opinião — declara a adolescente rebelde com quem aparentemente divido o DNA.

Um arrepio de horror me percorre.

— Sim, e ele também é *too old*, velho demais, para você.

— Então você concorda que ele é gostoso?

— Eu nunca... mamãe, Lena está falando coisas impróprias para a idade dela!

— Léo, deixa a sua irmã em paz. Ela precisa se concentrar nas revisões — grita mamãe da cozinha.

Fuzilo a menina insuportável com o olhar e ela ri dissimulada. Tento aplicar as técnicas de respiração que aprendi nos cursos de teatro para tentar me acalmar. Já tenho tantos problemas nesse momento para adicionar *fratricida* a lista.

A porta de entrada se abre, tenho um sobressalto e me endireito antes de ver que é só a minha outra irmã com o marido que estão chegando. Eles me cumprimentam com um beijo e Laetitia exclama:

— Uau! Não sabia que o *traje* de hoje era formal.

Tudo bem, os saltos de doze centímetros para uma confraternização na casa dos meus pais podem ter sido um exagero, mas eu queria parecer... no controle da situação. E sei que esses trituradores de dedos deixam as minhas pernas sublimes.

Os dois desaparecem para cumprimentar meus pais e apenas uns dez minutos depois, quando ela reaparece com um copo de água na mão, que minha irmã mais velha acredita ser obrigada a me dizer:

— Descobri pela mamãe que Enzo vem essa noite?

Não é possível, elas só falam dele. É um complô ou coisa parecida?

— E mais umas trinta pessoas. Ela te disse que a senhorita Pèlerin também vem? Você sabe, a bibliotecária? Acho que eu me lembro que ela nunca encontrou a pestinha que cortou com tesoura serrilhada o exemplar de *Martine vai à praia*.[\[NE1\]](#)

— As ondas ficaram muito mais bonitas depois da minha intervenção — ela responde com um tom chateado.

— Pelo que me disseram, ela gostava *muito* desse livro, que era uma doação pessoal para as crianças da cidade. Ela ainda não se recuperou da carnificina.

Laetitia me fuzila com os olhos e murmura alguma coisa sobre nosso pai estar esperando por ela para uma tarefa desconhecida. Da minha parte, acho que tenho casos

comprometedores suficientes sobre toda a família para sobreviver a esta noite.

Nas horas seguintes, estou tão tensa quanto uma corda de violão prestes a arrebentar. Cada vez que a porta se abre para novos convidados, meu estômago dá um nó. Mas logo são nove e meia e ainda nenhum sinal de Enzo. *É claro, iria matá-lo ter a educação de aparecer em uma hora decente.*

A campainha toca. Mais uma vez, meu coração dá um salto. Todo mundo já chegou, só pode ser ele. Agarro uma taça de champanhe para me dar compostura (na verdade, de *prosecco*, pois, segundo minha mãe, ele também tem bolhas e é tão bom quanto), e finjo estar entretida na conversa que dois vizinhos estão tendo sobre as performances de... cortadores de grama. Eles são um pouco mais jovens que a média dos participantes, quase quarenta anos e a barriga já aparente em um deles. Mas é tudo o que eu tenho no momento.

Escuto minha mãe abrir a porta e exclamar:

— Ah, que gentil da sua parte.

Sem dúvidas, deve ser Enzo que acaba de chegar e que de novo disse um de seus elogios baratos para a bajular.

Caio numa gargalhada tempestuosa sem me virar para a porta, a fim de mostrar que eu me divirto para caramba com os vizinhos aspirantes a jardineiros de fim de semana. Os dois param a conversa e me olham com um pouco de preocupação. Aparentemente, o assunto da ejeção lateral da grama é muito sério para se rir disso. Eles se afastam, sob o pretexto de se reabastecer no buffet e, no segundo seguinte, me encontro com um grande buquê de rosas bem debaixo dos olhos.

— Olha o que o Enzo me deu — anuncia mamãe que quase desaparece atrás as flores.

É claro que ele precisava escolher a coisa mais pretensiosa da loja.

Mas quando espero me encontrar cara a cara com o infame vizinho, é um rapagão mascando chiclete e com um boné que me olha.

— A senhora é Léonie Fabre? — ele me pergunta.

— Sim — respondo me perguntando se ele vai me entregar uma intimação como nas séries americanas.

Me detenho pensando que só fiz mal para as pessoas em pensamento, nunca tomei uma atitude real que pudesse ser considerada má. Ele me estende o papel de entrega.

— A senhora pode assinar aqui?

Obedeço e, no segundo seguinte, ele me entrega uma caixa com um enorme laço ridículo.

Caminho até a cozinha com o intuito de me isolar, não tenho vontade nenhuma de abrir o pacote na frente de todo mundo. Se for um dos truques sujos dele... sim, porque na nota eu reparei o nome do remetente... *Enzo*. Aliás, onde ele está? Não faço a menor ideia.

Espero ser dezenas de coisas: ratos mortos, baratas bem vivas, foto minha comprometedor..., mas descubro com estupefação ser uma garrafa de vinho. Tem um bilhete que a acompanha:

Peço desculpas pela minha ausência, fiquei retido e não poderei me juntar a vocês nesta noite. Segue uma garrafa para festejar seu retorno a Cadenel. Ela me faz pensar em você.

Vejam só, senhoras e senhores, a realidade patética que é Enzo Deluca. Um homem incapaz de cumprir um compromisso que ele fez somente algumas horas atrás. Fazer isso com minha mãe! Tudo isso por quê? Para passar a noite com uma garota muito sem cérebro para se dar conta de que esse cara é inconstante e mentiroso.

E a garrafa de vinho? Não, mas falando sério, meu cunhado tem uma vinícola. Ele não poderia ter escolhido algo mais inútil como presente.

Abandono a tal garrafa na cozinha e decido que vou tentar encontrar pessoas cujas conversas são suportáveis. Percebo Solène, a melhor amiga de Laetitia. Perfeito. Ela é a gentileza encarnada, e seu namorado, Léo, está longe de ser desagradável ao olhar. O que? Não é porque ele está comprometido que eu não tenha o direito de passar discretamente um colírio no olho! Mas, falando sério, eles são tão fofos juntos que me dá um quentinho no coração só de vê-los, muito mais do que qualquer tipo de inveja. Além do que, me considero o cupido do relacionamento deles, mesmo não tendo feito nada de fato, afinal, eles se conheceram por causa de um e-mail que era destinado a mim e que chegou para o Léo, que tem tanto o nome quanto o sobrenome homônimo ao meu.

Uma meia-hora mais tarde, escuto um grito de horror vindo da cozinha e que me parece ser de Sébastien.

— Puta que pariu. Mas que sangue de boi é esse?

Tudo bem, como proprietário de uma vinícola, meu cunhado tem a tendência a ser um tanto criterioso sobre a qualidade do vinho. Entro na cozinha para tentar entender o que está acontecendo. Ele está lá com o Léo, que acrescenta com uma careta:

— Que horror! Parece vinagre de tão azedo.

Meus olhos pousam em seus copos e depois deslizam para a garrafa que eles estão bebendo. A garrafa de Enzo...

Ela me faz pensar em você.

Como eu pude imaginar por um segundo que era um presente de verdade?

Ele só está aqui por um fim de semana e já conseguiu azedar minha vida. Não vejo a hora de ele voltar para a região de Bordeaux onde trabalha, especialmente se for na região miserável que gerou esse sangue de boi.

CAPÍTULO 6

Léonie

Se tem uma coisa que eu detesto quando visito a vovó Violette é o forte odor de limão que impregna as narinas assim que se passa a porta da casa de repouso. Fora esse inconveniente, adoro aqui. O estabelecimento de Cadenel, ao contrário de outros do mesmo gênero, não é um mortuário lúgubre. Os residentes estão em um prédio novo em folha, com grandes janelas de vidro que dão para um jardim arborizado.

Alguns participam de uma aula de ginástica leve na varanda, enquanto outros disputam uma partida de *bridge* no interior. Não tenho dificuldade em distinguir vovó Violette. Com o penteado bem definido e o colar de pérolas, ela é a mulher mais elegante da sala. Às vezes me questiono como ela fez para criar uma filha (minha mãe) que pensa que o máximo do bom gosto é vestir o maior número de cores vivas ao mesmo tempo. Pode-se afirmar que tenho mais pontos em comum com a minha avó do que com a minha mãe. Ainda mais que foi da vovó que herdei a paixão pelos palcos.

Embora ela nunca tenha perseguido a carreira de atriz, ela fez parte de uma pequena trupe de teatro amador que se apresentava nas vilas da região. Pude assistir algumas de suas apresentações na minha infância, antes que a idade tornasse a cadeira de rodas uma necessidade. Porém isso não a impede de se comportar como se a vida fosse uma gigantesca apresentação.

Eu me aproximo e a cumprimento:

— Oi, vovó.

— Ah, Léonie, que surpresa boa — ela exclama com um entusiasmo excessivo.

Ela sabia muito bem que eu viria visitar essa manhã, ouvi minha mãe contar que eu a buscaria para o nosso almoço dominical mais cedo pelo telefone. Ela só está tentando fingir teatralmente que está surpresa. *O que eu acabei de dizer sobre ela levar a vida como uma peça de teatro?*

Ela me analisa da cabeça aos pés e um leve sorriso invade seus lábios. Isso significa que ela aprecia o que vê.

— Você está pronta? — pergunto após tê-la beijado.

Ela usa sempre o mesmo perfume: Paris de *Yves Saint-Laurent*. Quando eu era pequena, admirava o frasco, me imaginando perambulando com orgulho pelas ruas de Paris distribuindo autógrafos com a mesma fragrância que a minha avó na pele. Pela parte do perfume, mudei rapidamente de ideia. Quanto à fama, sabemos no que deu.

Vovó Violette cumprimenta as amigas do *bridge* com um ar maroto que subentende: *Hoje vou passear e vocês não* e toma a direção da saída com a sua cadeira de rodas. Deixo-a fazer isso até a porta, sei que ela não gosta de mostrar que precisa de ajuda. Suas pulseiras tilintam a cada movimento de seus braços. Após alguns metros, quando estamos longe dos olhares, assumo o controle segurando nos puxadores da cadeira e a empurro pelo caminho.

— Sua mãe me disse que vocês fizeram uma festinha ontem pelo seu retorno.

Subentende-se: *E é claro que não me convidaram.*

— Sim, nada de especial... Tinham mais os amigos do papai e da mamãe que qualquer outra coisa. A gente comemora hoje em família.

Ela faz um pequeno barulho de desdém e continua:

— Parece que o filho dos Deluca mandou te entregar um presente para se desculpar pela ausência?

É claro, minha mãe tinha que falar com ela sobre isso. Minhas suposições se inclinam seriamente por um complô familiar. O que fiz para merecer isso?

— Sim — resmungo.

— Sempre gostei desse garoto — diz vovó Violette. — E mandar flores para a sua mãe para se desculpar é a prova de que ele se tornou um verdadeiro cavalheiro.

— Você não deve vê-lo há muito tempo para chamá-lo de “garoto” — comento.

Quase acrescento: *E certamente ele não é um cavalheiro.*

Ajudo a vovó a sair da cadeira de rodas para se instalar no assento do carro. Uma vez tendo terminado a manobra, começo a lutar com a cadeira para tentar dobrá-la e colocá-la na mala do carro.

— Precisa de uma ajudinha? — pergunta uma voz feminina.

Levanto a cabeça e vejo uma mulher mais ou menos da minha idade, mas um pouco mais musculosa do que eu, vir em minha direção. Os raios de sol atrás dela me impedem de ver devidamente seu rosto.

— Bom dia Léonie, eu sou Oriane. Nós estudamos juntas no colégio — ela anuncia com uma entonação ligeiramente hesitante.

Ela me estende a mão para me cumprimentar e, agora que ela está mais perto, vejo que as feições são familiares. Ainda assim, nunca teria lembrado do nome. Tudo leva a crer que o destino está ferrenho em me fazer reencontrar toda a minha turma do último ano do colégio no mesmo fim de semana.

Antes que eu possa dizer um “Bom-dia”, ela se apodera da cadeira, dobra-a como se ela tivesse feito isso a vida toda e coloca-a em meu porta-malas.

— Você veio buscar a sua avó? — ela me pergunta aparentemente já conhecendo a resposta. Então acrescenta: — Meu avô se mudou para aqui há pouco tempo.

Ela se vira em seguida na direção de vovó Violette e fala através do porta-malas que continua aberto:

— Bom dia, senhora Astier!

— Bom dia, Oriane. Nenhum criminoso para prender hoje? — pergunta vovó.

— Não, não quando estou de folga — brinca Oriane antes de acrescentar para mim: — Sou policial municipal.

— Ah, ótimo — digo sem saber o que responder. Será que deveria parabenizar ou algo do tipo?

— Soube que você vai ficar aqui na vila por um tempo?

— Vejo que as notícias correm.

— Foi sua avó que me disse. Meu avô e ela são amigos.

Vovó emite um som que não sei muito bem como interpretar.

— Acho que ele tem uma quedinha por ela — Oriane me confidencia em voz baixa.

Ela retoma em seguida:

— Foi bom te encontrar de todo jeito.

— Sim, também foi ótimo te encontrar.

Abafamos o fato de que, há cinco minutos, a existência dela nesta Terra tinha se apagado totalmente da minha memória.

Vejo que ela hesita por um instante, pensando se deve acrescentar alguma coisa, e acaba decidindo falar:

— Eu vou encontrar umas amigas para uns drinks no *Bar de la Place* no fim da tarde. Você deveria vir.

— Que simpático... — gaguejo não sabendo o que responder.

— As meninas ficarão contentes em te rever — ela acrescenta.

Não tenho nenhuma ideia de quem são “as meninas”, mas, antes que eu possa dizer qualquer coisa, vovó Violette

responde por mim:

— Ela vai sim.

— Ótimo. Até mais tarde, então. Estou indo, senão o vovô Gus não vai ficar feliz, ele detesta quando me atraso.

Estou sonhando ou a minha avó acabou de aceitar um convite em meu lugar?

Algumas horas depois, me dirijo ao *Bar de la Place*. Sou a primeira a ficar surpresa com isso. Primeiro porque, por princípio, detesto que me forcem a fazer qualquer coisa... e tive a impressão de que a minha avó não me deixou escolha, não de verdade. Mas também porque Oriane e eu não éramos amigas de verdade na época do colégio. Não por causa de algum conflito específico, mas sim porque a gente não estava na mesma casta.

Todo mundo sabe disso no colégio. Existem grupos bem distintos classificados por centros de interesse, mas sobretudo por popularidade. E eu me situava no alto da escala social com os atletas e as meninas mais por dentro da moda; lembro que Oriane pertencia a parte mais baixa do ranking.

Mas muita água rolou por baixo dessa ponte desde essa época, não? E se eu ficarei aqui por alguns meses, não me fará mal ter algumas pessoas com quem sair que não fazem parte da minha própria família. Confesso que também estou um pouco curiosa. Quando ela disse “as meninas”, me perguntei quem ela poderia estar englobando no termo. Será que eu vou reencontrar algumas de minhas amigas? Quando parti para Paris, de alguma forma eu passei a borracha na minha vida daqui. Preciso acreditar que eu não tinha uma amizade tão forte que resistisse a distância. Talvez eu seja apenas uma péssima amiga. Algumas das meninas com que eu andava continuaram a me ligar durante algum tempo, me propondo de nos vermos nas

minhas estadias em Cadenel para o Natal ou para as férias. Mas como eu nunca ligava de volta, acho que elas acabaram se cansando. Pouco a pouco, perdi o contato com elas; não tenho a menor ideia se elas continuam morando por aqui ou não.

A praça principal da vila não mudou muito. De fato, não mudou nada, talvez algumas vitrines de alguns comércios tenham sido atualizadas. Um garotinho enfia as mãos na fonte que fica no centro da praça e tenta molhar os pombos. Sua mãe o repreende sob a vigilância de alguns velhos sentados num banco na sombra dos plátanos. Uma verdadeira cena de Pagnol[[NE2](#)].

Meus passos me levam até a varanda do bar. Com certeza é o lugar que mais evoluiu nesses últimos anos. Desde que Jules, o irmão gêmeo de Solène, tomou a direção do estabelecimento que antes era gerenciado por seus pais, ele reestruturou o ambiente por completo. Tive a oportunidade de almoçar aqui com a minha irmã na minha última visita e devo dizer que fiquei surpresa. A cozinha não deve em nada às dos restaurantes parisienses da moda que se vangloriam de oferecer produtos frescos e da estação. Sem contar que os preços são bem mais atraentes.

Oriane já está aqui e acena para mim. Suas companheiras todas se viram em minha direção e sinto um pequeno momento de incerteza. Elas devem estar me julgando. Estou vestida adequadamente? E o cabelo? Será que exagerei? Hesitei por muito tempo antes de vir. Qual é o código de vestimenta do lugar para ir beber um café no domingo de tarde com conhecidos não tão próximos?

As três mulheres me dão um sorriso. Pelo menos, elas parecem felizes em me ver. A menos que elas sejam atrizes também.

— Léonie, você veio! — chama Oriane, se levantando para me cumprimentar.

— Olá — digo sem jeito, fazendo um pequeno oi com a mão para as duas jovens presentes ao redor da mesa que me parecem familiares.

Oriane começa as apresentações.

— Você certamente conhece a Romy? — ela me pergunta se referindo à ruiva sentada à sua direita.

Concordo com a cabeça. Romy trabalha na padaria da vila; então mesmo que eu não vá lá com frequência, cruzei com ela em algumas ocasiões nos últimos anos.

— E aqui a Elena.

— A gente estava na mesma turma — declaro me lembrando de repente. — Mas...

— Sim, eu mudei. Adeus aos óculos fundo de garrafa e ao aparelho nos dentes — ela se diverte.

De fato, me lembro de uma menina tímida com roupas largas muitas vezes sem forma e escondendo o rosto atrás de uma grande cortina de cabelos castanhos. Hoje, ela usa os cabelos em um corte Chanel tendência que valoriza seus olhos verdes.

Oriane acrescenta:

— Elena se tornou professora na escola.

— De que turma? — pergunto me sentando na cadeira livre à sua esquerda.

— Jardim de infância, maternal — ela responde com um sorriso que vai até as orelhas.

— Parabéns. Não conseguiria fazer isso — anuncio com honestidade.

As crianças e eu... não somos compatíveis. Suponho que vai ser preciso que eu atue um pouco tendo em vista que minha irmã está prestes a botar no mundo um desses pequenos em breve. Mas conto com o fato de que uma espécie de instinto de tia vai se desenvolver em mim. Se existe instinto materno e paterno, por que não existira para o resto da família?

— E você? — me pergunta Romy. — Parece que você voltou a morar em Cadenel? Escutei os clientes falarem.

— Sim... bem, é temporário. Vim substituir minha irmã durante a licença maternidade. Ficarei aqui por alguns meses.

— Você vai trabalhar no *Domaine de Manons*? Que maravilha — exclama Elena. — Adoro aquele lugar. Se um dia eu me casar, quero fazer a recepção lá.

O *Domaine*, além de ser um vinhedo, também possui espaço para eventos. Laetitia e Sébastien se casaram lá.

— Se a gente acreditar na tradição, a próxima a subir no altar será Oriane. Foi ela quem pegou o buquê no casamento da irmã da Léonie — salienta Romy.

Oriane revira os olhos e declara:

— No momento, tenho tantas chances de me casar quanto de achar a cura para o câncer. E isso vale também para vocês duas. Então, não vamos começar a planejar casamentos que provavelmente nunca acontecerão.

— Vocês três estão solteiras? — pergunto.

Elas me respondem com um aceno de cabeça geral e Romy acrescenta:

— Não é por falta de querer. Fazemos de tudo para encontrar alguém, mas você sabe o que se diz: *Existem rapazes nos quatro cantos da Terra, o problema é que ela é redonda*. Essa limitação está ficando risível; a gente tem tão pouca sorte com os homens que alguns na cidade nos deram um apelido: *o clã das solteiras que não queriam ser*.

Ah sim, elas.

— A gente deve parecer ridículas para você, mas te garanto que a gente tem, todas as três, o maior dedo podre em relação aos homens — declara Elena.

— Agora que você está aqui, talvez possa nos dar algumas dicas? — propõe Oriane com uma piscadela.

Vejo um lampejo de esperança brilhar no fundo dos olhos das meninas.

— Eu? — me espanto. — Também estou solteira.

É verdade. Minha última relação terminou já tem alguns meses e nem foi tão séria assim. Passo tanto tempo

tentando fazer decolar minha carreira que não sobra tempo para procurar um homem para mim.

— Sim, mas você sempre soube como pegar eles — explica Romy. — No colégio, você os deixava todos derretidos; qual o segredo?

Finjo refletir e sugiro com um sorriso:

— Ácido?

Elas todas me olham com os olhos arregalados por um segundo, o tempo de entender minha piada, depois caem na risada.

Alguns segundos depois, vejo que Jules, o proprietário do lugar, vem em minha direção para me cumprimentar. Como nossas respectivas irmãs são as melhores amigas do mundo desde a infância, nos conhecemos bem, eu e ele.

— Oi Léo — diz ele, me cumprimentando com um beijo.

— Oi meninas — ele lança em direção às minhas companheiras de mesa.

As três respondem com um “Boa tarde” muito entusiasmado e com sorrisos até às orelhas. Oriane chega a corar de leve. É verdade que Jules é um rapaz bem bonito do tipo *bad boy* e eu não ficaria espantada se ela tivesse uma quedinha por ele. Todas as boas meninas têm uma queda por ele.

— Desculpe por não ter ido na casa de seus pais ontem. O restaurante estava cheio e eu não parei. Quando enfim a coisa se acalmou, Jenny me fez prometer voltar para casa.

Jenny é a namorada dele de muitos anos. Então, infelizmente, se Oriane tem um *crush* nele, ela não tem nenhuma chance. Jenny pode ser uma bruaca, mas Jules parece ser tão fiel a ela quanto um labrador.

Eu o asseguro que ele não perdeu nada. Ele me deseja um bom retorno a Cadenel e volta para a cozinha.

As três mulheres soltam um suspiro simultâneo.

— Está vendo, você já nos trouxe sorte. Jules nos cumprimenta, mas nunca vem falar com a gente — comenta Elena.

Não ressalto que, tecnicamente, ele se limitou a cumprimentá-las e foi comigo que ele falou.

— Você precisa vir conosco nas nossas saídas de solteiros — anuncia Romy.

Quase engasgo com a minha limonada.

— Nas... o quê?

— Nas saídas de solteiros. Tem duas por mês em Cadenel. Você vai ver, é bem divertido — diz Oriane.

— Não tenho certeza...

Não vim para cá com a ideia de encontrar alguém. Ficarei na região só por alguns meses, não é o momento. Além disso, não estou querendo encontrar o homem da minha vida a qualquer custo agora. Ainda tenho pelo menos uns dez anos para isso.

— Vamos, está decidido. Você vai com a gente da próxima vez — exclama Romy. — Compartilhando o mico, ninguém sofre sozinho e todo mundo ri.

— Sinto que vamos nos divertir muito com você — declara Elena batendo seu copo contra o meu como se brindássemos a essa decisão.

Tenho a impressão de que hoje todo mundo entrou num acordo de aceitar as coisas em meu lugar. E cheguei à conclusão de que nem vale a pena protestar. Elas parecem ter decidido que eu estarei lá. Em tempos normais eu teria detestado, mas me surpreendo por estar me divertindo bastante com a situação. Estou com essas mulheres a menos de uma hora e acho-as estranhamente simpáticas e bizarras ao mesmo tempo. E isso me agrada. Sobre tudo, tenho a impressão de ser aceita no pequeno clube delas; mesmo que espere que ninguém vá me chamar pelo terrível apelido pelo qual elas são famosas.

Conversamos sobre tudo e sobre nada durante mais de uma hora enquanto o sol vai baixando no horizonte. Neste

mês de junho ainda leva um tempo antes dele se pôr. Enquanto nos despedimos umas das outras, Romy me fala:

— Boa sorte amanhã. Espero que não seja difícil demais.

— Obrigada, deve ocorrer tudo bem. Ao menos que eu encontre um colega especialmente desagradável logo no primeiro dia, é claro — brinco.

Elas trocam um olhar que acho estranho.

— Por quê? Tem alguém em particular de quem eu deva desconfiar? Vocês conhecem quem trabalha lá?

Oriane abre a boca, pronta para falar, depois parece mudar de ideia e fecha-a novamente. As três continuam em silêncio.

— E aí, meninas? — eu pergunto.

Elena começa a rir de nervoso e responde:

— Não, não é nada. Acho que, de todo jeito, você já deve estar sabendo. É só que a gente ainda está presa na época do colégio quando vocês se detestavam; então quando a gente soube, ficamos surpresas. Mas é idiota.

Levanto uma sobrancelha interrogativa e ela troca um olhar de pânico com Oriane, só então elas percebem que eu não faço ideia do que elas estão falando.

A policial começa:

— Enzo. Enzo Deluca.

— Sim? O que ele veio fazer nessa história?

É preciso que a gente sempre fale nele? *O que ele fez desta vez?*

Ela limpa a garganta e declara:

— Bem, ele trabalha no *Domaine des Manons* agora. Ele é o novo mestre de adega.

CAPÍTULO 7

Léonie

— Como você pôde não me contar?

Utilizo um tom que não seria nem um pouco profissional para uma conversa no primeiro dia de trabalho com uma colega, mas trata-se da minha irmã. E do fato de que ela escondeu de mim que Enzo trabalha aqui há um mês. Um mês!

Laetitia está sentada atrás de sua escrivaninha, as mãos pousadas sobre a barriga enorme. Ela revira os olhos e declara:

— Não vi necessidade. Além do que, *você* nunca me perguntou uma única vez sobre os seus futuros colegas de trabalho. Não achei que fosse uma coisa importante para você.

— Que absurdo — respondo com a minha melhor voz indignada. — E a gente não está falando de qualquer um aqui. Você sabe bem que a gente se odeia desde sempre.

Ela parece quase espantada de descobrir isso.

— Ah, é?

Ela dá de ombros e suaviza:

— Não é tão grave, vocês estão em setores diferentes, não vão nem se encontrar.

— Claro que é. Você não está entendendo. A gente não pode respirar o mesmo ar, eu e ele; é visceral...

— Você respirou o mesmo ar que ele por dezoito anos, e tenho a impressão de que tanto você quanto ele sobreviveram — ela me corta.

Ela se levanta e contorna a escrivaninha para sair da sala. O que isso quer dizer? Ela faz pouco do meu bem-estar no trabalho.

— Não consigo entender como você não percebe quão profundo é o meu ódio em relação a ele — digo trotando atrás dela.

Ela é estranhamente rápida dada a sua circunferência.

— Laetitia, você está me escutando?

Não estou nem aí se alguém está nos ouvindo. Toda a cidade já sabe do nosso ódio e é muito cedo, os clientes ainda não chegaram. Nos dirigimos para a adega de degustação, que parece estar vazia.

— Faz seis anos que vocês não se veem. Muita água já rolou desde então — ela responde pegando um panfleto sobre o bar.

— Não fazem seis anos; cruzei com ele nesse sábado e ele ainda é odioso. A garrafa de sangue de boi na festa do papai e da mamãe foi mais um de seus truques. Presta atenção Laetitia: é como se eu dissesse que Mélanie, a menina que sempre roubou de você em todas as competições de equitação, iria trabalhar com você aqui todos os dias.

Minha irmã franze as sobrancelhas e vejo que toquei em um assunto delicado.

— Isso não tem nada a ver com Mélanie que é uma filha da puta de uma trapaceira. Enzo é um rapaz gentil. Está certo, ele era um tanto travesso na época da escola; mas ele sempre foi um amor comigo.

Travesso? Parece que ela está se referindo a um menino de quatro anos. Mas sua reação não é de se espantar. Enzo consegue ser charmoso com o resto do mundo, ele reserva seu lado odioso especialmente para mim. Laetitia só vê uma das facetas de sua personalidade, diferente de mim. Eu conheço o lado Senhor Hyde dele enquanto minha família só conheceu o bondoso doutor Jekyll.

— Você é minha irmã, deveria estar do meu lado — tento, em um último esforço.

Ela me passa o panfleto.

— Aqui eu sou a sua chefe. Então vamos deixar de lado suas infantilidades. Você vai ler esse panfleto e tentar decorar o mais rápido possível as informações que estão destacadas. Isso vai te distrair por enquanto. Depois vamos repassar os grupos que estão marcados para esta semana.

Suspiro.

— Sabia que a Lena é a minha irmã preferida?

Ela dá uma fungada que significa que não acreditou nem por um segundo.

— Que bom, pois ela é a minha irmã favorita também. Porém eu prefiro as suas roupas. Bonita camisa, devo reconhecer — ela diz apontando com o queixo.

— Obrigada. Por outro lado, posso me dar a permissão de perguntar onde você encontrou a sua? Sei que está grávida, mas mesmo assim...

Ela abaixa os olhos em direção à blusa com uma cara de quem acabou de perceber o que vestiu nesta manhã. Neste caso: um pano horroroso rosa chá que lhe dá, por causa da barriga volumosa, um aspecto de balão de festa ou do Patrick do Bob Esponja; mas jamais falaria isso em voz alta, não sou tão cruel.

— Que foi? O que tem a minha blusa? Foi o Sébastien que me deu de Dia das Mães.

— Bem, meus parabéns! Você enfim se tornou a *mamãe*.

Ela cerra os olhos e ergue um dedo de ameaça para mim.

— Ah, mesmo vindo de você, é muito cruel.

— Porém verdadeiro — responde uma voz masculina que nos faz, as duas, sobressaltarem.

Quando viro me deparo com um torso bastante largo sob uma camisa preta (muito bem cortada, diga-se de passagem), que demarca e valoriza o físico que está por baixo dela, não deixando muito para a imaginação. Meu

olhar sobe até o colarinho aberto que deixa aparecer um triângulo de pele dourada, depois para um maxilar quadrado com a sombra de uma barba cuidadosamente aparada. Olhos azuis brilhantes e uma cabeleira loira num penteado habilidoso completam o visual. O gigante sorri para mim e, o mínimo que se pode dizer, é que ele é muito agradável ao olhar. Porém ficar olhando para ele por muito tempo com certeza vai dar torcicolo. Ele também cheira muito bem.

— Você deve ser a Léonie? — ele pergunta me estendendo a mão para me cumprimentar.

Reparo que as unhas dele estão feitas. Além disso, a palma de sua mão é muito macia, preciso lembrar de perguntar qual salão ele frequenta.

Retribuo o aperto de mãos e respondo com uma afirmativa.

— Bem-vinda ao *Domaine des Manons*, eu sou o Tristan — ele diz antes de se virar para Laetitia: — Me desculpe *boss*, mas a sua irmã tem razão: essa blusa é horrível mesmo.

Laetitia ainda lança um olhar desiludido para seu peito.

— E por que você não me disse nada quando eu a usei na semana passada?

Tristan finge estar constrangido; e mesmo eu que o conheço há cinco minutos entendo que ele não está nem um pouco.

— Por que é você que assina os contracheques? — ele sugere enquanto eu rio discretamente.

— Vocês me cansam — suspira minha irmã se referindo a nós dois. — Tristan, leve a Léonie para um tour na adega e faça uma degustação. Ela precisa conhecer nossos vinhos o mais rápido possível.

Ela sai da sala em seguida.

— Uma degustação! Não vou dizer não para isso, enfim uma boa notícia.

Já bebi os vinhos do *Domaine*, mas quem recusaria uma proposta como essa no horário de trabalho? Eu com certeza não.

Retiro o que disse. Provar vinhos antes das 10 horas da manhã não é necessariamente uma boa ideia. Mas eu estava embalada pelo ambiente. A adega é magnífica com seus tetos de pedra abobadados e seus móveis de madeira clara. Ela alia modernidade e tradição com perfeição. Sei que Sébastien passou bastante tempo supervisionando as obras. Se torna ainda mais importante por ser o primeiro lugar que os turistas conhecem quando fazem a visita ao *Domaine*. Mas a minha parte preferida é o cheiro. Uma mistura sutil de uva, madeira e sol, apenas perfeito. Como não querer provar tudo em um ambiente como este?

— Eu disse para cuspir desde o primeiro copo — se diverte Tristan.

— Mas estou muito bem...

Tento o convencer de que é verdade, empoleirada na minha banqueta, de frente para o bar. Coloco a mão na bancada para me estabilizar. Tristan tem razão, não deveria ter tomado o copo todo nos primeiros vinhos, em especial considerando que quase não comi no café da manhã, muito irritada com a traição de Laetitia. Porém, meu guia do dia falava de variedades de uva com tal paixão... pode-se ver que ele realmente ama o trabalho. Além disso, devo conhecer os diferentes vinhos que o *Domaine* oferece, ser capaz de descrever o rótulo, os aromas primários e secundários, os sabores que se sente desde o primeiro gole, as sensações que ele desperta. Não vou trabalhar na adega como o Tristan, e sim substituir a Laetitia na parte de gestão da empresa. O que significa que vou gerar as comandas, organizar dos eventos que acontecem no *Domaine*,

atualizar o site e as redes sociais. Definitivamente preciso conhecer os princípios básicos da arte do vinho.

— É necessário parar, sair para tomar um ar — diz meu novo colega.

Deixo escapar uma risadinha.

— O que foi? — ele pergunta enquanto organiza as taças sobre o balcão em uma mini lava-louças.

— Você rimou — rio.

Ele arregala os olhos e tenho a impressão de que me acha louca. Ou então ele entende que eu estou mais altinha do que pareço.

— Sair para tomar um ar — repito com uma nova risada.

— Bem que eu desconfiei. Anda logo, vem, vamos tomar um ar fresco.

Desço de minha banqueta, não sem dificuldades. Mas como sou uma boa atriz, consigo dissimular bem... eu acho.

— Aonde nós vamos? Para a administração?

— Com certeza não. Você precisa de ar fresco, nós vamos fazer um tour pelas vinhas. Se você se comportar, te mostro o meu local preferido.

Eu dou um sorriso que foi pensado para confirmar que eu serei tão boazinha quanto um anjo. Mas acredito que apenas confirmou meu estado enebriado.

Saímos da adega e evitamos o pátio que a essa hora era castigado pelo sol. Atravessamos um jardim deslumbrante no estilo francês, decorado com arbustos buxus e com espécies de plantas mediterrâneas. Alguns plátanos aqui e acolá oferecem pontos de sombra e um gazebo bonito, muito valorizado pelos noivos que organizam suas recepções no *Domaine*, completam essa decoração mágica. Subimos alguns degraus de pedra. Paro para pensar que trabalhando aqui vou ter que adotar um estilo de sapatos mais apropriado. Os saltos agulhas não combinam com cascalho e estrada de terra. Tristan me oferece o braço de maneira galante.

— É só um pouquinho mais para cima — ele me confia, certamente para me acalmar caso eu estivesse me perguntando qual o destino dessa caminhada.

Subimos através dos terraços de oliveiras. O lugar é charmoso, mas não vejo de verdade o que tem de tão interessante aqui em cima. Só quando chegamos ao topo, onde se encontra um simples banco de pedra, que eu entendo. Os prédios do *Domaine* se encontram no nível inferior, à nossa esquerda; mas o que torna tudo interessante deste ponto de vista não é a arquitetura, são as colinas plantadas de vinhas que se estendem a perder de vista. Essas centenas de videiras cuidadosamente alinhadas que a primavera enfeitou de folhas bem verdes. Elas parecem formar uma muralha em torno de toda a vila, que se situa um pouco mais longe na planície, enquanto o *Massif des Maures* [\[NE3\]](#) lá longe define a linha do horizonte.

Tristan se senta no banco. Tem espaço suficiente para duas pessoas, então me junto a ele. Observamos em silêncio esse panorama tão simples e tão belo ao mesmo tempo.

— Entendo porque você gosta deste lugar — digo após alguns minutos.

— Quando eu tenho um dia ruim ou quando preciso esvaziar a cabeça, eu subo aqui. É muito relaxante, não importa a estação do ano.

— Obrigada por ter me mostrado seu lugar especial. A vista é bonita para caramba — acrescento sonhadora.

— Você está falando dos vinhedos ou do belo rapaz que os percorre?

Me pergunto por um segundo do que ele está falando quando percebo que à nossa direita há realmente um homem observando as vinhas de perto. Não preciso de mais que uma fração de segundo para reconhecê-lo: Enzo.

Toda a serenidade que eu estava sentindo nesses últimos minutos abandona meu corpo. Segundo Laetitia, eu não vou encontrá-lo com frequência. Mas não faz nem, o que, duas horas que estou trabalhando aqui e ele já está na minha frente. E como a desgraça gosta de companhia, lá vai o Tristan chamar por ele:

— Ei, Enzo!

Depois, falando comigo:

— Venha, vou te apresentar.

— Não, não vale a pena — protesto.

Mas antes que eu tenha tempo de acrescentar qualquer coisa, Tristan se dirige para a direita em direção ao meu pior pesadelo. Não tenho muita escolha além de seguir seus passos.

Enzo levanta a cabeça e nos observa. Será que ele vai dar um passo em nossa direção para vir ao nosso encontro? Não, é claro que não. Ao contrário, ele parece plantado no chão e só cruza os braços sobre o peito. Não é preciso ser um especialista em linguagem corporal para entender que ele já está se preparando para um confronto. Seus bíceps estão inflados sob o tecido azul de sua camiseta, não me lembro dele ser tão musculoso com 18 anos. Certamente, é por causa de todos os barris que ele deve carregar agora. Sua pele, que sempre foi bronzeada por natureza (graças a descendência italiana dele), está mais dourada. Ele não deveria passar os dias no fundo de uma adega úmida olhando se a uva está fermentando como deveria? Ele tem uma barba de alguns dias, que se torna mais evidente quando comparada à bem aparada de Tristan. Com certeza, é fruto de pura preguiça para se barbear mais do que uma escolha real em termos de aparência. Ele está usando o mesmo boné que sábado no supermercado. Talvez alguém precise falar para ele que quando se é estudante, até vai, mas quando se torna adulto, boné se torna cafona.

Seus olhos estão fixos em mim. Ele não parece estar surpreso de me ver aqui, o que me confirma uma coisa: ele sabia que eu viria. Não gosto disso. Não gosto que ele tenha tido uma vantagem.

— Léonie, te apresento o Enzo, nosso novo mestre de adega — anuncia Tristan assim que nós estamos a apenas alguns metros dele.

Por mais surpreendente que seja, Enzo sorri. Devo confessar que ele se tornou um ator melhor com a idade, tenho certeza de que Tristan nem percebeu. E apesar de toda a repulsão que sinto por ele, eu quase poderia ser enganada. Seu sorriso não é mais de um menino, é o de um homem. E se ele não fosse o diabo em pessoa, eu poderia até achá-lo charmoso. Mas não se diz que Lúcifer encanta as suas presas antes de fazê-las arder no inferno?

— Na verdade, já nos conhecemos — digo à Tristan.

— Ah, é? — ele se espanta.

— Nós crescemos juntos — respondo.

Tristan nos observa em seguida enquanto Enzo e eu entramos numa conversa silenciosa que se resume a uma única frase: *Sim, eu ainda te odeio.*

Sentindo a tensão no ar, o sommelier declara:

— Bem, vou deixar vocês. Estou certo de que vocês têm um montão de coisas para conversar.

Antes mesmo que eu tenha tido tempo de protestar, ele já desapareceu. Quando volto minha concentração para Enzo, ele está olhando para os meus pés. Meus sapatos, para ser mais exata.

— Você se perdeu a caminho da sua próxima passarela parisiense? — ele pergunta com a voz cheia de sarcasmo.

— Para a sua informação, é mais o palco de um teatro que eu tenho o hábito de frequentar. Não que eu espere que você saiba a diferença. E alguns de nós evoluíram a forma de se vestir desde a época da escola. Você ganhou esse boné numa rifa?

O sorriso forçado que aparece em seu rosto é agora muito mais familiar que o sorriso falso de teatro que ele me mostrou na frente de Tristan.

— Interessante a sua escolha de palavras de agora há pouco — ele diz.

— Como?

— “Nós crescemos juntos”. Não sei se eu teria colocado desta maneira.

— Você queria que eu dissesse o que para ele? Não precisa me apresentar, é o babaca que foi meu vizinho durante 18 longos anos de sofrimento.

— Se falasse algo assim, pegaria mal para você mesma. Acho que a maioria das pessoas já se afeioou a mim desde que cheguei aqui. O que faria de você a louca do trabalho que chegou falando baboseira.

— O fato de que você *acha* que as pessoas “se afeioaram” a você só demonstra a sua falta de tato social, e é uma boa indicação de que você não enxerga um palmo na frente do nariz. Ao passo que estou quase certa de que todos os que eu encontrei hoje já me adoram.

Na verdade, só vi a Laetitia (ela é obrigada a me amar, é minha irmã), Sébastien (ele não é obrigado a me amar, mas ele deve fingir para não causar sofrimento a minha irmã), um trabalhador agrícola, que me cumprimentou vagamente com a cabeça e Tristan. Ele gostou de mim, não?

— Por que você acredita que as pessoas que trabalham aqui vão te dizer se elas não gostarem de você? Eles são empregados do seu cunhado, eles vão fingir gostar de você.

— É isso que você pensa? Por que você não acrescenta que eu só consegui a vaga porque sou parte da família? Dessa vez, pelo menos, você não estará errado — me irrita.

Ele não está mais sorrindo e me observa por alguns segundos, depois suspira:

— Léo, nós não somos mais crianças, então vamos tentar colocar de lado nossas diferenças e fazer um esforço. A gente devia ao menos conseguir trabalhar juntos sem que

isso se pareça com uma guerra de trincheiras. Gosto do *Domaine* e do trabalho. As pessoas que trabalham aqui são ótimas. Seu cunhado e sua irmã foram muito legais comigo desde que cheguei. Vamos uma taça de cada vez, o que acha?

— Não me chame de *Léo*. Esse seu pequeno discurso até que não é ruim, treinou na frente do espelho antes? Gostei especialmente da frase com a taça. Confessa, você ficou orgulhoso de você mesmo assim que pensou nela.

— Os espelhos são mais uma coisa sua, se me lembro bem.

Não sei como ele fez, mas quando ainda estávamos na escola, ele descobriu que eu ficava muito tempo diante do espelho para treinar para a minha aula de teatro. É claro que ele foi contar aos amigos uma versão completamente distorcida. Também conhecida como: A *Léo* passa horas admirando o próprio reflexo e todas as noites se pergunta quem é mais bela, tal qual a madrasta da Branca de Neve.

— Já você, deve ter muito tempo que você não cruza com um — respondo fazendo alusão à sua aparência desleixada.

— Perdão, ninguém tinha me prevenido que *vossa majestade* iria visitar as vinhas nesta manhã. Senão, teria posto meu traje de gala.

A verdade é que as roupas dele com certeza estão adaptadas ao trabalho; e, sendo sincera, uma parte de mim acha sexy os jeans rasgados de cós baixo sobre os quadris. Mas prefiro morrer a admitir isso em voz alta.

— Aliás, você não devia trabalhar na adega, mais do que aqui?

Ele emite um som de escárnio.

— Ah, *Léonie* — ele suspira. — Acho que você passou tempo demais em Paris. Essa estadia em Cadenel ao menos vai te permitir abrir o seu campo de visão.

Com essas palavras, ele se vira e vai embora. E eu o xingo mentalmente pensando que ele teve a última palavra.

CAPÍTULO 8

Léonie

Detesto quando alguém não gosta de mim. Sei bem que é impossível agradar a todo mundo, mas gosto de tentar.

É por isso que, esta manhã, decidi fazer todo o possível para agradar meus novos colegas. Antes de vir para o trabalho, fiz uma pequena parada na padaria de Romy e comprei duas dúzias de croissant e de *pain au chocolat*. Quando chego na copa, onde o pessoal almoça e bebe café de vez em quando, já tem algumas pessoas lá, entre elas o Enzo.

Me recuso a estragar meu humor por causa da presença do meu inimigo mortal então decido me mostrar animada. Operação sedução: sorriso nos lábios e é hora do show!

— Bom dia, todo mundo! Trouxe umas coisinhas para beliscar.

A tropa que estava aglutinada em volta da cafeteira emite de imediato gemidos de felicidade e se unem em cima das delícias como a nuvem no episódio das dez pragas do Egito. É preciso dizer que se trata, na maior parte, de rapazes fortes que trabalham no vinhedo, algumas calorias a mais antes de começar o trabalho são bem-vindas. Um minuto depois, todos estão se deliciando e me agradecem por essa atenção.

Todos menos um. E não consigo evitar lhe dirigir a palavra.

— Você não quer? — pergunto a Enzo, enquanto eu mesma mastigo uma ponta de um croissant ainda quente.

Não fiz isso, de certo, para agradar a ele, mas não vale a pena que os outros saibam. Ele fixa o olhar em mim com a xícara de café na mão.

— Bela jogada, o golpe dos croissants. Com certeza as inscrições para o seu fã-clubes vão aumentar depois disso — ele responde levando a xícara aos lábios.

— É claro, faço uma gentileza e você imagina que isso faz parte de um grande esquema meu para colocar todo mundo aos meus pés. Sinto ter que te dizer, mas você está enganado, é uma ação totalmente altruísta da minha parte.

É totalmente egoísta da minha parte.

— Não acredito. Você não mudou nada.

— Ah, claro... e você sabe disso como exatamente? A conversa de dez minutos que tivemos ontem? Você não acha que precisa de um pouco mais para chegar a essa conclusão?

— Podemos mudar na superfície; por dentro, somos sempre os mesmos.

Sua voz é grave e ele fala essas palavras tão sério que, se eu não o conhecesse, me faria acreditar que é um especialista em relações humanas. Ele sempre teve esta aparência calma que dá uma certa confiança às suas palavras e isso me irrita ainda mais.

— Além de tudo, ele é um filósofo — digo irritada. — Serei honesta: eu acredito que você mudou.

— Ah, é? — ele diz entretido. — Achava que era cedo demais para tirar conclusões.

Finjo não ter me dado conta de minha própria contradição e declaro:

— Sim, você piorou.

Sei que não estou fazendo sentido nenhum, mas quis tentar uma abordagem diferente, oposta a que estava fazendo até então. A presença dele me impede de ser racional, de ter pensamentos coerentes. Ele é tóxico para o meu cérebro. Além do que, se estou sendo honesta, ele mudou sim, pelo menos a parte física. O Enzo que eu

conhecia sempre teve essa espécie de aura sombria e um aspecto um tanto bruto, que o torna sexy aos olhos de algumas mulheres, mas não aos meus, é claro. Os anos e a testosterona reforçaram este aspecto de sua aparência. Menos bochechas, mais músculos, não há mais um traço infantil em suas feições. Na época da escola, ele usava os cabelos castanhos arrumados com gel. Hoje, ele não está com o boné e descubro que os cabelos estão cortados tão rentes que parece que ele acabou de se alistar para o exército. É ridículo. *Caiu bem nele*, murmura a pequena voz no fundo da minha cabeça.

Sou interrompida em minhas considerações sobre o físico de Enzo por um grito de êxtase.

— Hum, está verdadeiramente uma delícia!

O fato do gemido ter sido emitido pela minha irmã é um tanto perturbador. Em especial por ser um *pain au chocolate* que parece tê-la colocado neste estado. No lugar do Sébastien, eu me preocuparia.

— Bom apetite — digo tentando fazê-la compreender que sua reação é um pouco exagerada pelo tom da minha voz, principalmente na frente dos empregados.

— Obrigada, estava morta de fome.

— Ainda não são nem nove horas.

— Eu sei, mas estou comendo por dois. Você vai ver quando ficar grávida.

— É... não, obrigada — respondo com uma careta de repulsa.

Não é que não queira crianças nunca, mas, francamente, não está no planejamento nesse momento. Só daqui a uns dez anos, talvez.

Minha irmã não presta muita atenção a minha resposta e me anuncia com a boca meio cheia:

— É bom que você esteja aqui.

— Ah, é?

— Enzo, você pode vir aqui? — ela chama.

Ele se aproveitou de nossa pequena conversa entre irmãs para se distanciar. Mais ou menos como todos os homens fariam quando o assunto é sobre bebês, acredito eu. Ele se aproxima com uma expressão educada, mas sinto que, no fundo, a minha proximidade o irrita. E a recíproca é verdadeira.

Laetitia engole sua última mordida de *pain au chocolat*, coloca uma mão na barrigona e diz:

— Bom, gostaria que a Léonie acompanhasse você hoje.

— Como?

Essa exclamação não é dele, mas minha. Enquanto isso, vejo que ele também está cheio de vontade de protestar. Mas, de certo, está um pouco intimidado pelo fato de que se trata de uma ordem direta, então ele se contenta em abrir a boca... e voltar a fechá-la. É claro que ele prefere me deixar ir sozinha para o quinto dos infernos.

Fracote.

— Gostaria que Enzo te mostrasse um pouco do trabalho dele — explica Laetitia. — Você tem que ser capaz de apresentar aos nossos clientes a maneira que produzimos nosso vinho e um dos melhores jeitos de aprender é passando um tempo com nosso mestre de adega.

— Mas, mas... — protesto.

Minha irmã me lança um olhar aborrecido:

— Léo...

Ela suspira e volta a nos olhar um a um.

— Sei que vocês tiveram alguns atritos no passado.

— *Atritos?* — eu a corto. — *Atritos* implica dizer que nós tivemos contato. O que nós tivemos foi uma repulsão magnética. Não podemos trabalhar juntos!

Enzo levanta uma sobrancelha, mas não dá um pio.

— Chame como você quiser, mas você vai ter que lidar com isso — replica a minha irmã com firmeza. — E você... — ela acrescenta em direção a Enzo.

Ele levanta as mãos em sinal de defesa.

— Eu não disse nada.

Puxa-saco.

Laetitia aquiesce e declara:

— Bom que posso contar com você.

Ele concorda com a cabeça.

— Perfeito. Está resolvido então.

Ela se vira e sai da copa. Um sorriso maroto nasce nos lábios de meu inimigo declarado.

— Você acha isso divertido, não é? — pergunto.

— O que me diverte é ver a cara que você fez agora mesmo. Mas alguma coisa me diz que estarei bem menos feliz no fim do dia depois de ter suportado você por várias horas.

Avanço até estar a apenas alguns centímetros dele.

— Conte comigo para tornar seu dia um inferno.

— Não esperava menos de você — ele replica na lata.

— Muito bem então, já estamos na mesma frequência...

Ele sorri de uma maneira demoníaca e tenho quase certeza de que minha expressão é mais ou menos a mesma que a dele. Nossos olhares travam uma batalha sem piedade. Nenhum de nós dois está pronto para ceder ao outro. Quando eu acho que ganhei, porque ele decidiu enfim se virar para sair, ele fala por cima do ombro:

— Mude de sapatos antes de vir. Não estou com vontade de chamar os bombeiros porque você se estabacou na adega.

Babaca. Ele não para de andar e, mais uma vez, tem a última palavra.

— O que é que você sabe sobre a fabricação dos rosés?
— pergunta Enzo.

Ele está de frente para mim, as pernas afastadas e os braços cruzados. A rigidez de sua mandíbula e as veias tensas em seu pescoço me indicam que ele não está contente com a minha presença. É recíproco. Tenho a

impressão de ter tido cálculos renais que foram menos dolorosos do que o tempo que passo com ele.

— É uma mistura do branco com o tinto?

Ele inspira profundamente, fechando os olhos. Assim que ele os abre novamente, sua expressão é ainda mais tensa do que antes. Acabamos de começar e sinto que ele está prestes a explodir.

— Tudo bem, vejo que vamos começar do zero — ele sussurra entre dentes.

Dou um riso zombeteiro:

— Você realmente me acha uma idiota. Acha mesmo que não eu não sei do básico?

Ele pisca os olhos, e percebo que acreditou eu falava sério. Como de costume, ele me subestima.

— Tenho dificuldade em distinguir o verdadeiro do falso com você — ele se defende.

— Então, é inevitável, você escolher a solução mais fácil: pensar que sou apenas uma loira burra.

Infelizmente, ele não é o único. A experiência me ensinou que muita gente tem a tendência de me ver desse jeito. O que pode ser um inconveniente ou um trunfo que tenho na manga.

— Não disse isso.

— Não, mas pensou com tanta força que é quase a mesma coisa.

Ele aperta o nariz entre os olhos. Está quase explodindo. Continuo:

— Sei o que você está pensando: que o dia vai demorar a passar. Para a sua informação, tenho tanta vontade quanto você de estar aqui em sua presença. Então, vamos com isso, porque minha irmã acha que é essencial. Pelo menos a gente se livra da obrigação. Só tenta ser um pouco menos condescendente comigo. Acha que consegue?

Ele fixa seu olhar cor de café expresso em mim e concorda com a cabeça de maneira mal perceptível.

— Siga-me, vamos ver as prensas — ele se contenta em responder.

Atravessamos a adega onde estão armazenados os barris de carvalho que servem para envelhecer o vinho tinto, em uma atmosfera saturada por um cheiro tanino. Descemos em seguida alguns degraus e entramos em uma sala muito mais moderna, na qual altas cubas metálicas estão alinhadas.

A engarrafadora situada na sala adjacente emite um barulho regular e ensurdecedor que obriga Enzo a forçar a voz para ser ouvido.

— Como você talvez saiba, no *Domaine des Manons*, colhemos as uvas destinadas aos vinhos rosés a noite, para evitar a oxidação e conseguir a coloração certa — ele comenta com um tom monocórdico, as mãos enfiadas nos bolsos.

Suas explicações começam como as de um professor a quem se pediu para dar uma aula que ele não tem a menor vontade de ministrar. Espero que ele nunca seja responsável pelas visitas em grupo do *Domaine*. Mesmo que esse desempenho fraco seja reservado especialmente para mim. Mas, à medida em que ele me mostra os equipamentos, que ele me explica as técnicas usadas para preservar a alteração das bagas, a mudança das prensas pneumáticas e o processo de vinificação, ele se anima. Sua postura fica menos rígida, suas mãos também se tornam comunicativas e pode-se ler a emoção no fundo de seus olhos. Acho que ele se esquece pouco a pouco que sou eu a quem ele passa todas essas informações. E eu mesma abstraio a minha aversão pelo mensageiro. Fico surpresa comigo mesma por estar interessada em todos os detalhes do que ele diz e ainda faço perguntas relevantes, as quais ele responde sem me fazer sentir nenhuma vez seu desdém pela minha ignorância.

Depois das explicações puramente técnicas, ele me fala da montagem dos vinhos do *Domaine*. Já toquei neste

assunto ontem com o Tristan; mas é estranho como, com ele, os nomes das cepas ganham vida. *Cinsault*, *Rolle*, *Grenache* ou *Tibouren* não são mais apenas nomes escritos em uma etiqueta: são histórias de milhares de sementes que serão agrupadas com paixão para criar Colheitas Classificadas que sairão desta adega. Depois de horas escutando-o falar, só posso me render a evidência: Enzo ama profundamente seu trabalho. E diria mais, é surpreendente notar que apenas depois de um mês de sua chegada aqui, ele parece também estar apaixonado por igual por esse *Domaine*. Dá para se jurar que ele tem essa terra no sangue.

Estou aqui só de passagem, mas sinto que para ele é um relacionamento sério e para sempre. E esta constatação me irrita. Ainda mais quando vejo a atitude dos outros funcionários para com ele. Durante o tempo que passamos na adega, vários deles vêm fazer perguntas, pedir conselhos. Sei que o trabalho dele significa que ele supervisiona a maior parte dos funcionários, mas eles parecem contar com ele como se fosse mais do que o chefe. Como se ele fosse um semideus do vinho, capaz de transformar os cachos destinados a um tenebroso sangue de boi em alguma coisa digna de uma medalha de ouro nos concursos agrícolas locais.

Mas eu que o conheço desde sempre, sei que é necessário ter cautela. Esse homem é um manipulador. Eu mesma por pouco não fui ludibriada há apenas alguns minutos com todo o papinho dele. Pois atrás desta fachada se esconde um homem perverso. Um que brincou com a minha vida mais de uma vez. Como da vez que ele contou a Jérémy Leroy que eu peguei mononucleose quando o garoto me chamou para um encontro naquele fim de semana. Basta dizer que, depois disso, Jérémy não se aproximou mais, se mantendo sempre há dois metros de distância de mim.

Quando a aula sobre vinho acaba, me permito fazer uma pergunta que não tem nada a ver com a fermentação alcoólica:

— Quando foi que você descobriu que eu iria trabalhar aqui?

Enzo me encara como se eu acabasse de lhe fazer uma pergunta difícil. Passou um minuto e ele ainda não respondeu, então insisto:

— Em que momento você soube que eu estaria aqui?

— Sua irmã me contou na minha entrevista de emprego — ele confessa.

— E você aceitou a vaga mesmo assim? — me espanto.

Ele dá uma risadinha de escárnio.

— Você se acha tão importante a ponto de que eu seria capaz de recusar um emprego como este só porque você estaria por perto? Laetitia me disse que seria para substituí-la durante a licença maternidade, concluí que seria temporário. Algumas semanas de sacrifício não são nada comparadas à oportunidade de trabalhar aqui. Ainda mais que, com exceção desta manhã, você vai passar a maior parte do seu tempo no escritório e na recepção. Não na adega.

Ele me olha com um arzinho vitorioso do tipo: *Viu? Pensei em tudo*. Ele termina acrescentando:

— Pode ir encontrar a sua irmã. Terminei com você por hoje.

E ele se apressa em ir fazer não sei o quê, sem nem olhar para trás.

CAPÍTULO 9

Léonie

— Então, como foi a primeira semana? — me pergunta Romy.

Estamos em uma mesa com Elena no *Bar de la Place*. Oriane deve se juntar a nós um pouco mais tarde, depois do fim de seu expediente. Quando elas me ligaram para que a gente se encontrasse essa noite, fiquei surpresa, mas não precisei de mais de um segundo para aceitar o convite. Para começar, meus primeiros dias no serviço foram agradáveis; mas como em todo trabalho, a chegada do fim de semana é uma boa razão para celebrar com uma bebida. Spritz para mim, mojito para Romy e suco de maçã para Elena. Ela justificou a escolha de bebida tão comportada porque ela tem uma festa na escola. Ela vai ter que controlar uma bela trupe de crianças barulhentas, melhor não estar de ressaca.

A segunda razão que me levou a responder favoravelmente ao convite delas é muito simples. Apesar de ser apenas a segunda saída juntas, tenho a impressão de pertencer ao pequeno grupo delas de alguma forma. E esse sentimento não é para me rebaixar. É claro que tenho amigos em Paris, sempre tem alguém para quem eu posso ligar e irmos à festa num sábado à noite; mas é diferente. Não sei bem explicar como.

— Foi tudo bem, acho — respondo mexendo os cubos de gelo em meu copo.

— Você acha? Por que você não tem certeza? — pergunta Elena.

— Não sei. Tenho a impressão de ter feito as coisas certas e minha irmã parece bem satisfeita... — respondo dando de ombros.

— Que engraçado — ressalta Romy —, sempre achei que você era uma mulher supersegura de si. Entretanto, agora, não é essa a impressão que você está me passando.

— O que te fez pensar isso? — pergunto, já conhecendo mais ou menos a resposta.

Ela pensa por alguns instantes antes de responder:

— Você sempre teve essa postura segura, a cabeça erguida, como se você estivesse pronta para conquistar o mundo. E tenho a impressão de que você nunca hesita. Quando você vem à padaria, você sabe exatamente o que quer.

— Tem uma diferença entre escolher um croissant e ser confiante — observo.

— Sim, mas você sabe que quer um croissant passando pela porta. Tenho clientes que ficam dez minutos inspecionando a vitrine e se perguntando se eles vão querer uma bomba, uma tartelette ou uma fogaça e, por fim, acabam escolhendo um croissant por não conseguir se decidir.

— Talvez eu escolha um croissant pois quando entro na sua padaria tenho certeza de que gosto de croissant. Talvez tenha a tentação de escolher outra coisa para variar, mas tenha medo de correr o risco de não gostar ou mesmo de chatear todo mundo enquanto fico escolhendo dentro da loja. Tem uma diferença entre ser confiante e demonstrar confiança.

— Oi todo mundo — cumprimenta Oriane, se sentando na cadeira que deixamos livre para ela. — Então, estamos falando de guloseimas?

— Não, de confiar em si mesmo — indica Elena.

A recém-chegada a olha, perdida.

— Falávamos que a Léonie sempre pareceu segura de si, mas ela nos afirma que é só uma fachada.

— Se é isso mesmo, você é uma ótima atriz — comenta Oriane.

— É o melhor elogio que me fizeram sobre a minha escolha de carreira nos últimos tempos — digo em um tom leve, enquanto uma parte de mim pensa que infelizmente é verdade.

— Você não tem medo de sentir falta? — pergunta Elena.

— Do que, afinal?

— De estar nos palcos, atrás de uma câmera, da ovação do público... não sei, tudo isso.

— Precisaria que eu estivesse mais vezes neste tipo de situação para que isso me fizesse falta — respondo, amarga.

Puxo pelo canudo um gole do meu coquetel, esperando que elas compreendam que uma mudança de assunto seria bem-vinda.

A verdade é que apesar de ter estudado em uma escola de prestígio e de atuar em alguns papéis pequenos aqui e acolá, tive mais reuniões com meu agente do que testes de elenco. Daí a escutar os aplausos apaixonados do público...

— Se você tivesse que escolher um filme que você gostaria de ter protagonizado, qual seria? — pergunta Romy.

Minha resposta sai sem que eu precise pensar:

— Para falar a verdade, mesmo que eu tenha feito alguns filmes, aceitei os papéis mais porque precisava do dinheiro do que outra coisa. Minha verdadeira paixão é o teatro.

— Ah, é? E por quê?

Sinto que ela está realmente interessada na minha resposta, então tento respondê-la da maneira mais sincera possível.

— Tenho a impressão de que a competência do ator seja muito mais importante no teatro do que em um filme. Não tem efeitos especiais, não dá para disfarçar uma má atuação com um jogo de câmeras. Sobre tudo, acho

inebriante me colocar nua diante dos espectadores nas noites de apresentação. Não temos direito a erro. Não se recomeça a cena quando não está indo bem. E você falou há pouco dos aplausos do público: acredite em mim, é fantástico ver seu trabalho recompensado imediatamente. Quando você sabe que essa é a recompensa, você dá o melhor de si.

Acrescento em seguida em tom de brincadeira:

— E não sou fã de tomates, então sempre dou o meu melhor.

Minhas três comparsas caem na risada.

— Em todo caso, é uma pena você não ter chegado na cidade antes — declara Elena. — Seria ótimo os seus conselhos profissionais enquanto estávamos montando a peça da escola. Não que se compare com o que você faz — ela acrescenta rápido, pensando de certo que me ofenderia comparando o meu trabalho com o das crianças.

Sorrio para ela, a fim de lhe mostrar que não tem nenhum problema.

— Teria adorado ajudar, mas estou certa de que o que você preparou ficou ótimo.

— Adoraria ser confiante assim. É o primeiro ano que fico responsável por toda a peça e tenho a impressão de que nada está pronto. Ainda tem muito para se fazer amanhã — ela suspira.

Falo antes de pensar:

— Você precisa de ajuda?

Seu rosto se ilumina e me dou conta do que isso implica: acabo de oferecer ajuda para uma festa de escola... cheia de crianças!

— Ah, você acha que teria tempo?

De repente, ela parece tão cheia de esperança que fico mal em dar para trás. Então, dou de ombros e respondo:

— Não é como se eu tivesse muitas coisas programadas para o sábado. Se posso te ajudar...

Só espero que não me arrependa das minhas palavras amanhã nessa mesma hora.

— Eu adoraria poder ajudar também — diz Oriane —, até porque eu estarei por lá também. Mas você sabe que estarei de serviço.

Elena concorda com a cabeça e Romy complementa:

— E eu tenho a barraca de doces.

— Vão ter croissants? — brinco.

— Bombas, tortelletes, tortas e muito mais. Sabe, a festa da escola é uma festa da cidade disfarçada. Não são apenas os alunos e os pais que participam. Você vai ver, é bem divertido. A única coisa que não tem por lá é álcool, então proponho que a gente peça uma nova rodada, pois amanhã nosso combustível será suco de laranja!

No dia seguinte, estou nos bastidores e a poucos minutos de uma grande apresentação.

Não, não se trata da última produção de um teatro parisiense; mas para os atores que vão entrar em cena, a emoção é a mesma. Primeiro, tem os pequenos do maternal que vão dançar, depois os maiores do fundamental vão atuar numa peça. Alguma coisa sobre uma floresta encantada com três carvalhos que falam e uma multidão de personagens que passeiam por ali. Elena faz seus pequenos entrarem em cena com a ajuda de outras professoras, enquanto eu continuo na coxia. É preciso verificar se todo mundo colocou o figurino certo da forma correta e se os cenários estão prontos e seguros nos próximos minutos. Desde que cheguei aqui, há duas horas, não parei. Mas amo esse frenesi. Enquanto ajudo uma mãe de aluno a mudar de lugar um mural que vai servir de fundo de cena, reparo em um rapazinho que, sozinho num canto, olha toda esta agitação parecendo assustado.

Decido me aproximar:

— E aí, tudo bem? O que você está fazendo sozinho nesse canto?

O loirinho está usando um traje de cavaleiro e uma espada de cartolina e levanta os olhos na minha direção. Leio em seu olhar que ele está apavorado. Ele não diz uma palavra.

— Qual é o seu papel?

Vendo a sua roupa, a resposta é evidente, mas tento fazê-lo falar e não tive nenhuma outra ideia.

— O cavaleiro.

Hum, esse fala pouco.

— O que salva a princesa?

Não li o texto, mas tive algumas informações graças a tal princesa que eu maquiei um pouco mais cedo. Aquela sim é uma verdadeira tagarela; e com uma confiança louca.

O garotinho aquiesce, mas não abre a boca. Entendo rápido qual é o problema.

— Você está com medo do palco?

Ele me dá uma olhada de canto de olho que confirma as minhas suspeitas. Decido então me sentar ao seu lado.

— Eu também tenho medo antes de entrar em cena. É normal. Os maiores atores têm esse nervoso.

— Tenho medo de esquecer minhas falas — ele declara de repente. — E que todo mundo na plateia perceba que eu não valho nada. A Zoé também.

— A Zoé é a princesa?

Ele sacode a cabeça de maneira afirmativa. Alguma coisa me diz que ele tem uma quedinha por ela.

— Tenho certeza de que ela vai te achar ótimo. Sabe o que eu faço quando estou com esse medo? Penso em alguma coisa que eu amo muito e me concentro nela. O que você ama acima de tudo?

Ele franze as sobrancelhas para pensar e anuncia:

— Waffles de chocolate com chantili.

— Uau! Chocolate com chantili? Deve ser muito bom. Nunca comi.

Ele abre bem os olhos e exclama:

— Você nunca comeu?

— Não, nunca. Conta para mim, é sua mamãe que faz? Ou você compra em algum lugar? Você me contaria onde eu posso encontrar esses waffles?

Falamos dos waffles famosos por mais alguns minutos e vejo-o relaxando pouco a pouco. Quando chega a hora que tenho que ir ajudar as professoras e os pais de alunos a montar os cenários no palco, ele está sorrindo de novo.

Um pouco mais tarde, enquanto a diretora está no palco para apresentar o espetáculo, tenho uma ideia.

— Oi, crianças! — interpelo um pequeno grupo. — Vamos fazer uma coisa antes de entrar no palco. Façam uma roda.

Os pais saíram dos bastidores para se juntar ao público. Só sobraram as professoras comigo, que me olham com espanto, mas não me interrompem. Quando as crianças estão em posição, eu explico:

— A gente vai fazer um pequeno exercício de respiração para tentar se acalmar e estar no melhor estado de espírito possível para entrar em cena. Coloquem a mão na barriga.

Eu mesma faço o gesto e todos me imitam, certamente se perguntando aonde eu quero chegar com isso.

— A gente vai respirar de leve pela barriga, assim.

Faço a demonstração para eles. E todos me olham com interesse.

— Vocês sentem a barriga inchar?

Pequenas cabeças respondem de maneira afirmativa e outros com um “sim” retumbante. Eu os faço continuar o movimento por alguns minutos. Não se escuta mais barulho nenhum nos bastidores. Quando terminamos o exercício, falo com eles em voz baixa:

— Agora o espetáculo vai começar. Vão lá e impressionem o público!

Os primeiros que devem entrar em cena começam a se movimentar de maneira a subir no estrado, quando lembro de uma coisa importante:

— Esperem! Não podemos começar assim.

Vejo que Elena me olha franzindo as sobrancelhas.

— Não batemos os três sinais. A gente não pode começar sem ter batido os três sinais. Alguém tem um bastão?

Um bastão na festa da escola? É claro, Léonie...

— Uma bengala, um martelo? — pergunto.

As professoras remexem toda a bagunça escondida nas coxias.

— Isso serve? — pergunta uma delas me dando uma vara.

— Perfeito!

Alguns segundos depois, faço ressoar as famosas três batidas. O público fica em silêncio e as crianças entram em cena. Fico nas coxias observando-as. Poderia me misturar ao público, mas prefiro mil vezes estar onde estou. Sempre amei olhar vovó Violette, quando ela ainda atuava, deste mesmo local. Tenho a impressão de ser um lugar privilegiado. O único que permite que se veja os atores e a plateia ao mesmo tempo.

Escaneio o público. É claro que não é difícil convencê-los, pois muitos dentre eles têm os próprios filhos no palco. Mas vejo que tem muita gente e que os risos ecoam. Em parte por causa da comicidade da própria da peça, outra parte por causa dos errinhos das crianças: um lapso em uma fala, um problema de figurino em cena, um que se distrai quando é sua hora de falar... no fim, os aplausos são estrondosos. A plateia até aplaude de pé. O menininho de agora há pouco tem os olhos brilhantes. Quanto a mim, penso com um sorriso nos lábios que talvez estivesse sentido mais falta de tudo isso do que achava.

As crianças descem do palco. Eles estão ainda mais empolgados do que antes da apresentação. Todos tagarelam sobre a performance deles que acabou de acabar. Quando toda essa gente desaparece dos bastidores para voltar aos jogos da festa, fico para ajudar as professoras a arrumar os figurinos. Elena se aproxima da arara que estou pendurando-os.

— Obrigada Léonie, não sei o que teríamos feito sem você.

Uma outra professora que estava passando acrescenta:

— Sim, obrigada de verdade por sua ajuda, o que você fez com as crianças antes delas entrarem foi genial.

Dou de ombros e respondo:

— De nada. Que bom que fui útil.

Na verdade, fico mais envergonhada com os agradecimentos do que qualquer outra coisa.

— Não sabia que você ficava tão à vontade com as crianças — diz minha nova amiga.

— Para falar a verdade, nem eu — rio. — Mas eu gostei muito. Eles são uns fofos e se viraram muito bem. Aplausos para todos que montaram um espetáculo assim.

Elena me observa um instante e declara:

— Você sabia que tem um curso de teatro neste verão?

Não quero ofendê-la dizendo que acho que tenho um nível um tanto elevado para aprender alguma coisa em um curso organizado em uma pequena cidade do interior.

— Ah, é?

— Sim, é uma amiga minha que está montando. Acho que ela não se oporia a uma ajudinha sua.

Só então entendo o que ela quer dizer.

— Você diz como professora?

— Sim. Você tem experiência, além de ter estudado naquela escola prestigiosa parisiense. Acho que a sua ajuda pode ser útil.

— Mas não sei ensinar — protesto. — Não saberei como me comportar.

— Minha amiga vai estar lá para te ajudar. Além do que, como eu acabei de dizer, você não foi mal com os pequenos agora há pouco. E se trata apenas de um curso de verão, os participantes vão lá pela diversão.

Eu, professora de teatro? Nunca tinha pensado nisso. Preciso dizer que a maioria dos professores com quem estudei tinham todos uma experiência enorme como atores ou como diretores. Então, nunca me imaginei uma única vez no lugar deles.

— Vou pensar no assunto — me escuto responder para Elena.

— Ótimo. Agora vai aproveitar a festa, você fez por merecer — ela diz me colocando para fora das coxias.

Dou alguns passos e passo sob a cortina que nos separa do resto do pátio da escola. Me ajeito, mas por causa de um obstáculo que se encontra logo atrás, tropeço e quase caio com a cara no chão. Enquanto isso, uma palma larga me segura pelo braço, impedindo que eu me espatife. Assim que recobro o equilíbrio, dou uma olhada e descubro quem é meu salvador (essa mão não poderia pertencer a uma mulher) e descubro com horror a identidade.

Enzo Deluca.

— O que é que você está fazendo aqui? — berro, me soltando de seu aperto como se ele tivesse me queimado.

O que não seria de todo impossível pois, vamos lembrar, ele é o Satã em pessoa.

— Boa tarde para você também, Léo. A tarde está bonita, não acha?

Ignoro o comentário.

— Você está me seguindo ou o quê?

Ele gargalha. O que me irrita ainda mais pois ele tem uma risada sexy e a última coisa que eu deveria notar é que nem tudo nele é detestável.

— Você realmente acha que só tenho isso para fazer, princesa?

— Não me chame de *princesa*.

Seus olhos brilham entretidos, e fervo de raiva. Todo o meu bom humor ligado à peça de teatro e ao momento que tive com as crianças acaba de virar fumaça.

— Você já me proibiu de te chamar de Léo, como você quer que eu te chame?

— Você me chamou de Léo há menos de trinta segundos, então aparentemente não captou a mensagem. Mas, você sabe, para simplificar sua vida, não precisa me chamar de nada, melhor seria nem me dirigir a palavra. Nós dois ficaremos mais felizes, acredite em mim.

— A gente trabalha junto, isso seria complicado — ele argumenta.

— Não, a gente trabalha no mesmo lugar, não junto; tem uma nuance. Mas entendo que alguém simples de espírito como você não saiba bem a diferença.

Me desvio para contorná-lo e escapar desta conversa desagradável. Mas não tenho tempo de dar um passo antes que ele segure meu braço de novo. Eu o sacudo para me soltar, mas ele fecha de novo seu aperto. Seus olhos negros lançam raios.

— Sinto muito, mas você vai ter que me dar mais alguns minutos, quer isso te agrade ou não; pois estou aqui justamente a trabalho.

Só agora me dou conta que não fazia sentido a presença dele na festa da escola. Será que ele tenha um filho? Não, mamãe teria me dito, ou a Rita. Sabendo que seu filho único sempre foi o menininho da mamãe, ela não pôde ter outros filhos, se ele tivesse uma prole, ela não conseguiria evitar falar disso o tempo todo.

— E o que você quer? Perdeu as chaves da adega?

Ele solta meu braço e expira com força; sua atitude me faz pensar nos touros de desenhos animados se preparando para atacar.

— Vim trazer o prêmio da rifa.

Escutei por alto minha irmã falar sobre isso. Uma noite em umas das câmaras do *Domaine* com degustação de

vinhos, se me lembro bem. Espero que a oferta não inclua uma visita aos barris com o nosso charmoso mestre de adega.

— A Laetitia não devia vir entregar ela mesma, em pessoa?

— Sim, mas ela não estava se sentindo muito bem — ele justifica.

— O que ela tem? E você demora todo esse tempo para me falar?

Empurro-o e corro em direção à sala onde deixei minha bolsa. Se minha irmã não está se sentindo bem, está fora de questão que eu permaneça aqui. Xingo a minha ideia estúpida de deixado meu celular na bolsa. Talvez ela tenha tentado me ligar.

— Léo!

Mais uma vez, ele agarra meu braço.

— Me larga, senão eu quebro seu nariz e você vai precisar desenvolver uma personalidade para seduzir garotas.

Ele me solta imediatamente, não sem me fuzilar com os olhos.

— Deixa eu te explicar, antes de sair correndo com conclusões precipitadas.

Ele acrescenta em seguida, em um tom mais baixo:

— E se você pudesse se acalmar também, isso evitaria que metade das pessoas aqui pensem que estou te agredindo.

Dou uma olhada em volta e, de fato, nosso escândalo atraiu olhares. Cruzo os braços.

— E o que você tem para me dizer?

— Sua irmã só estava um pouco cansada. Como eu já vinha até a vila, me disponibilizei para trazer o prêmio.

— Muito bem. Obrigada por ela então. Agora você pode ir ver a pessoa que está responsável por isso e entregar; e eu vou retomar tranquilamente o rumo da minha tarde.

Fico tentada em virar e de deixá-lo plantado ali, mas sinto que ele ainda tem alguma coisa para me dizer. Não sei por que, mas eu fico. Talvez por que ele esteja esfregando a testa como se estivesse constrangido? Ou talvez porque, fazendo isso, ele me oferece uma visão magnífica de seu bíceps e antebraço bronzeados.

Desde quando sou subjugada por um braço? Eu? As meninas têm razão, eu deveria encontrar um homem para queimar um pouco de energia. Isso evitaria ser reduzida a babar pelo bíceps de meu pior inimigo.

— Na verdade, se trata do primeiro prêmio. Por isso, alguém tem que subir no palco para entregá-lo.

— Ótimo, eles já devem ter escolhido alguém para fazer isso.

— Não... pode ser qualquer um. Qualquer um do *Domaine* — ele explica.

— E daí? Você não pode fazer isso?

Ele me olha como se eu acabasse de sugerir que ele tingisse o cabelo de loiro platinado. Ele afunda as mãos nos bolsos e me lança um olhar chateado.

— Seria melhor se fosse você.

— Por quê? Um prêmio entregue pelas mãos pelo novo mestre de adega do *Domaine des Manons*, acho que é uma ótima ideia.

— Você faz parte da família dos proprietários — ele argumenta.

— *Minha irmã* faz parte da família dos proprietários.

— Você é a nova representante comercial do *Domaine*.

— Sou a representante *temporária* do *Domaine*.

— Você fica à vontade no palco.

Ele evita meu olhar e entendo enfim sua insistência. Essa confissão de fraqueza me faz sorrir.

— Que foi? O senhor Enzo Deluca não fica à vontade na frente do público? Muito tempo passado como um ermitão na adega? Você tem medo da multidão?

Ele me dá uma olhada maldosa que tem por objetivo fazer eu me calar, sei bem. Em tempos normais, isso só teria me feito insistir ainda mais. Em vez disso, fraquejo e respondo no lugar:

— Me dá o prêmio. Vou cuidar disso.

Ele me estende um envelope que sai do bolso de trás de seus jeans. No momento em que o pego, não me impeço de murmurar um “covarde”. É pueril e sou recompensada por um outro olhar de lado.

Alguns minutos depois, me encontro no palco para entregar o prêmio a feliz ganhadora, toda sorridente. No momento em que lhe beijo para parabenizá-la, vejo Enzo na multidão. Ele está num canto, os braços cruzados e os olhos fixos em mim. Não chego a identificar a expressão em seu rosto. Tento fingir que ele não está ali, mas é complicado. Aliás, não sou a única a perceber sua presença. Vejo que muitas mulheres do apoio não tiram os olhos dele. É porque elas não o conhecem como eu o conheço. Sendo sincera, se eu tivesse acabado de conhecê-lo, também o acharia bonito. Adoraria poder dizer que ele é horrendo. A vida seria muito mais simples se ele fosse esquisito com uma cabeça de trasgo ou com olhos de fuinha, corcunda, dentes amarelos, com uma voz de matraca ou um problema de sudorese extrema. Mas não, ele é o oposto de tudo isso. A prova de que não há nenhuma justiça neste mundo e que Enzo Deluca foi criado só para me atormentar de novo e de novo.

CAPÍTULO 10

Léonie

Uma coisa que eu não tinha previsto muito bem quando aceitei substituir minha irmã durante sua licença maternidade era que eu iria passar muito tempo com noivos com data marcada. Os jardins e salões do *Domaine* são frequentemente utilizados para recepções de casamento, por isso não se passam três dias sem que eu leve casais para visitar o lugar em busca do local perfeito para festejar virar o primeiro beneficiário da herança do outro.

O mais bizarro é que eu acho agradável. Meu trabalho consiste em mostrar os espaços e listar as vantagens de fazer a recepção aqui. Animo a visita com uma volta pela adega de degustação onde Tristan os faz provar os vinhos que fazem a reputação da casa. A ideia é de não os levar em um simples tour, mas lhes fazer *viver uma experiência*. Não sou eu quem diz isso, está escrito no panfleto. De verdade, acho que o que mais me agrada nisso é que eu tenho a impressão de estar interpretando um papel. Sou, durante o tempo da visita deles, um tipo de fada boa que lhes promete mundos e fundos para o dia mais lindo da vida deles. Estou pronta para tudo: sorrisos, brincadeiras, encenação um tanto teatral quando os levo para visitar alguns lugares... nessa uma hora, dou o meu melhor para lhes convencer de que o *Domaine de Manons* é o lugar.

Hoje, entretanto, está um pouco mais complicado. Estou recebendo um casal acompanhado da cerimonialista deles, Alice, que eu já tive a oportunidade de conhecer há alguns dias. Desde que eles colocaram os pés aqui, entendi que não seria fácil: semblantes fechados, os dois distantes, um “bom dia” pronunciado da boca para fora e a noiva me olha como se eu fosse um inseto que invadiu seu espaço.

— Eles brigaram no carro — me sussurra Alice.

Que maravilha.

Se eu achava que tinha a impressão de interpretar o papel, acabei de perceber que não é só impressão, é realidade. Me forço a sorrir e fingir que não notei o mau humor deles. Começo minha pequena volta guiada: o caminho dos plátanos onde nós organizamos os brindes de honra, a sala das barricadas onde se fazem as refeições e as noites de dança. A cada uma das minhas explicações, o rosto da noiva parece tencionar mais. Ela até faz uma careta de asco quando eu a levo para visitar as câmaras do *Domaine*. As raras vezes em que ela abre a boca são para me dar pequenas ferroadas assassinas. A cerimonialista troca comigo olhares compreensivos, mas não vou me dar por vencida. Guardei uma das minhas peças-chave para o final. O sublime caminho das oliveiras por onde a noiva caminha em toda a sua glória para a cerimônia. Normalmente, a essa altura, os noivos já estão encantados pelos ambientes e este local confirma a paixão deles. Vejo até o olhar do noivo brilhar. E entendo, o olival é fantástico nesta época do ano. Com as cigarras que cantam há alguns dias, é bem mais fácil se imaginar dizendo *sim* neste lugar — pelo menos eu consigo visualizar bem. Uma brisa leve faz balançar as folhas de oliveira que trazem uma sombra agradável neste dia de verão.

— Imaginem vocês avançando por esse caminho, um trio de cordas tocando uma música romântica...

Talvez eu esteja incrementando um pouco.

— Seu noivo vai estar lá — acrescento —, e seus convidados estarão sentados de ambos os lados...

— Está fora de questão que eu me case no campo — me corta a futura noiva.

— Não é um campo... — respondo.

Para falar a verdade, é sim um campo de oliveiras; mas é mais do que um simples campo. É um local romântico, com uma vista deslumbrante, um lugar fora do frenesi do mundo, um lugar... bom, me empolguei um pouco, mas gosto mesmo deste olival. Mesmo assim, preciso saber aceitar a derrota. Então, em vez de insistir, proponho:

— E se fossemos tomar uma taça de vinho?

Mesmo que eles não se casem aqui, talvez saiam com algumas garrafas...

Quando nós passamos pela porta da adega de degustação, Tristan entende com apenas um olhar que a minha visita não foi boa. Aliás, ele me serve uma taça também ao passo que, em tempos normais, eu não bebo com os clientes. Ele gentilmente me substitui, explicando a eles quais são as cepas que constituem o vinho que eles estão experimentando. Ele nem pisca quando a noiva compara o qualificado *cuvée* que dá ao *Domaine* sua classificação no *Grand Cru* a um vulgar sangue de boi que só serve para cozinhar ensopado. Tudo bem, ela pode não ter usado exatamente esses termos, mas a ideia era essa. Continuo em silêncio e saboreio minha taça de rosé fresco. Que bom que não tenho clientes assim todos os dias, senão eu acabaria alcoólatra.

Quando eles enfim se vão, sussurro um “boa sorte” solidário à Alice, que me responde com um olhar desesperado que me dá vontade de rir. Pelo menos, eu estou livre deles!

Tristan pergunta enquanto ergue a garrafa de rosé:

— Você quer mais uma?

Dou uma olhada no relógio preso na parede de pedra, meu dia de trabalho está oficialmente terminado, então aceito. Me empoleiro em uma banquetta do bar enquanto Tristan deixa fluir o líquido de cor delicada. Ele também serve uma taça para ele, o que me espanta. É a primeira vez que o vejo beber. Levanto uma sobrancelha como forma de pergunta e ele me responde:

— O expediente acabou para mim também. E a garrafa está aberta, a gente não vai desperdiçar.

Ele pontua a frase com uma piscadela.

Gosto muito do Tristan. Ele tem a capacidade de me deixar de bom humor. Talvez porque não se passa um dia sem que ele elogie minhas roupas, meu batom, meu penteado ou outra coisa. Ele flerta de forma gentil comigo, mas sei que isso não tem nenhuma importância; pois, mesmo que ele nunca tenha sido explícito quanto a isso, acho que ele não está realmente interessado em mulheres...

— Então, você sobreviveu, enfrentou a sua primeira *Bridezilla* — ele declara.

— “*Bridezilla*”?

— Sim, a sua primeira noiva que tem mais de dragão do que o gentil cordeirinho que se voluntaria para o ser o sacrifício matrimonial.

Rio e ele me dá um sorriso cheio de covinhas. Tristan é muito charmoso, que pena...

— Vejo que você não é grande fã de casamento — constato.

Ouçó alguém entrar atrás de mim, suponho que seja um trabalhador já que Tristan, que consegue ver quem entra e sai, continua a falar:

— Nunca entendi direito o conceito de se unir para a vida toda — ele fala, dando de ombros. — Mas reconheço que tem partes atrativas: o vestido, todos os preparativos para se estar bonito no dia *D*, a decoração... na verdade,

acho que adoraria organizar uma recepção, mas não necessariamente me casar. Isso faz sentido?

Ele pega uma taça que acabou de lavar atrás do seu bar e a enxuga girando-a em sua mão.

— É estranho. Na maioria das vezes, são mais os preparativos que assustam as pessoas.

— Porque as pessoas temem demais o julgamento das outras para tomarem uma decisão. Veja o número de noivos que entram em pânico se perguntando: o que meus convidados vão pensar se eu escolher flores vermelhas em vez de brancas? A resposta é: *Ninguém liga! Escolha a que te agrada, darling. O casamento é seu.*

Ele pisca com um olho para mim, o que poderia ser charmoso em outras circunstâncias. Escuto alguém limpando a garganta atrás de mim.

— Tristan, quando você acabar de flertar com a Léonie, você poderia me dizer onde você guardou as amostras de rolhas que recebemos pela manhã?

Enzo.

Rodo sobre minha banqueta na direção dele, nem mesmo sei por quê. É claro que ele faz aquela expressão irritada que ele sempre parece ter em minha presença. *Notícia para você: também não tenho vontade de respirar o mesmo ar que você.*

Tristan tira a caixa de papelão que Enzo procura de debaixo do bar e lhe entrega. Por um instante, acho que Enzo vai embora, mas não. Ele se instala em um canto para abrir a caixa e analisar o conteúdo, o rosto sempre tão sério.

Tristan se inclina em minha direção e coloca a mão em meu braço. Ele cochicha em meu ouvido:

— Você acha que ele está de mau humor porque alguém comeu o lanche dele na copa?

Não consigo segurar a gargalhada. Vejo de canto de olho que Enzo ergueu a cabeça em nossa direção, deve ter entendido que a gente estava falando dele. Finjo não ter reparado e coloco minha mão livre sobre a de Tristan.

— Seria possível eu tomar outra taça de vinho? — pergunto ao sommelier loiro.

Se tivesse que escolher duas imagens que ilustrassem dois homens de personalidades completamente opostas, poderia pegar as de Tristan e de Enzo. Um é tão solar, charmoso e sempre nos trinques, e o outro é zangado, desagradável e desalinhado. Hoje não é exceção à regra pois ele está com uma camiseta que já viu dias melhores e calça jeans furada. Não daquelas feitas por um grande designer, mais para gastas porque foram usadas para fazer trabalhos manuais. O cabelo está no que parece ser sua nova moda: um boné azul usado ao contrário.

Mas devo reconhecer que, apesar do aspecto de pouco cuidado, ele ganha em confiança o que perde em refinamento. Quando ele entra em um cômodo, ele transpira confiança em si mesmo e arrogância.

— Quer que eu te sirva uma taça, Enzo? — propõe Tristan, mantendo a garrafa de rosé suspensa acima de uma taça vazia.

Enzo pisca os olhos como se não esperasse que falassem com ele e responde com um tipo de gemido que Tristan interpreta como um *sim*.

— Então Léo, você não me disse. Se você tivesse que organizar seu casamento amanhã, como você faria?

Dizer que ele me surpreende com a pergunta não é um eufemismo. Não estava nem mais pensando no assunto da nossa conversa de alguns minutos atrás.

— Oi?

Não sei muito bem o que responder para essa questão. Sobretudo porque estou consciente do fato de que Enzo não deve perder uma migalha do que a gente está conversando.

— Não me diga que você nunca pensou nisso — insiste Tristan. — Todas as mulheres já pensaram no assunto.

— Qual é a desse comentário barato? — me aborreço. — Achava que você era um pouco mais inteligente do que os

caras que falam banalidades do tipo: *As mulheres são assim, as mulheres são assado.*

Ele levanta as mãos diante de si em sinal de rendição.

— Uau! Calma. Não queria começar um debate feminista. Só achei que você talvez tivesse algumas ideias sobre o assunto.

— Nem sei se quero me casar um dia, então prefiro escolher entre profiteroles ou croquembouche...

Enzo se aproxima do balcão e pega a taça que Tristan preparou para ele. Tristan entende que a aproximação do mestre da adega é vontade de se juntar à nossa conversa.

— E você, Enzo, já pensou no seu casamento?

A maneira como ele faz a pergunta não esconde o fato de que ele faz uma brincadeirinha da cara dele, entretanto Enzo quase se engasga com o líquido rosé.

— Que foi, você não falou ainda do vestido branco e da soltura de pombas com a sua amada?

Enzo o olha como se ele tivesse criado uma segunda cabeça. E eu digiro a informação: *Enzo tem uma namorada? Uma namorada tão séria para falar de casamento?* Por que essa ideia me perturba? Afinal de contas, ele pode fazer o que quiser da vida, não tem absolutamente nada a ver comigo. Não... eu sei o que me irrita, é que além de ele ter o emprego dos sonhos dele, ele ainda tem alguém com quem mantém uma relação estável. A vida dele é um sucesso, enquanto a minha...

Nem escuto a resposta que ele dá a Tristan. Logo em seguida ele se levanta e se retira em toda velocidade.

— Outra taça, minha bela? — pergunta Tristan.

Beber para além da razão não é uma coisa responsável. Mas, de repente, tenho vontade de ser irresponsável.

CAPÍTULO 11

Léonie

— Você já sabe onde vai se hospedar durante as três semanas em que estaremos fora? — pergunta minha mãe.

É domingo de manhã e estamos tomando o café da manhã na varanda, aproveitando que o ar ainda não está tão quente. Não estou prestando atenção a pergunta, pois, na verdade, mesmo que esteja vivendo uma cena de família que poderia estar em um comercial de margarina, estou contrariada. Contrariada pois, a alguns metros de nós, do outro lado de uma cerca não muito alta, está Enzo.

Enzo que está cortando o gramado de seus pais.

Com o torso nu.

— Uhum — respondo para a minha mãe enquanto espio meu vizinho de atrás da minha caneca de chá.

Ele não tem decência nenhuma de fazer isso em frente aos nossos olhos?

— Ah, é? Para onde você vai? — questiona minha mãe.

É quando me dou conta de que não tenho a menor ideia do que ela está falando.

— Desculpa — digo voltando a minha atenção para ela.

— Qual era a pergunta?

— Onde você vai se hospedar durante a nossa ausência?

Pouso minha tigela e respondo:

— Bem, aqui, eu acho. Vocês não vão me dizer que não têm confiança em mim para me deixar sozinha. Já passei da idade de aproveitar a ausência de meus pais para organizar festas em casa. Além disso, desse jeito, eu poderei ficar de

olho na Lena para que ela não fique tentada a organizar ela própria uma festa.

Minha irmã me lança um olhar irritado, com a colher de cereal na boca.

— Sua irmã não vai ficar aqui — anuncia papai que enfim levanta os olhos de seu jornal. — E você não pode ficar aqui porque alugamos a casa.

— O quê? Mas que história é essa? — solto um berro. — Desde quando a casa está alugada?

Meus pais trocam um olhar e mamãe explica:

— Faz muitos anos que alugamos a casa quando saímos de férias de verão com o motorhome. Isso nos permite financiar nossa viagem. A gente te falou disso quando você chegou a Cadenel algumas semanas atrás.

Eles me falaram disso? *Ops...*

— Você poderia vir com a gente — ela propõe.

— Eu trabalho, mamãe. Não tenho férias. A Laetitia está contando comigo. E agora tenho o curso de teatro.

E prefiro vender um rim a sair de férias no motorhome com eles. Tenho memórias traumatizantes dos poucos anos em que não tive escolha a não ser lhes acompanhar. A proximidade, a falta de chuveiro digno, os acampamentos... E não estou mentindo, minha irmã conta comigo assim como os alunos do grupo de teatro. A amiga de Elena me ligou apenas vinte e quatro horas depois da sugestão de lhe dar uma mãozinha. Eu estava um pouco reticente à princípio, mas a conheci pessoalmente e ela me incentivou a me aventurar. Começo na semana que vem, as aulas são duas vezes por semana.

— E você? Você vai para onde? — pergunto à minha irmã.

— Vou sair de van com um amigo. A gente vai dar uma volta por vários festivais. Vai ser tão incrível! Brice fez isso no ano passado e...

Ela continua contando o roteiro, mas já parei de escutar. Às vezes me pergunto como posso ter o mesmo DNA que

essas pessoas. Minha irmãzinha parece achar que férias sem conseguir lavar os cabelos e usando a mesma roupa vários dias seguidos são o ápice da liberdade, enquanto para mim isso soa mais como o meu pior pesadelo.

— Você poderia visitar a vovó nesse tempo? — pede mamãe.

— Claro.

Adoro minha avó, nem precisa dizer que não vou deixá-la três semanas sem visita nenhuma. Pergunto algumas informações suplementares aos meus pais como a data exata da partida e cato em seguida minha caneca e meu prato.

Da janela da cozinha, espiono Enzo de novo. Agora ele está aparando a parte em frente à casa. Ele parece fazer isso sem esforço, tenho certeza de que em seu lugar eu estaria vermelha e encharcada de suor. Para falar a verdade, talvez ele esteja suado, não estou perto o suficiente para ver... pego as chaves da caixa de correio. Ninguém pensou em olhar se tinha correspondência. *Ainda bem que eu estou aqui!*

Então, persuadida de que devo me ocupar dessa tarefa agora mesmo, parto para cumprir a missão. E não é nem um pouco para espionar o vizinho seminu em pleno trabalho de jardinagem. Aliás, me preocupo em ignorá-lo completamente quando enfio a chave na fechadura. Não noto o movimento de seus trapézios quando ele empurra a máquina, nem como seus deltoides estão desenvolvidos, nem o fato de que ele poderia causar inveja em um nadador olímpico. Me concentro na caixinha de metal que deve conter alguns panfletos publicitários que estou ansiosa para descobrir.

— Você sabe que hoje é domingo? — Me interpela de repente uma voz masculina.

Finjo não saber quem está falando comigo. Então, viro de propósito na direção errada. O barulho do cortador de grama parou.

— Léo?

Desta vez não posso ignorá-lo, então viro a cabeça em sua direção. O que eu não tinha previsto é que agora ele está a menos de um metro de mim. Tenho a minha resposta para a questão de seu estado de sudorese? Sim. Porque aqui, bem debaixo do meu nariz, observo uma gotícula rolar entre dois peitorais bem definidos, descer por uma fileira de abdominais digna de um comercial de academia de ginástica e se perder em uma linha de pelos negros que indicam...

Levante a cabeça, Léo.

— Você poderia colocar uma camiseta, é indecente sair por aí assim — digo em um tom reprobatório.

Enzo levanta uma sobrancelha e o início de um sorriso se imprime em seus lábios.

— Estou no jardim dos meus pais. Em uma propriedade privada.

— Tem crianças que pegam esse caminho para ir para a escola. Elas não precisam ser expostas a isso — digo designando seu torso como se fosse a cena de um crime.

Uma cena de crime que certamente criaria muitas vocações para policial, se eu for honesta. Mas reprimo essa ideia para o fundo do meu cérebro. *Não se pode esquecer que ele é o diabo, Léo.*

— Hoje é domingo. Não tem escola, não tem correio também — replica ele apontando para a caixa de correspondências.

— Como você acabou de pontuar, hoje é domingo. A senhora Legrand não vai demorar a passar a caminho da missa e você sabe como ela tem o coração frágil. Você não gostaria de ter a morte dela em suas mãos?

O sorriso dele se intensifica.

— A senhora Legrand está muito bem e ela não parecia chateada com meu traje quando passou há alguns minutos. Ela até parou para conversar, se você quer saber. Mais tarde, é possível que ela tenha que pedir perdão por alguns pensamentos não muito cristãos quando ela for se confessar — ele acrescenta com um piscar de olho.

— Você é tão presunçoso — sacaneio.

Ele se aproxima um pouco mais de mim. Enrijeço. É como se alguma coisa dentro do meu corpo gritasse: *Alerta, um macho se aproxima!* Como isso pode fazer com que meu cérebro e o resto de mim não funcionem juntos? Eu deveria sentir repulsão com a sua presença, não o contrário!

— E você, Léo? Você quer que eu coloque minha camiseta?

Faço cara de desapegada... pelo menos, tento.

— Eu não ligo. Não sou eu que arrisco um câncer de pele.

— Você tem razão. Talvez eu devesse passar o protetor de novo. Me diz, você quer passar nas minhas costas?

Finjo ignorar os arrepios causados pela proposta. Acho que estou no período fértil. Deveria confirmar com um médico. Rápido.

— Vou ter que recusar, tenho um monte de coisas a fazer.

— Como pegar correspondências inexistentes?

— Fazer bonecos vudu com a sua cara entre outras coisas.

— Você não me detesta tanto assim — ele murmura perto demais do meu rosto.

Sinto sua respiração na minha bochecha. O traiçoeiro do meu coração começa a bater mais rápido. Acho que estou com um problema cardíaco.

— Não me subestime — respondo.

— Nunca, Léo, nunca.

Ele se afasta de repente e se vira em direção ao jardim dele. Fico alguns segundos na calçada, perplexa. O que

acabou de acontecer aqui?

Não faço a menor ideia. Mas não gosto da ideia que, mais uma vez, ele parece ter tido a última palavra.

— Você parece distraída — constata Tristan no dia seguinte enquanto almoçamos na copa do *Domaine*. Estou mais brincando com a minha salada do que realmente comendo.

— Me desculpe, estava com a cabeça em outro lugar — confirmo.

— E o que é que está te preocupando?

— Nada de especial... várias coisas na verdade — acabo por confessar.

Ele abaixa os talheres e me olha com atenção.

— Então vai, me conta.

— Está tudo bem.

Dou uma olhada em volta. Tem vários funcionários almoçando e na ponta de nossa mesa se encontra Enzo. Entretanto, ele parece muito absorto no celular para prestar atenção a nossa conversa.

— Sou muito bom em escutar os problemas dos outros. E até dar conselhos — insiste meu colega.

— Bem, se você quer mesmo que eu te perturbe com isso...

Ele me acalma com um sorriso. Suspiro e declaro:

— Meus pais me deram um pé na bunda.

Tristan abre a boca e esbugalha os olhos. Tudo bem, minha colocação pode ter sido *um tanto* dramática.

— Quero dizer, eles estão alugando a casa durante as três semanas em que vão viajar de férias. Preciso encontrar um lugar para dormir nesse período.

— Ah, poxa! Eu até te ofereceria para ficar na minha casa, mas estou de mudança. De qualquer jeito, se precisar

por uma noite ou duas, meu sofá não é dos mais confortáveis, mas dá pro gasto.

— É muito gentil da sua parte, mas vou encontrar uma solução. Vou perguntar para as minhas amigas, alguma vai ter pena de mim. E, no pior dos casos, Oriane talvez aceite me emprestar a beliche da cela dos bêbados — brinco.

Nós dois rimos.

— Bem, e que outra coisa que te incomoda?

— Outra coisa?

— Você disse que estava com várias coisas na cabeça.

— Ah, sim. O resto não é nada comparado a isso. Esta noite, vou dar minha primeira aula de teatro!

— Você deve estar empolgada, não?

— Sim. Estou com um medinho, mas acho que é normal, não?

— Medinho? Medo do palco, você quer dizer? Achava que os atores não tinham isso — ele me sacaneia.

— Não se engane. Como Sarah Bernhardt disse uma vez a uma atriz que se vangloriava de não ter esse medo: “O medo do palco vem junto com o talento.” E aqui não tem nada a ver, é a primeira vez que serei professora.

— Tenho certeza de que você vai se virar muito bem.

Bebo um gole de água e respondo:

— Espero que você tenha razão.

— Então sua noite promete ser muito comportada — ele constata.

— De certo modo, mas não te contei tudo. Vou sair com as meninas depois da aula.

Não consigo reprimir uma pequena careta pensando no que me espera.

— Por que estou com a impressão de que você não está animada?

— Elas vão me levar para uma saída de solteiros — digo com um tom imitando pânico.

— Ah, a famosa saída de solteiros de Cadenel — ele exclama.

— A maneira que você diz isso não é um bom sinal.

Ele ri e hesita um segundo antes de falar:

— Eu não devia ter falado, para ser franco, nunca me arrisquei. E se for superlegal?

Eu o olho com um aborrecimento falso e declaro:

— Da última vez foi no boliche. Você me imagina no boliche?

Ele faz uma expressão sobressaltada.

— Com os sapatos de palhaço que já foram usados por outras pessoas? Fico agoniado só de pensar.

— Foi exatamente o que eu disse a Elena quando ela me convidou na semana passada. Finalmente aceitei o convite essa noite porque vai ser no *Bar de la Place*. No pior dos casos, sempre posso beber para esquecer.

— Isso me parece uma boa ideia — ele aquiesce. — Elena é a sua amiga do *clã das solteiras que não queriam ser*?

— Não as chame desse jeito. São meninas adoráveis.

— Nunca disse o contrário. Não as conheço, mas se você anda com elas é porque elas não devem ser tão horríveis assim.

Às vezes esqueço que Tristan, assim como eu, cresceu aqui, mas só voltou recentemente. E como ele é mais velho, provavelmente não conhece minhas amigas.

— Sabe o que mais? Você deveria vir conosco esta noite. Compartilhando o mico, ninguém sofre sozinho e todo mundo ri.

Tristan me confessou alguns dias atrás que ele está mesmo solteiro. Mesmo assim ele faz careta da minha proposta e responde:

— Não, obrigado. Não acho que seja o ambiente em que posso encontrar o chinelo velho para o meu pé cansado.

Me dou conta de que eu provavelmente cometi uma gafe. Se Tristan se interessa mesmo por rapazes, não tenho certeza de que a saída dos solteiros seja frequentada por gays.

— Ah! Me desculpe, falei sem refletir. Você deve ter razão, não sei se terá pessoas lá que poderiam ter... — hesito — interesses em comum com você?

Desta vez, ele franze as sobrancelhas. Não acho que ele entendeu o que tentei dizer. Ao mesmo tempo, não vou chegar no meio dos nossos colegas, entre duas folhas de salada, e perguntar: *E, aí, Tristan, você prefere homens ou mulheres?*

Sou salva do meu embaraço quando alguém coloca a mão em meu ombro. Tenho um sobressalto e me viro.

Enzo?

— Desculpa interromper vocês — ele diz sem mover um músculo.

Estou muito petrificada com sua audácia para me mexer. *Que direito ele acha que tem para me tocar?* Ou talvez seja porque sua palma é quente e no meu ombro só tem a alça do vestido.

Se esse período fértil não passar logo, eu vou realmente precisar marcar uma consulta com um médico.

— Ouvi a conversa de vocês de agora, mesmo sem querer.

Queria bem responder que a mãe dele o educou mal, mas conheço a Rita e sei que não é o caso.

— Se você quer se inscrever para as aulas de teatro, tarde demais, a turma já está completa — me apresso em responder com a minha melhor imitação de um buldogue montando guarda.

Os cantos de sua boca se levantam.

— Acho que foi por isso que eu cruzei com a sua colega, a senhora Giallo, que estava colando cartazes para recrutar pessoas esta manhã na padaria.

É claro que ele tem que ter uma resposta para tudo.

— Sim, é claro, ela fez isso seguindo o meu conselho e, de repente, tivemos uma onda de inscrições fenomenal. É verdade, estamos lotados.

E pow!

— Ótimo. Mas de todo jeito, não queria me inscrever.

— Então, o que você quer? — questiono.

— Ouvi a parte que seus pais vão alugar a casa. Você sabe que se você pedir para a minha mãe, ela te acolherá de braços abertos.

Ele me observa com uma sinceridade no olhar que poderia passar por natural. Mas conheço a figura. Isso é atuação. Ele é um baita ator, se querem saber minha opinião. Talvez ele tenha perdido sua vocação.

— Hum, adoro seus pais. Mas é sério, Enzo? Você acha de verdade que nós conseguiríamos passar uma única noite sob o mesmo teto sem matar um ao outro? A gente não sobreviveria a primeira hora.

Ele me olha com uma cara de que está se divertindo.

— Você certamente tem razão. Mas, para a sua informação, não moro mais com eles.

Surpresa com a revelação, não respondo de imediato. Ele não acrescenta nada. Ele se contenta em catar o telefone no bolso e se afastar com o olhar fixo na tela.

Ele não mora mais com os pais? Isso explicaria por que, sem ser no último domingo que ele cortava a grama, não cruzei com ele uma única vez. E eu acreditando que as minhas técnicas de evitar alguém estavam se tornando fantásticas... enquanto a verdade é que ele simplesmente não estava lá.

A declaração dele me deixa com várias perguntas: onde ele está morando? E, principalmente, com quem?

CAPÍTULO 12

Léonie

Entro na sala municipal onde acontecem as aulas de teatro. Não venho aqui há séculos. Entretanto, ainda reina o mesmo cheiro de mofo. A parede continua na mesma cor de mostarda e em um canto se acumulam cadeiras marrons, alguns biombos e mesas que já viram dias melhores.

— Léonie!

— Boa noite senhora Giallo.

— Ah, por favor, me chame de Loraine.

Sorrio para ela, que abre um sorriso maior ainda como resposta. Loraine Giallo sempre esteve por aqui. Nunca soube de verdade o que ela fazia da vida, onde ela vivia exatamente nem mesmo se ela tem uma família. Ela faz parte dessas pessoas que você acredita serem eternas, de quem você conhece o nome desde sempre e nem lembra como conheceu. Se ela desaparecesse amanhã, eu talvez não desse conta de imediato, mas, sem ela, a vila não seria a mesma.

— Os alunos não vão demorar muito a chegar — ela anuncia. — Você gostaria de me ajudar a colocar as cadeiras em círculo?

Cadeiras? Para quê? Será que confundi o dia com o da reunião dos alcoólatras anônimos?

No entanto, estou aqui há quanto tempo? Um minuto? Não me vejo já virando toda a organização dela do avesso. Os alunos começam a chegar então me contento em ajudá-la e cumprimentar os recém-chegados um a um. O grupo é

muito diverso: aposentados, adolescentes, um grupo de mulheres em seus quarenta anos. É bom ter perfis diferentes, será mais fácil na hora de distribuir os papéis.

Todos se instalam nas cadeiras, mas Loraine decide que ela vai ficar em pé. Eu já não sei mais o que fazer. Não conversamos muito sobre a forma como funcionaria a aula. Loraine distribui o que parecem ser xerox de um livro. Ela também me dá uma e descubro o título do texto que vamos trabalhar hoje: *Os Justos* de Camus. Um texto que eu jamais teria escolhido para um grupo de iniciantes. Primeiro porque o autor tem obras melhores, também porque acho essa muito datada. E os alunos que estão aqui vêm pelo prazer, então teria pensado em uma obra mais divertida...

Vou me decepcionando a cada minuto que passa de aula. Loraine se contenta em fazer cada participante ler trechos, os corrigindo de tempos em tempos quanto ao tom. Todo mundo fica sentado, não tem nenhum jogo. Acho que nunca vi nada parecido. É impossível que os alunos tenham prazer em fazer isso. Sem falar no fato de que isso não os ensina muita coisa, a não ser talvez um profundo desgosto pelo teatro.

Estou um pouco nervosa. Devo intervir? Mas como? Não quero ofender Loraine. Então deixo os minutos passarem e quase morro de tédio. Aliás, não sou a única. Vejo de canto de olho alguns participantes bocejarem. Deveriam propor esse curso para pessoas que têm problemas de insônia.

Quando finalmente a aula acaba, os alunos fogem em direção à saída como ratos saindo de um navio afundando. De minha parte, me digo que seria bom ter uma pequena conversa com Loraine. Me preparo mentalmente para tentar ser o mais diplomática possível.

— Loraine?

— Ah, Léonie. Obrigada por sua ajuda. Sinto muito, devo partir. Você pode fechar tudo quando sair? — ela pergunta,

agarrando sua bolsa.

Ela não espera por minha resposta e escapole.

Obrigada por sua ajuda...

É uma piada? Eu não disse uma palavra.

Então, é com um estado de espírito nada festivo que chego na saída dos solteiros no *Bar de la Place*.

— Léonie — exclama Oriane. — Você veio.

— E então, como foi a aula de teatro? — me interroga Romy.

— Preciso de uma bebida antes de poder falar — anuncio fazendo um sinal para Jules, que está no bar.

— O que é que eu te sirvo? — ele pergunta.

Dou uma olhada nos copos de minhas amigas no balcão para ver o que eu estou com vontade. Os coquetéis cheios de frutas delas não me inspiram.

— Uísque, por favor — acabo pedindo.

Sim, sou do tipo de garota que gosta de vez em quando de uma bebida que não seja a combinação de no mínimo cinco ingredientes.

Jules levanta uma sobrancelha e pergunta:

— Teve um dia difícil?

Corrijo:

— Início de noite difícil.

Ele não pergunta mais nada. E nem quero que pergunte; o bar está lotado, então suponho que ele tenha que ir trabalhar na cozinha, além disso tenho minhas amigas comigo para me escutarem. Ele se contenta em preparar minha bebida.

— A esse ponto? — Elena se inquieta. — Loraine é tão gentil... enfim, ela sempre me passou essa impressão.

Eu a tranquilizo:

— Loraine é um amor. O problema é a maneira como ela aborda o teatro. Ela certamente tenta, mas, para ser

sincera, o curso foi a coisa mais chata que assisti em muito tempo. Vocês se lembram da aula de História da senhora Massé na quarta série?

Minhas três amigas resmungam com essa lembrança.

— Bem, foi pior!

— Não, impossível — argumenta Romy. — Não conheço nada mais sonífero do que aquelas aulas. Uma vez fui com óculos escuros com o pretexto de uma conjuntivite para poder tirar uma soneca tranquila.

— Infelizmente, é a mais pura verdade.

— Você tentou falar com a Loraine? — pergunta Elena.

— Queria, mas ela fugiu no final da aula. Além disso, não sei como abordar o problema. Não quero ofender.

De repente, estamos as quatro em silêncio observando os pequenos guarda-sóis nos coquetéis das minhas amigas, como se eles carregassem a solução para o problema.

Enfim, alguém bate com o talher num copo para atrair nossa atenção. Parece que é o organizador da noite. Ele dá às boas-vindas a todos. Explica qual canto do bar está reservado para nós e as regras da próxima hora.

— Ah, não, meninas, não me digam que é um *speed-dating* — recrimino.

O sorriso de desculpas de Romy e as explicações do organizador só fazem confirmar minha suspeita.

— Olha, tem um rapaz ali que não para de te olhar — sussurra Oriane para mim.

Por curiosidade, sigo com o olhar a direção que ela me indica. Um moreno com uma camisa jeans e cabelos castanhos volumosos que vão até seus ombros sorri para mim. *Ai, socorro.*

— Detesto homens de cabelo comprido — anuncio.

— Você está brincando. Já viu o Kit Harrington? Não expulsaria ele da minha cama — anuncia Elena.

Depois, de certo vendo em meu olhar vazio que eu não faço ideia de quem seja, ela explica:

— O que faz o Jon Snow em *Game of Thrones*.

Isso me dá uma vaga ideia de quem se trata. Um dos caras que passa não sei quantas temporadas repetindo: “O inverno está chegando!”

— Não, obrigada. Dividir meu creme para desembaraçar com um homem é uma coisa que me recuso a fazer. Além disso, a camisa jeans é *tão 1990*.

Mas Elena parece ter uma resposta para tudo esta noite:

— Está voltando à moda. Acredito que se usa combinado com uma gravata borboleta, pode-se fingir ser um *hipster*.

— Ele está usando com uma bolo tie. Chamo isso de cinto de castidade.

Alguns minutos mais tarde, me encontro sentada em uma mesa para dois, um copo de coquetel com pouco álcool na minha frente. Vou precisar de mais para sobreviver a próxima hora.

O primeiro candidato (se é que podemos chamá-lo assim) tem um grande problema de visão, tendo saído direto de cinco anos de seminário sem cruzar com uma mulher, seu olhar não sobe acima do meu decote. Sempre me recusei a participar de *speed-datings*, e esse primeiro encontro só reforça a minha tese.

Após o quarto candidato, me pergunto onde está a câmera escondida, pois além do ex-seminarista que só olhava pro meu decote, ainda tive que lidar com cara que cuspiu quando falava e um terceiro que não falou uma palavra nos cinco minutos que fomos forçados a ficar olhando um para o outro. E, acredite em mim, cinco minutos tentando conversar com alguém que te olha como se você fosse uma presa e ele um serial-killer é especialmente longo. Então, quando um vovô com uma barba branca se instala na minha frente, imediatamente penso que é uma piada. Ele parece satisfeito em me ver.

— Boa noite, senhorita, eu sou o Léon.

Vejo que seus olhos buscam a etiqueta que nos foi entregue no início da noite e que deveria logicamente estar colada em meu peito. Entretanto, me recusei a ceder à regra. Não sou um produto que se possa etiquetar. Já estou me perguntando como faço para ele entender, com gentileza, que eu não estou interessada. Embora não tenha nenhum escrúpulo em refutar os indivíduos que cuspiam, vovôs gentis me obrigam a fingir ser simpática...

— Léonie — respondo para não parecer mal-educada.

— Olha aí, isso nos dá algo em comum — ele se diverte ao ouvir meu nome.

Abro a boca para responder que deve ser a única coisa, mas ele me corta antes que eu possa dizer uma única palavra:

— Mas bem que eu acho que deve ser a única mesmo. Você é bela como uma rosa, mas eu poderia muito bem ser seu avô.

Respondo a ele com um sorriso de desculpas.

— Mas me diga, Léonie, o que uma moça bonita como você está fazendo em um evento como este?

Eu me rasgo de rir.

— Para falar a verdade, nem eu mesma sei.

Respiro fundo e recomeço:

— Na verdade, sei. Vim com minhas amigas. Para lhes dar apoio de algum jeito.

Sim, é isso, para apoiá-las pois não quero me casar tão cedo.

— Ah, entendo. A senhorita está ajudando a elas a avaliar os homens presentes nesta noite? Isso não seria trapaça, seria? Mas é gentil da sua parte. E da parte do seu namorado, imagino, de deixar você participar.

— Mas também não tenho namorado.

Léon parece espantado e vejo que ele dá uma olhada por cima do meu ombro.

— Ah! Mil perdões. Por um instante achei que o jovem que não tira os olhos de você desde o início da noite fosse o

seu namorado. Que talvez tivesse vindo, não sei... para ficar de olho em você enquanto você ajuda as suas amigas?

O comentário não faz nenhum sentido. Que namorado bom da cabeça faria isso? Mas estou intrigada. Quem é o jovem atencioso? Tudo bem, não vim aqui para encontrar alguém de verdade, mas nunca se sabe... também não sou uma freira.

Finjo pegar qualquer coisa na bolsa que está pendurada atrás da cadeira para ter a oportunidade de virar discretamente. Vejo, de fato, um homem sentado no fundo do bar, na sombra. Sozinho em frente a uma caneca de cerveja, tenho dificuldade em distinguir o rosto. Meu olhar sobe e para em um boné que tem cruzado muito o meu caminho nos últimos tempos.

Enzo.

O que ele quer agora?

Ele não está na parte do bar reservada à noitada de *speed-dating*. E Léon tem razão, ele parece estar nos observando. Não tenho certeza absoluta de que ele está prestando atenção em mim, mas quando vejo o sorriso forçado se desenhar em seus lábios, qualquer resquício de dúvida evapora. Retorno de pronto ao meu *pretendente* pelos próximos minutos e lhe ordeno:

— Ignore-o.

— Você o conhece?

Suspiro de insatisfação.

— Infelizmente, sim.

— Por que sinto que tem uma história por trás?

— Receio que nada de muito interessante. Ele é como um tipo de farpa por baixo da pele que eu não consigo nunca me livrar.

— Uma farpa mesmo?

— Não, o senhor tem razão, uma farpa é muito insignificante. Está mais para uma infecção sorrateira que reaparece com regularidade na minha vida.

— Você atizou a minha curiosidade agora.

— Não devia. Não é uma história muito interessante.

— Sendo honesto, duvido encontrar a mulher da minha vida esta noite. Então, tenho todo o tempo para falar sobre isso com você.

E desse jeito me vejo passando o resto da noite contando minha *relação* (se é que se pode chamar assim) com Enzo. Os outros participantes continuam a mudar de lugar e Léon tem que, por várias vezes, explicar para os homens que querem se sentar na minha frente que não, ele não vai se mudar. Nossa conversa desvia em seguida para assuntos diversos e tenho um momento mais agradável do que tinha imaginado. Léon é um amor, ele elogia várias vezes minha aparência, mas vindo dele não parece inapropriado. Não conheci bem o meu avô, que faleceu quando eu ainda era pequena, mas imagino que seria a forma como ele falaria comigo.

Por outro lado, tenho a impressão de sentir o olhar de Enzo fixado em mim durante uma boa parte da noite. Até hoje, fora o episódio do mercado ou da festa da escola, não tinha quase cruzado com ele a não ser no *Domaine*. Não acredito de verdade que a presença dele aqui nesta noite seja uma coincidência. Ele me ouviu falar da saída com o Tristan na hora do almoço. Mas nunca pensei que ele aproveitaria para me espionar. E o principal, com qual objetivo?

Francamente, ele não tem nada mais para fazer a não ser vir beber aqui, sozinho ainda por cima, numa sexta-feira à noite? A televisão quebrou? A namorada lhe deu um bolo?

Se ele começar a me seguir fora do *Domaine*, vou precisar ter uma conversa séria com ele. Embora duvide que ele entenda. Talvez tenha o efeito inverso, mas não vou deixar esse episódio passar sem reagir. Tenho que pensar em como dar o troco...

CAPÍTULO 13

Enzo

Sempre me considerei como alguém racional.

As decisões que tomo são, de maneira geral, práticas. Sou do tipo que leva tempo pesando os prós e contras antes de me lançar em uma empreitada. Sou assim no meu trabalho e na minha vida pessoal e tem funcionado muito bem para mim.

Só tem um assunto que me faz agir de maneira impensada. Ou digamos, uma única pessoa.

Léonie.

Quando se trata dela, parece que minha cabeça sai dos trilhos. E isso já dura anos. Desde sempre, na verdade. Nunca encontrei ninguém igual a ela, capaz de me fazer sair tanto do eixo, ou de me levar a fazer coisas completamente ridículas. Ela perturba tanto minha cabeça que me vejo obcecado por ela. E os seis anos que passamos separados, aparentemente, não mudaram nada.

Bater ponto numa saída de solteiros para observá-la escondido em um canto como um tipo de *stalker* é um desses momentos a que me refiro: ela me faz perder a cabeça. Não escolhi o canto da sala menos iluminado por acaso, mesmo que a parte hipócrita em mim tente se convencer do contrário, que eu vim aqui só para apreciar uma cerveja numa sexta à noite como qualquer pessoa.

Cheguei antes da Léonie. Quando ela passou pela porta, bem vi que todos os olhares masculinos se voltaram para ela. Não sei se ela tem consciência da aura que ela emana

quando entra em um cômodo. Mesmo meu canto parece ficar um pouco menos escuro. Seus cabelos loiros estão soltos nos ombros. Eles não foram alisados à perfeição como ela faz às vezes. Eles até trazem a marca do elástico com que ela os prendia ao meio-dia no coque alto, como ela faz às vezes para não sofrer com o calor. Essa pequena imperfeição me diz que ela não passou em casa, o que me conforta de alguma forma com a ideia de que ela não está levando esta noite tão a sério. Isso e o fato de que ela está com as mesmas roupas que estava no escritório hoje. Se ela levasse essa noite a sério, teria passado horas se produzindo. Léonie é assim, sempre querendo apresentar o seu melhor. Como se ela devesse provar ao mundo que ela é perfeita. Ela teria tido cuidado não só em escolher o batom, como também as roupas. Às vezes, me pergunto se é por causa disso que ela não me ama. Pois eu conheço todas as Léonies. Não apenas aquela que ela quer apresentar ao mundo, também a que duvida, a que tem medo do julgamento dos outros e, é claro, a grande atriz que ela é. Não falo no sentido estrito; sei bem que sei de fonte segura que ela é ótima, mas sim no grande papel que interpreta na peça que é a sua vida.

Ela não me vê. Está muito ocupada conversando com as amigas. Parece contrariada. Será que é ainda por causa dessa história de lugar para ficar nas próximas semanas? Não consegui me segurar na hora. Não sou do tipo que escuta atrás da porta, mas quando se trata da Léonie, toda lógica vai às favas, e as boas maneiras também. Quando ouvi Tristan lhe dizer que, se ele pudesse, ele a hospedaria, meu sangue ferveu. Se dependesse só de mim, teria ido pegar as coisas dela naquele minuto para colocá-las no meu apartamento. Está vendo a reação irracional? Mas um raio de lucidez conseguiu atravessar a mente. Foi por isso que eu propus a solução dos meus pais. É ideal. Ela gosta deles, eles a adoram e, ao menos, tenho a certeza de que ninguém vai ficar rondando ela por lá.

O *speed-dating* começa. Nem mesmo sabia que ainda existia esse tipo de coisa. Não que eu já tenha participado de um. Quando vejo o primeiro idiota que não para de olhar para o peito dela, quase me levanto num pulo da cadeira para torcer o pescoço dele e o fazer retirar-se a pontapés. Para a sorte dele, Jules, o dono do bar, escolhe esse momento para vir me cumprimentar. Conversamos por alguns minutos, mas Jules entende rápido que estou distraído. Ele dá uma olhada na direção para a qual olho sem parar. Ele se volta para mim com um sorriso de quem entendeu.

— Eu deveria saber. Mesmo depois de todos esses anos, é sempre igual com vocês dois.

Eu lanço um olhar maldoso, mas a mensagem não é transmitida, pois ele insiste:

— Vocês vão brincar de gato e rato por mais quanto tempo? Talvez seja a hora de um de vocês fazer alguma coisa. Dito isso, essa novela é fascinante.

Estou a ponto de mandá-lo cuidar da própria vida, mas ele aparentemente não liga para o que eu penso, pois já está voltando em direção ao bar.

Minha atenção volta inteira para Léonie. Sei que ela enfim reparou que estou aqui, mesmo que finja que não. Fazem várias rodadas que ela conversa com o mesmo homem. Será que devo me preocupar? Absolutamente não. Ela conseguiu, ao que parece, fazer amizade com o único cara do bar que não está nem um pouco interessado nela. Essa situação extrai meu primeiro sorriso sincero do dia.

Enfim esta noite foi bem mais interessante do que eu achava que seria. Termino minha cerveja e me levanto. Sei que a deixará louca eu ter desaparecido antes que ela tivesse tempo de pular na minha garganta. Ela vai ficar com raiva de mim, o que me agrada. Pois mesmo que eu não esteja fisicamente por perto para aproveitar a cena, sei que estarei na mente dela. E a ideia de que estou em seus pensamentos, mesmo que de maneira não muito positiva,

me agrada de uma forma muito particular. É torto, mas gosto disso. E como eu bem sei, quando se trata dela, nada é racional.

CAPÍTULO 14

Léonie

Observo meu reflexo no espelho. Estou usando um vestido azul que valoriza minha pele bronzeada pelo sol do sul. Ele é profissional, com um toque de sexy. Meu batom se chama *desenvolta* e, só por isso, eu o adoro. Meus cabelos estão alisados à perfeição, prontos para declarar ao mundo a minha mensagem: *Estou aqui para brilhar*. De certo, há grandes chances de que a maioria não note o esforço e que os outros só pensem que sou talentosa com a chapinha. Mas o que conta é que meu ego acredita.

Decido tirar uma fotinho para o meu Instagram. De repente, me dou conta de que é uma coisa que faço cada dia menos nestes últimos tempos. Não é como se a minha vida estivesse menos interessante para ser postada nas redes sociais. Será que já foi um dia? O que está acontecendo é só que não sinto a necessidade de exibi-la. E a ficha cai de maneira brusca: estou me sentindo bem.

Eu sei, pode parecer ridículo ter uma revelação assim numa manhã antes de ir para o trabalho, mas é a verdade. Acho que estou mais relaxada. Talvez seja pelo fato de que não tenho mais que me perguntar como vou pagar os boletos no final do mês. Não espero mais com angústia que meu telefone toque para que alguém enfim me ofereça um papel. Além disso, o sol deve agir como um bom antidepressivo. Sorrio uma última vez para meu reflexo e saio para o trabalho.

É só chegar na copa que meu humor piora. Nem vale a pena perder meu tempo com quem está diante da cafeteira. Eu teria dado um passo para trás para voltar mais tarde, mas sei que ele me viu. Seria lhe dar muito crédito se eu fosse embora agora.

Não cruzei com ele desde a noite de sexta-feira. Se minhas amigas não tivessem confirmado que elas o viram, teria pensado ser uma alucinação. Ele já tinha ido embora quando acabei de conversar com Léon.

Cumprimento de passagens dois trabalhadores e me dirijo em direção à cafeteira. Estou prestes a pegar uma xícara para me servir quando, para minha grande surpresa, Enzo me antecipa e me passa uma. Resmungo um *obrigada* e me preparo para me virar quando ele me interpela.

— Então, como está a solteira mais cobiçada de Cadenel?

Seus olhos brilham com um lampejo gozador que me lembram que fiz bem em inscrever o e-mail dele em vários sites diferentes há alguns dias. Abro meu mais belo sorriso venenoso antes de perguntar:

— Muito bem. E como está o único ser humano sem alma da vila?

— Vendendo saúde. Ver todos aqueles pobres homens tentando quebrar seu coraçãozinho de pedra na sexta à noite foi muito divertido.

— Que pena que o único que seria capaz de quebrar qualquer coisa em mim seja o meu osteopata, não é?

— Então você está pronta para admitir que não tem coração?

— É você quem está dizendo. Não eu. Mas você deve conhecer bem a ausência de sentimentos, não?

Nos encaramos por alguns segundos, mas ele não se dá ao trabalho de responder. Desvio minha atenção para o meu telefone para ignorá-lo. Não sei o que está fazendo, mas ele não se move. Depois de um tempo, ele declara com uma voz baixa:

— Você sabe, eu poderia te ajudar com a sua situação...

Meu coração pula uma batida e, para minha sorte, não estava bebendo o café senão teria cuspidido tudo.

Ele está mesmo tentando subentender o que acho que ele está subentendendo? Ele está falando do que? Da minha falta de coração? De sentimentos? Da minha solteirice? Me viro em direção a ele, que me olha com uma expressão muito séria.

— Você o que?

Quase me asfixio pronunciando estas palavras.

Enzo franze as sobrancelhas e cruza os braços sobre o torso. Como ele não responde, continuo:

— Você vai me ajudar com o que? Arrumar um homem?

Ele parece ainda mais confuso. Depois, no tempo de um segundo, acho que ele está irritado. Mas sua expressão se transforma completamente no momento em que vejo um lampejo de compreensão cruzar seus olhos. Ele acaba me surpreendendo de todo quando começa a gargalhar. Decididamente, ele é mais afetado do que eu achava. Talvez eu devesse dizer para a mãe dele marcar uma consulta para ele com um psiquiatra. Não entendo muito, mas se ele for bipolar ou algo do gênero, não ficaria surpresa.

— Você achou que eu estava dando em cima de você? — ele pergunta.

Estou totalmente perdida. Para minha sorte, ele continua:

— Léo, quando falei em te ajudar com a sua situação, falava da sua hospedagem nas férias dos seus pais.

Se a terra quisesse se abrir para me fazer desaparecer justamente agora, nesse exato minuto, seria o momento ideal. Acho que nunca tive tanta vergonha em toda a minha vida. Fora talvez a vez em que Enzo contou na quarta série a Théo Martel que eu ainda chupava o dedo. O que era verdade, mas era uma coisa que eu só fazia na minha casa, longe dos olhares, ao menos era o que eu pensava. Eu estava apaixonada pelo Théo e sofri muito quando ele

começou a rir dizendo que só os bebezinhos ainda chupavam o dedo aos 8 anos.

— Muito obrigada, mas vou cuidar da minha *situação* sozinha.

Ele abre um sorriso de quem está se divertindo e pergunta:

— De qual delas? Porque agora que você falou disso, se você precisar de ajuda em outras situações, não precisa recorrer às saídas de solteiros. Posso muito bem me ocupar do seu caso.

Dessa vez minha mão larga minha caneca de café que se esmigalha no chão espalhando líquido preto para todo o lado. Mesmo assim, não reajo. Estou muito chocada com as palavras de Enzo.

— Tudo bem, senhorita Fabre? — pergunta um dos trabalhadores sentado um pouco mais longe na sala.

A pergunta me tirar do meu torpor.

— Tudo bem, sim obrigada. Só sou um pouco desastrada — respondo com uma voz trêmula demais para o meu gosto.

Enzo já pegou o papel toalha do balcão e se ajoelhou para limpar o estrago. Arranco uma folha das mãos dele e me agacho também.

Má ideia.

Ele se aproveita para murmurar no meu ouvido:

— Você nunca pensou que ser gastássemos metade da energia que usamos para nos detestar de outra forma, poderia ser explosivo?

É nesses momentos que o corpo humano reage de maneira muito estranha. Meu cérebro protesta: *Prefiro morrer!* O resto do meu corpo arrepia. Uma sensação agradável percorre minha coluna. Felizmente, sou uma garota que age com a cabeça.

— Oi?

Enfim, o que eu queria realmente dizer era algo do tipo: *Mas você está completamente louco ou só nos seus sonhos,*

mas parecia que a minha habilidade de comunicação estava com defeito.

Enzo sustenta meu olhar e me sinto corar até a ponta das orelhas. Estou com calor, tenho vontade de fugir e, no entanto, estou incapaz do menor movimento. Ele sorri e declara:

— Eu já pensei no assunto.

Informação demais. Meu coração bate a toda velocidade, minhas palmas estão úmidas, preciso escapar.

Me levando em um pulo, quase perdendo o equilíbrio enquanto ele se levanta com a graça de um felino. Cuspo:

— Você se acha engraçado por me dizer esse tipo de coisa? Ainda mais no trabalho?

Ele ri. Minha raiva o faz rir, o que me deixa ainda mais irritada.

— É assédio sexual, vou falar com os recursos humanos!

Eu o ameaço apontando o indicador para ele. Ele não parece se abalar.

— Você vai mesmo contar isso ao Sébastien?

Sua expressão mostra que ele nunca achou que eu fosse cumprir a ameaça. De fato, não estamos em uma empresa multimilionária, aqui não tem departamento de recursos humanos. Esta função é, em parte, cumprida pelo Sébastien e por mim, na parte mais administrativa. Então, como abrir uma reclamação comigo mesma é impossível, só resta o meu cunhado. E claramente não vou discutir isso com ele.

Rumino minha raiva. E digo antes de me virar:

— Não se aproxime de mim!

Eu me retiro o mais rápido que posso, sem nem olhar para ele. Tenho muito medo do que posso ver nos olhos dele.

Atravesso a adega a toda velocidade, a cabeça baixa principalmente para não precisar falar com ninguém. Acho que seria incapaz de papear com um dos meus colegas

como faço sempre ao chegar de manhã. Só tenho uma ideia na cabeça: me enclausurar na solidão do meu escritório para recuperar meu ânimo. Mas, para o meu azar, hoje nada parece funcionar corretamente. Entro de súbito em colisão com um torso e quase caio inteira no chão. Para minha sorte, alguém me ampara a tempo. O cheiro de colônia me confirma a identidade de meu salvador misterioso antes mesmo que eu tenha tempo de ver seu rosto. É Tristan.

— Ei! Para onde você vai fugindo assim? — ele me pergunta rindo.

Não estou com humor para piada e resumo tudo em um olhar. Ele se espanta com a minha reação, mas acrescenta sem tato:

— Uau! Alguém ainda não bebeu o café?

É a gota d'água. Ou, neste caso, do café.

— Mas vocês todos decidiram me irritar hoje de manhã — grito.

Tristan arregala os olhos. Sei que não costumo dar chilique, nem ser grosseira, mas ele me olha como se eu tivesse acabado de dizer que, na verdade, sou uma assassina de aluguel. Não gasto muito tempo com ele e sua estupefação, e sigo meu caminho em direção ao meu escritório com passos rápidos. Mas rapidamente me dou conta de que o enólogo me segue. Falo com ele por cima do ombro:

— Se eu fosse você, manteria distância.

Ele não responde. Quando passo pela porta, me apresso em fechá-la, mas ele se esgueira antes que eu possa bater a porta na cara dele.

— Você é pior que um sanguessuga — cuspo.

Ele se contenta em sorrir para mim e se instalar na cadeira de visitante em frente à minha mesa. Ele cruza as pernas de maneira relaxada, o tornozelo sobre o joelho. Seus cotovelos pousam sobre as coxas e suas mãos se juntam na frente dele. Ele está esperando alguma coisa. O que? Não faço a menor ideia.

Me deixo tombar em minha cadeira, suspirando. Mas não digo nada.

— Já estabelecemos que você está de mau humor. Gostaria de me dizer por quê? — ele pergunta.

Não sei se ele é tão grudento na vida amorosa, mas tenho pena de suas conquistas. Finjo ligar meu computador. Talvez se eu não o responder, ele vai largar o osso e ir embora. Mas não, ele espera.

— Você não tem coisas para fazer? — esbravejo.

— Coisas mais interessantes do que te torturar com as minhas perguntas? — Ele finge refletir antes de responder: — Não.

Suspiro de novo.

— Segundo você, quem é que pode me deixar de mau humor apenas com sua presença?

— Como eu espero que não seja eu, vou apostar no nosso sexy mestre de adega Enzo.

— Bingo. Você pode me deixar sozinha agora.

— Não antes de saber o que foi que ele fez desta vez. Olhar vocês dois no pescoço um do outro é melhor do que qualquer programa de televisão. Tem uma tensão sexual, é cativante.

Uma tensão sexual?

— Não começa você também.

Ele abre um sorriso satisfeito que lhe faz parecer o gato da Alice.

— Então é isso? Vocês finalmente chegaram aos finalmente?

— Nunca!

Tristan aperta os olhos como ele estivesse tentando resolver um enigma. Então ele teoriza:

— Se não foi esse o caso, um de vocês fez uma proposta indecente ao outro. Apostaria nele, pois você é muito teimosa para isso.

Zombo dele ao respondê-lo desdenhosamente:

— Você perdeu uma carreira como astrólogo.

Ele parece satisfeito e principalmente orgulhoso de si mesmo.

— Então, o que você respondeu para ele? Você o levou entre duas barricas para uma rapidinha?

Ele levanta as sobrancelhas de maneira sugestiva.

— Você realmente não está bem. Na adega? Onde qualquer um poderia nos ver? Sem contar que um ambiente escuro e úmido não grita sexy no meu vocabulário.

— Mas você não negou que alguma coisa aconteceu. Tudo bem, a adega não é a sua. Você prefere o depósito de limpeza? A copa? Não me diga que vocês foram para o escritório do Sébastien?

Sinto que ele está se divertindo.

— Tristan, eu digo e repito quantas vezes forem preciso para que seu pequeno cérebro loiro entenda: nunca haverá nada entre Enzo e eu. A gente se odeia. É impossível. Já se dê por contente que um de nós dois não foi acusado do assassinar o outro.

— Por quê? Ele não te agrada? Você poderia ao menos admitir que ele é um belo rapaz, não?

— A aparência dele não conta. Enzo pode ser o homem mais bonito que já vi, eu o odiaria do mesmo jeito.

— Então, você admite ao menos que ele faz seu tipo — declara o enólogo que, ao que parece, decidiu que não iria se dar por vencido.

Eu lhe dou o mesmo olhar que lançava para a minha irmã Lena quando ela era mais jovem e me irritava com suas infantilidades. O que só faz ele abrir um sorriso maior. Tudo porque acabo de confessar, mesmo que indiretamente, que me sinto atraída fisicamente por Enzo. Mas não é nada excepcional, qualquer mulher, com olhos capazes de enxergar, teria dificuldade de negar que ele é atraente. Com seu físico mediterrâneo: pele morena, cabelos e olhos pretos, maxilar quadrado com a sombra leve de uma barba, ele encarna o homem em todo seu esplendor. Entretanto, não me deixo levar pela embalagem sedutora. Afinal, o sal e

o açúcar se parecem muito, no entanto só um deles serve para colocar no bolo.

— Você não tem trabalho para fazer? — sugiro ao meu colega.

Ele se levanta e acredito que eu finalmente me livrei dele.

— Tenho e é melhor eu parar de te encher por agora.

— É muito gentil da sua parte, obrigada — respondo com um tom sarcástico.

— Mas quero estar por dentro da evolução da situação do Deluca. Então, não se surpreenda se eu passar por aqui nos próximos dias.

— Não terá nenhuma evolução na situação, a não ser quando ele cansar, e enfim ter a boa ideia de ir trabalhar em outro lugar.

Tristan emite uma fungadinha zombeteira e desaparece pelo corredor. Penso no que acabei de dizer. De fato, a solução será que um de nós não trabalhe mais aqui. A gente se veria com menos frequência, talvez nunca, pois a gente se cruza muito pouco fora do *Domaine*. Poderia enfim reencontrar minha tranquilidade.

O problema é que não tenho a menor vontade de sair daqui. Tão surpreendente quanto possa parecer, gosto do meu trabalho no *Domaine*. Além disso, a Laetitia conta comigo. E não é como se eu tivesse outra oportunidade. Preciso que seja Enzo a ir embora. Fico com esta ideia na cabeça por uma boa parte da manhã. Mesmo sem pensar diretamente nisso, me vejo consultando vagas de emprego no horário do almoço. Deve ter uma vinícola que esteja procurando um mestre de adega.

CAPÍTULO 15

Léonie

— Boa noite, Loraine!

Tento assumir um tom bem cordial e simpático para deixar a minha colega no melhor humor possível. Depois de uma segunda aula, completamente insípida, acho que vai ser preciso que eu intervenha.

Ela me cumprimenta com empolgação e constata:

— Você chegou cedo.

— Sim, acho que, talvez, seja de bom tom que a gente converse um pouco antes da aula. As duas primeiras me permitiram ver o jeitão do curso e analisar a sua forma de ministrar...

Ela levanta a cabeça da folha que estava consultando. Concentro minha coragem:

— Tenho algumas sugestões a fazer...

Tenho a impressão de estar pisando em ovos. Além disso, a expressão que surge no rosto dela deixa bem claro que minha introdução ao assunto já foi o suficiente para alterar seu humor para a pior.

Não se deixe abalar, Léonie.

Decido, no entanto, começar devagar, e não fazer uma revolução logo de cara.

— A gente poderia fazer exercícios de respiração e de articulação para começar a aula?

Ela me olha com uma cara de dúvida. Eu, que pensei tantas vezes nesta conversa, imaginava que minhas

propostas seriam recebidas com um pouco mais de entusiasmo. Este certamente não é o caso.

— Não vejo bem porque fazer isso, mas se você quer fazer, tudo bem — ela responde sem grande motivação.

— É bom que eles aprendam a respirar corretamente para conseguir projetar a voz e, além do que, os exercícios de articulação permitem melhorar a dicção. Eles precisam disso se vamos fazer uma apresentação digna de...

Ela nem espera eu terminar, me cortando logo:

— Não tem apresentação, Léonie.

Não tem apresentação? Isso é uma ducha de água fria.

— Mas, mas...

Balbucio, surpresa com a bomba que ela acaba de lançar.

— Mas se eles não vão fazer um espetáculo, qual é o objetivo desse curso?

Loraine franze as sobrancelhas e me olha como se eu fosse idiota. Ao mesmo tempo, posso entender que ela esteja com o ego ferido, minha pergunta deixa subentendido que seu curso não serve para nada.

— Bem, é pelo prazer de conhecer as peças, de nos encontrarmos semanalmente... sei lá, cada um tem suas próprias motivações.

Fecho a boca, me impedindo de responder alguma coisa que só faria piorar a situação. Mas estou decepcionada. Também é um pouco culpa minha, me engajei nesse projeto sem fazer muitas perguntas. Ao mesmo tempo, não me arrependo. Acho que posso acrescentar alguma coisa e o teatro continua sendo a minha paixão. Então, tem que ter uma maneira de tornar essa aula mais divertida. Vou pensar sobre isso e, principalmente, analisar como propor mudanças para Loraine com calma. Nesse meio tempo, um passo de cada vez. Já ganhei os exercícios de articulação e respiração, por hoje é o suficiente.

Quando todos os alunos chegam, anuncio minha ideia antes mesmo que Loraine possa dizer qualquer coisa. Todo mundo aceita com entusiasmo. Peço-lhes então para se levantarem e começo com alguns exercícios básicos de respiração. Depois, encadeio com os de articulação. Alguns minutos depois, os *bra bre bri bro bru* e outros *trava línguas* ressoam pela sala. Mas depois de dez minutos, sinto que o tempo que me foi disponibilizado chega ao fim. Loraine continua com a leitura, dessa vez, de *Fedra*. Mais uma vez, não o que eu teria escolhido para iniciantes, mas não faço nenhum comentário sobre o assunto.

Constato sem muita surpresa que o número de participantes caiu em relação às duas primeiras aulas. No final da aula, os alunos me cumprimentam e dois deles me agradecem pelos exercícios do início, tudo isso sob o olhar atento de Loraine. Esta espera a partida deles e admite:

— Não foi ruim o que você fez. Devemos continuar assim na sexta-feira.

Ela parte em seguida para o depósito, me dando a entender que a nossa conversa acabou. Mas também não preciso de mais. Já estou muito feliz de ter seu aval para continuar com os exercícios. É com o coração leve que eu saio da sala.

Diante da porta, encontro Joy, uma de nossas alunas que ainda está na escola. Ela parece estar esperando alguém. Ela não participa muito durante o curso, entretanto, ela não me parece ser do tipo tímida, tenho a impressão de que ela vem para cá por obrigação. Eu deveria ir para casa, mas alguma coisa me leva a falar com ela.

— Está esperando alguém? Você precisa que eu te leve a algum lugar?

Ela tira o nariz de seu telefone, no qual ela estava digitando, e me olha com chateação.

Adolescentes...

Não esqueça, Léonie, você também foi assim.

— Estou esperando meu pai, ele vai chegar logo.

Eu deveria aquiescer e partir para o meu caminho, mas não consigo evitar perguntar:

— O que achou da aula?

Ela dá de ombros e observa o celular, de certo esperando que ele comece a tocar para salvá-la da nossa conversa.

— Como uma aula de teatro — ela acaba por dizer.

Isso me diz muita coisa. Mas, ao mesmo tempo, eu esperava o que? Que ela faça uma condenação às técnicas de ensino de Loraine?

— Por que você se inscreveu no curso?

— Foram meus pais, queriam que me ocupasse durante as férias.

Ela faz uma cara de aborrecida, mas alguma coisa me diz que tem mais nessa história. Logo descubro que estou certa quando ela acrescenta:

— É verdade que você atuou em peças em Paris?

— Verdade. Apenas em produções pequenas, mas fiz algumas coisas bem legais.

Não vou mentir para ela fazendo-a acreditar que sou mais do que sou.

— Como é estar em cena?

Sua pergunta me surpreende. Vejo um pequeno brilho no fundo de seus olhos. Tento ser o mais honesta possível em minha resposta:

— É ao mesmo tempo magnífico e apavorante. É se colocar nu ao mesmo tempo que se esconde na história de outra pessoa.

— Deve ser ótimo receber aplausos do público — ela diz sonhadora.

Ela enfim abandona a expressão irritada.

— É excelente mesmo. Mas o teatro é mais do que isso.

Não tenho tempo de discursar. Um carro para na nossa frente e Joy me indica que é seu pai. Antes de entrar no carro, ela se vira na minha direção, me dá um sorriso tímido além de um pequeno aceno com a mão.

Sei que ela estará na próxima aula. E sinto uma responsabilidade repentina. Quero que ela tenha vontade de vir, não quero que ela se decepcione. É por isso que penso que precisamos oferecer mais do que uma simples leitura insípida de peças. Preciso negociar com Loraine e achar uma forma de montarmos um espetáculo.

Meu telefone vibra na minha mesinha de cabeceira. O nome da Victoire aparece na tela. Por um instante, penso em deixar sua chamada sem resposta. Mas, conhecendo a figura, sei que ela vai continuar me ligando até que eu atenda.

— Então, como vai a vida de sulista?

Antes mesmo que eu tenha tido tempo de responder a pergunta, ela continua:

— Não, não responda essa pergunta. Sei que seu humor depende do grau do bronzeado da sua pele e, pelas últimas fotos que você postou nas redes sociais, você deve estar em plena forma!

Rio e ela também.

— Não tenho do que reclamar, confesso.

— Bom, quando você vai trazer essa bundinha bronzeada para o cinza parisiense?

Boa pergunta. Nestes últimos dias, a ideia de voltar a capital para visitar meus amigos ou ir a uma peça não me passou nenhuma vez pela minha cabeça.

— Não sei.

— Talvez eu tenha um motivo para você pegar o primeiro avião — ela me informa.

De repente, minha curiosidade está atiçada.

— Você se lembra de Albin Duprey, aquele diretor que teve um sucesso monstro ano passado com uma adaptação de *Jogo do Amor e do Acaso*^[2]?

— Lembro.

Como não se lembrar? Os jornalistas só falaram dele durante meses. Ele estava em todos os canais de televisão, o que é excepcional. As peças clássicas são menos divulgadas fora da bolha do teatro.

— Ele está montando uma adaptação de *Tartufo*^[3]. Consegui essa informação por um amigo que conhece ele. Ele decidiu só escolher atores pouco conhecidos do grande público. Os testes vão começar no verão. A peça vai estreiar no ano novo. Achei que poderia te interessar.

Com esse anúncio, meu coração dá um pulo de empolgação.

— E por que você está me ligando para me contar? Você não vai fazer o teste?

Não sou boba, Victoire não me ligaria se, por um único instante, ela achasse que eu conseguiria um papel que ela estava de olho. Ela dá um riso seco.

— É o tipo de peça com figurino de época, não é a minha praia. E sei que você, ao contrário de mim, ama isso.

Ela tem razão, amo o teatro clássico. Molière em particular. Então atuar numa adaptação de *Tartufo* é tipo um sonho para mim.

Conversamos por mais alguns minutos. Ela me dá mais informações sobre o teste, em seguida batemos papo sobre tudo e nada. E, claro, ela investiga minha vida amorosa, ou melhor, a falta dela. Não tenho vontade de falar sobre isso com ela, mas percebo que não tenho nenhum problema em falar desse tipo de assunto com as meninas do *clã das solteiras que não queriam ser*, mesmo que as conheça há pouco tempo. O que Victoire e eu temos em comum é a paixão pelo teatro, mas acho que nossa amizade se limita a isso. É um pouco triste pensar nisso, ainda mais sabendo que ela é a pessoa mais próxima de mim nestes últimos anos. Após conversarmos algumas banalidades, desligo.

Esta noite, tenho dificuldade em pegar no sono. Não paro de pensar na informação da Victoire. Tudo bem que ainda seria preciso que aceitassem me receber para o teste, mas a minha parte sonhadora não para de repetir para si mesma: e se for a oportunidade que eu espero desde sempre? Não perco nada em tentar. A não ser, talvez, receber a enésima recusa. Será que eu estou pronta para encarar essa? Ou será que seria melhor para mim deixar minha carreira de atriz no gelo durante algum tempo? Por outro lado, se me escolherem para o papel, vou ter que deixar Cadenel mais cedo do que o previsto. Acho que teria tempo para achar alguém para me substituir e treinar essa pessoa antes que os ensaios comecem, mas sei que Laetitia ficaria decepcionada. Então, é com a cabeça cheia de perguntas que fico revirando na cama uma boa parte da noite. Quando já é quase dia, tomo a minha decisão: vou tentar minha sorte.

CAPÍTULO 16

Léonie

Pela primeira vez na vida, Enzo parece ter escutado o que eu disse. Já faz alguns dias que só cruzei com ele de longe. É preciso dizer que os lugares que ele frequenta no *Domaine* são principalmente os vinhedos e a adega de fermentação, enquanto eu ando nos escritórios, na adega de degustação e nas salas de recepção.

Tinha tudo para ser um dia relativamente calmo, só tinha um compromisso com um fornecedor que viria fazer o reconhecimento para um futuro casamento e alguns orçamentos que me esperavam. Até a visita de Tristan no início da tarde. Ele estava com a pele acinzentada, os olhos cheios de olheiras e a mão pousada em seu estômago.

— Ui, você não está com uma cara boa — constato dando a volta em minha mesa para ir ao seu encontro.

— Não se aproxime — ele protesta levando sua mão livre na sua frente em forma de barreira. — Estou passando mal.

— Estou vendo. Vai pra casa se recuperar.

Ele sacode a cabeça para aquiescer. Antes de partir, ele me pergunta:

— Você pode cuidar da degustação das 15 horas? Todos os detalhes estão no folder embaixo do bar.

Confirmo que vou substituí-lo. Nunca fui responsável por uma dessas sessões, mas já vi Tristan dezenas de vezes desde que cheguei ao *Domaine*. É um grupo pequeno, basta apresentar os vinhos, os fazer degustar, os interrogar sobre

os aromas que eles sentem no palato e no nariz. Nada de muito complicado quando se conhece os vinhos da propriedade e me tornei especialista no assunto nestas últimas semanas, até porque o enólogo não perde uma ocasião de me interrogar.

Prometo me encarregar do próximo grupo e avisar ao Sébastien da sua ausência.

Um pouco mais tarde, me familiarizo com o documento. Se trata de uma despedida de solteiro. São frequentes no *Domaine*. A maioria escolhe alugar bicicletas e percorrer as diferentes propriedades vinícolas de Cadenel com degustações a cada parada. Está na moda e isso nos permite apresentar nossos vinhos. O objetivo sendo que os participantes façam uma encomenda antes de sair, que nós entregaremos em domicílio. Os pequenos bagageiros das bicicletas não são super adaptados para o transporte de caixas de garrafas. E o estado de embriaguez de alguns participantes às vezes também não é verdadeiramente compatível.

Tristan já escolheu os vinhos que serão degustados pelo grupo. Estão listados no documento. Como meu colega é alguém muito organizado, ele tem fichas para cada rótulo e safra. Eu as consulto para ter certeza de não esquecer de nada.

Alguns minutos depois, vejo o grupo chegar de bicicleta. O recepcionista do *Domaine* os recebe e pede que guardem suas montarias no lugar específico que foi instalado há alguns meses. Eles são apenas oito, mas se alguém me falasse que eram cinquenta, pelo barulho eu acreditaria. Os risos ecoam, eles falam alto. Alguma coisa me diz que eles não usaram a cuspidreira em nenhuma das visitas precedentes. Mas quem poderia culpá-los? Os vinhos da região são muito bons para serem cuspidos.

Entretanto, assim que o pequeno grupo passa pelas portas da adega, sinto que não vai ser um trabalho fácil. Eles estão bem bêbados e já sei como vão se comportar durante os próximos minutos: com uma grosseria irritante.

Um deles já começa me sacando dos pés à cabeça antes de dar um assobio que pretende ser de apreciação. Tenho a impressão de ser considerada um objeto, algo muito bonito que deve ser admirado, é verdade, mas ainda assim um objeto. Um arrepio desagradável percorre minhas costas. E é neste momento que um de seus amigos se permite declarar sem nem mesmo tentar ser discreto:

— Fala aí, não tivemos a mesma recepção nos outros vinhedos.

Um dos outros homens lhe dá uma cotovelada, a fim de lhe fazer calar a boca. Finjo não ter entendido. Coloco um sorriso artificial nos lábios. Não o que uso no dia a dia, mas sim meu sorriso de palco. O que eu trabalho diante do espelho.

— Boa tarde senhores. Bem-vindos ao *Domaine des Manons*.

Escuto uma risadinha. Sim, eles estão alegres demais para que seja natural. Entretanto, não sou eu que vou incentivar a abstinência alcoólica. Fico parada esperando que eles se acalmem, e finjo que não foi comigo. Só então continuo o trabalho:

— Qual de vocês é o noivo?

Um loirinho dá um passo à frente enquanto alguns de seus amigos apontam para ele. Ele se apresenta. Parece estar um pouco menos afetado pelo álcool que os outros. Ou talvez esconda melhor. Pelo menos, ele me olha nos olhos quando fala comigo, diferente de um dos amigos que está perto dele.

— Proponho começar por uma pequena visita à adega — declaro convidando-os a me seguir.

Nós só demos alguns passos em direção a adega e eu maldigo a roupa que escolhi vestir hoje. Estou usando uma

saia cujo comprimento é bem decente, mas que molda as minhas formas. E tenho a sensação desagradável de que vários pares de olhos estão colados na minha bunda. Depois de passar pela porta da adega, me asseguro de me instalar com as costas para a parede. Se vou ser olhada como um pedaço de carne vulgar, prefiro que seja feito de frente.

Mantenho uma atitude profissional e lhes apresento as barricas nas quais são criados os nossos *cuvées* mais prestigiados. Eu lhes dou algumas informações sobre a maneira como a vinha é tratada para permitir a produção de um vinho de qualidade. Rapidamente me dou conta de que minhas explicações sobre nosso trabalho de preservação da fauna e da flora, para garantir a boa saúde da terra, os aborrece mais do que qualquer coisa. Me contento então em seguir o roteiro de visita para o público, lançando aqui e ali generalidades. Cruzo com Enzo e Sébastien perto das prensas que são usadas para a fabricação do rosé. Eles estão muito absortos no trabalho para realmente prestar atenção ao nosso pequeno grupo. Eles se contentam em nos cumprimentar de maneira distraída. De todo jeito, duvido que um dos participantes do meu pequeno grupo tenha questões pertinentes a fazer para o nosso proprietário ou mestre de adega.

De volta à adega de degustação, estou mais relaxada. Me posiciono atrás do bar, o que ergue uma barreira entre mim e os homens. Eles logo escolhem os lugares nas banquetas e se sentam. Por isso, digo a mim mesma que talvez vá ser um pouco mais simples agora que eles terão alguma coisa para beber.

Coloco no bar cestinhos com biscoitinhos aperitivos. Não os fará mal beliscar alguma coisa, mesmo que os pobres biscoitos *crackers* não tenham a capacidade de absorver todo o álcool do sangue deles. Tinha preparado o *cuvée* de 2013 do nosso tinto antes que eles chegassem. Pego o

decanter e os sirvo um por um enquanto falo do cabernet-sauvignon e do Syrah que o compõem. Eu os peço para sentir o líquido de bela capa grená. Quando os peço para citar os aromas que puderam identificar, eles se lançam em um festival de asneiras. Aqui, onde os amadores distinguem em geral notas de frutas vermelhas, violeta e alcaçuz, eles listam coisas absurdas como óleo de drenagem, bacon e molho de tomate. Isso sem contar as respostas obscenas. Respirando fundo, mais uma vez fazendo de conta que não ouvi nada, sugeri que explorassem com o paladar, mas nem perco tempo perguntando o que acharam. O que me parece o mais lúcido entre ele me sai com uma frase feita sobre os taninos que são fortes na boca. Ele deve ter lido isso em um manual de vinho para iniciantes ou ter ouvido mais cedo nesta tarde e achou que seria interessante repetir para fingir ser expert. O único problema é que o tinto que acabei de lhes servir não tem nada de tanino.

Os minutos que se seguem me parecem intermináveis. Bem que eu gostaria de culpar Tristan por ter me passado seu bando de grosseirões, mas ele não podia saber que seria desse jeito. Olho para o relógio e lhes faço ver de maneira não tão sutil que eles devem partir se não quiserem se atrasar para a próxima visita.

Eu os cumprimento, os primeiros apertam a minha mão em forma de despedida, mas um deles tenta se despedir com um beijo. Gentilmente, o mando pastar e, para minha sorte, ele não insiste. Quando chego ao último, o que se permitiu assoviar para mim na chegada, seus colegas já estão no pátio. Ele segura meu punho e declara:

— Você deveria vir conosco, Léonie.

Tento me soltar, o que consigo por um segundo. Mesmo que esteja embriagado, ele parece ainda ter bons reflexos e imediatamente pega meu braço de novo.

— Isso não vai ser possível. Tenho trabalho me esperando.

Meu tom é firme, a fim de fazê-lo entender que não tem nenhuma hipótese de eu ceder a sua proposta. Para meu azar, ele não parece captar a mensagem.

— Vamos, venha, vai ser legal. Nós vamos festejar depois.

— Obrigada, mas não.

— Vamos — ele insiste.

Ele puxa meu braço para que eu lhe siga e quase perco o equilíbrio. Ele não queria me derrubar, de certo pensou que, se ele se movesse sem me largar, eu o seguiria obedientemente.

O que se segue acontece em menos de um segundo. Meu braço é solto e meu atormentador se encontra achatado contra o bar por... Enzo?

— Ela disse não, imbecil. Você sabe o que não significa? — ele berra.

Fico besta diante desta intervenção repentina e o cara que se encontra sob o golpe de ira do mestre de adega também. Ele pisca os olhos e abre a boca como um peixinho dourado. Não sai nenhum som, mas não estou prestando atenção nele. Meu foco é no Enzo. Ele parece furioso. Já o vi com raiva, posso até dizer que é o estado natural dele na minha presença, mas agora é diferente e isso me inquieta um pouco. É por isso que, sem refletir, coloco a mão em seu antebraço.

— Calma, Enzo.

Ele vira a cabeça em minha direção, e agora tenho a impressão de que ele me culpa. Isso me irrita. Que eu saiba, não fiz nada. Então ordeno:

— Solta ele.

Os homens do grupo vão voltar para procurar o amigo a qualquer momento. Não é o momento para eles entrarem aqui. Não sei como eles interpretariam essa cena e não quero que as coisas saiam do controle. Me culparia se tiver que sacrificar uma garrafa da loja para tacar na cabeça de alguém em uma tentativa de voltar à ordem.

— Vou fazer isso quando ele te pedir desculpas.

O rapaz, que parece a ponto de borrar as calças, balbucia um pedido de desculpas. Enzo solta o aperto e o cara foge sem falar uma palavra. Já eu, quero uma explicação:

— O que foi isso?

Cruzo os braços. Enzo me olha com uma cara péssima.

— Seu pulso está vermelho — ele declara apontando com o queixo. — Ele te machucou.

Eu nem tinha percebido. E mesmo que tenha um leve rubor, não é quase nada.

— Já sou bem grandinha para me defender sozinha. Não precisava da sua intervenção, principalmente se vai dar uma de homem das cavernas.

— Talvez você preferisse que eu deixasse ele te levar — ele zomba.

— Não teria ido longe, isso eu te garanto.

— Esses caras te faltaram com o respeito durante toda a visita.

A declaração me surpreende. O que ele viu da visita? E há quanto tempo ele estava na adega de degustação?

— Eles beberam demais e deram mais trabalho do que deveria, nada demais. Já lidei com piores.

Enzo franze as sobrancelhas.

— Como assim?

Suspiro. Não tenho vontade de discutir isso com ele, ainda mais agora.

— Acredite em mim, esse tipo de situação já aconteceu antes com outras mulheres e certamente continuará acontecendo. Infelizmente, é o mundo em que vivemos. Quando se é mulher, sempre chega um momento em que a gente se vê em uma situação delicada do tipo. Então, a gente aprende a se defender.

— Isso não é normal.

— Neste ponto concordo com você. E existem vários homens que pensam parecido, felizmente. Talvez até os que

acabaram de sair dessa sala. Mas você sabe tão bem quanto eu que o álcool em geral não é uma influência muito boa sobre as decisões das pessoas.

— Se eles não sabem se comportar quando bebem, não deveriam beber.

— Você já imaginou se todos os babacas parassem de beber? Você estaria desempregado bem rápido — aponto. Mas minha tentativa de humor não alegra Enzo.

Me ocupo em arrumar os copos vazios para terminar essa conversa o mais rápido possível. Ele me observa por um instante e declara:

— Léo, espero que saiba que, apesar do fato de que você e eu temos nossas diferenças às vezes, eu nunca partiria para cima de você fisicamente. E se algum dia você se encontrar em uma situação delicada, quero que saiba que pode contar comigo.

Pouso delicadamente o copo que tenho na mão antes de levantar os olhos em sua direção. A declaração me choca. Não pela primeira parte, pois sei que nossas batalhas sempre serão apenas verbais, mas principalmente pela segunda parte. Entretanto, quando cruzo seu olhar, entendo que ele acredita de verdade em cada palavra que acabou de dizer. E não sei bem como responder a isso. Acabo escolhendo a maneira mais simples e pronuncio:

— Obrigada.

— É sincero — ele enfatiza.

— Eu sei.

Nos observamos por alguns segundos. Seu olhar escuro sobre as minhas pupilas azul-celeste. Nesta troca se diz mais palavras do que nós poderíamos pronunciar. Mas como continuamos Enzo e eu, isto logo se torna embaraçoso. O mestre de adegas limpa a garganta e muda de assunto.

— Você achou um lugar para ficar durante a viagem de seus pais?

Se isso não é mudar de alhos para bugalhos eu não entendo mais nada.

— Achei uma pessoa que aluga uma kitnet atrás no quintal da própria casa= na saída da vila. Ainda não vi ao vivo, mas não me pareceu ruim.

— Tudo bem, saiba que se você precisar, tenho um quarto de hóspedes.

Por um instante, penso que ele está brincando, então percebo que ele está falando sério. Mais uma vez, fico desestabilizada. Não entendo por que ele insiste neste assunto. Relembro a sugestão que ele fez na copa no outro dia.

— Eu... não posso ir morar na sua casa — protesto.

— E por quê?

— Precisa mesmo que eu explique?

— Não passo muito tempo em casa, a gente mal se cruzaria.

— Você não está falando sério. A gente acharia mesmo assim um meio de se atacar ainda que a gente se cruzasse um só minuto por dia. Já temos bastante motivos para pular na garganta um do outro, o fato de morar no mesmo espaço reforçaria o ódio. Não tenho energia suficiente ao acordar para brigar porque você usou a minha pasta de dente.

— Talvez você tenha razão — ele sorri.

— Sem falar no fato de que corre o risco de a sua namorada não gostar que uma mulher se mude para a sua casa.

— Minha namorada?

Ele arqueia uma sobrancelha com ar de interrogação. *Merda.* Ele vai achar que eu estou jogando verde para colher maduro. Ou pior, ele vai achar que eu talvez esteja interessada nele.

— É... acho que foi o Tristan que me falou dela.

— Tristan faria melhor mantendo a boca calada quando ele não sabe de nada. Aliás, cadê ele? Por que ele te deixou fazer a degustação? — Enzo pergunta com um tom de reprovação.

— Ele não tem nada a ver com isso. Estava passando mal e me pediu para substituí-lo pois precisou ir para casa. Ele não tinha como saber que seria assim. Mas não vamos voltar a esse assunto.

Ele coça a cabeça e suspira.

— Você tem razão. Preciso voltar para a adega de qualquer forma.

Ele dá dois passos em direção à saída e acrescenta:

— Minha proposta ainda está de pé, Léo. Se você precisar, sabe onde me encontrar.

Me abstenho de responder que não faço ideia de onde ele mora, mas me calo. Eu o vejo se afastar com um andar seguro. Só alguns minutos depois que me dou conta de que, pela primeira vez, nossa conversa não acabou com gritos ou com um de nós (ou os dois) fervendo de raiva.

CAPÍTULO 17

Léonie

— Como foi a aula de teatro? — me pergunta vovó Violette, embaralhando as cartas entre os dedos deformados pela artrite.

Suas pulseiras tilintam a cada movimento de seus punhos. Passei para lhe fazer uma rápida visita depois do trabalho. Estamos instaladas na varanda da casa de repouso, o sol ainda muito presente, mas a temperatura está agradável.

— Bem. Ah, poderia ser melhor.

— Loraine é bastante limitada em seu estilo — comenta vovó.

— Você a conhece? — pergunto espantada.

— Sim, de certa forma.

Sinto que ela evita a questão.

— O que isso quer dizer?

Vovó suspira e declara:

— Ela veio me ver quando montou o grupo de teatro, alguns anos atrás. Queria que eu a ajudasse.

— E você ajudou?

Minha avó faz um bico desdenhoso. Respondo em seu lugar:

— Deixa eu adivinhar. Você não seria uma figurante e recusou.

Vovó tem um ego enorme no que se refere a sua carreira de atriz. Eu teria dificuldade de imaginá-la se deixando receber conselhos de uma novata.

— O problema não foi que ela não me deixou ministrar o curso, é que ela não levava em conta as minhas sugestões. Me recusei a participar daquela palhaçada por mais tempo. Ao fim, entendi que ela só tinha me convidado para usar meu nome e experiência de forma a incentivar mais pessoas a participarem do curso do que qualquer outra coisa. Aliás, acho que ela está fazendo igual com você.

— Duvido que meu nome chame uma pessoa que seja, vovó.

Ela faz um pequeno barulho com a garganta que significa que estou sendo ridícula. A gente sabe muito bem, ela e eu, que não sou conhecida por ninguém aqui como atriz. Mas a minha avó é minha fã número um, então ela não suporta que eu me desvalorize.

— Alguma coisa me diz que ela também não te escuta. Aquela mulher é teimosa feito uma mula.

— Não tenho como argumentar.

— Ah, veja só, eu tenho razão. Você deveria sair de lá, Léonie, antes que seu nome se associe justamente àquela coisa ridícula que não se parece em nada com um curso de teatro digno do nome.

Já pensei em sair. Mas a imagem de Joy e de seu olhar cheio de estrelas quando comecei a contar sobre se apresentar em um palco me vem à mente. Será que posso abandoná-la?

— Acredito que se eu insistir um pouco, posso levar alguma coisa a esses alunos — declaro. — Loraine é de certo limitada, mas se eu não for muito brusca, alguma coisa me diz que talvez possa convencê-la. Vai levar um pouco de tempo, mas posso chegar lá.

Vovó Violette coloca um sorrisinho nos lábios.

— Agora reconheço a minha Léonie. Sempre tentando analisar a situação para tirar o que há de melhor dela. Você é bem melhor do que eu. Não se deixa dominar pelo ego. Só espero que você tenha paciência suficiente para seguir no projeto até ele ter sucesso.

— O tempo vai nos trazer a resposta para essa pergunta — digo filosofando.

— Mas você vai ter tempo suficiente? Até quando você acha que vai ficar em Cadenel?

Ai é o quê da questão. Espio minhas cartas distraída e respondo evitando o seu olhar.

— Não sei. Laetitia não vai demorar a dar à luz, mas ela ainda vai precisar de mim depois de parir. Então acho que ainda tenho alguns meses, tenho tempo.

Não acrescento mais nada. Um silêncio se prolonga entre nós, ainda não levanto a cabeça.

— Mas... estou certa de que tem um *mas* — insiste minha avó que me conhece muito bem.

Suspiro.

— Acabaram de me avisar de um teste de elenco. Para uma peça em Paris. Claro que nada é garantido...

— Mas você não consegue parar de pensar no caso de você ser aceita.

Concordo com a cabeça.

— Você quer participar dessa peça? — pergunta vovó Violette.

— Claro.

— Então, vá — replica ela, como se a resposta fosse evidente.

— E o que eu digo para a Laetitia?

Ela faz um movimento com a mão como se meu comentário fosse insignificante.

— Ela dá um jeito. Sua irmã é inteligente o bastante para entender que se uma boa oportunidade se apresenta, você não pode recusá-la. Ela vai achar alguém para te substituir. O que não falta é candidato para uma vaga como essa.

— No entanto, se ela me chamou, que não tinha nenhuma qualificação para o cargo, é porque não deve ter tanta gente assim.

— Não, é mais porque sua irmã se preocupa com você apesar do fato dela não saber te dizer isso. Ela fica inquieta com a sua situação, Léo. Ela não é cega, viu bem que nestes últimos meses você não estava na sua melhor forma. Achou que uma pequena volta às raízes, convivendo com pessoas que se preocupam com você, não iria cair mal.

Não tinha considerado as coisas por esse ângulo.

— Você acha? — pergunto.

— Pergunte a ela se você não está acreditando em mim. É bem a cara dela esquematizar um plano com esse. Por que você acha que ela te pediu para ser a madrinha do casamento dela no ano passado? E estou certa de que quando ela soube que o filho dos Deluca iria voltar a morar na vila, achou que seria a oportunidade dos sonhos.

— E o que ele tem a ver com isso? — resmungo.

— Léonie, todo mundo sabe que sua atividade preferida no mundo é fazer de gato e sapato esse pobre rapaz. Então, a oportunidade era boa demais para Laetitia deixar passar. Sempre achei que você fosse a mais inteligente das minhas três netas, mas acho que desta vez sua irmã mais velha te enrolou direitinho.

As palavras da minha avó ainda estão ressoando na minha cabeça quando toco a campainha da casa de Laetitia. Escuto o grito dela através da porta:

— Entra, está aberta!

Passo pela porta, atravesso a sala e encontro a minha irmã na varanda, alongada em uma espreguiçadeira. Com a barriga enorme, ela mal consegue se mover.

— Não me leve a mal se não me levantar para te cumprimentar. Não tenho forças — ela se queixa.

— Como você sabia que era eu e não um ladrão? — pergunto me abaixando para cumprimentá-la com um beijo. Ela ri.

— Você morou tempo demais em Paris, Léo. Não tenho medo de muita coisa por aqui. Além do que, vovó Violette me ligou para avisar que você viria.

— Não pedi para ela te avisar — esbravejo.

— Você sabe como ela é.

Sei. Ela adora se meter nas coisas que não é chamada...

— Porém, o que ela não me disse, foi a razão da sua vinda.

Pode-se dizer que minha irmã é direta ao ponto. Mas agora não sinto vontade de discutir o que a vovó me contou. Então respondo:

— Nada de especial. Preciso de uma razão para vir visitar minha irmã e minha sobrinha?

— A gente ainda não sabe se é menina ou menino. Não tente tirar informações de mim com truques como esse.

Falamos de tudo e de nada e, depois de um tempo, conto sobre o curso de teatro.

— Por que vocês não organizam o espetáculo aqui? — pergunta Laetitia.

— Você está falando sério?

— É claro, senão não teria te proposto. Sei que você não brinca quando o assunto é teatro. Além do que, estou certa de que Sébastien não se oporia a ideia.

Não sei nem mesmo porque não tinha pensado nisso. É verdade que o *Domaine* tem várias salas, uma das quais poderia muito bem ser adaptada com um palco. Já se utiliza ela, de tempos em tempos, para espetáculos.

— Talvez vocês poderiam organizar isso antes do início da colheita. Vai animar um pouco o *Domaine*.

Nós trocamos ideias. Tenho a impressão de que Laetitia está tão empolgada com esse projeto quanto eu. Depois o assunto da conversa vira o bebê, só restam algumas semanas, ou dias, antes da sua chegada e tenho a impressão de que minha irmã está ansiosa. Posso compreendê-la: com esse calor, também não ia querer ter meus tornozelos do mesmo tamanho das minhas coxas.

Quando meu cunhado chega de mais um dia de trabalho no *Domaine*, Laetitia não perde um segundo antes de lhe propor minha ideia. Não sei se porque ele adora agradar minha irmã ou se está realmente animado com a proposta, ele aceita de imediato. Parece que a possível apresentação de teatro acaba de ter uma chance de ver a luz do dia.

CAPÍTULO 18

Léonie

O terceiro domingo de julho é sempre um evento no *Domaine des Manons*: é a festa anual da vinícola. Durante o dia inteiro reina uma atmosfera especial. Os habitantes de Cadenel e arredores se encontram aqui para degustar os vinhos cultivados nesta terra excepcional. Tal como um parque de diversões, a festa conta com várias atrações além das visitas às adegas e espaços do vinhedo. É o primeiro ano que eu trabalho no evento, e não só isso, também estou responsável pela organização do dia. É claro que Sébastien me deu uma mãozinha, mas ele tem outras responsabilidades então a maior parte sobrou para mim. Felizmente, Laetitia estava disponível para me dar conselhos quando eu tinha dúvidas.

Acordei passando mal. Sinto uma mistura de empolgação e medo, já imaginei dezenas de cenários catastróficos na noite anterior e só espero que nenhum deles se concretize.

Chego no *Domaine* bem mais cedo do que de costume, a maioria dos empregados que foram escalados para este dia nem mesmo chegaram. É a primeira vez que vejo o ambiente quase deserto. Normalmente, aqui reina uma animação constante. Entre os trabalhadores que tomam conta das vinhas, os da adega e do armazém, aqueles que cuidam do pomar, os que são da loja ou do escritório, sempre tem alguém. Mas agora, reina a calma. Até as cigarras que cantam a todo o pulmão nos grandes pinheiros

do pátio ainda estão silenciosas. Amo este momento, a calma antes da tempestade. Tiro alguns minutos para saborear. Fecho os olhos, me deixo embalar pela natureza que acorda. Perdida em meus pensamentos, nem mesmo escuto que tem alguém se aproximando de mim.

— Também adoro esse momento do dia — declara uma voz grave.

Estremeço de leve com a surpresa e abro os olhos. Enzo está na minha frente. Ele está de jeans como de costume, só que este parece novo. Sua camisa é azul-celeste, as mangas estão enroladas em seus antebraços, de certo por causa do calor implacável. Sua barba, sempre presente, está bem aparada. O boné não é parte do uniforme de hoje. Desde que voltei a Cadenel neste verão, me desacostumei a ver Enzo mais arrumado. E como a minha boca às vezes funciona antes mesmo que meu cérebro possa refletir, declaro:

— Vejo que você se esforçou no visual. Fica bem em você.

As ruguinhas nos cantos dos olhos dele ficam aparentes, ele parece estar se divertindo.

— Alguém mandou uma circular que falava que devíamos estar apresentáveis para o dia de hoje. Só estou seguindo as regras.

Este alguém fui eu. Ele acrescenta:

— Para você não deve ter sido complicado, você está sempre impecável.

Impecável. É bom estar impecável, não? Então por que estou um pouco decepcionada com o comentário? Refuto a vozinha no fundo de mim que diz que é porque eu teria preferido alguma coisa mais pessoal. Teria apreciado se ele tivesse dito que sou bonita ou elegante. “Impecável” é o que se diz sobre a arrumação do quarto em um hotel, ou sobre o uniforme de um militar. Um comentário que significa apenas que você fez um bom trabalho, de algum jeito. Tento esquecer minha decepção com uma pergunta profissional:

— Tudo pronto na adega para a visitação?

Enzo me observa com as mãos enfiadas nos bolsos e responde:

— As coisas estão prontas. Eu que não tenho certeza se estou.

Me espanto com o comentário. Enzo não é do tipo que demonstra não ter confiança em si mesmo. Aliás, um pouco de humildade em alguns momentos não lhe faria mal.

— Como assim?

— Falar em público, ao contrário de você, não é o meu forte.

Me recordo dos meus primeiros dias no *Domaine*, quando ele me levou para visitar a adega e que me deu todas as explicações sobre os vinhos que se cultivava ali. Lembro a ele deste momento:

— Se você falar com o público sobre os vinhos com a mesma paixão que falou comigo no meu primeiro dia aqui, vai dar tudo certo. Você é um profissional, as pessoas não estão aqui para te fazer perguntas pegadinhas, elas só querem saber um pouco mais sobre as safras preferidas delas. Estou certa de que você vai se sair muito bem.

Meu pequeno discurso de encorajamento surpreende até a mim mesma. Afinal, estou falando com o Enzo. Nossas conversas não têm nada de benevolente em regra geral. Ele sorri para mim e trocamos um olhar. É intenso, não sei mais o que está acontecendo, existe meio que uma eletricidade no ar. Entretanto, continua fugaz. Antes que eu tenha tempo de traduzir em palavras, ele declara:

— Preciso ir para a adega, os rapazes não vão demorar a chegar.

Concordo com a cabeça. É isso, as pessoas vão chegar daqui a pouco, é tempo de arregaçar as mangas. Mesmo assim, fico plantada aqui, vendo meu aqui-inimigo se afastar. Será que ainda posso mesmo considerá-lo inimigo? Tenho a impressão de que nossa relação melhorou nestes últimos dias. A prova: acabamos de ter uma conversa de

adultos: sem gritos, sem ameaças, sem sarcasmo ou quase isso.

Enzo chega na porta da adega, segura a maçaneta, mas, no momento em que espero vê-lo desaparecer, ele vira a cabeça em minha direção. Por quê? Não faço a menor ideia. Resolvo me mexer e ir para o meu escritório o mais rápido possível. Tenho a impressão de que, se eu continuar aqui, ele vai se dar conta do que se passa na minha cabeça. E não tenho certeza se quero que isso aconteça.

O dia está a todo vapor. A música soa no ar, risadas pelos quatro cantos, todo mundo com uma cara feliz. Estou correndo para todos os lados desde de manhã, mas estou feliz. As pessoas estão se divertindo e recebi inúmeros elogios. A festa ainda está longe de terminar, mas já posso dizer que foi um sucesso.

Passo perto do bar instalado para a ocasião debaixo dos plátanos. Tristan e sua equipe estão atarefados servindo os cadenelenses sedentos. É então que gritam meu nome:

— Léonie!

Me viro na direção do chamado e descubro que são as minhas amigas: Elena, Oriane e Romy.

— Venha tomar uma taça com a gente! — me ordena a padeira ruiva.

Me aproximo e as cumprimento.

— Vocês sabem que estou trabalhando?

Só estou metade brincando. É verdade, estou no trabalho, mas quase não parei desde hoje de manhã. Me sentar por alguns minutos com minhas amigas não vai matar ninguém. Principalmente a mim.

Mal pousei minha bunda na banquetta quando um copo de rosé bem fresco aparece na minha frente. Tristan declara:

— Toma, você merece muito.

Agradeço meu colega que se dirige em seguida às minhas amigas com um sorriso luminoso.

— E para vocês, senhoritas? A mesma coisa?

Elena cora como uma adolescente. Parece que ela está sob o charme do enólogo. Ela murmura um sim para responder à pergunta dele.

— Muito bem — confirma Tristan com uma piscadela.

Que galanteador esse aí. Quando ele se afasta, Oriane comenta em voz baixa:

— Acho que ele está encantado pela nossa pequena Elena.

Pigarreio e tento cortar logo as ilusões da policial:

— Não quero ser a estraga prazeres de plantão, mas o Tristan flerta mais ou menos com tudo o que se move. E não tenho certeza se a Elena faz o tipo dele.

Para meu azar, esta última ouviu meu comentário.

— Como assim não faço o tipo dele? — ela repete, ofendida.

Eu faço sinal para falarmos mais baixo. Não quero que meu colega me ouça:

— Acho que o Tristan não se interessa de verdade por mulheres — digo em voz baixa.

Minhas amigas se inclinam para cima de mim, prontas para confabular.

— Como assim? — pergunta Romy — Ele é celibatário ou algo do tipo?

— Não. Digamos que ele prefira mais os indivíduos do outro sexo.

— Você quer dizer que ele é gay — exclama Oriane.

Eu a ameaço com o olhar para intimá-la a falar mais baixo. Ela continua:

— Dê nome às coisas, Léonie. Até porque, qual o problema? É para ser um segredo?

— Ele nunca saiu do armário para mim, por assim dizer — confesso. — Talvez ele não esteja pronto para que todo mundo saiba.

— Mas então o que te faz acreditar que ele é?

É uma boa pergunta. É verdade que o enólogo nunca confirmou a minha teoria, mas, ao mesmo tempo, quem anuncia suas preferências sexuais assim na lata a uma colega?

— Na semana passada, ele se maravilhou diante das minhas unhas feitas — proponho em uma tentativa vaga de apresentar uma prova.

— E daí? Existem caras que têm horror a cutículas mau cuidadas — declara Elena.

— A gente debateu os pontos positivos do gloss em relação ao batom não muito antes de anteontem — tento.

— Ah, chatonilda. Isso me lembra de um encontro que eu tive no ano passado — conta Romy. — O cara me perguntou se eu tinha um espelho na bolsa. A princípio, achei que ele tinha alguma coisa presa nos dentes, então emprestei, mesmo que, para ser franca, eu achasse que a ideia de que ele verificasse sua higiene bucal na minha frente no restaurante passasse dos limites do aceitável. O cara começou a se observar por todos os ângulos e então ele me perguntou se eu tinha pó. Perguntei: “Que tipo de pó?” Ele me olhou como se eu fosse idiota e me respondeu: “Pó matificante, é claro!” Ele achava que a iluminação fazia brilhar muito sua pele. Ele parecia em pânico total, o pobre.

— Mas então, ele era gay? Ele estava em um encontro com você, afinal — comenta Oriane.

— Não sei de nada. Eu não tinha pó. Por isso, ele começou a fazer cara feia e dizer que a gente devia mudar de restaurante. Inventei uma desculpa esfarrapada para ir embora dez minutos depois.

— Não é porque um cara entende de maquiagem que ele é necessariamente gay — contrapôs Elena. — Ele pode muito bem ter estudado estética...

— Ele é enólogo — argumento.

— E daí? Ele tem cinco anos a mais do que a gente. Ele pode ter tentado várias profissões — ela contra-argumenta.

— Podemos saber como você sabe a idade dele? — pergunta Romy com uma cara de quem suspeita de alguma coisa.

A professora se revira na cadeira e responde:

— Ele era da turma do meu irmão.

— Ah, que fofo! Essa é a hora que você confessa que ele era um amigo do seu irmão que você admirava secretamente quando ia na sua casa jogar videogame e que te ignorava porque você era a irmãzinha chata — Oriane se extasia.

Acho que ela lê muitos romances.

— A parte da irmãzinha chata você talvez tenha razão, mas pelo fato de que eu o admirava você está errada. Tristan não tinha essa aparência quando ele era adolescente. Vamos dizer que se, hoje ele é um cisne, na época estava mais para o patinho feio. Um tanto magricela, com acne muito acentuada, óculos... o pobre não tinha nada a seu favor. A adolescência pode ser verdadeiramente cruel com alguns.

— Olha quem fala — suspira Oriane.

— Me pergunto se não é mais complicado para os garotos do que para nós — comento. — Pelo menos temos maquiagem, roupas...

— Ah, mas tem garotas que não ficam muito bem de bigode — brinca Oriane.

Nós todas rachamos de rir. Eu jamais faria esse tipo de piada na frente dela. A adolescência não foi muito gentil com ela também.

— Você teve sorte nesta área — declara Romy. — Nós adolescentes queríamos todas parecer com você.

— Você está exagerando. Eu não era a mais bonita, ou a mais inteligente.

— Mas era a mais popular. Aquela com quem todos os garotos queriam sair.

— Bem, se eram tantos assim, então poucos tiveram coragem de vir falar comigo.

No final, saí com poucos meninos no colégio. A maioria parecia gostar de mim, mas com muita frequência, depois de alguns dias de flerte, sempre acabavam se afastando.

— É porque o Deluca era um cão de guarda protetor — comenta Oriane.

Sua declaração me faz levantar uma sobrancelha.

— Como assim, o Deluca era um cão de guarda?

— Bom, ele desencorajava todos os que queriam se aproximar de você.

Pisco os olhos. Não entendo de verdade o que elas querem dizer.

— Mas... como assim?

Elas trocam um olhar como da primeira vez que nós tomamos café juntas.

— É que — começa Elena —, ele contava para os caras coisas sobre você. Coisas tipo, que você tinha herpes, ou que era esquizofrênica. Ou às vezes coisas completamente bobas como que você fazia bruxaria ou colecionava insetos mortos.

Por que isso não me espanta? Canalha.

Não respondo nada, mas acho que a expressão de meu rosto fala por si. Sabia que Enzo, de tempos em tempos, contava baboseiras sobre mim, mas não pensava que era ao ponto de que todo o colégio soubesse. O que será que as pessoas pensavam de mim?

Oriane pousa uma mão em meu antebraço.

— Você sabe, a gente duvidava muito de que fosse verdade.

Romy completa:

— Sim, em especial a história do seu assim chamado sonambulismo que te levava a passear pelo bairro nua. Era grosseiro demais para ser verdade. Além disso, ninguém nunca cruzou com você para confirmar...

— Todas sabíamos que ele fazia isso para desencorajar os rapazes porque queria manter você só para ele. Aliás, só eles acreditavam nas histórias.

Rio uma risada maldosa. Desta vez, se eu fosse culpada de feitiçaria como ele quis que acreditassem, já teria a risada maligna adaptada.

— Enzo nunca fez isso para me manter só para ele. Ele só fez para me encher o saco. O que ele faz há 24 anos, então, acredite em mim, não fico espantada com isso que vocês estão me dizendo.

— Ainda acredito que, se ele se dava a esse trabalho todo, era porque se interessava por você — declara Romy. — Aliás, ele continua se interessando. Veja, logo depois que a gente chegou no *Bar de la Place* para a saída de solteiros, eu o vi indo falar com um cara que te olhava com um pouco mais de interesse. O rapaz saiu de cena sem olhar para trás.

Fico indignada ouvindo isso. Talvez porque, nestes últimos dias, eu baixei minha guarda, como hoje de manhã por exemplo. Fui muito fraca em acreditar que uma relação, não exatamente amigável, mas talvez adulta, pudesse existir entre nós. Acho que estava enganada. A guerra sempre existiu e não é hoje que ela vai parar. Aliás, vou cobrar explicações num futuro próximo. Ele nunca jogou no *fair-play* por todos esses anos, já passou da hora de colocarmos as cartas na mesa.

CAPÍTULO 19

Enzo

O dia foi longo.

Correção: o dia foi uma eternidade.

Os grupos não pararam de chegar um atrás do outro na adega. Acho que, do ponto de vista do Sébastien, ou da Léonie, isso seria um sinal de sucesso. Para mim, foi um verdadeiro calvário. Repetir dezenas de vezes a mesma coisa e responder a questões estúpidas, tudo com um sorriso, foi exaustivo. Detesto. Mas conhecendo três quartos das pessoas que vieram à adega hoje e tendo grandes chances de cruzar com elas de novo um dia, não podia nem mesmo dar uma de antissocial. Para minha sorte, é apenas uma vez por ano. Não me vejo sendo representante de vendas em nenhum momento. Não faço ideia de como a Laetitia faz o tempo todo, ou mesmo a Léonie desde que chegou. Aliás, nunca a imaginei fazendo esse tipo de trabalho. Mas, pelo que ouvi falar, ela está se saindo muito bem. Ela aprende rápido. Fico de olho às vezes quando ela conduz uma visita. Ela conhece nossos vinhos, as cepas, as safras na ponta da língua. Quase dá para acreditar que ela nasceu aqui dentro. Ela não é somente uma boa atriz (ou uma boa vendedora, afinal de contas, é mais ou menos a mesma coisa), ela investiu fundo.

Pensando na Léonie, vejo ela se aproximando. Desde hoje de manhã, quase não nos cruzamos, e o pouco que vi, ela estava sempre muito ocupada. O que é normal para o dia de hoje, considerando que ela era a maestrina do

evento. Ela está usando um vestido vermelho que lhe cai como uma luva e que valoriza suas longas pernas curvilíneas e bronzeadas. Deus sabe quantas vezes já imaginei essa parte da anatomia dela enrolada ao redor de minha cintura. Quando ela falou comigo esta manhã, eu estava, mais uma vez, imaginando um cenário como esse na minha cabeça. Surpreendido pelo meu devaneio, somado ao fato de que, por uma vez, ela não se endereçou a mim com uma alfinetada assassina de cara, tive dificuldade em respondê-la. Desta vez, enquanto ela elogiava a minha aparência (pela primeira vez na vida, apesar de ela ter se referido apenas às minhas roupas), eu acabei respondendo qualquer coisa. Algo tipo: você está sempre impecável. Um comentário típico de avaliação de hotel na internet. Eu percebi que o sorriso dela vacilou por um segundo, que ela ficou decepcionada com o meu elogio. Mas como um grande babaca que sou, não fiz nada para remediar o fato.

Sou inútil quando se trata da Léonie. Nunca soube me comportar com ela. Às vezes me pergunto se é por isso que gosto dela. Porque ela é capaz de, com um único olhar, me abalar completamente. Sou um cara seguro de si. Confio em mim mesmo. Trabalho duro e quando quero alguma coisa eu consigo. A prova: não estaria neste cargo na minha idade sem uma vontade verdadeira de realizar meus sonhos. Não quero me gabar, mas mestres de adega aos 24 anos e de um *Domaine* de tanto prestígio quanto este, não é tão fácil de encontrar. No entanto, quando se trata desta garota, ou melhor, desta mulher, pois a Léo de hoje não tem mais nada de infantil, fico completamente perturbado. Já voltei a pensar, mais de uma vez nestes últimos dias, no comentário que Jules fez na outra noite. *Talvez seja a hora de um de vocês fazer alguma coisa.* Sim, já passou da hora. Mas o que? Tenho quase certeza de que ela me detesta. Como fazer para que ela goste de mim? Penso que tenho que ir devagar. Não se transforma 24 anos de animosidade assim. Precisa paciência, e isso eu tenho. A prova é que faz mais

de vinte anos que eu espero. Agora mais do que nunca, o tempo está correndo. Já é um milagre que ela ainda esteja solteira. Mas não me iludo, vai chegar o dia em que ela vai encontrar alguém e eu terei deixado minha chance passar. Então, um gesto de cada vez, tento mostrar que mudei. Mas não é tão fácil. Nos atacarmos parece natural. Um tipo de reflexo pavloviano que é desencadeado quando ela está por perto. E bem vi que, das poucas vezes em que eu tentei me comportar de maneira diferente nestes últimos dias, ela ficou completamente desestabilizada pela minha atitude. É verdade que não sou tão habilidoso. Entre a vez em que lhe propus favores sexuais e a que lhe disse sem rodeios para vir morar comigo, não poderia ter metido mais os pés pelas mãos. Qualquer mulher sã da cabeça teria saído correndo. Quando eu a sugeri gastar nossa energia de ódio em uma atividade mais física debaixo dos lençóis, achei que ela teria uma síncope. Ela então fugiu o mais rápido que pode. Nem mesmo da vez que ela encontrou uma cobra no jardim quando ela tinha uns seis anos de idade, ela fugiu tão rápido. E não era uma cobrinha inofensiva, deixou ela tão apavorada ao ponto de ela não colocar os pés no jardim durante quase um mês. Quanto a sugestão de morar comigo, não pude calar meu instinto protetor. Enfim, *instinto protetor* sendo um eufemismo para esse sentimento primário de posse que toma conta de mim quando se fala da Léonie. Isso é o que me deixa maluco. Ela é a única mulher capaz de me colocar em um estado de espírito assim.

Ela se aproxima com passadas apressadas. Tento colocar um sorriso nos lábios, o que não é complicado, ela parece com raiva e adoro vê-la nesse estado. Sim, sei que é uma reação um tanto torta. Mas acho que, no que se trata da relação entre mim e Léo, nada é muito normal. E prefiro cem vezes vê-la partindo para cima de mim do que me

ignorando. Ela me ignorar seria a pior coisa que poderia me acontecer.

— Não consigo acreditar que você pôde fazer isso — ela declara apontando um dedo raivoso na minha direção.

Não tenho ideia do que fiz, mas gosto de ter feito se isso fez com que ela venha gritar comigo.

— O que foi? — respondo com um jeito desapegado que sei que a deixa fora de si.

— As meninas me contaram tudo. Tudo o que você inventou sobre mim quando a gente estava na escola. Por que você fez isso? — ela grita a ponto de perder a voz.

Coloco um pequeno sorriso nos lábios e a observo. Ela prendeu os cabelos em um rabo de cavalo com o elástico que vive em seu punho. Sei que ela esperou os últimos visitantes irem embora para gritar comigo. Pequenas mechas escapam, devo resistir à tentação de colocá-las atrás de sua orelha. Ela está respirando rápido, deve ter vindo para cá a toda velocidade. Seus lábios carnudos estão entreabertos. Como em todas as vezes, sonho em fazê-la explodir, mas de outra maneira. Desejo arruinar o batom que ela aplica com tanto cuidado.

— Você pode responder a minha pergunta? — ela insiste.

Eu já mais ou menos esqueci a pergunta. Sacudo a cabeça a fim de colocar meus pensamentos no lugar. Eis que me vem.

— Acho que você é capaz de entender sozinha porque eu fiz o que fiz.

A verdade é que não me vejo confessando para ela que sabotei todos os possíveis relacionamentos dela pois não suportava vê-la com qualquer outro que não eu.

Léonie cruza os braços, mas não adota uma posição defensiva como de costume. Quase como se ela quisesse se reconfortar. Seus olhos azuis estão fugidios. Ela não diz nada durante alguns segundos e quando volta a falar, mal dá para ouvi-la.

— Você fez para me encher o saco, disso eu sei. Mas o que não entendo, é porque você insiste depois de todos esses anos. Você não tem mais ninguém para atormentar? O que eu fiz de tão horrível para que você me deteste a esse ponto?

Fico abalado com o que ela acaba de dizer. Ela parece tão vulnerável de repente. Ela nunca é assim na minha frente. Ela não se deixa levar. Porém, algo me diz que, apesar de sua expressão sempre orgulhosa, ela é sensível. Mas ela usa vivacidade e bravura para ocultar a sensibilidade. Ela engana muita gente com sua atitude, inclusive eu, ao que parece.

Queria dizer alguma coisa boa. Alguma coisa que a reconfortasse. Dizer para ela que é o contrário, mas as palavras não saem.

CAPÍTULO 20

Léonie

Enzo não fala nada. Sei que ele está me observando, mas não tenho coragem de confrontar seus olhos pretos agora. Tenho medo de começar a chorar, estou cansada dessa situação e do dia de hoje, tudo somado me deixou com os nervos à flor da pele. E está fora de questão ceder na frente dele.

Eu o ouço suspirar. Ele parece frustrado. Vejo de canto de olho que ele passa as mãos nos cabelos, que já cresceram bem desde que cheguei a Cadenel. Ele até os arrumou com gel hoje. Um pouco como quando éramos mais jovens.

— Léo, a última coisa que eu queria era te fazer sofrer.

Viro minha cabeça para ficar enfim de frente para ele. Ele está me zoando. Lanço um olhar que não deixa nenhuma dúvida sobre o fato de que não acredito nele por um único segundo.

— É verdade. Está mais para o inverso — ele afirma.

Dou um riso zombeteiro.

— Mas é claro, ainda por cima me tome por idiota.

Seus olhos agora lançam raios. Isso poderia me impressionar se eu não estivesse acostumada ao Enzo com raiva. Mas, na nossa relação maluca, esse Enzo é do que menos tenho medo. O Enzo que tenta me dizer alguma coisa gentil é a versão dele que mais me apavora.

— Léo, talvez eu seja um idiota, certamente nunca soube como me comportar com você, mas não estou

mentindo. Você é...

Ele suspira de frustração.

— Você é importante para mim — ele fala isso como se tivesse feito um esforço olímpico para pronunciar estas palavras.

— Importante para você? Você está tentando me dizer que, em sua cabecinha estreita e doentia, você precisa de mim para descontar sua raiva de tempos em tempos? Sou sua vítima preferida ou algo do gênero?

Ele fecha os olhos e aperta o nariz entre eles.

— Não é isso. Você... você é irritante às vezes — ele exclama.

— Sim e você também, então neste ponto estamos mais ou menos quites — zombo.

Com um olhar, ele me intima a me calar.

— Caralho Léo, você é importante para mim porque eu gosto de você — ele grita.

Suas palavras ressoam entre as paredes da adega. Apesar de nossos inúmeros confrontos, é raro que Enzo eleve o tom. Sua atitude é o que me surpreende primeiro, e, depois de alguns instantes, o significado do que ele acabou de dizer finalmente atinge o meu cérebro.

Ele gosta de mim?

Fico tentada a perguntar mais uma vez se ele gosta de mim em um sentido um tanto quanto perverso. Do tipo, ele gosta muito de me ter por perto para ter alguém para atazanar de vez em quando. Além disso, as palavras das minhas amigas me voltam à cabeça. *Ele queria te manter só para ele*. Sim, mas por quê? Ele nem mesmo me valoriza. Enfim, é bem isso, não? De repente, estou perdida. E gostaria muito de ter alguém para me explicar o que ele quer dizer nas entrelinhas. Estou tentada a lhe fazer perguntas, mas meu orgulho me impede. Meu orgulho assim como o medo de descobrir o que ele quer dizer. Ele deve entender que preciso de explicações, pois acrescenta:

— Tudo o que sempre quis foi a sua felicidade, Léo.

Aí ele exagerou. Tem alguma coisa que não desce. Ele deve ter passado tempo demais fechado nesta adega. Tenho certeza de que os vapores do vinho devem ter um efeito no cérebro e, além disso, a falta de luminosidade também. Nada disso deve ser bom para o espírito. Aliás, acho até que estou afetada também. Estou incapacitada de responder o que quer que seja. Abro a boca, volto a fechá-la. Devo estar parecendo um peixinho dourado, mas essa é a última das minhas preocupações. Termino dizendo:

— OK.

Enzo franze as sobrancelhas, mas não fala mais nada. Viro de costas e vou embora. Quase corro. Acho que o ouvi me chamar, mas não presto atenção. Estou sem ar. Ziguezagueio entre as barricadas de vinho. O teto é mais baixo neste lugar, tenho a impressão de sufocar. Me apresso em direção à porta. Quando chego a ela, giro a maçaneta. Ela se recusa a abrir. Só me faltava essa! Uma porta que se recusa a abrir quando eu tento fugir. Me jogo contra ela, a sacudo violentamente mais não adianta de nada, ela não se move um milímetro. Parece que os elementos se unem contra mim. Respiro bem fundo para tentar me acalmar. Em seguida, examino a peça de metal que recusa a me liberar deste lugar. É aí que eu entendo que a trava foi virada. A porta está trancada a chave.

Solto um grito raivoso. Estou trancada. Esta porta é a única que permite sair da adega. E é claro que não tenho a chave. Enzo deve tê-la, mas está fora de questão que eu vá pedir para ele.

Não preciso hesitar por muito tempo, pois sinto uma presença nas minhas costas. Seja porque ele ouviu minha frustração, seja porque ele me seguiu, não sei.

— Deixa eu tentar.

Sua voz é calma. Grave e agradável como um bom vinho perfeitamente equilibrado. Quase dá para acreditar que ele não participou da nossa discussão de antes.

Me encosto contra a parede ao lado, evitando com cuidado suas pupilas cor de café. Não olho o que ele está fazendo, mas ele chega rapidamente à mesma conclusão que eu:

— Está trancada com a chave.

Em tempos normais, eu teria respondido de forma ríspida. Um comentário sarcástico, alguma coisa, mas agora não. Eu o escuto pronunciar um “Merda” em voz baixa.

— Seu telefone está com você?

Considerando que só tem nós dois aqui, suponho que ele esteja falando comigo.

— Não.

— Estou com o meu, mas não tem sinal na adega — ele me informa.

Começo a perceber o que ele está subentendendo.

— Você não está com as suas chaves?

Desta vez, viro a cabeça em sua direção.

— Não, elas estão no armário — ele responde com cara de culpado.

Eu o analiso com os olhos.

— Você quer dizer que estamos trancados aqui?

— É o que parece. E não tem outra saída. Alguém deve ter fechado a porta por fora durante a nossa discussão.

Fecho os olhos por um instante. Sei exatamente o que aconteceu. Dei a ordem ao porteiro para cuidar do fechamento do *Domaine*. Confesso:

— Pedi ao Jean-Pierre para fechar tudo. Mas, na minha cabeça, eu falava da loja e das salas, não daqui.

— Bem, o mistério está solucionado — ele fala em uma voz calma demais tendo em conta o que isso implica.

Verbalizo meus pensamentos para ter certeza de que entendi direito:

— Você quer dizer que estamos trancados aqui e que não tem nenhum outro jeito de sair?

Ele aquiesce.

— E vamos ficar quanto tempo?

Minha voz está histérica. São quase oito da noite, o que quer dizer que vai demorar até alguém vir abrir a porta. E, para começar, por que ele estava aqui dentro sem as chaves?

— Bem, preciso verificar o planejamento de pessoal, mas acho que os primeiros trabalhadores devem chegar por volta das seis.

— Seis... seis horas da manhã? — Me esganiço.

— Estamos com sorte de ser verão, no inverno eles chegam mais tarde — ele responde como se estivesse me dando uma boa notícia.

— Mas serão ao menos dez horas!

— Isso.

— E essa é a sua reação? Vamos ficar fechados dez horas em uma porra de uma adega úmida e você leva numa boa?

— O que você quer que eu faça? Que uive por socorro? Que me bata contra as paredes? Você viu a espessura delas? Nenhuma chance de que alguém nos escute.

— Não, mas você poderia ao menos fingir estar com um pouco em pânico! A gente vai ficar trancados dez horas, só nós dois.

Minha reflexão parece o divertir, ele levanta uma sobrelanceira.

— É isso o que mais te assusta? Ficar trancada *comigo* por esse tempo todo?

Me recuso a confirmar sua suposição, então respondo:

— A gente nem tem o que comer ou beber!

O que é verdade. Quanto tempo o corpo humano pode ficar sem beber? Será que o fato de a atmosfera ser úmida nos fará desidratar mais devagar?

— Pela parte do não ter o que beber, não concordo com você — ele brinca apontando os barris.

— Você está achando isso engraçado?

— A situação não, sua reação, um pouco.

Eu lanço um olhar de desprezo para ele e me afasto. Se tenho que passar as próximas horas presa aqui, que seja a mais de dois metros de distância dele.

Inspecionei todos os recantos da adega e confirmo que não há nenhuma outra saída. Os caras que construíram esse lugar há mais de um século poderiam muito bem ter considerado uma passagem secreta. Ou eles fizeram um trabalho muito bom a escondendo, ou eles não pensaram que um dia dois funcionários poderiam precisar de uma. Vou ter que dizer ao Sébastien que seus ancestrais tinham muito pouca imaginação. Não sei se Enzo já tentou procurar uma passagem secreta ou se não está nem aí de estar preso aqui, mas ele nem mesmo me ajudou na minha empreitada. Ele parece estar me achando ridícula. Está sentado contra uma parede, com a cabeça para cima e observa o teto como se ele tivesse os segredos do universo. Já verifiquei que não tem nada no teto além das pedras e dos traços de infiltração.

Dei a volta por todos os cantos da adega esperando encontrar qualquer coisa que pudesse ser útil. Os empregados daqui são sérios demais. Não tem nem mesmo um baralho ou um livro na gaveta da escrivaninha do mestre de adega. Além de milhares de garrafas vazias e de rolhas na sala onde fica a linha de engarrafamento, não achei grande coisa. Bem que tinha uma manta em um canto, mas visto o estado, duvido que tenha sido lavada recentemente. Pelo menos, não nos últimos dez anos. Passeio pelas passarelas que elevam os tanques. Nunca subi aqui. É aqui do alto que vêm as uvas na ocasião da colheita. Algo sobre a gravidade que seria melhor para as frutas. Vejo que Enzo ainda está contra a parede. Ele

poderia ter se instalado em outro lugar, tem uma cadeira na escrivaninha do mestre de adega. Mas parece que sua posição é estratégica. De onde ele se encontra, tem a visão de uma boa parte da adega, então ele sempre sabe onde eu estou. Ele tem medo de que? Que eu vá abrir a torneira de um de seus preciosos barris para esvaziar o conteúdo? Estou certa de que ele me observa, mesmo que finja que não, jogando no celular.

— Tome, beba um pouco.

Agora eu também estou sentada no chão. Só que eu escolhi o canto oposto ao de Enzo. Levanto a cabeça, ele me dá uma taça de vinho.

— Está tentando me embebedar?

Um leve sorriso se imprime em seus lábios.

— Bem que pensei nessa opção para que você me revele todos os seus segredinhos, mas sei que vai precisar de mais de um copo.

Não respondo nada e quase arranco a taça de suas mãos. Espero que ele vá embora, mas para meu grande espanto, ele se deixa cair ao meu lado. Ele estica as pernas e procura no bolso. Tira uma barra de cereais e a estende para mim.

— Toma, encontrei isso.

Olho para o objeto com suspeita.

— Quem me garante que não está envenenada?

Tudo bem, poucas chances de que seja isso, mas nunca se sabe. Enzo me olha com uma cara que diz: *É sério, Leónie?*

— Se te conforta saber, não é minha. Me lembrei que um dos rapazes esconde com regularidade coisas para comer em um caixote lá atrás. Normalmente, tem pacotes inteiros de doces, mas ele não reabasteceu recentemente.

— Um trabalhador de vinhedo com vício em açúcar? Não sei quem é, mas de repente se tornou meu colega preferido.

Minha reflexão faz Enzo rir. Pouso minha taça ao meu lado.

— Bom apetite — ele declara enquanto pego a barra de cereais.

Rasgo a embalagem e mordo o interior. É um tanto açucarado, cola nos dentes, mas é divino. Mal comi ao meio-dia, estou morta de fome. Penso que seria melhor se prolongasse o prazer porque, ao menos que o viciado em doces tenha mais escondido, é tudo o que vou comer por um tempo. Então, penso em uma coisa:

— Você comeu uma?

— Não, só tinha essa — anuncia Enzo.

Mesmo que meu estômago esteja gritando: *Não faça nada, deixe-o morrer de fome!* Minha cabeça raciocina: *Ele poderia ter guardado para ele e me ofereceu.* Corto a barra de cereais em dois e lhe dou uma metade. Ele não se faz de rogado para pegá-la. Os homens são cavalheiros até o limite do que seus estômagos podem aceitar.

— Você não era obrigada — ele ressalta.

— Minha mãe não ia querer que eu te deixasse morrer de fome. E a sua também, com certeza.

Ele sorri.

— Não tenho certeza de que minha mãe se importaria se você me deixasse morrer de fome. Ela te adora quase tanto quanto ela me ama.

— O *quase* faz toda a diferença.

— Para minha sorte. Senão ela já teria te adotado.

Alguns segundos de silêncio se prolongam, até que pergunto:

— Você nunca lamentou não ter irmãos ou irmãs?

A mãe dele nunca pôde ter outros filhos depois do acidente que provocou nossos nascimentos.

Ele dá de ombros.

— Não precisava ter irmãos ou irmãs porque eu tinha você.

Espero assimilar as palavras e respondo:

— Nunca briguei muito com as minhas irmãs. Acho que não precisava, pois gastava energia demais brigando com você. Você tem razão, neste ponto tivemos uma relação quase fraternal.

Talvez seja à isso que ele se referia quando disse que gosta de mim. Ele me vê como um tipo de irmã com quem as brigas não tinham fim. Ele me observa e declara:

— Na verdade, não. Nunca te considereei como uma irmã.
Tudo bem. Banho de água fria.

Me deixei levar pela situação. Esqueci com quem estou lidando. Quase acreditei que ele teria um pouco de pena de mim. Presa contra a minha vontade por uma noite inteira com ele aqui. Mas não, ele não consegue evitar ser desagradável. Em pensar que comecei a baixar a guarda..., mas o que é que deu em mim de achar que éramos família?

Ele deixa escapar um risinho seco. A princípio, creio que ele está me zoando, mas quando as palavras escapam de sua boca, entendo que não é o caso.

— A gente não imagina beijar a irmã, acho eu.

Meu coração pula uma batida. Viro a cabeça em sua direção. Ele está com uma cara séria demais.

— Como?

De repente, perco o ar. Ele me responde sem tirar os olhos dos meus:

— Se por um só instante eu tivesse te considerado uma irmã, nunca teria pensado no efeito que teria em mim se te beijasse. Não acho que é nisso que os irmãos pensam.

Sinto o vermelho subir pelas minhas bochechas, os pelos da minha pele se arrepiando.

— É... não, não é o que um irmão deve fazer — pronuncio fora de mim, estando em choque com a sua declaração.

— Foi o que eu pensei.

Sacudo a cabeça para colocar as ideias no lugar. Ele parece extremamente calmo. No fim, ele daria um ator maravilhoso. Ou um jogador de pôquer. Aliás, ele está blefando?

— Mas quando você pensou nisso exatamente?

— Você quer saber a primeira vez?

— Por quê? Foram várias vezes?

Minha voz está estrangulada apesar de eu estar fazendo de tudo para não mostrar que estou afetada.

— Foram milhares de vezes.

A confissão me deixa atordoada. Enzo Deluca imaginou milhares de vezes que ele me beijava? Deve ter mesmo alguma coisa no ar desta adega que o faz delirar.

— Mas por quê?

Ele levanta os joelhos em direção ao torso e os rodeia com os braços.

— Por quê? Já me fiz essa pergunta milhares de vezes. A verdade é que não consigo evitar. Acreditei que a distância e os anos sem te ver teriam me curado, mas é o contrário. Quando eu te revi no supermercado há algumas semanas e que você partiu para cima de mim para me acusar de ter roubado teu carrinho, você sabe o que eu pensei?

Não respondo a pergunta, não sou capaz. Então, ele continua:

— Eu disse a mim mesmo que sentia muito a sua falta e que, em um futuro próximo, iria tornar real o beijo que só existe na minha cabeça.

CAPÍTULO 21

Enzo

Depois de minha confissão, Léonie fica em silêncio e não gosto disso. Pensava que ela ia gritar comigo, rir não me levando a sério, zombar de mim, me dizer que sou um babaca. Na verdade, tinha imaginado dezenas de cenários, nenhum deles ela ficava simplesmente em silêncio. Ela se levantou, passeou pelos caminhos da adega por um tempo. Eu a vi sacudir a cabeça várias vezes, mas ela não falou nada.

Não me movi. Me contento em observá-la. Por um momento chego a pensar que ficarmos presos nesta adega é quase uma bênção. Eu sabia do risco de ela entrar em pânico no dia em que eu confessasse meus sentimentos. Aqui, ao menos, ela não tem para fugir. Ela vai, eventualmente, ser obrigada a falar comigo. Ainda nos resta um tanto de horas até alguém abrir a porta e não tenho certeza se vamos conseguir dormir. O chão é glacial, o ar úmido. Faz frio.

Léonie recolheu algumas rolhas. Ela monta pirâmides com elas. Está matando tempo, mas acho que, principalmente, ela tenta se ocupar para não pensar nas minhas palavras. Ou então ela imagina que isso vai me impedir de falar com ela. No entanto, ela poderia ter se instalado em qualquer lugar da adega, mas voltou para perto de mim. Não tão próxima quanto há pouco, mesmo assim perto para que eu possa me deleitar com seu perfil adorável.

— O que você está fazendo? — acabo por perguntar.

— Estou transformando objetos inanimados em amigos imaginários. Acho que a loucura está me tomando. Você viu aquele filme com o Tom Hanks que ele está sozinho em uma ilha deserta^[4]? Ele fala com uma bola de basquete, eu acho.

— Você deveria tentar dormir um pouco — sugiro.

— Não estou com sono — ela responde sem levantar os olhos de sua obra. — E pare de interromper o que meus amigos estão falando, você não foi convidado para nossa festinha.

Reviro os olhos com um sorriso nos lábios. Se ela recomeçar a me dar patadas, nem tudo está perdido.

Estou com sono. Meus olhos estão quase se fechando por vontade própria, mas não consigo me impedir de ficar de olho em Léonie. Ela está enrolada sobre si mesma. Ela mandou as rolhas pastarem depois de um tempo. Seus joelhos estão levantados até o queixo, ela envolve as pernas com os braços. Eu a vejo tremer e é o sinal que precisava para agir. Me levanto e me aproximo.

— Abre um espaço para mim atrás de você.

Ela levanta a cabeça na minha direção e pisca os olhos, mas não se move.

— Vem um pouquinho para frente para que eu possa me instalar atrás de você. Vai ficar mais quente assim.

— Você quer fazer exatamente o que? Me pegar no colo?

Abstraio o fato de que ela desconfia de mim e da pequena careta de desgosto que se forma em seu rosto com essa ideia, e respondo:

— Exatamente.

— Não estou com frio.

Sempre podemos contar com ela para não ceder a nada com facilidade.

— Eu te vi batendo os dentes agora há pouco. Você está com um vestidinho de verão e faz uns dez graus aqui dentro. Mentir não vai servir para nada.

— Vi uma colcha por lá — ela tenta.

Sei muito bem de qual ela está falando e, a conhecendo, a última coisa que ela tem vontade de colocar nas costas é aquela colcha nojenta.

— Se você soubesse pelo que aquela coisa já passou...

Não preciso acrescentar nada. Pela careta que surge no rosto dela, percebo que ela já entendeu. Mas ela ainda não se move.

— Se eu me colocar atrás de você, meu calor vai te aquecer e te deixar mais confortável. Então, coloque o orgulho, a raiva, o desgosto ou qualquer outra razão que te leve a recusar de lado e abre um espaço para mim.

Ela acaba por se deslocar. Escorrego para trás dela e me sento. Mas ela está longe e, para que minha operação seja eficaz, preciso que ela se aproxime. Coloco minhas mãos em sua cintura e a puxo em minha direção. Ela solta um gritinho de surpresa, mas se deixa levar. Colo meu torso contra suas costas, ela se enrijece. Não sei muito bem onde colocar as minhas mãos agora, mas como ela não me pede para tirá-las, então as deixo onde estão. Léonie está tão imóvel quanto uma estátua. Até me pergunto se ela está respirando.

— Pode relaxar, não vou te morder.

Ela emite um guinchinho que me dá vontade de rir. Os primeiros minutos são muito estranhos. É certo que não corre o risco de ela pegar no sono por agora, ela está realmente tensa. Quanto a mim, mesmo que à princípio não fosse, me dou conta de que esta ideia é talvez a pior e a melhor que eu tive nos últimos tempo. A melhor porque tenho a chance de tê-la enfim em meus braços. Sinto o perfume de seu xampu que acaricia minhas narinas, o peso delicioso de seu corpo apoiado em meu peito, a cintura fina

nas palmas das minhas mãos. Também é a pior, pois preciso que meu próprio corpo não reaja a todos estes estímulos.

— Você não acha que alguém já deve ter percebido nossa ausência? — ela pergunta depois de um tempo.

— Moro sozinho, então duvido. E você? Seus pais devem se preocupar, não?

— Eles saíram de férias ontem. Para dizer a verdade, eu deveria passar a minha primeira noite no espaço que aluguei. A proprietária deve ter se perguntado por que eu não apareci.

Ah, sim, as famosas três semanas em que ela vai estar sem teto. Ela continua com um tanto de inquietude na voz:

— Ela vai achar que eu planejei mal ou algo do gênero. Espero que ela não ache que não quero mais a kitnet.

— Você não depositou um sinal ou algo do tipo?

— Já paguei a primeira semana.

— Então ela não vai te pôr para fora.

Tenho vontade de dar um beijo em seus cabelos como gesto de conforto, mas me abstenho. Ela mal começou a relaxar. E mesmo que ela tenha aceitado minha presença, devo me lembrar que é por um objetivo puramente prático, não morrer de frio, e não porque ela quer estar em meus braços ou algo assim.

Léonie enfim pega no sono. Não achava que seria possível, visto quanto ela estava tensa. Mas preciso acreditar que o estresse e cansaço do dia a venceu, foi um dia extremamente intenso.

O meu cansaço parece ter evaporado. Preciso confessar que ter o objeto de todas as minhas fantasias nos braços pela primeira vez desde... desde sempre na verdade (não me lembro dela já ter se recostado contra mim), me ajudou a ficar acordado. Tenho vontade de aproveitar o momento. Me deleito com seus longos cílios que bordeiam suas

pálpebras fechadas. Uma das minhas mãos escorrega por seu braço nu e meus dedos acariciam com delicadeza. Oficialmente é porque estou tentando aquecê-la, não oficialmente é porque sua pele é de uma maciez incomparável. Ela suspira e se aninha um pouco mais contra mim. Fantasio uma realidade em que ela fará tudo isso consciente.

Estou tendo um sonho muito agradável, Léonie está aninhada contra mim e...

Alguma coisa me tira de maneira suave de meu sono. *Merda!* Estava gostando muito do meu sonho. Fecho os braços para abraçá-la uma última vez antes que ela desapareça de meu subconsciente. Para minha grande surpresa, à medida que as brumas se dissipam, a sensação segue lá. Ainda não abro os olhos, talvez se os mantiver fechados, meu sonho continue...

— Enzo, me solta — murmura uma voz que me parece muito real para ser fruto de minha imaginação.

Desta vez, deixo minhas pálpebras se entreabrirem. Está penumbra, mas distingo muito bem uma mecha de cabelo dourada, uma boca carnuda. *Léonie*.

Tudo me volta à mente: a adega, a porta trancada à chave. Também fico consciente que estamos estendidos sobre o chão, um de frente para o outro, Léonie presa nos meus braços. Ela se contorce para sair. Poderia achar engraçado se isso não houvesse, como consequência, aumentado os pontos de fricção entre nós. Fricção nem um pouco necessária tendo em vista a enorme ereção que deforma a minha calça. No mesmo momento em que me dou conta que a situação pode se tornar constrangedora, vejo os olhos de Léonie se esbugalharem.

Pronto, a situação está oficialmente constrangedora.

Relaxo um pouco meu abraço e me desculpo com os olhos, mesmo que eu não esteja de todo arrependido. Afinal de contas, não é culpa minha. Qualquer homem acordando com uma mulher bonita nos braços se encontraria nesta situação. E não é qualquer mulher bonita para mim, é A mulher.

— Oi.

Minha voz está rouca, Léonie já está se endireitando. *Não!* Quero que ela continue perto de mim. Me sento também.

— Você sabe que horas são? — ela pergunta, evitando meu olhar.

— Não faço ideia, a bateria do meu telefone acabou. Mas como o sol já saiu, diria que nosso socorro está próximo.

De fato, a adega não tem janelas propriamente ditas, mas se pode distinguir alguns raios filtrando sob a porta e por uma pequena abertura ao lado da reserva. Mesmo que uma parte de mim esteja triste que nossa libertação esteja próxima, a outra espera com impaciência. Amo esta adega, amo trabalhar aqui, cultivar os *grands crus*, mas nunca considereei passar uma noite aqui. Principalmente não com Léonie. Minhas costas doem, tenho vontade de tomar um bom banho e estou com fome. Talvez eu consiga convencê-la a tomar um café da manhã comigo.

— O que nós vamos falar para nosso salvador? — ela pergunta, enfim virando a cabeça na minha direção.

O rímel escorreu, ela está com olhos de panda, e eu acho adorável.

— Por que você está sorrindo? — ela me interroga franzindo as sobrancelhas.

— Sua maquiagem não sobreviveu à noite.

Ela se levanta e tenta observar o reflexo em uma das cubas. Ela umidifica os dedos com a própria saliva e tenta reparar os estragos, esfregando a pele, mas é uma causa

perdida. Eu a observo entretido. Ela captura meu olhar e fala:

— Um cavalheiro teria fingido não ter visto nada.

— Era você que estava preocupada com o que a gente iria contar para a pessoa que abrir a porta. Por que, aliás? O que não te convém na história verdadeira?

— Você realmente acredita que as pessoas vão engolir que a gente foi trancado aqui sem ser de propósito?

— E por que não? Foi o que aconteceu.

— Foi, mas ninguém vai acreditar.

Não temos tempo para chegar a um acordo sobre uma versão pois, de repente, ouvimos barulhos de passos e o tilintar significativo de um molho de chaves que alguém gira na fechadura. Em menos de um segundo, nós dois estamos diante da porta. Ela se abre e um trabalhador do *Domaine* nos olha, estupefato.

— Senhor Deluca? Senhorita Fabre? O que vocês estão fazendo aqui?

— O senhor não sabe como estou feliz de vê-lo — responde Léonie.

Tenho a impressão de que ela está quase dando um abraço terno no homem.

— É uma longa história, mas digamos que a senhorita Fabre e eu tivemos uma noite muito cansativa. Não vamos olhar mais para a adega da mesma maneira depois destas últimas horas. Agora, se o senhor nos der licença...

Coloco minha mão na parte baixa das costas de Léonie, guiando-a em direção à saída e passando diante do empregado petrificado. É claro que Léonie se solta depois de apenas alguns passos. Seu rosto assume uma expressão irritada.

— Ei! Achava que você ficaria mais feliz de recuperar a liberdade — comento.

— *Tivemos uma noite muito cansativa. Não vamos mais olhar para a adega da mesma maneira* — ela repete me

imitando. — Que maravilha! Agora ele vai contar para todo mundo que passamos a noite transando entre os barris.

— E isso te incomoda? Todo mundo está mais ou menos convencido que a gente se detesta, ninguém vai pensar isso — replico, dando de ombros.

Ela revira os olhos para me mostrar que me acha ridículo.

— Seria tão terrível assim se ele pensasse que a gente...? — pergunto.

Também estou nervoso agora. Acreditava que tínhamos dado um minúsculo passo à frente nesta noite, mas aparentemente não.

Ela não me responde e isso acaba por me irritar. Não sei aonde ela vai, parece que na direção da saída do *Domaine*. Ela deve ter estacionado lá, visto que nós tínhamos deixado na véspera o estacionamento para os visitantes. Mais uma razão para que o porteiro não tenha se tocado. Se ao menos ele tivesse vistos nossos dois carros ainda aqui, talvez pensasse em verificar um pouco melhor antes de trancar tudo.

Léonie não responde à minha pergunta. Ela passa pelo portão do *Domaine*, não a lembro de que ela não pegou a bolsa. Digo para irritá-la um pouco mais:

— Talvez eu devesse ter aproveitado melhor essas horas que ficamos trancados para te fazer desaparecer em vez de declarar meus sentimentos.

Ela vira a cabeça em minha direção enquanto está atravessando a estradinha que passa diante do *Domaine*. Raramente tem tráfego aqui, em especial a essa hora, mas um carro chega justamente neste momento. Léonie não o vê. Me apresso para cima dela e a puxo pelo braço. Em menos de um segundo, ela se encontra colada a mim. É a segunda vez em algumas horas. Não vou reclamar. Ela não se move. Pensando que ela ainda está em choque pelo que acaba de acontecer, tento fazer uma brincadeira:

— Sei o que acabei de dizer, mas não torne as coisas mais fáceis para mim se jogando sob as rodas do primeiro carro que aparecer.

Ela levanta a cabeça, me fuzila com os olhos e se solta de mim.

— Excelente reflexo, Deluca. Deixa-me adivinhar: não é a primeira vez que uma mulher se joga na frente de um carro depois de uma noite com você?

— Talvez seja por isso que não tive mais notícias de algumas delas? — digo, fingindo me dar conta.

— Isso ou elas ficaram decepcionadas com o serviço prestado.

Para ferir o orgulho de um cara, basta duvidar das suas performances sexuais. Desta vez sou eu quem faz um muxoxo. Mas não respondo nada, não vou lhe dar este prazer. Pegamos nosso caminho de novo em direção ao estacionamento em silêncio. É só quando ela chega diante de seu carro que Léonie percebe o que eu já havia reparado.

— Merda, minhas chaves.

— Parece que esse é o tema das últimas 24 horas — murmuro entre dentes.

Ela vira o olhar na direção do *Domaine*, avaliando a distância que ela deverá percorrer para buscar as coisas. Seus ombros suspendem. E de repente, quando eu não estava esperando, a vejo desabar em lágrimas. Eu a observo gritar. Lágrimas grossas rolam por suas bochechas. Meu cérebro precisa de alguns segundos para reagir. Quando isso acontece, me aproximo dela e coloco uma mão em seu ombro.

— Ei, não é tão grave. Me diga onde estão as suas coisas e eu vou buscá-las para você.

Ela levanta os olhos molhados em minha direção. Se eu estivesse certo de que ela não iria me rejeitar mais uma vez, eu a teria pegado nos braços.

— O problema não são as chaves.

— Então o que é? Foi o que eu te disse? Desculpa. Às vezes, ajo como um babaca com você. Sei que a noite foi cansativa, mas não tenho como saber quanto o cansaço está afetando seus nervos.

— O problema não é mais esse — ela responde enxugando os olhos no verso da mão, espalhando mais um pouco o rímel arruinado. — Só quero me deitar e tomar um banho e acabo de me lembrar que não posso nem fazer isso. Não tenho as chaves da kitnet que aluguei, a casa dos meus pais está ocupada por estranhos e está cedo demais para que eu vá tocar a campainha da minha irmã ou de uma amiga.

Nos minutos que se seguem, um milagre acontece. Consigo que ela aceite se refugiar na minha casa. A promessa de uma cama macia, um chuveiro quente e até de um croissant vindo da padaria da Romy, que é embaixo do meu apartamento, conseguiram a convencer. Ela não consegue evitar discutir comigo sobre o fato de ir ou não no próprio carro. Acabo cedendo e a deixando me seguir. É preciso saber escolher as batalhas...

CAPÍTULO 22

Léonie

Enquanto Enzo insere a chave na fechadura, tenho um sobressalto de consciência repentino.

O que eu vim fazer aqui?

Poderia muito bem ter encontrado outro lugar para esperar até que seja tarde o suficiente para entrar na kitnet alugada. Poderia ter ficado no meu escritório do *Domaine*, dormir no meu carro ou até ir bater na porta da minha irmã. Mesmo que ela não ficasse muito feliz de ser tirada da cama tão cedo, não brigaria comigo dado as circunstâncias. Mas não, entre todas as possibilidades, escolhi seguir o Enzo. E se isso seria estranho em tempos normais, é ainda mais depois da noite que acabamos de passar juntos.

Se tivesse que analisar o que eu penso dele, não seria capaz. Os sentimentos contraditórios se misturam, e isso me assusta. Quando a nossa relação podia ser resumida à ódio, ele me odeia, eu odeio ele, era tudo muito mais simples. Mas veja só, se eu acreditar nas confissões desta noite, ele não me odeia tanto assim. E eu? Não sei mais o que pensar. Decido que estou cansada demais para chegar a qualquer conclusão agora.

Enzo abre a porta e me dá passagem para me deixar entrar primeiro. Meus pensamentos são eclipsados pela minha curiosidade. Como deve ser o antro do mestre de

adeaga? Enquanto observo o corredor e a sala de estar, visíveis daqui, sinto que meu anfitrião me examina.

— Não estou aqui há muito tempo — ele se desculpa.

Suponho que ele queira explicar a falta total de personalização do ambiente. Está limpo, arrumado e tem um aspecto funcional, mas efetivamente estéril.

— Não vim dar nota para a sua decoração — respondo.

Ele volta a fechar a porta e faz sinal para que eu entre na sala. O cômodo é iluminado por uma janela de vidro que dá para uma varanda. Está mobiliado de forma simples, um sofá, uma mesa de centro e o objeto que nunca falta em um ambiente masculino: uma televisão gigante.

Uma mesa alta e duas banquetas separam o espaço do canto da cozinha. Enzo se dirige para lá para depositar o saco de croissants que pegamos de passagem pela padaria. Romy não estava lá, o que me deixou aliviada, de certo modo. Não tive que explicar o que eu estava fazendo com Enzo tão cedo pela manhã. Mas talvez teria sido bom que uma das minhas amigas soubesse onde estou, para o caso de acontecer alguma coisa comigo... afinal, não sei. Enzo poderia muito bem ter me atraído para a sua casa com o objetivo de me fazer desaparecer com mais facilidade. Talvez ele não estivesse brincando agora há pouco. Quem iria suspeitar? Não é como se as pessoas esperassem que a gente passe tempo juntos fora do trabalho.

Ele liga a chaleira. Isso me tranquiliza. Quem ferve água antes de sumir com alguém? Não estamos mais na Idade Média.

Dois minutos depois, tenho uma xícara de chá fumegante na minha frente. Ele tem uma caneca de café preto. Me dou conta de que ele nunca me perguntou o que eu queria beber. Em geral, bebo café no escritório, mas sempre começo o dia com uma xícara de Earl Grey. Não sei se devo ficar chateada ou perplexa que seja exatamente

isso que ele acaba de me servir. A menos que seja uma coincidência, tenho cada vez mais dificuldade em acreditar que Enzo faz as coisas sem pensar antes.

Nós comemos em silêncio e, honestamente, isso me perturba. Nunca tem silêncio entre ele e eu. De maneira geral, o pouco de tempo que passamos juntos é usado para nos darmos patada atrás de patada, não para contemplar a calma de uma manhã de verão. Mas depois desta noite, tudo parece diferente.

— Vou colocar os lençóis no quarto de hóspedes — ele diz, se levantando.

Ele coloca a xícara na pia da cozinha.

— Você não precisa fazer isso. Vou ficar no sofá e quando der oito horas, vou embora.

Ele aparentemente ignora o que falei, porque simplesmente responde:

— Você precisa dormir.

Ele se vira de costas em direção ao corredor e o vejo entrar em um dos cômodos que eu ainda não explorei. Ele aparece alguns segundos depois com os lençóis nos braços e passa para a porta seguinte. Suponho que não tenho escolha. Tendo em vista que não sou totalmente ingrata, penso que poderia lhe dar uma ajudinha. Entro no que parece ser o quarto de hóspedes. Tem de fato uma cama, mas esse lugar também deve servir de escritório para ele. Um computador está em um canto com um monte de papel em volta. Ele tem estantes cheias de livro, muitos dos quais falam de vinho. Perto da parede, está instalado um banco de musculação. *Então este é o segredo dos bíceps de aço.*

Enzo me lança um olhar irritado quando tento pegar uma fronha. Ele a tira de minhas mãos.

— Vai relaxar no sofá, te chamo quando estiver arrumada.

O tom é autoritário. Ele não quer minha ajuda? Pior para ele. Não vou brigar, estou cansada demais para isso.

Uma sensação de calor me tira do sono. Abro um olho e sou cegada por um raio de sol que penetra pela janela. Fecho minhas pálpebras de imediato. Viro a cabeça e repito a experiência. Lençóis azuis-marinhos, uma parede branca. Não tenho ideia de onde estou. Um cheiro de lavanderia agrada minhas narinas, me parece familiar. É isso que ajuda, em parte, meu cérebro a ligar todos os pontos. Estou na casa do Enzo.

Me sento na cama. Estou no quarto de hóspedes. Não me lembro de ter me deitado aqui. Aliás, a última lembrança que tenho é de ter sentado no sofá, ligado a televisão num canal de notícias e... mais nada. O que quer dizer que foi ele que me carregou até a cama? Dou uma olhada no meu corpo. Ainda estou com o meu vestido, que está com uma aparência péssima. Não teria me deitado sozinha sem tirá-lo. Mas para a minha sorte, Enzo não se permitiu fazê-lo. Devo confessar que uma partezinha de mim sonha com ele tirando a minha roupa. Não acho a ideia tão desagradável assim...

Presto atenção aos barulhos, o apartamento está silencioso. Enquanto estou por aqui, posso matar minha curiosidade. Será que ele saiu? Me levanto e observo os papéis sobre a escrivaninha. A maior parte boletos, alguns recibos, nada de muito interessante. Os livros nas estantes não me dizem grande coisa também. Alguns romances de ficção-científica e dezenas de volumes sobre vinho. Quem precisa de tantos livros sobre o mesmo assunto? Quantos dicionários de vinho existem? Parece que ele tem todos. Tem uma embalagem na qual está escrito *os aromas do vinho*. Eu a abro e descubro dezenas de frasquinhos pretos. Saem fortes odores dela. Pego um e o levo ao meu nariz. *Couro*, respiro e efetivamente tenho a surpresa de descobrir um cheiro que corresponde a etiqueta. Como eles fazem para que uma coisinha tão pequenininha possa liberar

tantos aromas? Prendo a respiração e uma memória me vem à mente. Revejo o Enzo de 17 anos com sua jaqueta de couro preta. Ele tinha uma moto e devia pensar que precisava do look de *badboy* completo que combinava com ela. Ele andava pelos corredores da escola com o capacete debaixo do braço e as meninas caíam desfalecidas na sua frente. Todas menos eu.

Um dia, eu estava no último ano, fui ao cinema com Joshua Guilbert, um garoto da minha sala, bem bonitinho. Ele tinha escolhido um filme de ação patético que eu tinha fingido ter gostado, pois tinha esperanças de que ele me beijasse antes de me levar para casa. Antes de sair do cinema, Joshua foi ao banheiro e saiu de lá ao mesmo tempo que Enzo, que, claro, tinha escolhido esse mesmo dia para ir assistir um filme com os amigos. Joshua se aproximou de mim, ele parecia muito nervoso. Pediu desculpas me dizendo que devia voltar antes para casa por causa de uma emergência. Não podendo, então, ir tomar um sorvete comigo como ele tinha proposto antes. Apesar da minha decepção, fingi que estava tudo bem e respondi que compreendia. Tento saber mais sobre essa emergência, mas não consigo nada de concreto. Então, vou até o ponto de ônibus. A ideia de tomar um sorvete perdeu o sabor sem companhia. É claro, não precisou de dois minutos para Enzo reparar em mim. Sozinha no ponto de ônibus no meio de uma área comercial deserta em um domingo à tarde, não foi difícil. Ele parou na minha frente, levantou a viseira do capacete e me perguntou:

— Quer uma carona?

— Não, obrigada. Como você pode ver, estou esperando o ônibus.

Enzo dá uma olhada na direção da rua quase deserta e declara:

— O ônibus passa às quatro e cinquenta, são quatro e dez. Você não precisa esperar quarenta minutos.

— Não estou com pressa.

— Para de idiotice, a gente vai para o mesmo lugar.

— Não tenho capacete.

Ele me abre um sorriso satisfeito e aponta para o que está pendurado em seu guidão.

— Tenho esse do meu amigo que veio comigo para emprestar.

— Deixa eu adivinhar, você o matou na vinda, mas tomou o cuidado para não sujar o capacete — zombei. — Ou tem rastro de sangue no interior?

— Limpei tudo, não se preocupe. Vem, sobe!

— Meus pais não querem que eu ande de moto.

Desta vez ele me olha com um ar aborrecido.

— Sua irmã tem uma scooter.

Droga! Esse era o problema de ter um pentelho como vizinho. Ele sabe tudo da nossa vida.

— Léo, não vou te forçar a vir. Mas confesse que é mais legal voltar para casa logo do que ficar plantada no ponto.

Ele fixa o olhar em mim, esperando minha resposta. Suspirei e acabei por esticar a mão na direção dele.

— Me dá o capacete.

Ele colocou o apoio na moto e, com um gesto ágil, desceu. Alcançou o capacete e, antes mesmo que eu tenha tido tempo de protestar, colocou na minha cabeça.

— Está um pouco grande, mas fechando a correia deve funcionar.

Seus dedos roçam meu queixo. Eu poderia muito bem ter feito isso sozinha, mas Enzo não me deixou opção.

— Pronto.

Ele sorri para mim e espero que ele faça um comentário sobre a minha aparência com esse treco horrendo na cabeça. Mas não, ele apenas monta na moto.

Faço o mesmo atrás dele. Procurei onde me segurar para não cair de bunda no asfalto quando ele acelerar.

— Coloque seu braço ao redor da minha cintura.

Estava prestes a protestar, mas tive que me render às evidências, não tinha nenhum outro meio de me segurar. De todo modo, Enzo já tinha agarrado uma das minhas mãos e a pousado em seu ventre. Sentia o couro de jaqueta sob meus dedos. Por instinto, coloquei a segunda mão, o mais leve possível. Não tinha vontade de me agarrar a ele como um bebê coala.

— Você não está com frio? Quer meu casaco?

Eu só estava usando uma jaqueta jeans leve, mas daria conta do recado. Fora de questão que eu usasse o casaco dele. Depois que recusei, ele deu partida na moto. Ele tinha acabado de acelerar e me senti escorregando. Meus dedos se agarraram com mais firmeza à sua cintura, e senti no abdômen dele a risada. Nos minutos que se seguiram, eu estava em um estado de estresse indescritível. Enzo dirigia bem, não era essa a preocupação, mas era a primeira vez que eu andava de moto e sentia um medo paralisante. Minha irmã tinha uma moto, mas eu sempre me recusei a andar com ela. Colei mais meu corpo contra as costas dele, o que me impedia de ver o caminho. Em um momento, até fechei os olhos. Meus outros sentidos estavam multiplicados. Sentia o vento bater as pontas dos meus cabelos que saiam do capacete, o aveludado do couro sob meus dedos e principalmente seu cheiro viril que acariciava minhas narinas. A partir desse dia, esse era o cheiro de Enzo para mim.

Recoloco o frasquinho na caixa e fecho. Saio do quarto, a sala está vazia. Enzo de certo ainda deve estar dormindo. Uma olhada no relógio da cozinha me indica que é quase meio-dia. Encontro minha bolsa no sofá. Me apresso dela e hesito por um instante. Será que devo esperar Enzo acordar? Mas por que exatamente? Para lhe agradecer a acolhida. Eu poderia muito bem fazer isso no trabalho, ou até só enviar uma mensagem. Isso, é uma boa ideia. Vai

evitar momentos constrangedores. Em especial, aquele em que vamos ter que falar desta noite e as confissões.

Pego então minhas coisas e dou uma última olhada no ambiente antes de abrir a porta. Volto a fechá-la atrás de mim com o máximo de delicadeza possível e vou embora. Estou bem consciente de que isso parece muito com uma fuga. Tenho a impressão de que se tornou a minha especialidade nestes últimos dias.

CAPÍTULO 23

Enzo

Há dois dias que não tenho notícias da Léonie. O que não é estranho por si, mas não consigo evitar me sentir frustrado. Ela fugiu da minha casa na segunda-feira de manhã como uma ladra. Ela me mandou uma mensagem de texto algumas horas mais tarde com agradecimentos por tê-la abrigado. Sucinta e muito formal. Nada que sequer sugerisse a cumplicidade que achei que teria começado entre nós.

Vagueio através dos escritórios do *Domaine*. Não tenho nada de especial para fazer por aqui, mas encontrei uma razão para rondar perto do escritório de Léonie. Ele segue vazio, como estava das outras vezes que passei por aqui nas últimas horas. Ela não pode estar o tempo todo em reunião. Decido perguntar para Tristan. Esses dois estão o tempo todo grudados; ele deve saber onde ela está.

— Ela está doente — ele me anuncia.

— Doente? Mas o que ela tem exatamente?

Ele dá de ombros.

— Não sei, ela não me deu mais detalhes. Parece que está com febre.

Ele continua a enxugar os copos como se essa novidade não lhe dissesse respeito nem um pouco. Ela não era para ser sua amiga? Léonie deveria escolher melhor as pessoas de quem ela se cerca.

— Você sabe onde ela está morando?

Ele faz uma pequena careta.

— Em algum lugar a caminho de Draguignan, mas, para dizer a verdade, não pensei em anotar o novo endereço temporário dela. Pergunte à Laetitia, ela deve saber.

Espero mesmo que ela saiba. Não me espantaria se Léonie simplesmente tivesse esquecido de dar o endereço para a irmã, só espero que a irmã tenha tido um pouco mais de bom senso e perguntado. Tento uma última vez ligar para o celular de Léonie, mas cai direto na caixa postal. O que me indica que ela não está filtrando só as minhas chamadas.

Dois minutos depois, estou diante da porta de Laetitia. Não costumo ir à casa dela, mas, dessa vez, ignoro seu status de patroa. É a minha vizinha e amiga de infância que vim ver. E tenho um bom motivo, estou preocupado com Léonie.

Toco a campainha e alguns instantes depois uma Laetitia muito grávida abre a porta para mim.

— Enzo? Algum problema na adega? — ela se espanta.
— Sébastien não está.

— Não vim falar com o Sébastien, e sim com você.

Ela parece surpresa, mas abre espaço para me deixar entrar.

— Não me leve a mal — ela diz —, mas preciso relaxar no sofá enquanto essa criaturinha cresce dentro de mim. Se você quiser beber alguma coisa, é só se servir na cozinha.

Ela não perde tempo em se deslocar até o sofá e relaxar. Ela parece ter tudo o que precisa ao alcance da mão enquanto está sentada no sofá, então suponho que ela esteja passando a maior parte dessas últimas semanas de gravidez nesse local. Me sento na poltrona em frente.

— Como está tudo para você no *Domaine*? Sébastien me disse que está bem confiante para a próxima colheita. Se o

tempo continuar assim, a gente vai poder começar na data prevista.

— É o que parece que vai acontecer. Deve ser um bom ano, mas por enquanto não dá para ter certeza de nada.

Ela concorda com a cabeça.

— Alguma coisa me diz que você não está aqui para me falar do estado das uvas de *sauvignon* ou de *cabernet*. Estou errada?

— Não, vim falar com você sobre a Léo.

Um sorriso se imprime em seus lábios e tenho a impressão de que não é só porque acabo de pronunciar o nome de sua irmã. Continuo:

— Você sabe onde ela está? Me disseram que ela está doente. O que ela tem?

— Parece que ela pegou um vírus. Ela ligou para dizer que não viria trabalhar. Recusou minha visita, ela tem medo de me contaminar e contaminar o bebê.

— Você poderia me dar o endereço dela?

— Achei que você nunca fosse pedir — ela se diverte. — Olhe na geladeira, tem um papel onde ela escreveu em algum lugar.

Vou até a porta da geladeira e analiso os papeis que estão por lá. Encontro a nota com o endereço, que condiz com o que o Tristan havia me dito mais cedo.

— O que está acontecendo entre você e ela? — pergunta Laetitia.

De repente, me pergunto se vir aqui foi uma ideia tão boa assim. Não estou com tanta vontade de passar pelo interrogatório agora.

— Não está acontecendo nada. Nada além do normal

— Não vou te dizer para ter paciência com ela, sei que isso você tem de sobra mais do que qualquer um quando se trata dela, mas não desista.

Suspiro e me sento perto dela.

— Nem sempre é fácil.

— Eu sei. Eu testo minha paciência com ela desde sempre. Como você, aliás.

— Falei com ela. No outro dia, quando nós ficamos presos na adega. Tentei lhe dizer que ela importava para mim.

Laetitia parece espantada e acho que serei capaz de discutir isso com ela.

— E o que ela respondeu?

— Esse é o problema. Ela não respondeu nada.

Laetitia coloca a mão no meu antebraço.

— Nunca vi duas pessoas tendo mais dificuldade em se comunicar do que vocês dois. Entre você que não sabe como expressar os sentimentos e ela que não quer entender, a história de vocês é uma grande bagunça.

Resmungo:

— Obrigado por me dar esperanças.

— Enzo, não se contente em apenas falar com ela, mostre que você gosta dela. Você não é mais um adolescente assustado com os próprios sentimentos. Você é um adulto, então aja como tal. Nada é mais compreensível do que isso. Quanto a Léo, ela vai acabar te ouvindo. Ela só precisa confiar em você, é desse jeito que ela terá confiança nela mesma. E aí, ela poderá te deixar entrar em seu coração.

— Isso que você está dizendo parece um tipo de falatório de psicologia.

— São os hormônios, você queria o quê — ela brinca.

Prometo dar notícias de sua irmã quando as tiver e saio do apartamento.

O endereço que Laetitia me deu é uma casinha de campo abaixo da estrada. Estaciono na rua e toco a campainha. Alguns segundos depois, uma mulher aparece

entre dois mandatários: o cigarro na boca e um cachorrinho enfurecido aos seus pés.

— Estou procurando a Léonie Fabre — anuncio.

— É no quartinho dos fundos — ela grita em meio aos latidos do cachorro.

Ela me faz um sinal com seu dedo roliço indicando cruzar o jardim e não perco tempo conversando com ela.

O lugar só tem “jardim” no nome, está claro que os proprietários aqui não têm o dedo verde. Mas suponho que esse não era o critério número um de Léonie quando procurou por um teto por algumas semanas. O “quartinho” é um eufemismo para o que está mais para um galpão. Um que precisa de uma pintura. Avanço sob o toldo e bato na porta/janela que funciona como entrada. Não escuto nenhum som no interior. Espero por alguns segundos, bato de novo e tento ver através da vidraça se consigo enxergar alguma coisa. Distingo uma cozinha, uma mesa de fórmica com duas cadeiras, um sofá esfarrapado e alguns outros móveis fora de moda. Mas nada de Léonie. Tento rodar a maçaneta e a porta se abre. Estou xingando por dentro a falta de vigilância de Léo. O jardim é aberto para todos os lados. Qualquer um poderia entrar sem que ela percebesse.

Como eu tinha visto pelo lado de fora, a sala está vazia. Tem uma porta entreaberta no fundo, suponho que seja a do quarto. Empurro de leve e ela range. Isso me permite dar uma olhada no interior.

Distingo uma forma sobre a cama. As persianas estão fechadas, está escuro no quarto. Uma mala está aberta no chão. As roupas se acumulam em uma confusão. Dou um passo para dentro do quarto e chamo por Léo. Se ela está acordada, melhor que ela se dê conta de imediato da minha presença antes que eu lhe dê o maior susto. Mas ela não responde. Me aproximo um pouco mais e reitero. Ainda nada.

Me encontro agora na beira da cama. Léonie está enrolada em uma bola sobre si mesma. Apesar do calor

sufocante no quarto, ela está debaixo do lençol e uma coberta parece ter sido acrescentada às pressas. Me agacho em frente a ela. Seu rosto não está sereno. Não parece em nada aquele que vi quando ela adormeceu em meus braços na outra noite na adega. No entanto, a situação estava longe de ser ideal. Ela parece tensa. Hesito, depois decido colocar minha mão em sua testa. Só posso me render a evidência, ela está queimando e suando.

Hesito. O que devo fazer? Deixá-la dormir? Acordá-la? Não tenho ideia se ela tomou remédio. Será que ela sequer tem um remédio aqui?

No final, não precisei decidir nada porque ela abriu os olhos. Vejo que ela está com dificuldade. Não sei se ela me reconheceu, então decido falar.

— Oi.

E antes que possa falar outra coisa, ela grasna:

— Enzo?

— Sim, sou eu. Diz aí, você não parece na melhor forma. Deixa eu pegar um copo d'água para você.

Vou até a cozinha, abro os armários à procura de um copo e, quando acho, inspeciono a geladeira atrás de uma garrafa. Não tem, tenho que me contentar com água da torneira.

Quando volto ao quarto, Léonie está sentada na cama. Esse simples movimento parece ter sido um esforço enorme para ela. Ela segura a cabeça. Quando ela me vê chegar, estende a mão para pegar o copo d'água. Sua mão está tremendo.

Ela bebe o copo todo como se tivesse acabado de cruzar o deserto sem cantil.

— O que você está fazendo aqui? — ela me pergunta em seguida.

— Me disseram que você estava doente. Vim ver com meus próprios olhos.

— Agora que você já viu o espetáculo digno de pena, pode ir.

Suspiro.

— Para uma doente, você até que está falando muito. Salve suas forças para se restabelecer. Não vim para me vangloriar ou comemorar sua doença. Vim para te ajudar.

Ela pisca os olhos.

— Como você está se sentindo?

— Não muito bem, como você pode ver.

— Você tirou sua temperatura?

— Não tenho termômetro — ela responde, pousando a cabeça contra a parede atrás da cama.

Ela fecha os olhos. Coloco a mão em sua testa de novo, ela está tão quente quanto há alguns instantes.

— Você está com febre.

— Sua mão está fria — ela responde.

— Quando foi a última vez que você tomou remédio para febre?

— Um pouco antes de você chegar para o seu grande interrogatório.

Ela não deve estar tão mal, visto que ela ainda tem forças para ser sarcástica.

— Acho que eu quero vomitar.

Mal termina de falar, já se levanta de forma precipitada. Ela quase perde o equilíbrio, mas eu a alcanço. Ela se solta e entendo que ela precisa chegar rápido no banheiro. Ela vai cambaleando da forma que consegue. Para a sorte dela, são poucos passos. Ela se deixa cair de joelhos na frente do vaso e só tenho o tempo de segurar seus cabelos antes que ela coloque para fora tudo o que estava no estômago.

CAPÍTULO 24

Léonie

— Acho que te faria bem tomar um banho — sugere Enzo.

Estou sentada no ladrilho do banheiro e a ideia de me levantar parece impossível.

— Vou te ajudar a tirar a roupa.

Em alguma parte, no fundo de minha cabeça, uma vozinha me diz que não é uma coisa que eu o deixaria fazer se estivesse no meu estado normal. Mas, vejam só, estou esgotada demais para sequer ouvir essa voz.

Só estou consciente de que Enzo pega minha camiseta pela parte de baixo e me pede para levantar os braços. A manobra que requer um esforço sobre-humano de minha parte.

— Se ao menos tivesse um banquinho de plástico, eu poderia te sentar nele para você tomar um banho. Vamos ter que dar um jeito com os recursos disponíveis.

Tenho a impressão de que ele está falando mais com ele do que comigo. O que eu não entendo é porque ele tira a própria camiseta. Depois parece hesitar, mas decide retirar as calças também. O que o Enzo está fazendo de cueca boxer no meu banheiro? Não faço ideia. Duvido que ele esteja fazendo isso com o objetivo de dar em cima de mim. O cara acabou de segurar meus cabelos enquanto eu

colocava minha alma para fora no vaso não tem nem dez minutos.

Mesmo doente e com vontade de me enrolar em uma bola debaixo do edredom para passar o resto dos meus dias, ainda tenho um pouco de força para observá-lo em detalhes. Preciso dizer que minha posição no chão não é a ideal. Mas, mesmo assim, tenho uma visão perfeita de sua barriga que possui um tanquinho muito atraente. Com certeza não foi com cerveja que ele conseguiu essa forma. Um V delicioso aponta na direção mais ao sul, porém, por causa da maldita cueca, não vejo mais nada.

Comigo ainda sentada no chão sem esperar por nada, ele se curva em cima de mim, me pega nos braços e me levanta. E isso não parece demandar muito esforço da parte dele.

— Você faz bem em carregar todos aqueles barris — digo observando o bíceps que aparece bem debaixo do meu nariz.

Acho que estou desenvolvendo um vício nesta parte de sua anatomia. Sinto que ele me observa. Levanto a cabeça na direção dele, que parece inquieto.

— Agora ela começou a delirar — ele murmura.

Isso me dá vontade de rir. Tenho vontade de responder que não, que penso isso com toda seriedade, mas não tenho forças. Minhas pernas mal me seguram. Se ele me soltar, não tenho certeza se consigo ficar em pé por muito tempo.

Com uma mão, ele liga a torneira do chuveiro. A tubulação de outra era crepita e a água começa a fluir. Enzo me olha nos olhos e declara:

— Vou tirar o seu short.

— E minha calcinha?

Não sei por que respondo isso na lata. Enzo fecha os olhos, respira fundo.

— Não, vamos manter, nos dois, nossas roupas íntimas.
Ele acrescenta em um sussurro:
— Vai ser melhor assim.

Eu o deixo retirar meu short do pijama. Ele me faz entrar no chuveiro. O box é bem pequeno, nós dois ficamos apertados, então estou quase colada nele. A temperatura da água está perfeita. Não saberia dizer se quente ou fria, só perfeita.

Enzo pega a minha mão com a palma para cima e coloca ali um pouco de gel de banho. Começo a me ensaboar com delicadeza. Sinto uma pontinha de decepção. Teria gostado que ele me ensaboasse. Sua mão continua na minha cintura, acho que para evitar que eu perca o equilíbrio ou escorregue. Mas como ele está atrás de mim, não vejo exatamente o que está fazendo, porém ele parece perfeitamente imóvel. Quando eu acabo, ele pergunta:

— Você precisa de ajuda com os cabelos?

Concordo com a cabeça. Estou realmente cansada. Enzo aplica com delicadeza o xampu no meu couro cabeludo já molhado. Com a ponta dos dedos, ele massageia delicadamente fazendo leves círculos. Parece que ele fez isso a vida inteira. Os dedos de Enzo escorregaram para minha nuca onde eles demoram por alguns instantes. Não reprimo o gemido de prazer que escapa de meus lábios. Ele segura a torneira e murmura para que eu vire a cabeça para trás. Ela parece pesar uma tonelada, então apoio a cabeça no ombro dele. Sinto que ele congela por um segundo, depois começa a enxaguar meus cabelos. Por fim, ele fecha a água do chuveiro.

— Você acha que pode ficar sozinha um minuto? Vou procurar toalhas para nós.

Resmungo que sim, mesmo que neste instante a última coisa que eu quero é que ele desapareça.

Enzo sai do chuveiro. Eu o escuto abrir o armário sobre a pia. Ele solta um palavrão quando escuto um barulho metálico. É a maçaneta que deve ter caído na mão dele. Não pensei em avisá-lo.

Ele volta um instante depois, uma toalha amarrada na cintura. Ele me envolve quando chega a minha vez. A toalha é áspera e tem um leve cheiro de guardado, mas essa é a última das minhas preocupações. Enzo me tira do chuveiro e me enxuga. Ele me ajuda a sair do banheiro e me senta na cama, que range.

— Este lugar está caindo aos pedaços — ele xinga.

Uma vez que ele garante que estou bem instalada, o vejo examinar minha mala. Ele pega uma camiseta e um short, no momento em que ele abre a gaveta da cômoda onde eu coloquei de qualquer jeito minhas roupas íntimas, um sobressalto de bom senso me vem à mente.

— Você não vai fuxicar aí dentro nem a pau!

Ele levanta uma sobrancelha, entretido.

— É isso que te incomoda? Que eu veja a sua coleção de calcinhas de renda?

Tento me levantar, mas mais rápido que um ninja, ele se move e para na minha frente, me bloqueando a passagem.

— Fica sentada. Salve um pouco as forças que você tem para tirar as roupas molhadas e colocar essas aqui. Durante esse tempo, vou me trocar no banheiro.

Não ousou perguntar como ele vai fazer com a cueca molhada. Em vez disso, me concentro na tarefa que ele me passou.

Um pouco mais tarde, estou na minha cama, propriamente vestida e olho Enzo, que está fazendo um inventário da minha farmacinha.

— Vou até a cidade comprar o que está faltando — ele declara.

— Não precisa — murmuro, sentindo minhas pálpebras ficando pesadas.

Mas meu comentário nem o atinge. Ele continua:

— Também vou buscar alguma coisa para você comer. Sua geladeira está vazia.

Tenho a impressão de que é uma reprimenda, mas não encontro nada para responder a isso. Aliás, nem sei se ele falou mais alguma coisa, ou se sequer ainda está por aqui, muito rápido eu pego no sono.

Acordo coberta de suor e desorientada. Depois, distingo uma forma sentada em uma cadeira.

— Você acordou?

Enzo.

— Você deveria voltar para casa.

Ele se aproxima e coloca a mão em minha testa.

— A febre não abaixa. A gente devia chamar um médico.

— Só preciso descansar, só isso.

Enzo me dá uma pílula e um copo d'água. Eu os pego sem reclamar. Talvez não devesse.

— Você pode ir agora.

— Não vou sair daqui, Léo.

— Sem médico. Vou melhorar.

Se ele se diverte bancando o enfermeiro, que fique; mas não vale a pena incomodar um médico por isso.

Esvazio meu estômago de novo. Estou sentada em minha cama e Enzo me passa uma bacia. De onde ela saiu? Não faço ideia.

— Isso é muito nojento — murmuro. — Me desculpe.

— Shhh. Volte a dormir.

Sinto que ele enxuga meu rosto com um pano úmido e apago.

Quando meus olhos se abrem de novo, o despertador indica que já passa da meia-noite. A cadeira está vazia, Enzo deve ter ido embora. Em seguida, percebo que alguma coisa se move na cama ao meu lado.

Enzo está sentado, as costas contra a parede. Tirou os sapatos e as meias e parece relaxado, como se fosse normal que ele esteja aqui me assistindo dormir.

Estica a mão em minha direção e a coloca em minha testa. Ele franze as sobrancelhas.

— Você ainda está com febre.

— Estou com tanto frio.

Como posso estar com febre quando tenho a impressão de estar congelada dos dedos dos pés à raiz do meu cabelo?

Me endireito e me movo para me sentar a fim de me levantar.

— Fique na cama. Se você precisar de alguma coisa, posso buscar para você.

— Preciso ir ao banheiro.

Levo um tempo me certificando de que minhas pernas me aguentam antes de me lançar no curto trajeto que me separa do banheiro. Nas minhas costas, sinto Enzo prestes a pular ao menor sinal de fraqueza.

Faço o que tenho que fazer e aproveito para escovar os dentes. No espelho, a imagem que vejo é de um fantasma. Minha pele está pálida como um lençol de hospital, estou com olheiras e descabelada.

Escuto um barulho no quarto e, quando volto para lá, encontro Enzo trocando os lençóis da cama.

— Como você está se sentindo? — ele pergunta enquanto ajeita as dobras no colchão.

Se ele estiver desempregado um dia, pode se candidatar a uma vaga como camareira. Trocar os lençóis em tão pouco tempo com tamanha precisão não é para qualquer um.

— Vendendo saúde.

Me deixo cair na cama. Ele deixou um canto dobrado para que eu possa entrar com facilidade debaixo do lençol. Eu o jogo por cima de mim.

— Ah, como isso está bom!

Gemo de prazer. Lençóis limpos me parece o máximo do luxo. Mesmo que esses sejam horríveis e pareçam mais ser feitos de juta do que de algodão egípcio de um hotel cinco estrelas.

Enzo me passa uma camiseta limpa. É verdade que a minha está encharcada.

— Não tenho forças suficientes para me trocar.

— Senta.

Dou um gemido, mas obedeco. Enzo segura a parte de baixo da minha blusa e levanto, por instinto, os braços para ajudá-lo. Não estou nem ligando que ele me veja mais uma vez de sutiã, afinal, ele me viu pôr as tripas para fora várias vezes nestas últimas horas, duvido que ele possa aproveitar o espetáculo depois disso. Ele se senta ao meu lado e afasta a gola da camiseta para passá-la pela minha cabeça.

— Você sabe que é perfeito demais para ser real? Como foi que ainda não teve uma mulher que te agarrou?

Ele ri de leve e responde.

— Deveria te gravar para mostrar para você quando não estiver mais delirando.

— Além disso, você cheira tão bem — suspiro, colocando minha testa contra seu ombro.

Ele acabou de me trocar, mas não faz nada para me fazer mexer. Ao contrário, se descola ligeiramente para se colocar nas minhas costas e me puxa contra ele. Minha cabeça repousa agora contra seu peito. E aprecio que ele seja de novo meu travesseiro humano, como no outro dia na adega. Estava com tanto frio e aqui sinto o calor que ele emana me aquecer pouco a pouco. Estou bem.

Enzo desenha pequenos círculos em meu braço com seus dedos. Acabo quebrando o silêncio.

— Você realmente quis dizer o que me falou no outro dia quando estávamos trancados?

Ele não responde logo de cara e me pergunto se ele está repassando nossa conversa ou se está fingindo não ter me ouvido para se esquivar.

— Cada palavra — ele acaba confessando.

Quando acordo, já é dia e me sinto muito melhor. Viro a cabeça e na cabeceira tem um copo de água me esperando. Eu o pego e bebo enquanto escuto os sons do apartamento. Não há nenhum além do zumbido da geladeira. Enzo não está na cama ao meu lado como esta noite. Ele foi embora?

Me levanto e, depois de passar no banheiro, entro na sala. Encontro Enzo dormindo no sofá. Não sei há quanto tempo ele está aqui, mas uma coisa é certa: ele esteve bem ativo nestas últimas horas. A louça suja desapareceu da pia, não tem mais um grão de poeira nas estantes da sala, minhas revistas estão empilhadas perfeitamente na mesinha de centro e sinto cheiro de produto de limpeza. Deluca deu uma de Senhor Limpinho nestas últimas horas e, de alguma forma, isso me irrita. Que ele tenha vindo cuidar de mim é gentil, mas nunca pedi que ele arrumasse minha bagunça. Abro a geladeira procurando algo para beber. Aqui não tem chaleira para que eu possa preparar meu Earl Grey matinal. Os armários estão cheios de comida, como se minha mãe tivesse passado aqui. Corrigindo, como se a mãe dele tivesse passado aqui, pois as travessas de lasanha que estão enfeitando a prateleira do meio gritam *fabricação Mamma Deluca* a plenos pulmões.

— Você pediu para a sua mãe fazer comida para mim?

Falo alto, o que faz com que ele acorde de um salto. Ele esfrega os olhos, os cabelos estão desgrehados, bem maiores agora.

— Que horas são? — ele pergunta bocejando.

— Não faço ideia. Da mesma maneira que não sei por que minha geladeira está cheia como se fosse ter um cerco daqui a pouco.

— Fiz umas compras para você quando fui comprar remédios ontem — ele boceja. — Achei que se você continuasse doente nos próximos dias, comida seria útil.

— E as lasanhas?

— Era para eu ter ido comer na casa dos meus pais ontem. Quando liguei para cancelar, tive que explicar para minha mãe que tinha uma boa razão para isso. De repente, ela chegou com o jantar. Ela te mandou um beijo, na verdade.

— Ótimo. Quantas pessoas vieram ver que eu não estava morta durante meu sono?

Ele me lança um olhar de desdém.

— Ninguém além dela. Também enviei uma mensagem para a sua irmã dizendo que você ainda estava respirando. Talvez eu devesse ter aproveitado para te estrangular durante seu sono e deixar todo mundo acreditar que foi um vírus fulminante.

— Talvez mesmo. Vão dizer que você perdeu a oportunidade. Você pode voltar para casa agora.

— Como você está se sentindo?

— Como pode ver, estou em pé nas minhas próprias pernas e não tenho mais febre. Você está dispensado do seu papel de enfermeiro.

Ele me observa sentado no sofá, mas não se move.

— Aliás, você não deveria estar no trabalho?

Abro outro armário tentando parecer ocupada na esperança de que ele entenda a indireta que está na hora de ir. Acabo encontrando objetos que não estavam aqui ontem.

— Você deveria reconsiderar minha proposta de ficar no meu quarto de hóspedes. Aqui é um cativeiro. Fico

alucinado que você esteja pagando para viver em um lugar assim.

— Tenho todo o conforto que preciso aqui.

— Não sabia que você gostava da companhia das baratas.

O que ele falou me deixa paralisada. Será que ele realmente viu baratas? Continuo de costas para ele, não quero lhe mostrar minha agitação. Escuto um barulho, parece que ele enfim decidiu se mexer.

— Enfim, se mudar de opinião, você sabe onde me encontrar — ele declara.

— Tá bom. Mas se isso não te perturbar muito, minhas amigas baratas e eu adoraríamos tomar o café da manhã tranquilas.

Eu o escuto resmungar alguma coisa, mas é muito baixo para que entenda o que exatamente. Alguns segundos depois, escuto a porta abrir e voltar a fechar. Ele se foi.

CAPÍTULO 25

Léonie

Após a partida de Enzo, passo o dia trancada assistindo séries idiotas no computador. Liguei para a Laetitia que me mandou ficar em casa e repousar. Ela não quer me ver no *Domaine* e tenho bom senso de não contradizer uma mulher prestes a parir. Além do que, estou muito cansada para ser eficaz no trabalho. E talvez esteja contagiosa. Enfim, essa foi a razão que me dei para me permitir ficar em casa. Mas a verdade é que não quero cruzar com o Enzo. Não depois que eu o escorracei como um maltrapilho esta manhã.

No fim do dia, necessito sair. As quatro paredes do quartinho parecem ainda mais perto uma das outras e não tenho nada para fazer. A fada da limpeza que vive no grandalhão dos olhos cor de café já cuidou de tudo. Se eu tivesse uma lavadora de roupas, suponho que ele teria até lavado as minhas calcinhas.

Decido então ir ao curso de teatro. Ainda não falei com a Loraine da minha ideia de produzirmos um espetáculo. Aguardo com paciência o final da aula para defender a minha ideia com toda a com toda a diplomacia que sou capaz. Ela me escuta com os braços cruzados, o que não é um bom sinal. No entanto, quando eu acabo meu pequeno discurso de apresentação (que talvez tenha treinado na frente do espelho), ela declara:

— Acho que não é uma ideia ruim. No fim das contas, só resta saber se os alunos do curso vão querer. A meu ver, alguns não terão vontade de se apresentar em público.

Tendo em conta que eu esperava um não categórico da parte dela, sua preocupação quanto a falta de animação dos alunos com a ideia me parece um mero detalhe.

— Se você concordar, adoraria falar com eles eu mesma.

Alguma coisa me diz que conseguirei apresentar a ideia de forma mais convincente que ela. Além do que, o projeto é meu.

— Tudo bem, mas eu escolho a peça.

Nesse momento, vejo uma catástrofe acontecendo no meu futuro se a escolha dela for ruim. Mas será que eu devo arriscar e negar? Adoraria que ela me desse carta branca neste ponto, mas talvez seja melhor ceder. Ao menos que ela faça uma péssima escolha.

— Está bem, é claro. Você pensou em qual?

— *Antígona* de Jean Anouilh.

Ela pronuncia o nome da peça com se esperasse que eu não conhecesse. Não teria sido a minha primeira opção, mas não é tão ruim assim. É adaptável para iniciantes e já imagino a Joy no papel de Antígona. Tento usar meu tom mais animado e declaro:

— Vamos à Antígona!

— Agora, se você me der licença, tenho coisas para fazer.

Concordo com a cabeça, o sorriso colado nos lábios, muito contente com a ideia de ter meu projeto aprovado. Agora tenho que arregaçar as mangas se quero que a gente seja capaz de apresentar esse espetáculo antes da volta às aulas.

No dia seguinte, noto que a minha ausência no *Domaine* não passou despercebida. Na copa, todos os empregados

com quem cruzo me perguntam por que estive ausente. À princípio, é agradável perceber que não sou tão invisível assim. Vai ficando menos agradável a cada repetição. E não, não tenho vontade de explicar exatamente o que tive. Quem tem vontade de falar disso tão cedo de manhã?

De repente, percebo mais alguém entrar na sala. As pessoas presentes se calam e fico ainda mais consciente de sua presença. Enzo. Um trabalhador da loja o cumprimenta, ele responde relutante enquanto se dirige direto na minha direção. Seus olhos não saem de mim. Ele só para quando está a alguns centímetros de mim, me obrigando a levantar a cabeça para olhar para ele.

— Oi — ele diz em uma voz baixa.

— Oi.

— Como você está se sentindo?

Ele me fez essa pergunta várias vezes na outra noite, e apesar do fato de eu nunca ter lhe dito a verdade (que me sentia terrivelmente mal), tenho a impressão de que ele não precisava realmente da minha resposta para saber. Agora, é diferente. Leio em seu olhar que não posso mentir.

— Melhor.

Não consigo tirar meus olhos dos dele. Estou bem consciente de que estão nos observando. Será que se a gente estivesse sozinho seria diferente? Será que eu teria coragem de acrescentar alguma coisa? É estranho, ele me parece tão próximo e ao mesmo tempo tão distante. Quando ele cuidou de mim, me pegou nos braços, me sustentou e agora até colocar a mão em seu antebraço me parece proibido. Porém o mais incongruente é que sinto falta da proximidade física. Voltamos a nos comportar como dois estranhos. Dois estranhos que, entretanto, se conhecem bem.

Eu o vejo hesitar um instante, depois propõe:

— Estava pensando comigo mesmo que... se uma noite, você se encontrar sem nada para fazer em casa, se sentir

vontade de sair, para ir ver um filme... ou fazer alguma coisa, me ligue.

A sugestão me deixa sem voz. O que é isso? Parece um adolescente convidando uma garota para sair completamente sem jeito. Aliás, ele parece tão inseguro quanto um aluno do ensino médio. Não tenho tempo de responder nada, pois Tristan entra na sala.

— Ah, olha você aí. Já de volta?

— Sim, parece que sim.

Sorrio para o enólogo.

— Foi só uma virose.

Vejo Enzo revirar os olhos. Tristan olha para ele e declara apontando com um movimento de cabeça:

— O enfermeiro aqui presente não parece ter a mesma opinião.

Ele contou para todo mundo que cuidou de mim?

— Ele gosta de exagerar — me justifico.

— Você estava super mal, não tem vergonha nenhuma nisso.

Estou pronta para contra-argumentar, mas ele escapa, me deixando sozinha com Tristan.

— Você tinha que ter visto ele todo estressado por não saber onde você se escondia. No segundo em que ele soube que você estava doente, ele voou ao teu socorro igual a um bravo cavaleiro. Acho que tenho que agradecer a ele, se ele não tivesse cuidado de você, teria sido eu quem teria que ir ver se você não estava morta. E detesto germes.

— Bom saber que posso contar com você — sacaneio.

— Ah, creio que o Enzo tinha boas razões para estar motivado a voar em seu socorro. É ousado imaginar que você o agradeceu de maneira adequada.

— Na verdade, o expulsei de minha casa sem cerimônia assim que me senti melhor.

Fico com um pouco de vergonha ao falar em voz alta, ainda mais quando Tristan me olha como se eu tivesse duas cabeças.

- Acho que nunca vou entender vocês dois.
— Não sei se um dia a gente vai entender... — suspiro.

Estou diante da porta de Enzo e, de repente, me sinto ridícula. Quem aparece assim sem avisar? Talvez ele nem esteja em casa.

Você sabe muito bem que ele está aqui, você verificou que o carro dele estava estacionado lá embaixo.

Talvez ele não esteja sozinho. Talvez até ele não queira ser incomodado...

Depois dos sinais que ele me deu nestes últimos dias, seria estranho, mas não é como se eu tivesse lhe dado qualquer esperança que seja. E ele não é um monge, não que eu saiba.

No momento em que me pergunto pela quinquagésima vez se devo bater ou não, a porta se abre.

— Entre. A pizza está quase pronta — declara Enzo meio entretido e meio chateado.

Obedeço e ouço a porta bater atrás de mim. Caí numa armadilha, não posso mais fugir.

— Você sabia que eu viria?

Como ele adivinhou? Não falei disso com ninguém. Nem eu estava certa há uma meia hora.

— Vi você estacionar e entrar no prédio.

— Você é uma velha fofoqueira? — suspiro. — Fica na janela o dia inteiro para saber quem chega e quem vai?

— Só quando é você. Acredito que tenho um sexto sentido que aciona quando você está por perto. Então, a que devo o prazer de sua visita? Você enfim pensou que não é tão horrível assim passar um tempo comigo? Ou então você está em plena crise de abstinência? Preciso dizer que duas noites juntos na mesma semana não acontecia desde...

— Se você falar de novo da vez em que nossos pais nos obrigaram a ir acampar e que você jogou coisas na minha tenda a noite toda para me fazer acreditar que tinha um montão de bichos em volta, vou embora agora.

— Tudo bem, nem mais uma palavra. Quero saber o que te traz aqui.

Ele passa para trás do balcão da cozinha e olha através do vidro do forno certamente para ver o cozimento da pizza. Não tenho mais nenhuma vontade de conversar com ele, mas, mesmo assim, vim para me desculpar. E acho que se eu sair agora, vou me culpar por não ter tido toda a conversa.

— Vim te agradecer.

Ele se ajeita e me olha espantado.

— Me agradecer pelo que?

— Por cuidar de mim quando eu estava doente.

— Ah. De nada — ele responde como se efetivamente não houvesse nenhuma importância.

— Não... quero dizer, eu te devo desculpas. Você foi adorável comigo e eu te agradei jogando você porta à fora como um maltrapilho, sem mesmo um obrigada. Me desculpe.

Ele sorri o que me indica que ele gostou do que eu disse. E me sinto estranhamente aliviada.

— Da próxima vez que um homem passar a noite limpando seu vômito, ofereça ao menos um café no dia seguinte. Acho que ele vai gostar.

— Não estou certa de que muitos homens estariam prontos para cuidar de mim como você fez. Tristan até me confessou que ele manteria uma distância de pelo menos de cinco metros.

— Eles não sabem o que estão perdendo — ele brinca.

— De novo, obrigada.

Sorrio para ele e ficamos alguns segundos assim a nos observar, até que o timer do fogão apitasse. Enzo se vira para o forno para tirar a pizza e eu não hesito um segundo.

Pego nos armários as coisas para pôr a mesa. Parece que vou jantar com ele.

A conversa é leve, falamos sobretudo do *Domaine*. De seu trabalho para preparar tudo nas adegas antes que a colheita comece em algumas semanas.

— Você não está um pouco estressado? Vai ser a sua primeira colheita.

— Vamos dizer que não é a colheita em si que me estressa, enquanto as uvas estão presas na videira, elas ainda são responsabilidade do Sébastien. E colhê-las também é responsabilidade dele. É a partir do momento em que as primeiras uvas chegarem à adega que meu trabalho realmente começa.

— Sua primeira safra.

— Minha primeira safra — ele repete com um sorriso. — E você? Quais são seus projetos para depois do outono?

A pergunta me pega desprevenida.

— O que você quer dizer?

— Ouvi Sébastien falando que ele pensa em contratar uma representante comercial para ajudar Laetitia depois que ela voltar da licença maternidade, pois ela estará com menos disponibilidade por causa do bebê. Achei que eles tinham te oferecido a vaga?

A verdade é que eles falaram comigo.

— Nada está decidido por agora — me esquivo. — Você não me falou de um sorvete de chocolate?

Vejo no brilho no fundo de seus olhos que ele não foi enganado. Também preciso dizer que a minha tentativa de mudar de assunto não foi tão sutil. Ele se levanta e, enquanto arrumo nossos pratos, abre o congelador. Ele me dá uma casquinha e me propõe irmos nos sentar no sofá para degustar. Aceito e passamos os próximos minutos em silêncio. Não é estranho propriamente dito, mas é o momento que meu cérebro escolheu para divagar. Estou no meio de uma noite tranquila e bem normal com Enzo. Uma

coisa que eu não teria imaginado possível somente uma semana atrás.

Sentindo, de certo, que ele está nos meus pensamentos, ele se vira para mim e me diz:

— Delicioso, não?

Ele pontua sua questão com um piscar de olhos e fico ainda mais desestabilizada. Gaguejo um sim e enrubesço. Espero que ele esteja muito absorto no sorvete para se dar conta. Acabo, por minha vez, de cair em mim: não foi a casquinha de chocolate que eu acho deliciosa, mas sobretudo quem me ofereceu ela. É estranho, eu que sempre tive uma queda pelos caras que cuidam da aparência, e agora me encontro fantasiando com o perfeito contraste a eles. Com a calça jeans que já viu dias melhores, a camiseta simples, a barba de alguns dias e os cabelos bagunçados, Enzo tem um lado de menino mau que é muito irresistível.

Muito irresistível? Você está se ouvindo, Léonie? Você não pode achar o Enzo irresistível!

Mas fora a aparência, ele não é um menino mau, e sim... um cara prestativo e adorável que me pegou em seus braços quando eu estava com frio, que cuidou de mim quando eu estava doente...

— Preciso ir!

Acabo assustando a nós dois com a minha exclamação.

— Você não quer ficar para ver um filme? — ele sugere.

— Não, tenho um monte de coisas para fazer.

Já estou de pé procurando minha bolsa. Enzo também se levanta, ele parece decepcionado, mas tento evitar seu olhar.

— Bom, até amanhã, acho que te vejo amanhã no *Domaine*?

Falo por cima de meu ombro enquanto escapo em direção à saída.

— Claro. Até amanhã.

Um sobressalto de boas maneiras me faz parar por um instante, então acrescento:

— Obrigada pelo jantar!

No dia seguinte, não encontro com Enzo no *Domaine*. Dessa vez, não estou evitando encontrar ele de propósito, eu simplesmente não cruzei com ele. Repensei uma boa parte da noite sobre a maneira pouco educada que me despedi. Ele vai acabar pensando que tenho problemas de comportamento. Se é que já não pensa. Quando chego em casa, ou melhor, na kitnet que ainda alugo por mais alguns dias, ainda estou ruminando nossa noite.

Coloco meu telefone para carregar, pois ele está sem bateria, e penso que, mesmo que seja cedo, cozinhar vai me manter ocupada. Abro a geladeira a procura de alguma coisa comestível. Infelizmente, não tenho mais as fabulosas lasanhas preparadas por Rita Deluca.

Olha aí, mais uma coisa que me faz pensar nele.

Parece que o destino se une contra mim para que eu não possa expulsá-lo de meus pensamentos. Acabo escolhendo uma comida embalada à vácuo, de certo sem sabor, que tenho no fundo de um armário. Leio as instruções de aquecimento e coloco no micro-ondas. Nem dois segundo depois, o micro-ondas para. Ao mesmo tempo, a televisão, que eu tinha ligado para ter alguma coisa me fazendo companhia, desliga. Os fusíveis desarmaram de novo... Pouco mais de uma semana que estou aqui e o fenômeno se produz com regularidade. Isso e outros pequenos inconvenientes. Quando visitei este apartamento (se é podemos chamá-lo assim), logo me dei conta de que não era um Versailles; mas eu precisava de um lugar que não prejudicaria muito as minhas economias e não tão longe do trabalho. Em pleno verão, não é tão fácil achar alguma coisa para alugar por um período tão curto de

tempo, e a maior parte dos proprietários preferem privilegiar os aluguéis aos turistas, pois podem cobrar mais caro. Então, quando dizia que só seriam três semanas, eles me dispensavam. Mas agora essas três semanas parecem uma eternidade.

Saio da cabana e vou até a caixa de luz. Abro a porta dela e me encontro cara a cara com uma aranha enorme de patas gigantescas, que decidiu que agora era um ótimo momento para repousar sobre o botão que devo apertar. Não sou do tipo que grita por cada bichinho minúsculo, mas daí a tocá-la para a fazer se retirar...

Suspiro. Sou uma mulher independente, capaz e inteligente, mas às vezes dá medo ser adulto. E para essa tarefa, não existe batom que me dê força.

Ainda estou sentada diante do disjuntor meditando sobre meu pobre destino quando ouço me chamarem:

— Léo.

— Estou aqui.

Um segundo depois, Enzo está na minha frente em carne e osso.

— Deus do céu, encontrei você.

Se ele não estivesse parecendo tão em pânico, eu teria comentado que nenhum rapaz da sua idade diz *Deus do céu*. Nem tenho certeza se a minha avó ainda usa essa expressão.

— O que aconteceu?

— É a sua irmã, ela está no hospital. Sébastien me pediu para te ligar quando cruzei com ele no *Domaine* enquanto ele leva ela para o hospital. Estou tentando há um tempo, mas caio sempre na caixa postal. Então achei que seria mais simples vir te procurar aqui.

Não importa quantas vezes ele tentasse, não conseguiria atender nem se quisesse, com o celular sem

bateria.

— O bebê está chegando?

Fico toda empolgada com essa notícia. Vou enfim ser titia. Mas infelizmente a careta de Enzo me diz que algo está errado. E quando ele utiliza a voz de dar más notícias, meu estado passa de eufórico para angustiado em um único segundo.

— Léonie, sua irmã foi levada ao hospital pois ela estava com dores e fortes vômitos. O trabalho de parto não parecia ter começado... enfim, foi o que eu entendi — ele tenta minimizar.

Estou sem voz e meu cérebro parece ter congelado na mesma ocasião.

— Pegue suas coisas, vou te levar para o hospital.

Dou dois passos em direção à casa, depois retorno.

— Espere, tenho que religar os fusíveis, eles desarmaram e...

— Deixa que eu cuido disso, vai pegar suas coisas.

Obedeço e apenas um minuto depois, a eletricidade volta e estou no carro de Enzo em direção ao hospital. Perguntar o que ele fez com a aranha é a última das minhas preocupações.

Chegando lá, corremos para o balcão de recepção.

— Laetitia Dubois de l'Argens et de Castellet — digo sem outro preâmbulo.

A atendente me olha com olhar atravessado. Acrescento um “Por favor”, consciente de que minha angústia não desculpa minha falta de boas maneiras. E ainda o nome da minha irmã, que ficou maior depois que ela se casou, jogado assim à toda velocidade, parece um pouco com um tiro de submetralhadora.

— Não posso dar informações para vocês.

Não tenho certeza de que ela disse a verdade, então me preparo para responder e brigar com essa megera se ela não quer cooperar. Mas Enzo me puxa pelo braço.

— Venha, a gente vai se sentar ali e vou enviar uma mensagem para o Sébastien dizendo que estamos aqui.

— Mas eu não vou ficar sentada. Quero ver a minha irmã.

— Ela deve estar sendo examinada, e o marido está com ela. Eles vão te deixar entrar assim que for possível. Com certeza, não é bom ter uma tropa de gente ansiosa em volta dela.

Mesmo que esteja decepcionada, percebo que ele tem razão. Me instalo em uma das cadeiras de plástico da sala de espera. Ela cheira ao mesmo produto antisséptico que a casa de repouso da vovó Violette. Este cheiro acre que não inspira nada de bom. Enzo me pergunta se quero que ele traga alguma coisa da máquina de sanduíches, mas mesmo que estivesse me aprontando para jantar agora há pouco, perdi totalmente a fome.

Depois de uma hora, Sébastien vem enfim ao nosso encontro. E no momento em que o vejo um pressentimento ruim me preenche. Ele parece ter envelhecido dez anos de repente. Não é o rosto radiante de um homem pestes a se tornar pai. O rosto dele está contorcido de dor e nos agradece por estarmos aqui.

— O que está acontecendo, Séb? — pergunto.

— Laetitia está com vários sinais que levaram os médicos a possibilidade de pré-eclâmpsia. Por isso, ela foi levada daqui para a emergência e o diagnóstico do médico não é muito bom. Eles vão induzir o parto, fazer uma cesariana.

— Ai, meu Deus.

Fico consciente, assim que pronuncio estas palavras, que a minha reação não é nada apropriada. Deveria reconfortar meu cunhado e dizer que tudo vai ficar bem, não entrar em pânico.

— Só queria manter vocês informados, agora vou voltar para o lado dela. Léonie, você pode avisar seus pais?

Me sinto incapaz de responder, então Enzo responde no meu lugar:

— Volte para perto da sua esposa. A gente cuida do resto.

Sébastien o agradece com um aceno de cabeça e se vira. Quando ele desaparece, eu desabo. Sinto as primeiras lágrimas correrem pelo meu rosto.

— Ei. Não chore, Léo, vai ficar tudo bem — afirma Enzo, pegando a minha mão.

— Como você pode saber disso? Virou médico, agora?

Minha voz falha, no entanto, não o desanima. Ele se move para ficar de frente para mim, pega minha outra mão e me fala com uma voz calma:

— É normal que você esteja nervosa, mas não deixe sua mente focar nos cenários catastróficos. Laetitia está em boas mãos. A situação não é ideal, mas acho que ela preferiria que você mandasse vibrações positivas.

Concordo com a cabeça e trocamos um sorriso triste. As próximas horas vão ser muito longas...

De fato, passamos várias horas nas cadeiras desconfortáveis da sala de espera da maternidade. Nenhuma única vez Enzo soltou a minha mão. Foi ele que se encarregou de ligar para os meus pais, assim como para Solène, a melhor amiga de Laetitia. Ele explicou a situação de forma muito calma, os fazendo entender com diplomacia que não adiantaria de nada que eles viessem ao hospital agora. Eu estava muito em choque para ser capaz de ter essa conversa.

Quando era próximo de quatro horas da manhã, as portas se abrem para um Sébastien sorridente, tenho a impressão de poder enfim respirar.

— É um menino! — ele exclama, orgulhoso que só ele.

Começo a rir e vou ao seu encontro. Ele me pega nos braços e repete: “É um menino!”

— Como ela está?

— Cansada, mas está tudo bem. O médico está confiante.

— Parabéns, chefe — diz Enzo, apertando a mão de meu cunhado.

Este ri. Eles se conhecem desde a infância, e mesmo que Sébastien tenha alguns anos a mais e Enzo o respeite muito, Enzo nunca se refere a ele como chefe.

— Qual vai ser o nome dele?

— Ainda não decidimos. Estávamos divididos entre dois nomes, e com o que aconteceu nas últimas horas, escolher um não era a nossa prioridade. Mas vocês vão saber quando escolhermos. Agora, se vocês me dão licença, minha mulher e meu filho me esperam.

Eu dou um último abraço nele e o vejo partir, desta vez com um sorriso nos lábios.

— Acho que está na hora de voltarmos, agora que a gente sabe que está tudo bem — anuncia Enzo. — Te incomoda vir para a minha casa? Posso te levar para a sua mais tarde, depois que tivermos dormido algumas horas. A não ser que...

— Não, vamos para a sua casa. Está tudo bem.

A ideia de voltar para o meu ninho de ratos não me anima muito, agora que sei como seu quarto de hóspedes é aconchegante. Além disso, ele mora muito mais perto daqui do que eu.

— Obrigada por ter ficado comigo — digo enquanto saímos do elevador no prédio dele e chegamos diante de sua porta.

Ele dá de ombros como se não tivesse sido nada. Ele vira a chave na fechadura e faz sinal para que eu entre.

— De verdade — insisto. — Obrigada por ter ficado e ter segurado minha mão. Eu... eu...

Estou sem palavras para expressar minha gratidão. Tenho a impressão de que nestes últimos dias é tudo o que eu faço: agradecê-lo. Assim, fica um pouco complicado ser original. Me deixo cair no sofá e ele se instala ao meu lado. Ele me encara intensamente. Seu cotovelo está apoiado nas almofadas das costas do sofá e sua mão está pousada em sua nuca.

— Eu não sou muito bom para várias coisas, mas se consigo te deixar um pouco mais confortável, estou feliz.

Sua declaração é estranha, entretanto, parece sincera. Sinto outra fissura abrir no muro que nos separa há tanto tempo. E do que ele está falando quando diz que não é bom em várias coisas? Estou constrangida com esta confissão de sentimentos, então me aventuro por uma outra rota, com um tom leve.

— Acho que nunca vivi uma noite com tantas emoções contraditórias. Tenho a impressão de ter andado em uma montanha russa!

— Entendo o que quer dizer. Mas não tenho certeza de ter sido a noite mais estranha da minha vida.

Ele levanta as sobrancelhas de maneira sugestiva.

— Ah, é? Lembranças de noites malucas para compartilhar, senhor Deluca?

Ele finge refletir e declara:

— Acho que o dia do meu próprio nascimento deve ter sido bem louco, mesmo que eu não tenha nenhuma lembrança.

— O dia do *nosso* nascimento, você quer dizer — digo em tom de falso aborrecimento.

— Exatamente. Você imagina, minha chegada ao mundo com minha mãe em pânico, um bombeiro gritando para ela: “Estou vendo a cabeça!” A sua mãe do lado, que não deveria estar dirigindo, e eu saindo no meio de todo o caos.

Passar de um lugar quente e confortável a loucura total, deve ter sido muitas emoções juntas. Um dia excepcional.

— Você está esquecendo o momento em que, por sua culpa, eu me vi sendo retirada do *meu* lugar quente e confortável. Eu não tinha pedido nada. Mas, bom, isso foi só o início de uma longa série de merdas das quais você seria a causa — suspiro.

Tudo bem, finjo estar incomodada mais por princípio do que por outra coisa; mas esse idiota me olha sorrindo.

— Adoro quando você resmunga assim.

— Não estou resmungando — replico, cruzando os braços.

— Ah, mas está, você franze o nariz quando está contrariada. Te deixa tão bonitinha.

— Não estou franzindo o nariz.

— Você acabou de franzir neste instante — ele afirma com uma voz baixa.

Tento descontraír ao máximo os músculos do meu rosto, mas me dou conta de que tem uma coisa muito mais importante para considerar: por que Enzo está de repente tão perto de mim? Tanto que posso identificar um brilho de malícia no fundo de seus olhos. E talvez seja outra coisa...

— Não.

Minha contradição não é mais que um murmúrio.

— Sim.

Sua afirmação é como uma carícia em meus lábios. Estes se entreabrem sem que eu tenha a possibilidade de pensar no sinal que estou mandando. Um clarão atravessa seu olhar, suas íris parecem ainda mais escuras do que de costume, se isso é possível. Um alarme soa no fundo do meu peito, mas eu não presto nenhuma atenção a ele. Estou hipnotizada. Uma única coisa atravessa minha mente, e é o último pensamento que eu imaginei ter na presença de Enzo:

Me beije.

Como se ele tivesse escutado minha ordem silenciosa, seus lábios se põem sobre os meus. Eles são quentes e macios. Eu os teria imaginado frios e duros como seu coração. Uma contradição completa. Ele demora explorando minha boca, seu polegar acaricia docemente a parte de baixo de meu rosto, como se ele me pedisse para mexer com ele. Abro meus lábios para facilitar a intromissão de sua língua e quando ela encontra a minha, sinto todo o ar escapar de meus pulmões.

Meu coração bate mais forte no peito, me sinto ganhando vida. Me aproximo até estar quase colada em seu torso. Coloco minha mão em sua nuca, puxando seu rosto na direção do meu. Não quero que ele me solte agora. Tenho a impressão repentina de que minha vida depende deste beijo. Ele é o oxigênio que preciso para sobreviver. Ele solta um pequeno gemido sexy que toca no mais profundo de meu ser. Seus dentes se chocam com os meus, seus dedos se perdem em meus cabelos. Não tenho ideia de quanto tempo dura este beijo, um minuto, uma hora, mas quando soltamos nosso abraço, estamos os dois sem fôlego.

— Amanhã a gente vai pegar as suas coisas e você se muda para cá.

Não é em absoluto o tipo de declaração que eu esperava. Tudo bem, este beijo foi muito bom, mas ainda não tenho certeza de que não tenha sido um erro. Então, disso a me mudar para casa dele... Enzo deve ver o pânico se instalando no meu rosto e que estou prestes a protestar. Ele cala o que eu vou dizer com um beijo leve em meus lábios.

— Você vai dormir no quarto de hóspedes. Isso não tem nada a ver com o que acabou de acontecer, já tinha tomado esta decisão quando fui te procurar para te levar ao hospital. Portanto, não fique revirando esta ideia a noite toda, também não fuja. Amanhã de manhã eu te acompanho, você devolve a chave a proprietária e você nunca mais pisa lá, está bem?

Balanço a cabeça como uma marionete. Ele me dá outro beijo nos lábios. Eles devem ter um efeito hipnotizante, ou alguma coisa do gênero. Porque não é do meu feitio deixar me dizerem o que fazer. Nem mesmo um cara que beija divinamente bem. *Onde foi se esconder a mulher progressista em mim? É agora que você tem que falar, minha filha.*

— Vai descansar, temos um monte de coisas nos esperando nos próximos dias. Boa noite, Léo.

Ele se levanta, dá um beijo em minha têmpora e vai para o próprio quarto. Ele fecha a porta atrás de si e eu fico como uma idiota encarando o painel de madeira.

O que acabou de acontecer? Estou perdida. E mais uma vez é por culpa do Enzo. Enfim, pode-se dizer que todos os momentos mais loucos de minha vida têm uma coisa em comum: ele estava presente.

CAPÍTULO 26

Enzo

A porta do quarto de Léonie se abre. Ela não dormiu tanto assim se a gente considerar a hora em que fomos nos deitar. Me pergunto se ela teve dificuldade em pegar no sono depois de nosso beijo de ontem à noite. Eu fiquei revivendo o momento mais de uma vez em minha cabeça e adormeci com um sorriso nos lábios.

Ela vai até a sala e se instala em uma das banquetas. Coloco água para esquentar e procuro o sachê de seu chá preferido.

— Oi.

— Oi — ela responde me observando com desconfiança.

Parece que sou um tipo de animal selvagem e ela não faz ideia se eu vou atacar ou ficar aqui tranquilo bebendo meu café e meio que a ignorando.

— Você dormiu bem?

— Dormi.

Ela ainda está desconfortável. Então decido ir direto ao ponto, falar do elefante na sala:

— Você está se perguntando como se comportar esta manhã, depois do nosso beijo ontem à noite?

Ela evita meu olhar e acha um certo interesse no revestimento do bar. Ela desenha com a ponta do dedo formas em cima dele.

— É um pouco isso — ela acaba admitindo.

— Pois bem, você é quem me diz.

Com esse meu comentário, ela levanta a cabeça para me olhar.

— É... o que isso quer dizer?

Me aproximo dela, contornando o bar. Ela vira na banquetta e eu paro a alguns centímetros de suas pernas.

— Eu não sei, Léonie, o que você quer fazer?

Ela pendura a cabeça para o lado, tenta entender até que ponto eu estou falando sério.

— Isso é só um jogo para você?

— Se é um jogo, você define as regras.

Ela se levanta, só alguns centímetros nos separam. Vejo seu peito levantar o algodão de sua camiseta. Minha camiseta, na verdade. Aquela que eu emprestei para ela dormir. Desde que ela acordou, se tornou a minha camiseta preferida. Devo resistir, não abaixar a cabeça para capturar seus lábios. Se fosse qualquer uma outra, talvez já tivesse feito. Mas estamos falando da Léonie. Léonie que vai refletir sobre o assunto, entrar em pânico e fugir no momento em que ela perceber que ela não está no controle. Então, mesmo que isso me mate, é ela quem precisa fazer a próxima jogada.

— Você quer dizer que se agora, de repente, eu decidir pular em você, você deixaria?

— Acho que demonstrei para você ontem à noite que eu não tenho absolutamente nada contra o fato de você pular em mim, muito pelo contrário.

Ela dá um passo para frente e coloca o indicativo no meu torso. Ela o escorrega toda delicada de alto a baixo e, mesmo que o algodão da minha camiseta o separe de minha pele, tenho a impressão de estar queimando.

— Então, se eu decidir que tenho vontade de te beijar, até fazer um pouco mais que te beijar, isso não seria nenhum problema para você?

— Estou curioso para saber o que você quer dizer com *um pouco mais*, mas alguma coisa me diz que vou gostar.

— E sou eu quem decide quando, onde e como fazer.

— Perfeitamente. Mas espero poder dar algumas sugestões... — brinco.

Ela hesita um pouco antes de fazer a próxima pergunta.

— E se eu decidir que essa coisa entre nós é só a fim de ver, como você sugeriu há um tempo, se a energia que nós usamos para brigar pode ser útil de outra forma? Se eu decidir que é só temporário e apenas sexo? Você vai querer participar mesmo assim?

Faço questão de olhar no fundo dos olhos dela quando digo a maior mentira que já disse para ela:

— Quero.

Se eu tenho vontade que seja só sexo entre nós? Absolutamente não. Mas ela não precisa saber disso agora. Já demonstrei que gosto dela, agora ela precisa entender os próprios sentimentos dela por mim. Ela precisa me ver de outra maneira, entender que nosso ódio mútuo não é ódio. Fizemos grandes progressos nestes últimos dias. Não sei se ela me considera como um amigo, mas tenho esperança de não ser mais o inimigo. Será que eu deveria esperar mais tempo para passar para a segunda fase de minha operação de sedução? Alguns diriam que sim. Mas eu já esperei demais. E nesse momento eu estou pronto para aceitar migalhas, qualquer coisa que ela quiser me dar, mesmo que signifique colocar meus sentimentos em banho-maria. Tenho esperança de que, com o tempo, ela vai perceber que sente por mim o mesmo que sinto por ela.

— Você sabe que se a gente fizer isso, vamos precisar de regras.

— Que romântico — sacaneio, o que me rende um olhar de desprezo.

Mudo rapidamente minha expressão e faço sinal para ela continuar, não quero que mude de ideia.

— Proibido falar disso com quem quer que seja.

Concordo com a cabeça. Se ela quer manter isso entre nós por enquanto, sem problemas.

— Não sou sua namorada, fora de questão que você segure a minha mão se a gente sair. Aliás, a gente não vai sair, sem encontros ou coisas assim.

— Suponho que isso seja uma extensão da regra de não falar para ninguém. Se a gente passear de mãos dadas na vila, não vai precisar muito tempo para que todo mundo fique sabendo.

— Tudo bem. Você tem outras condições?

Penso em uma dezena de outras regras que ela poderia impor, mas visto que ela parece se satisfazer com essas, quem sou eu para acrescentar alguma?

— Eu tenho uma. Enquanto essa *coisa* acontecer entre a gente, não sei como você quer chamar, aliás...

— A gente não precisa dar um nome.

— Em suma, enquanto isso durar, é proibido sair com outras pessoas.

Ela fica indignada.

— Óbvio, você acha que eu sou o quê, Enzo Deluca?

— Não disse que valia só para você. Quero que você tenha certeza de que não verei ninguém enquanto a gente estiver junto.

— Nós não estamos juntos, nós dormimos juntos, tem uma nuance — ela disse em tom seco.

Tento não ser tocado pela frieza de suas palavras e respondo:

— Por enquanto a gente não faz nenhum dos dois.

Vejo uma pequena chama se acender no fundo de seus olhos azuis.

— Culpa de quem?

— É você que está fazendo uma lista de regras...

— É você que está de conversa fiada enquanto poderia muito bem ter me beijado desde que eu cheguei na cozinha.

Aproximo meu rosto do dela. Está fora de questão que eu a beije primeiro, quero que ela dê o primeiro passo.

— O que você quer, Léonie? Quer que eu te beije?

— Sempre achei que você falava demais — ela responde, acho que só para ter o prazer de ter a última palavra.

Pois assim que suas palavras são pronunciadas, ela se ergue nas pontas dos pés e cai para cima de mim. Sou completamente incapaz de descrever o que este beijo me faz sentir. A maciez incomparável de seus lábios, a paixão de sua língua quando ela abre caminho até a minha. São todos os meus sonhos virando realidade e alguma coisa totalmente nova ao mesmo tempo. Nada teria me preparado para este maremoto. Penso em tudo o que eu fantasiei e o que ainda me espera. Como vai ser quando eu explorar seu rosto, pescoço e o resto do corpo com os meus lábios? Ao mesmo tempo que estou impaciente para descobrir, quero fazer esse momento durar o máximo que posso.

Escorrego uma mão em sua bunda. A camiseta está levantada por causa de sua posição e sinto a renda da calcinha na ponta de meus dedos. Ela solta um gemidinho quase inaudível. Uma descarga elétrica atravessa meu corpo. Eu a encosto um pouco mais contra mim, preciso que esteja o mais próximo possível.

Voltei a ser um adolescente, não vejo como me soltar de sua boca. Vou precisar de todos os tipos de beijos: lânguido, profundo, rápidos e leves. Não acredito que ela esteja consciente de que vou precisar de muito tempo para realizar tudo isso. Não estou pronto para deixá-la partir. Tenho a impressão de beijá-la desde sempre e, no entanto, de nunca ter recebido um beijo de verdade antes de hoje de manhã.

Aumento minha pegada em sua bunda e dou um pequeno impulso. Ela entende a mensagem e coloca suas pernas em volta de minha cintura. Estou no paraíso. No entanto, ainda me resta bastante clareza de pensamento para nos guiar em direção ao quarto. Não quero que nossa primeira vez seja uma rapidinha vulgar no balcão da

cozinha. Dou uma cambaleada, não por causa do peso dela, mas por causa do peso da emoção.

Eu a deito na cama, seus longos cabelos louros espalhados em meus travesseiros. Tiro um tempo para observá-la. Os lábios avermelhados, os olhos cheios de desejo, ela é simplesmente sublime. E nunca senti um desejo tão poderoso.

— Está certa de que é isso que você quer?

Quase me flagelo por fazer essa pergunta agora. Imagine se ela disser não, que tudo isso não passou de um erro majestoso e ela simplesmente levanta e vai embora? Me culparia até o fim dos tempos. Ela não me responde com palavras, se contenta em me lançar um olhar furioso. Rio por dentro. Minha Léonie não gosta que a façam esperar...

Minha Léonie.

Ela ainda não sabe, mas ela é minha.

Retiro minha camiseta e meu short. Suas pupilas efervescem, a moça gosta do que vê, ao que parece. Mantenho minha cueca, mesmo sabendo que ela não esconde grande coisa, minha ereção está bem marcada. Me deito em seguida por cima dela e, desta vez, sou eu quem reivindico a sua boca. Colo meu baixo ventre contra o dela. Apesar das nossas roupas, a sensação é divina e me arranca um gemido. Nos mexemos ritmados, ela levanta as pernas para que eu chegue um pouco mais perto dela.

Esse roçar já me deixa louco, não ousa imaginar o efeito que terá em mim quando ela estiver nua embaixo de mim, ou em cima de mim. Já quero gozar e nem mesmo retirei as roupas dela. Preciso dizer que faz muito tempo, tempo demais.

Me afasto um pouco, Léonie protesta. Enquanto me apresso em levantar sua camiseta, ela é mais rápida do que eu. O que eu não tinha previsto é que ela está sem sutiã. Seus peitos perfeitos estão bem ali, na minha frente. Não resisto, imediatamente corro um dedo por seu seio, contornando a auréola e observo a ponta se erguer. Minhas

mãos me parecem de repente muito grosseiras para tocar uma coisa tão delicada. Mas quando Léonie me beija, não sobra nenhum pensamento na minha mente. Agarro com mais firmeza seus peitos, e percebo que ela responde positivamente, deixando escapar um suspiro de prazer. Minha boca desce em direção a terra prometida, saboreando, sugando um e outro. Mas não paro ali, continuo abrindo um caminho a beijos até seu ventre e mais embaixo, na renda que cobre o paraíso.

Léonie geme e nunca escutei som mais melodioso em meus ouvidos. Suas mãos estão em toda parte, em meus cabelos, nas minhas costas, nos meus braços e exploram dentro da minha cueca. Quando sua palma envolve minha ereção, estou quase explodindo.

Me afasto e abro a gaveta de minha mesa de cabeceira para pegar um preservativo. Léonie arranca das minhas mãos, o que me surpreende e me diverte. Eu lhe lanço um sorrisinho de canto e ela me responde com um olhar malicioso.

Não me faço de rogado e retiro minha cueca antes de a livrar de sua calcinha. Léo rasga a embalagem do preservativo e se dedica a colocá-lo em mim. Acho tudo incrivelmente sexy. Me posiciono em seguida entre suas coxas e começamos juntos esta dança tão velha quanto o mundo, mas nova para nós.

CAPÍTULO 27

Léonie

Abro os olhos, não preciso de muito tempo para me dar conta do lugar onde estou.

Na cama de Enzo.

Na cama dele, com um Enzo em carne e osso deitado ao meu lado. Está noite lá fora, devo ter cochilado depois da última vez que fizemos amor. Preciso confessar que fizemos bastante essa semana. Ainda não batizamos todos os cômodos do apartamento dele, mas falta pouco.

Me arrumo e tento me levantar o mais delicadamente possível para não o acordar. Apesar do fato de estarmos muito íntimos, me recuso a passar a noite inteira com ele. Nós já moramos juntos e transamos, mas passar uma noite inteira juntos me parece muito... pessoal?

— Aonde você vai? — ele resmunga quando eu achava que estava dormindo.

Não tenho tempo de responder, me encontro colada ao colchão com um Enzo quase nu, com a exceção de sua cueca boxer, bem em cima de mim. Acredito que ele não estava tão adormecido assim. Ou então seus reflexos são excepcionais.

— Ia voltar para a minha cama.

— Você está com tanta pressa assim de deixar a minha?
— ele pergunta com uma voz suave.

Ele se inclina e dá um beijo em meu pescoço e já esqueci porque queria ir embora.

— Fica mais um pouco — ele suplica.

Seus lábios escorregam pela minha pele e me sinto estremecer até a ponta dos dedos dos pés.

— Você tem argumentos muito bons — suspiro. — Mas devo voltar para a minha cama.

Ele levanta a cabeça parecendo aborrecido.

— E quais são os seus argumentos para fugir?

— Não gosto de dormir com ninguém, além disso, não paro de me mexer, então vou incomodar você também.

— Quem disse que a gente ia dormir?

Ele abre um sorriso para mim que sozinho poderia derreter a calota polar.

— Eu preciso dormir. Trabalho amanhã e você também.

— A gente tira uma sesta. Conheço um lugar perfeito atrás dos barris de vinho tinto — ele brinca.

Rio e ele volta a explorar meu corpo. Desta vez, sua boca se aproxima perigosamente do meu seio.

— Tenho que voltar para o meu quarto. Imagina se a sua mãe aparece amanhã de manhã e me encontra aqui.

— Por que minha mãe viria aqui amanhã de manhã?

Enzo avisou aos seus pais da minha estada temporária em seu apartamento e já tivemos um fornecimento de lasanhas e outro de tiramisú.

— Não sei, você me disse que ela tinha uma chave. E se ela decide que quer tomar café da manhã com a gente, e acaba me encontrando na sua cama? Qual a conclusão que ela vai chegar?

Ele parece aborrecido. Não sei se é comigo ou com a possibilidade de que sua mãe realmente nos surpreenda. Ele suspira.

— Se entendi direito o que você está dizendo, você não vai mudar de ideia.

— Os homens reclamam o tempo todo que as mulheres mudam de ideia a cada cinco minutos. Fique contente de ter encontrado uma que não é assim.

— Que sorte a minha — resmunga ele, se deixando cair ao meu lado.

Porém, não fujo. Tenho dificuldade em tirar meu olhar do dele. Suas pupilas tão negras se fixam em mim com tanta intensidade que sinto um calafrio percorrer todo o meu corpo. Um de seus dedos acaricia despreocupadamente meu ombro, ele escorrega lentamente em direção ao meu braço, que arrepia.

— E se a gente fosse ver um filme neste fim de semana?

— A gente tinha combinado sem encontros.

— Entendi muito bem que estava fora de questão que eu te leve ao restaurante para jantar à luz de velas, mas estou falando de um filme. A gente já assiste filme no sofá todas as noites. A única diferença é que vamos estar em uma sala maior, com uma tela maior e um som melhor.

— E cheio de outras pessoas ao redor.

Sinto que meu comentário o enfurece. É verdade que nós dois criamos o hábito de ver um filme a cada noite. Além disso, tão surpreendente quanto possa parecer, nós temos gostos similares em termos de cinema. Aí está um ponto em que não tivemos que brigar. Mas se nossas sessões privadas no sofá são uma coisa, ir ao cinema juntos é outra completamente diferente.

— Acredito que dois amigos tenham o direito de ver um filme juntos. Somos amigos, não somos?

Por que sinto que a resposta a essa pergunta é tão importante para ele?

— Acredito que sim.

Rio de leve e continuo:

— Nunca pensei em dizer isso um dia. Ainda mais seminua numa cama com você.

Ele sorri.

— A vida é cheia de surpresas. Então, esse fim de semana?

— Não vou estar aqui neste fim de semana. Vou para Paris.

Vejo o espanto e a decepção surgirem em seu rosto.

— Você vai encontrar seus amigos?

— Vou.

O que é apenas meia-verdade. Vou também encontrar meus amigos, o que eu não disse a ele é que fui convidada para fazer o teste para a adaptação de *Tartufo*. Por que não conto a ele? Não faço ideia. Alguma coisa me impediu.

— Estou vendo.

— Que comentário é esse? Tenho o direito de ir ver meus amigos em Paris quando quiser.

Sei que não devo explicações a ele.

— Você pode fazer o que você quiser, Léonie — ele fala com calma antes de dar um beijo leve em meus lábios.

Ele se levanta e sai do quarto. Por que tenho a impressão de que, de repente, é ele que foge da conversa? Me levanto também. Ele está na cozinha se servindo de um copo de água.

— Não tenho que prestar contas a você, nós não somos um casal de verdade — ataco.

— Ah, isso eu sei bem, você não para de repetir — ele zomba.

— Então, você não tem direito a ficar chateado que vou para Paris sem você neste fim de semana e que eu vou ver meus amigos.

— Quem te disse que eu estava chateado? Falei alguma coisa para te impedir de ir? Ou fiz qualquer comentário?

Ele pergunta isso com uma cara totalmente desapegada, como se de fato ele não tivesse nada a ver com isso. Será que interpretei mal sua reação de agora há pouco no quarto? De repente, fico na dúvida. Ele efetivamente não disse nada. Ele se contentou com um “Estou vendo”. Talvez seja só uma questão de não ter planos no final de semana. Talvez ele esteja um pouco chateado de não ter o novo brinquedo sexual a disposição por um final de semana inteiro.

Ele bebe um copo de água e o coloca na borda da pia. E é com um “Boa noite, Léonie” glacial que ele volta ao seu quarto.

Na noite do dia seguinte, tenho curso de teatro, e combinei de encontrar com as minhas amigas no *Bar de la Place* em seguida. Não contei para elas das minhas *atividades* com Enzo. Para elas, assim como para o resto do mundo, mantenho a versão oficial: estamos morando juntos pelo tempo em que a casa dos meus pais estiver alugada. É claro que elas ficaram espantadas, mas não insistem no assunto.

— Ainda não recebi reclamação dos vizinhos, então concluo que sua hospedagem está indo bem — brinca Oriane.

— Está funcionando — digo, dando de ombros.

Romy parece um pouco mais cética:

— A gente pode saber o que te fez mudar de ideia? Dez dias atrás, você não podia vê-lo nem pintado de ouro e agora você mora na casa dele. Todas ficamos surpresas com essa notícia.

Eu mesma sou a primeira a ter dificuldade em entender. Compreendo que elas estejam confusas.

— Ele tem sido muito legal comigo nestes últimos tempos. E na verdade, o acaso fez com que a gente passasse várias noites juntos e correu tudo bem, então por que não?

Mal pronunciei estas palavras, percebo o erro enorme que acabei de cometer. Três pares de olhos perplexos me olham.

— Não, não... não é... não quis dizer isso — balbucio.

— Vocês estão dormindo juntos — exclama Elena, uma mão diante de sua boca escancarada.

— Não... sim... enfim, não no começo.

Acabei de cair na minha própria armadilha.

— O que eu queria dizer é que a gente passou a noite trancados na adega do *Domaine*, como vocês sabem,

depois ele veio cuidar de mim quando eu estava doente, e enfim ele me levou para a maternidade...

— Mas vocês estão dormindo juntos mesmo assim — declara Romy em choque.

Acho que eu poderia negar com todas as minhas forças que elas nunca acreditariam.

— É... estamos. Mas somente depois de alguns dias — detalho como se fizesse alguma diferença.

— Não acredito. Não acredito. Isso é fantástico. Tanto tempo que vocês ficam ciscando em volta um do outro — exclama Elena batendo palmas. — Vocês enfim conseguiram ultrapassar as diferenças e estão juntos. Que incrível.

— Vamos com calma agora — digo chateada —, não estamos juntos.

— Você acabou de dizer que vocês estão dormindo juntos — ressalta Oriane.

— Sim, é isto que está acontecendo, mas não somos um casal. As coisas que fazemos juntos se limitam ao quarto.

E à sala, à cozinha, ao banheiro e ao quarto de hóspedes, mas isso elas não precisam saber.

— É puramente sexual. É prático, principalmente agora que estamos sob o mesmo teto no momento. Como ele disse: *a gente usa de maneira criativa toda a energia que existe entre nós*.

Minhas três amigas trocam um olhar de dúvida.

— E ele sabe que não terá nada mais entre vocês? Ele aceitou isso? — pergunta Elena.

— É claro, ele está muito contente assim. A gente não poderia ter uma verdadeira relação amorosa, a gente se detesta. Não se pode apagar 24 anos de ódio.

Elas não parecem muito convencidas.

— Você sabe — diz Oriane —, entre o amor e o ódio a linha é tênue... eu até acrescentaria que estar apaixonado e detestar alguém são sentimentos muito próximos. Quando você vê a pessoa que ama, ou que detesta, o coração bate mais rápido, tem a sensação de que o estômago se revira,

fica a ponto de explodir. Quando a pessoa não está, você fica obcecado, pode até perder o apetite ou o sono. Você não controla mais seus sentimentos, é assustador.

— É claro, olha aí, você acabou de demonstrar que não estou apaixonada. Não sinto absolutamente nada disso. Também não o odeio mais. Ao menos, não agora. Estamos numa fase em que... não sei. Talvez se a gente se conhecer um pouco melhor, a gente vai acabar sendo amigos.

No momento em que pronuncio essas palavras, sei que estou mentindo descaradamente. Será que o Enzo é totalmente indiferente para mim? Não. E se for totalmente honesta comigo mesma, não é apenas uma atração física que eu sinto. Hoje mesmo na hora do almoço, me surpreendi ao pensar com prazer que daqui a pouco seria a hora de reencontrá-lo em casa. Queria contar para ele um caso divertido que aconteceu durante o trabalho. Mas isso foi antes de me lembrar que eu só chegaria tarde e que ele provavelmente já estará deitado. A decepção que senti com a ideia de não o ver esta noite, enquanto vou amanhã de manhã para Paris, me surpreendeu um pouco. Tentei muito dizer o contrário para as minhas amigas, mas tenho a impressão de que Enzo se infiltra pouco a pouco em mim e não tenho certeza da maneira como eu devo controlar isso. Nem mesmo se isso me agrada.

Não tenho tempo de pensar no assunto por muito mais tempos pois somos interrompidas por Jenny, que vem tirar nossos pedidos. É a namorada de Jules, o dono do *Bar de la Place*. Ela vem ajudar nas noites em que o lugar está lotado. Se vê de cara que ela não faz de bom grado, Vladimir Putin poderia ganhar dela em um concurso de sorrisos. O ponto positivo é que ela faz as minhas amigas se esquecerem que eu era o centro das atenções. A conversa muda para o casal que ela forma há anos com o gêmeo Pons.

— Vocês sabem de uma coisa? Parece que o Jules foi visto numa joalheria em Draguignan — anuncia Romy, sempre em dia com as fofocas.

— E daí? — pergunta Elena.

— O rumor é que ele estava escolhendo um anel.

— Você acha que vai pedi-la em casamento? — se espanta a professora.

Ela tem estrelinhas nos olhos. É uma eterna romântica.

— O que você acha? O que se faz com um anel?

— A gente pode dar para a mãe, a irmã ou mesmo a namorada sem que seja uma aliança de noivado — sugiro, enquanto dou uma olhadela em Oriane, que de repente ficou quieta.

Sei que ela tem uma queda enorme por Jules desde a adolescência e, mesmo que finja estar bem, sinto que ela está mais afetada do que deixa transparecer. De repente, tenho vontade de gritar com Romy e Elena para calarem a boca. Elas são insensíveis a esse ponto?

— E então, quando será a próxima saída de solteiros? — pergunto para mudar o assunto.

Bom, tudo bem, poderia ter achado um assunto melhor, mas estava com pressa e foi a primeira coisa que passou pela minha cabeça.

— É bom que você tenha falado nisso, eu ia justamente inscrever nós quatro — responde Elena. — Vai ter uma noitada de karaokê na semana que vem.

Que aflição.

— Mais uma atividade em que você vai sobressair, Léonie? Tenho certeza de que você sabe cantar — diz Oriane com o que tenho a impressão de ser uma ponta de ciúme na voz.

— Para dizer a verdade, não tão bem assim — confesso pensando no último papel em que tive que cantar uma musiquinha em cena.

Na verdade, até que me viro bem, mas acho que não é o momento de confessar.

— Pois bem, é perfeito. Vai se encaixar perfeitamente com a nossa desafinação, ninguém vai se sentir mal. Vou nos inscrever — se entusiasma Elena.

— Léonie não quer vir conosco para nossa saída de solteiros — declara Romy. — Ela tem um homem agora.

— Não tenho homem nenhum — insisto. — Vou ficar feliz de ir com vocês.

O que a gente não faz para agradar as amigas? Ou para convencê-las...

CAPÍTULO 28

Léonie

E chegamos à última semana de estadia na casa do Enzo. Tenho a impressão de ter desenvolvido alguns hábitos aqui e, entretanto, não faz tanto tempo que estou hospedada. Não quero dizer que já criamos uma rotina, visto que meu *companheiro de apartamento* me surpreende um pouco mais a cada dia. Como hoje de manhã, quando ele se esgueirou em minha cama para me acordar de uma forma muito agradável.

Agora, ele está no banho enquanto eu acabo de me arrumar para o trabalho. Procuro o par de sandálias que devo ter esquecido em algum lugar na entrada quando cheguei ontem.

O toque de um celular ressoa. Sei que é o de Enzo. Ele está na mesa de centro a apenas alguns metros de mim e o número que aparece é desconhecido. Não me permitiria atender em seu lugar, então penso em tocar até que escuto Enzo gritar através da porta do banheiro:

— Você pode atender, por favor?

Me apresso para o aparelho e atendo sem pensar:

— Telefone de Enzo Deluca, bom dia.

Uso a minha melhor voz de operadora de central telefônica. Totalmente inútil, mas me divirto sozinha. O interlocutor do outro lado da linha hesita um segundo antes de perguntar:

— Bom dia, senhor Lepad do *Domaine des Brugières*. O senhor Deluca está disponível?

Domaine des Bruigières... esse nome não me é desconhecido... e não é para menos, sei que é uma prestigiosa vinícola de Bordelais, que é pelo menos duas vezes maior que o *Domaine des Manons* e cuja reputação ultrapassa as fronteiras de nosso belo país. Os vinhos de *Bruigières* são servidos nos melhores restaurantes do mundo. De Nova York a Dubai, passando por Londres. E soube que eles estão à procura de um novo mestre de adega. Como sei disso? Talvez porque eu tenha feito algumas pesquisas. Pode ser que eu tenha... como dizer... candidatado Enzo há mais ou menos um mês, quando nossa relação era complicada de outra forma.

O que aconteceu exatamente: achei o currículo dele por acaso nos documentos de Laetitia e ele tinha me irritado de maneira colossal algumas horas mais cedo. Então, sob o jugo da raiva, respondi alguns anúncios que apareceram na internet. O objetivo era apenas acalmar meus nervos. Não tinha nada de sério na minha iniciativa. Aliás, nem mesmo me dei ao trabalho de acrescentar uma carta de apresentação. Eles acreditaram mesmo assim que a candidatura era séria?

Escuto a pessoa do outro lado da linha limpar a garganta, talvez seja a hora de responder alguma coisa.

— Um instante, por favor.

Coloco o telefone no modo silencioso e abro a porta do banheiro. Encontro Enzo enrolado em uma toalha de banho que esconde todas as partes interessantes de sua anatomia. Mentira ... ainda tem um monte de lugares tentadores a vista: o abdômen, o torso, os bíceps... preciso de verdade me tratar com essa história de bíceps.

Me vendo entrar sem mesmo ter o cuidado de bater na porta, Enzo arqueia uma sobrancelha.

— Não acho que a gente tenha tempo de uma outra rodada antes de ir para o trabalho — ele ressalta com uma pontinha de arrependimento na voz.

Eu respondo com um tom de reprovação:

— Não vim para isso. O *Domaine des Bruigières* está na linha. Um certo senhor Lépán quer falar com você.

Ele parece surpreso. Suponho que seja porque ele não tem a menor ideia de que é candidato a um emprego com eles.

No momento em que lhe passo o telefone, tenho vontade de desaparecer. Ou ao menos me transformar em uma mosca para poder passar despercebida, mas continuar a ouvir a conversa. Será que ele vai se dar conta de que fui eu a origem da farsa? Será que ele vai ficar com raiva de mim? Claro que vai.

Saio do banheiro e vou terminar de me arrumar, mas estou com os ouvidos atentos. Sou incapaz de identificar uma mísera palavra da conversa de onde estou e isso me irrita. E fico mais irritada ainda por isso me deixar irritada. Quando ele enfim sai do banheiro, estou uma pilha de nervos.

E ele? Ele parece tão calmo e descontraído quanto uma pessoa que acaba de receber uma massagem relaxante. Por quê?

Será que o *Domaine des Bruigières* ligou para oferecer um emprego? Ele estaria mais empolgado nesse caso, não? Talvez tenham ligado para dizer que a vaga já foi preenchida? Não, eles se contentariam em mandar um e-mail. O que me faz pensar que ele talvez já tenha recebido outros... sim, pode ser isso mesmo, já que enviei mais de uma candidatura.

Ou então, eles ligaram para falar sobre o emprego e ele respondeu simplesmente que era um mal-entendido qualquer. Que ele nunca se candidatou etc.

— Só me vestir e estou pronto — ele anuncia antes de desaparecer no quarto.

Nós decidimos ir no mesmo carro hoje. Em geral, não fazemos isso, pois temos horários diferentes e, mesmo que alguns colegas saibam que estamos dividindo apartamento, não quero que tenham ideia sobre a natureza de nossa

relação. Mas nesta manhã, eu cedi. Ao menos, Enzo não me deixou escolha. Enquanto eu ainda estava afogada nas brumas de um belo orgasmo, ele declarou: “Vou te levar ao trabalho hoje.” E eu não reclamei.

Ele sai de novo alguns minutos depois, vestido de jeans e com uma camiseta preta. Ele pega as chaves na entrada e lá vamos nós.

— Você está bem quieta hoje — comenta ele quando nós estamos quase chegando no *Domaine*.

— Não tenho nada de especial para falar — desconverso. Na verdade, tem um monte de coisas na minha cabeça. Me pergunto muitas coisas sobre o telefonema misterioso. Aliás, decido que o mais simples talvez seja ir direto ao ponto.

— O que o *Domaine des Bruigières* queria?

Tento usar um tom o mais desapegado possível. Como se a resposta a essa pergunta me importasse pouco, que eu só estivesse perguntando para puxar conversa.

— Nada de especial, na verdade...

O toque do meu celular ressoa e ele não termina sua frase. Tiro o aparelho de minha bolsa e vejo um número não registrado, mas começando por 01, aparecer. *Victoire*.

— Você não vai atender?

— É... vou sim.

Atendo, pois, sei que se não fizer ela vai ficar me ligando o tempo todo.

— Então, novidades? — ela pergunta sem outro preâmbulo. — Parece que é hoje que saem os resultados dos testes.

— Ah, é?

Me faço de idiota, mas sei muito bem que é hoje. Só estou tentando focar em outra coisa desde ontem. Não quero ficar desesperada ao lado do telefone esperando uma notícia boa. Já passei por isso muitas vezes antes e não é uma experiência legal. Mas sei que Victoire não está sendo enganada.

— Claro, você não sabe. Suponho que esteja fingindo indiferença para não ficar obcecada. Bom, te liguei só para dizer que você está em dívida comigo e deve me manter atualizada assim que tiver uma resposta. Não esqueça que fui eu que te dei a dica. Além disso, quando este papel te deixar famosa, espero que você ainda se lembre da sua velha amiga Victoire.

— Sim, sim, é claro — respondo sentindo o peso do olhar de Enzo em mim. — Você vai ser a primeira a saber.

— Ótimo. Também te liguei para dizer que estou torcendo por você.

Eu agradeço e termino a conversa rapidamente, com o pretexto de que cheguei ao trabalho. O que não é totalmente falso. Já chegamos e Enzo está estacionando o carro. Ele se vira para mim, antes mesmo que eu tenha tempo de sair do carro, e me questiona:

— Está tudo bem? Você ficou com uma cara estranha depois do telefonema de agora.

— Tudo, tudo, nada de especial. Uma amiga que me ligou para saber das novidades — minto.

Ele parece cético, mas não fala nada. Pelo contrário, ele aproxima o rosto do meu e me beija.

Eu deixo ele me beijar, sua boca é tão doce, tão terna. Sua mão pega minha bochecha em concha e seu dedão a acaricia gentilmente. O que é uma delícia até o momento em que me dou conta do lugar onde estamos.

— Enzo, pare com isso agora mesmo. Alguém pode nos ver.

Ele obedece, mas vejo que está relutante. Ele está chateado. Decido não prestar atenção nisso e saio do veículo o mais rápido possível. Bato a porta atrás de mim sem nem olhar para Enzo. Fujo quase correndo em direção ao meu escritório.

Fico uma pilha de nervos o resto da manhã. Coloco a culpa na ligação que estou esperando, mas seria a única razão? Não tenho tanta certeza.

CAPÍTULO 29

Enzo

Sou um mentiroso. Estou mentindo para a Léonie já faz vários dias. Minto quando finjo estar de acordo com o nosso combinado. Minto quando deixo ela crer que uma simples aventura sexual é o suficiente para mim e que não terá consequências. Minto quando digo que é indiferente para mim ela sair da minha cama no meio da noite. A cada vez que ela me repele, como hoje de manhã no carro quando eu a beije, penso que sou uma mistura de mentiroso com idiota. Um idiota por não confessar meus sentimentos, um idiota por me contentar com as migalhas que ela me dá. Sou como um drogado em busca do próximo barato. E aí que está o problema. Percebo que, agora que conheço o gosto dela, não consigo me distanciar. Está fora de cogitação um futuro que ela não esteja ao meu lado, no entanto, sei que nosso combinado está me matando aos poucos.

Nunca achei que tivesse a personalidade de um viciado, mas a verdade é que sou viciado nela há mais tempo do que gostaria de admitir. Mas se o demônio sempre me tentou, sou um homem perdido agora que experimentei o fruto proibido.

Eu tinha um plano. Antes de tudo, quase consegui que ela não me odiasse mais. Era a primeira etapa. Em seguida, beijá-la. Fazê-la admitir que sempre teve uma atração física entre nós. A terceira etapa seria fazê-la se apaixonar por mim. Infelizmente, quanto mais os dias se passam, mais

vejo as chances de isso acontecer diminuindo. Ela não deixa passar nada, nem o menor gesto que me faria entrever um pequeno clarão de esperança. Sou apenas o brinquedo com o qual ela se diverte por um tempo. Toda a nossa relação é apenas uma enorme farsa.

E tive a prova hoje de manhã, quando recebi o telefonema do *Domaine des Brugières*. Uma completa surpresa e só existe uma pessoa que poderia ter mandado meu currículo para a vaga, e foi quem atendeu o telefone. Por isso decidi entrar no jogo e, quando saí do banheiro, não disse uma palavra. Percebi no olhar dela que minha falta de reação a desestabilizou. Mas não abri a boca. Em parte, porque estava com raiva. Decepcionado que, mais uma vez, ela esteja tentando me afastar dela.

Me aproximo do escritório dela. A porta está aberta, não tem mais muita gente pelos corredores a esta hora. Então, entro na sala para dizer que estou pronto para ir embora, ela levanta a cabeça. Mas antes que ela possa dizer uma palavra, o telefone toca. Ela atende. Poderia muito bem sair para ela ter um pouco de privacidade, mas como ela não me faz sinal para ir embora, decido ficar.

— Sim, sou eu — ela responde ao seu interlocutor.

Não ouço o que ele diz, mas vejo uma reação de surpresa aparecer em seu rosto. Sua boca abre, seus olhos esbugalham, suas bochechas ficam coradas. Quando ela retoma a palavra, ela balbucia:

— Eu... estou surpresa, sim. E muito... muito honrada.

Ela dá um riso nervoso. E lança um olhar na minha direção, mas tenho a impressão de que ela não me vê de verdade. Me pergunto se devo sair. A conversa parece pessoal, mas quero ficar. Talvez justamente por isso. Tenho vontade de fazer parte deste momento íntimo.

Ela escuta em seguida seu correspondente por um longo tempo, respondendo de quando em quando um *sim* ou um *não*. Enfim, ela termina declarando:

— Se você me permitir, gostaria de pensar sobre isso antes de dar uma resposta definitiva.

Minha curiosidade, já aguçada, agora está me matando. Quase tenho vontade de tomar o telefone para saber do que se trata. Ela troca ainda algumas palavras com o interlocutor e desliga depois de confirmar que daria uma resposta em breve.

— Notícia boa? — pergunto.

Ela parece atordoada. Talvez até em um outro planeta e ela mal reage ao som da minha voz. Até acredito por um instante que ela não me ouviu. Então, finalmente, ela responde:

— Era Albin Duprey, ele é diretor de teatro.

Sei quem é, ele é tão famoso que até mesmo eu, uma pessoa que não sabe nada de teatro, sei quem ele é. Mas agora quero saber por que ele está ligando para a minha Léonie. Eu a deixo continuar:

— Ele acabou de me oferecer o papel de Mariane em sua nova adaptação de *Tartufo*.

Ela declara com uma voz estrangulada, como se ela não acreditasse nem um pouco. De minha parte, não respondo nada. Não sei o que dizer, tenho muito medo do que vai acontecer agora. Minha cabeça já começou a criar milhares de cenários possíveis. E não me engano quando ela acrescenta:

— Os ensaios começam em quinze dias em Paris.

Sinto que meu coração, já pisoteado, se quebra em milhares de pedacinhos, pois não tenho nenhuma dúvida do que essa simples frase implica. Ela vai embora, retomar sua vida de artista longe daqui. Uma vida na qual eu não tenho espaço. E terei que me contentar em observá-la de longe, como sempre fiz. Vou me consolar pensando que o fato dela estar feliz, mesmo que seja sem mim, é tudo o que desejo. Mas agora está difícil pensar desta maneira. Só existe a decepção e a amargura que me tomam por inteiro. Tenho vontade de gritar, quebrar alguma coisa. Meu olhar cruza

com o dela e fico espantado de ver que ela parece... perdida?

Talvez seja isso que me permite achar forças para colocar um sorriso nos lábios. Também me tornei um bom ator ao longo do tempo. Então respondo um simples:

— Parabéns.

Nunca foi tão doloroso pronunciar essa palavra.

CAPÍTULO 30

Léonie

Ainda tentando absorver o choque da notícia, me dou conta de que alguma coisa não está certa com Enzo. Ele não disse uma palavra o caminho inteiro. Pior, reparei que ele agarrava o volante com força a ponto de fazer os nós dos dedos ficarem brancos. Chegando ao apartamento, ele escapou para o quarto e bateu a porta.

Desde então, estou na sala esperando o momento em que ele vai reaparecer. Creio que precisamos conversar. Ele me julga por fugir, mas é exatamente o que ele está fazendo agora. Quando ele enfim sai de seu antro, ele está mudado. Ele está com um short esportivo, uma camiseta e enfiou os tênis. O boné voltou.

Não espero nem um segundo para perguntar:

— Posso saber o que deu em você?

Ele me lança o olhar chateado que eu estava acostumada há algumas semanas.

— Nada.

A resposta me irrita. Nem conto mais o número de vezes que ouvi piadas machistas sobre mulheres que não sabem verbalizar o que estão pensando. Agora, ele faz exatamente igual. Mais uma prova de que querer que o outro adivinhe o que se passa na própria mente sem falar sobre não é uma coisa exclusivamente feminina.

— Ah sim, claro, me tome por uma idiota. Você mudou para pior e ficou com cara de quem chupou limão desde que entrou no meu escritório agora há pouco. É porque eu fiquei

nervosa com o beijo hoje de manhã? Nós temos um acordo, Enzo. Combinamos de não falar sobre nós com as pessoas a nossa volta. Você não pode me criticar por isso quando tudo o que eu fiz foi seguir as regras que a gente criou.

Ele aperta o nariz entre os olhos e exala um suspiro.

— Não foi o beijo. O beijo foi só uma parte de um todo, Léo. Estou cansado, eu...

Ele não termina sua frase, mas eu entendo que ele não está se referindo a um esgotamento físico.

— Cansado de que?

É com uma voz farta que ele me responde:

— Cansado de ter que fingir que não me importo quando você me afasta. Cansado de você não ter nenhuma consideração por mim.

— Não acho que te rejeitei muito nestes últimos tempos — argumento, repensando todos os abraços que compartilhamos nestes últimos dias.

— Ah, é? É por isso que eu descobri hoje de manhã que me candidatei a um emprego a várias centenas de quilômetros daqui? A gente sabe muito bem, eu e você, quem está por trás de disso.

Touché.

— E tem mais do que isso, também estou cansado de você mentindo para mim — ele acrescenta.

— Eu mentindo para você? Quando que eu menti para você? — me enervo. — Pelo contrário, fui honesta com você, eu...

Ele me corta:

— Foi para fazer um teste de elenco que você foi a Paris ou estou enganado? Por que você não tomou nem dois minutos para falar disso comigo? Entendi bem que você sempre considerou que a nossa relação como amantes tem um prazo de validade, mas inocentemente achei que nossa amizade tivesse algum valor para você. Aparentemente, não o suficiente para que você me conte sobre os seus projetos.

Então é isso que o deixou com raiva? Que eu não falei com ele do teste? Tento me justificar:

— Eu... nossa amizade, tudo isso, é recente demais. Preciso de tempo para me adaptar, você sempre me detestou. Sempre foi guerra entre nós.

Ele emite um riso de escárnio e balança a cabeça.

— Então você não entendeu nada.

— Não entendi o quê?

— Para mim, nunca foi uma guerra — Ele faz uma pausa antes de continuar: — Era isso para você? Qual a razão da nossa guerra?

— Não sei — acabo admitindo.

Ele avança para cima de mim. Me olha intensamente. Seu olhar de café está gritando sinceridade quando ele pronuncia as próximas palavras:

— Sempre foi só você, Léonie. Nunca te odiei, muito pelo contrário.

Ele retira o boné, passa a mão pelos cabelos como se ele quisesse arrancar uma mecha, e continua:

— Porra, todos esses anos você sempre foi a única a ocupar minha cabeça, Léonie! Sempre fiz de tudo para que você se interessar por mim, para que...

Ele procura as palavras e agora é a minha vez de rir com escárnio. Ele é um bom ator de verdade.

— Você não pode dizer isso. Eu também estava lá. Concordo que nas últimas semanas nossa relação mudou, mas você não pode dizer coisas assim. Você brigou comigo e não só uma vez. Nem estou falando da longa lista de namoradas que provam que não fui a única a ocupar sua cabeça ao longo dos anos. Muito pelo contrário.

— Você está de sacanagem? Em que momento você me viu em um relacionamento realmente sério?

— Não te via há seis anos, como posso saber disso?

Ele balança a cabeça.

— Tentei mais de uma vez te esquecer. Pensei que talvez pudesse me consolar com alguma outra mulher e que

eventualmente eu te esqueceria. Durante os últimos seis anos eu tive algumas mulheres, mas nenhuma que eu quisesse trazer aqui quando vinha de férias. E eu rapidamente entendi por quê. Sempre tive a esperança de que você estivesse aqui, de que você ia enfim me ver. E sou humano, Léonie. Cometi erros, certamente, mas você sabe o que é ser constantemente rejeitado pela pessoa que você ama? É horrível. Precisei me proteger. O ataque se tornou nossa maneira de comunicação. Estou bem consciente de que teve momentos em que eu fazia tudo para que você me detestasse. Mas também o fiz porque parecia impossível que um dia você me amasse. Pois o contrário do amor não é o ódio. É a indiferença. Preferia cem vezes que você me odiasse do que me ignorasse. Pelo menos, sabia que você sentia alguma coisa por mim.

Seus ombros estão caídos, ele parece com alguém que perdeu uma guerra e estou atordoada com a declaração. Ele acaba de dizer que me ama? Estou perdida.

— Eu... eu não sei o que dizer.

— Não diga nada. Acho que é melhor. Você sabe a verdade agora, mas isso não vai mudar nada. De toda maneira, você vai embora em breve.

— Enzo...

Quero dizer que nada está decidido. Não aceitei nada, e, principalmente, ele não pode soltar uma bomba assim e fingir que nada aconteceu. Mas ele não me dá tempo, e retoma seu tom frio e distante, como se ele vestisse de repente uma fantasia. A do cara *blasé* e indiferente, essa que ele me mostrou tantas vezes. Essa que talvez só seja uma fachada, agora eu consigo perceber.

— Vou para a academia. Volto tarde. Você pode ficar aqui esta noite e pelos próximos dois dias, pois estarei em Bordeaux. Acho que será melhor que você tenha ido embora quando eu voltar. É neste fim de semana que seus pais voltam?

Sinto alguma coisa partindo em meu peito, mas disfarço. Não respondo a pergunta, faço outra no lugar:

— O que você vai fazer em Bordeaux?

A viagem tem alguma coisa a ver com o telefonema desta manhã?

— Acho que a gente acabou de determinar que não temos esse tipo de conversa — ele zomba. — Então, o que eu vou fazer lá não é da sua conta.

Ele pega a bolsa de ginástica na entrada e caminha em direção à porta. Ele chega a abrir a porta, mas para no meio do caminho. Sem nem me olhar, ele fala:

— Achei que a quantidade de rejeição de sua parte que eu podia suportar era infinita, mas não é verdade. Desta vez estou acabado. Exausto de brigar. Vai ser melhor se a gente não se ver até a sua partida.

E com essas palavras que me gelam o sangue, ele bate a porta. Fico atônita frente a essa cena que acabei de viver e só longos minutos depois que me dou conta de que estou chorando.

CAPÍTULO 31

Léonie

Como Enzo tinha dito, ele voltou tarde. Eu já estava na cama, mesmo sabendo que o sono não viria tão cedo. Passei horas observando o teto e me perguntando se ele também se sentia incapaz de dormir. Quando acordei esta manhã, ele já tinha saído. Esperava que ele tivesse me deixado um bilhete na cozinha, alguma coisa que me deixasse pensar que ele saiu com um pouco menos de raiva. Mas procurei em vão no bar, na geladeira ou até na mesinha de centro da sala, não tinha nada.

Me preparei então para o dia de trabalho com um sentimento de derrota.

Quando eu voltei, o apartamento que sempre me pareceu acolhedor, agora está vazio e frio. Decido assistir um filme, mas minha cabeça está longe. No fim de trinta minutos, desligo a televisão. O que fazer agora? Mesmo que não tenha dormido quase nada na noite passada, não sinto que vou conseguir dormir agora também. Decido tomar um banho. Fico um tempo embaixo do jato de água quente, repassando toda a cena da véspera. Também essas últimas semanas, tentando colocar minha cabeça em ordem. Tenho a impressão de estar completamente perdida. Não sei o que fazer da declaração do Enzo. Mas não é o único ponto que preciso refletir sobre. A ligação de ontem de Albin Duprey me oferecendo um papel na sua próxima peça me

surpreendeu completamente. Em tempos normais, eu teria dado cambalhotas de alegria frente a uma oportunidade como esta. Mas agora me vi respondendo que precisava de um tempo para pensar na proposta. Por quê? Não tenho certeza. Mas, de repente, me lançar nesta aventura não me parece mais tão atraente.

Quando eu voltei à Paris para os testes, me senti uma estrangeira naquela cidade onde morei por seis anos. As pessoas me pareceram tristes e frias, minhas amizades sem sabor, o ritmo frenético dos parisienses exaustivo. Foi só quando eu cheguei na plataforma da estação de Draguignan, na minha volta, que consegui relaxar. Sem contar com o fato de me apresentar em um dos palcos mais prestigiosos da capital, estou pronta para voltar a minha vida de antes? Sem minha família? Sem o grupo de amigas que formei há pouco tempo, mas que já se tornaram uma parte importante da minha vida? Sem meu trabalho no *Domaine* que, devo admitir, eu gosto. Sem meu grupo de teatro? E, não ousa admitir nem em pensamento, mas... sem o Enzo?

E é sem as respostas para todas as minhas questões que enfio um pijama e me dirijo para meu quarto. Este lugar que se tornou, em alguns dias apenas, meu lar e, no entanto, vou deixar para trás já amanhã. Meus olhos pousam nas caixas armazenadas embaixo do armário. Enzo me disse que eram algumas coisas que ele trouxe de Bordeaux e que ainda não tinha tido tempo de arrumar. Nunca tinha prestado muita atenção a elas antes, mas esta noite estou curiosa. Os seis anos que passamos longe um do outro continuam um mistério. Será que ele realmente pensava em mim como ele afirma? De repente, essas caixas me intrigam. Será que posso encontrar nelas a resposta para as minhas perguntas? Parte de mim acha que isso é completamente idiota. Uma pilha de coisas velhas

amontoadas em uma caixa não resume a vida de alguém. Além disso, eu poderia ficar muito decepcionada com o que encontrasse ali.

E se eu desse de cara com fotos de uma antiga namorada?

Surpreendo a mim mesma, ficando irritada com a ideia. Decido não olhar. Afinal, também não gostaria que ele examinasse minhas coisas. Em vez disso, me ocupo desembaraçando meus cabelos ainda molhados do banho. Depois, me deito na cama e navego pelas redes sociais, vendo as fotos dos meus *amigos*, fotos perfeitas demais para serem verdade. Logo me canso e parece que escuto as caixas me chamando.

Finalmente, eu cedo. Me levanto e abro a primeira delas. Decepção. Esta só tem anotações do que parece ser cursos que ele fez em Bordeaux. A letra, que só teria sido útil se ele fosse médico, é ilegível, tanto que sou incapaz de entender o assunto estudado. Volto a fechar a caixa. Na segunda, encontro fotos. A maior parte parece ter sido tirada à noite. E o sexo oposto não está muito presente para meu grande espanto. Tem algumas mulheres, mas sobretudo em fotos de grupos. Nenhuma foto imortaliza Enzo com uma delas em particular.

É na terceira caixa que faço uma descoberta surpreendente. Perto do troféu de basquete (ele joga desde a escola primária) e outras bugigangas diversas que devem lembrar a ele de momentos bons o suficiente para que ele tenha decidido guardá-las, encontro uma caixinha de madeira.

Tiro-a da caixa grande e logo entendo que o que ela contém tem a ver comigo. Encontro várias fotos em que eu apareço. Uma de nossa festa de formatura que foi inspirada nas festas americanas e teve uma eleição de rei e rainha. Alguém resolveu sugerir para votarem em mim e no Enzo para o papel, e fomos eleitos com uma maioria esmagadora. A foto é do momento em que pediram que dançássemos

juntos para comemorar a vitória. A minha expressão não deixa nenhuma dúvida sobre o fato de que parecia um momento de pura tortura para mim. Meu maxilar está contraído, meus braços estão tensos entre Enzo e eu, em um movimento mais para afastá-lo de mim do que o inverso. Meu sorriso está ausente e pode-se ver que claramente conto os segundos que faltam para o fim da música. Em seguida, observo Enzo, ele está sorrindo. Há alguns dias, teria acreditado que esse sorriso era resultado de algum comentário particularmente desagradável feito instantes antes e que seu rosto extasiado é por causa de um sentimento de honra por ser tão espirituoso. Mas, olhando mais de perto, percebo que seus olhos dizem uma coisa totalmente diferente. Eles estão fixos em mim e seu olhar reflete uma adoração pura.

Meu coração dá um sobressalto e decido passar para a próxima foto. Nesta nós temos seis anos e nossos pais tinham nos levado para o zoológico de Fréjus para passar o dia. Enzo está sorridente enquanto eu estou mais uma vez de cara amarrada. Me lembro deste momento. Ele tinha acabado de zombar de mim dizendo que eu parecia a girafa com meu tufo de cabelo despenteado na parte da frente da minha cabeça. Preciso dizer que, numa ideia louca de brincar de cabeleireira, eu mesma cortei uma mecha da frente com minhas novas tesouras, que eu tinha ganhado para a volta às aulas. Seis meses de humilhação e sobretudo anos tentando metodicamente fazer desaparecer toda prova dessa minha carreira que morreu sem nem ter nascido. Entretanto, não sabia que os Deluca tinham também fotos comprometedores da minha besteira.

Enzo, é claro, parece com um garotinho modelo sobre quem supõe-se que a genética lhe ofereceu o que tinha de melhor. Ele olha para a câmera e seu braço está sobre meus ombros. A rigidez deles demonstra que eu não estava contente com o abraço.

O terceiro elemento que descubro na caixinha não é uma foto. É um tíquete impresso em preto e branco e, no entanto, quando o reconheço, perco o fôlego.

Uma entrada para o teatro.

Mas não para uma peça qualquer. Uma que eu participei há mais ou menos dois anos. Meu papel era secundário, mas até hoje um dos principais da minha curta carreira. Verifico a data e um arrepio percorre todo o meu corpo.

Eu estava em cena nesta noite.

O teatro era um desses lugares antigos onde se perfura o ingresso a mão. Nada de QR code ou outra tecnologia sofisticada. O pequeno furo em forma de estrela no canto inferior direito do pedaço de papel me confirma que ele foi usado.

Enzo estava no teatro...

Ele foi assistir uma das minhas apresentações sem que eu soubesse. Coincidência? Será que ele foi a Paris naquele fim de semana e decidiu aproveitar para ver uma peça, sem saber que eu era uma das atrizes? A peça teve uma boa resposta na imprensa, foi certamente daí que ele ouviu falar dela. Será que ele me reconheceu? É possível que não. Com os projetores, a maquiagem, o figurino, às vezes é complicado reconhecer um ator, principalmente quando não se espera vê-lo. Em todo caso, isso explicaria por que ele não veio me cumprimentar no final. Ou ao menos me dar alguma patada, pois esse era o nosso meio de comunicação na época.

Meus dedos febris continuam a fuxicar a caixa. Rapidamente entendo que esse ingresso não era uma coincidência. Encontro outras entradas de apresentações. Participei de todas, sem exceção. Até encontro um artigo de jornal recortado falando de uma peça que eu participei quando ainda era estudante. Uma foto, amarelada por causa da má qualidade do papel, mostrando a equipe inteira no momento dos aplausos finais. Estou lá, num

canto, meus cabelos escondidos em um chapéu extravagante, mas sorrindo de orelha a orelha.

Deposito meus achados espalhados pela cama. Eu os observo atordoada. Enzo teria ido me assistir várias vezes, mas não foi uma única vez falar comigo. Por quê?

Sempre só teve você, Léonie.

Essas palavras ressoam em minha cabeça. Não as apreciei em toda a sua magnitude quando ele falou ontem. Pensei que ele estava exagerando, que mentia porque estava com raiva. Mas será que era eu quem estava enganada? Começo a pensar que as declarações dele não eram totalmente vazias de sentido e isso me apavora.

Na verdade, não são elas que me dão medo, propriamente dito, mas meus próprios sentimentos. Para mim, uma coisa sempre foi clara: eu detesto o Enzo.

Detestava, e agora?

Esse não é mais o caso. Em si, não há nada de excepcional nessa constatação; é mais o que resulta dela que está causando o caos em minha cabeça. O que estou sentindo? Apego? Uma espécie de síndrome de Estocolmo, embora ele nunca tenha me feito prisioneira?

Volto a pensar em ontem quando eu falei das outras namoradas que ele deve ter tido. No momento em que toquei no assunto, tinha em mente uma delas com quem ele saía no último ano do colégio. A cada vez que eu a via chegar na casa dele, um sentimento amargo me invadia. Ela era loira com cabelos compridos, como eu, mas estava mais para uma cópia de baixa qualidade. Quando a gente se cruzava, ela me fazia um aceno e eu tinha vontade de arrancar sua mão. Teve ela e todas aquelas que ele deve ter namorado durante seus anos em Bordeaux. Elas não têm rostos e, no entanto, eu as detesto. Me lembro de uma conversa ao telefone com a minha mãe há mais ou menos três anos. Ela me contava que Enzo devia voltar para as férias e que Rita esperava que ele viesse com a namorada com quem ele estava há alguns meses. Nessa famosa

semana, não liguei para minha mãe e evitei meticulosamente todos os telefonemas com medo de que ela me desse detalhes sobre o casal feliz. Até fui espionar o Facebook de Enzo. Manobra que, se eu for honesta, pratiquei mais de uma vez; até que ele deixou o perfil privado, apenas para amigos, e eu não fazia parte. Encontrei algumas fotos dele com uma garota, mas nenhuma que tenha sido tirada na região. Algum tempo depois, minha mãe tinha me confirmado, sem que eu tenha perguntado, que ele veio sozinho, tendo rompido com a namorada.

Não precisa ser um gênio para decifrar o que sinto quando penso nessas mulheres: ciúmes.

E se tenho ciúmes, é porque me preocupo bem mais do que gostaria de admitir com a vida amorosa do Enzo. Talvez desde sempre...

CAPÍTULO 32

Léonie

Na casa dos Fabre, esse domingo é dia de reencontro. Meus pais enfim voltaram de sua viagem de motorhome e minha irmã Lena também voltou da sua; e sem piolho, verifiquei antes de abraçá-la. Fui buscar a vovó Violette para que ela passasse o dia conosco. Mas a estrela do dia continua incontestavelmente sendo Louis, o adorável bebê de Laetitia e Sébastien.

Ele passou de mão em mão e a gente fica se empolgando com as bochechas gorduchas, a pele de porcelana, os dedos minúsculos, enquanto procuramos as semelhanças com os outros membros da família. Solène, a melhor amiga de minha irmã e madrinha do bebê, está presente, assim como Léo.

A felicidade provocada por esse reencontro é uma maravilhosa distração. Esta manhã deixei o apartamento de Enzo com o coração pesado. Só passei lá um pouco menos de duas semanas, mas tenho a impressão de ter criado um monte de memórias. Não é tanto esse deslocamento que me entristece, mas o silêncio repentino que se instaurou entre nós. Estranho quando a gente sabe que acabamos de passar seis anos sem nos falar. Tentei entrar em contato com ele, liguei várias vezes ontem e hoje antes do almoço, sem resposta. Ele disse que não queria mais me ver, mas achava que ele aceitaria ao menos falar comigo. Ou, pelo menos, esperava que a raiva fosse passageira e que ele mudaria de ideia com o passar das horas. Não vou mentir, a

rejeição dele me faz mal, bem mais do que eu teria imaginado.

Aos poucos, estou percebendo que ele vem adquirindo metodicamente pedaços do meu coração. A maioria ele conquistou nas últimas semanas, mas agora me pergunto se alguns já não pertencem a ele há muito tempo.

No fim do almoço, me encontro na varanda com Laetitia e Solène, Louis dormindo tranquilo nos joelhos de sua madrinha. Estamos aproveitando a sombra do toldo, com a trilha sonora das cigarras que vivem nos pinheiros ao nosso redor. Se conseguisse deixar meus problemas de lado, seria uma maravilhosa tarde de verão.

— Quando você terá a resposta para o teste que fez? — pergunta minha irmã.

Tinha informado Laetitia sobre o teste, sobretudo porque precisava tirar um dia para ir a Paris. Mas, fora o Enzo, não contei para ninguém da ligação que recebi mais cedo essa semana.

Entretanto, não me vejo mentindo para Laetitia respondendo que não tenho novidades. Então falo com calma:

— Consegui o papel de Mariane.

— E é só agora que você conta — ela exclama. — Há quanto tempo você sabe disso? Você poderia ter nos ligado!

Nem pensei nisso. Depois da minha briga com Enzo, tudo me parece ainda mais confuso. Sei bem que preciso dar uma resposta ao diretor, mas adio essa decisão sem parar em minha cabeça. Não consigo discernir. Se fosse há um mês, não precisaria de um segundo para pensar, teria mergulhado nesta oportunidade. Agora minha mente está uma bagunça.

— Ainda não me decidi — admito em voz baixa como se tivesse vergonha desta constatação.

Minha irmã me observa incrédula.

— Como assim Léo? É a chance da sua vida, o papel que você sempre esperou. Não entendo.

Ela vê que eu hesito, que sigo cautelosa, então ela me pergunta:

— Não é porque você acha que tem obrigações comigo ou com o *Domaine*, é? A gente tinha feito um acordo, se você tivesse uma oferta profissional interessante, você deixaria tudo e voltaria aos palcos.

— Não posso te abandonar agora.

Dou uma olhada em direção ao meu sobrinho que dorme em paz apesar dos gritos de sua mãe. Adoraria estar tão serena quanto ele.

— Como você vai fazer sem alguém para te substituir?

— Vou ajudá-la a achar uma solução — responde Solène.

— Conheço alguém que poderia servir. Laetitia tem razão, você não pode deixar passar uma oportunidade assim. Se você deixar passar, vai se culpar pelo resto da vida. Vai passar seu tempo dizendo: e se eu tivesse aceitado o papel? Acima de tudo, você não deve viver sua vida com arrependimentos. Corre e mostre a eles que Léonie Fabre é uma atriz com um talento enorme.

Fico corada, mesmo sabendo que elas são suspeitas. Esse pequeno discurso elogioso é como um bálsamo para meu coração.

— Vou pensar sobre isso — suspiro.

— Já está tudo pensado — declara Laetitia. — Se você não responder sim, sou eu quem vai ligar no seu lugar, preparar sua mala e te forçar a pegar o primeiro trem para a capital. Não entendo mesmo por que você está hesitando.

Rio de seu ar determinado. Sei que ela não fará nada disso, mas imaginá-la fazendo é muito engraçado.

Sinto um aperto no fundo do meu coração, pois sei por que não dei uma resposta definitiva ao diretor. Me dei conta de que, se eu aceitar voltar a Paris, vou sentir falta de muitas pessoas. Creio que, até esse verão, não tinha medido a importância de se estar cercado de pessoas que a

gente ama. O lugar em si é só um lugar, são as pessoas que povoam e que a gente convive no dia a dia que tornam o lugar ótimo. E, falando nisso, vou deixar para trás aqueles que estão comigo há muito tempo, como minha família, mas também os amigos mais recentes como o *clã das solteiras que não queriam ser*, Tristan e... Enzo.

Quando se trata deste último, estou completamente no escuro sem saber o que está acontecendo neste fim de semana que ele está em Bordeaux. Ele não quis me dizer por que ele ia para lá, mas não precisa ser um gênio para somar os fatos. O fato que o *Domaine des Bruigières* ligou para ele há alguns dias por causa do currículo que eu mandei não é uma coincidência. E o pior de tudo isso é que eu sou a única a quem posso culpar. Se acreditar nas suas últimas revelações, o rejeitei a vida toda de maneira metafórica, antes de fazer de uma maneira mais concreta o candidatando em seu lugar para um emprego do outro lado da França.

Levo a vovó Violette de volta à casa de repouso. Ficamos em silêncio por todo o longo trajeto, mas quando a instalo em sua cadeira de rodas para levá-la para seu quarto, ela me diz:

— Quando é que você vai para Paris?

— Você deveria parar de escutar atrás das portas, vovó.

Ela pigarreia um som que significa que eu sou ridícula por sugerir isso.

— Talvez quando você parar de fazer coisas em segredo. Suspiro.

— Não estou fazendo nada escondido, só não sei qual é a melhor decisão a ser tomada.

— O que eu sempre te disse?

Cito o mantra que ela tantas vezes repetiu:

— Se coloque na frente de seu espelho com o seu melhor vestido, um toque de batom e olhe para si mesma. É você que decide quem você é.

— Então?

Tenho vontade de responder que duvido encontrar a solução em meu reflexo. Em vez disso, fico em silêncio. Mas vovó não é do tipo de se deixar vencer.

— Como vai o pequeno Deluca? — ela pergunta com uma cara inocente demais para ser honesta.

Eu a fuzilo com os olhos.

— Estou vendo — ela responde simplesmente.

O leve sorriso que se imprime em seus lábios não me diz nada que o valha. Chegamos diante da porta do quarto dela e ela me faz um sinal com a mão que, em outro tempo e outro lugar, teria significado alguma coisa como: *Disponha, minha pequena*. Ela se contenta em me dizer como saudação:

— A resposta está em você, Léonie.

CAPÍTULO 33

Léonie

Estou uma pilha de nervos.

Observo as pessoas se sentarem uma após a outra nas cadeiras que dispusemos no salão. Há apenas alguns minutos eu jamais teria acreditado que não haveria nenhum lugar vazio. As luzes ainda estão acesas, os espectadores conversam entre si, ninguém presta atenção às cortinas que escondem o palco. Não há ninguém para perceber que eu as afastei um pouquinho para observar o público.

É claro que eu tinha medo de que nossa apresentação acontecesse diante de cadeiras vazias. Mas o fato que ela vai acontecer diante de uma sala completamente cheia é ainda mais estressante. Sinto um puxão no fundo das minhas entranhas, estou convencida de que, se fizessem neste instante uma radiografia dos meus intestinos, eles pareceriam com uma trança de tricô gigante.

Esta sensação é familiar, isso se chama medo do palco.

Entretanto, não serei eu quem entrará em cena esta noite. Esta noite eu serei a mulher nas sombras, a que vai pronunciar sem som todos os diálogos em sua cabeça, que conhece cada detalhe da produção, que sabe exatamente quando estão previstas as mudanças de figurino. Ninguém vai me ver, porém serei aquela que certamente estará mais agoniada para saber como o público vai reagir.

Nesta noite, não sou atriz, sou a diretora.

Estou muito orgulhosa do trabalho realizado pelos alunos. Não foi simples montar uma peça em apenas

algumas semanas. Não os poupei e eles não pouparam esforços. Loraine foi surpreendente. Uma vez escolhido o texto, ela me deixou livre e, mais inesperado ainda, me pediu para dirigir a peça, se contentando em ser preparadora de elenco para os atores que precisassem. Pude, então, fazer todas as escolhas de encenação que quis e fiquei espantada comigo mesma por ter tanto prazer em fazê-las.

Dei tudo de mim nestas últimas semanas para essa peça, passando quase todo o meu tempo livre nela. Entre os ensaios, a criação dos cenários, a dos figurinos, supervisionei tudo de A a Z. E recebi ajudas preciosas da parte das minhas novas amigas: Oriane, Romy e Elena.

Até a minha irmã colocou a mão na massa entre uma mamada e outra. Sem ela, o resultado não teria sido o mesmo, talvez eu nem mesma soubesse que tinha a capacidade de dirigir uma peça. Esta peça se tornou, para mim, a maneira de mostrar não só para o mundo, mas sobretudo para mim mesma, o meu valor. Ela também foi uma distração para todos os meus problemas. Não há melhor maneira de esquecer o que te incomoda do que se jogar de cabeça no trabalho.

As luzes se acendem, os três sinais soam, a cortina se abre. Hora do show.

As últimas palavras do último ato são pronunciadas, a cortina se fecha e seguro minha respiração. Contudo, não muito tempo depois, uma salva de aplausos ressoa nos segundos que se seguem. Aplausos efusivos e pontuados por aclamações mais que entusiasmadas. Os atores se agrupam, as cortinas são reabertas, o público está de pé. Vejo o orgulho e os sorrisos impregnarem os rostos dos meus alunos, meu coração palpita, estou com lágrimas nos olhos e sou invadida por uma onda de sentimentos.

Dos bastidores, observo todas essas pessoas. Eles estão felizes, estejam no palco ou na plateia. Então entendo que fiz minha parte.

De repente Joy, a adolescente que tinha o papel de Antígona, se vira em minha direção. Ela solta as mãos dos parceiros de cena que ela estava segurando para os agradecimentos e se junta a mim na coxia.

— O que você está fazendo? — pergunto.

— Você tem que vir agradecer ao público com a gente — ela anuncia pegando meu braço, não me deixando outra escolha além de segui-la.

Me encontro no meio do palco, cegada pelas luzes. Os atores se viram para mim e começam a me aplaudir. O público dobra o entusiasmo. Um buquê de flores chega do nada e se encontra em meus braços. Alguém grita por cima do ruído: “Aplausos para nossa diretora, a senhorita Léonie Fabre.” Cruzo o olhar com o de Joy, um pouco desnorteada, e começo a gargalhar. Agradeço todas as pessoas no recinto, reparo em alguns rostos familiares, mas estou muito exaltada pela experiência para prestar realmente atenção.

Alguns minutos mais tarde, meus alunos e eu festejamos nosso sucesso nos bastidores. Sébastien e Laetitia chegam com uma garrafa de champanhe e nos parabenizam. Em seguida, uma onda de pessoas que querem falar comigo. Tem meus pais, é claro, minhas amigas, Tristan, meus colegas de trabalho. Até Lena, com seu jeito um tanto *blasé* de adolescente, reconhece que “não foi ruim” antes de mergulhar de novo o nariz em seu celular.

Assim que a sala fica vazia, não consigo evitar procurar alguém com o olhar. Não cruzei muito com Enzo nestas últimas semanas e uma parte de mim esperava que ele estivesse presente esta noite. Não pude perguntá-lo sobre todos os ingressos das peças que atuei que estavam guardados na casa dele, ainda não tivemos uma conversa de verdade. Nós apenas nos cruzamos no trabalho e, toda vez, ele parecia com pressa por conta de alguma coisa

urgente antes que eu pudesse me aproximar dele. Além disso, ele tem estado ausente e sei através do Tristan que ele foi à Bordeaux várias vezes. O que eu não sei é a razão. Bem que tentei perguntar para a minha irmã e meu cunhado, eles só me responderam que ele tirou alguns dias de férias. Não paro de pensar naquela vaga de emprego que o candidatei. E quanto mais penso nisso, mais fico dividida entre as opções. Por um lado, quero contar a Letícia e Sébastien, que ainda são seus empregadores e que deveriam saber que o mestre de adega talvez os deixe na mão. Por outro, uma espécie de lealdade a Enzo me impede de revelar seu segredo, especialmente porque tudo isso certamente começou por minha causa.

— Ele está te esperando no fundo do salão — declara Tristan.

Eu o encaro fingindo que não entendi o que ele quer dizer. Ele continua:

— Enzo, ele assistiu à apresentação toda e sei que ele está escondido em algum lugar. Não sei o que aconteceu entre vocês, mas acho que você deveria falar com ele. Esta tensão entre vocês nos últimos dias está se tornando insuportável. Eu, que estava aliviado que vocês enfim tinham chegado aos finalmente e parado com o jogo de gato e rato, quase lamento a situação atual que chegaram.

Olho para ele incrédula.

— Desde quando você sabe?

Ele ri e dá de ombros.

— Todo mundo sabe. Só vocês dois que não entenderam que são apaixonados um pelo outro desde sempre. Pelo menos, é o que me contaram. E Enzo parece ter chegado a essa conclusão um tantinho mais rápido do que você. Estou curioso para saber que besteira você fez para que ele te evite como a praga nestes últimos dias. Agora que pensei nisso, tem tempo que ele não vem me ameaçar para não chegar perto demais de você.

— O que você quer dizer? — questiono, pois, o que ele revelou agora não faz sentido.

— Desde que você chegou ao *Domaine*, Enzo deixou claro que você estava fora de cogitação.

Como franzo as sobrancelhas, ele se justifica:

— Digamos que ele me explicou, à sua maneira, que estava apaixonado por você e que estava fora de questão que eu chegasse em você. Não nestes termos, porque estamos falando do Enzo e o mínimo que se pode dizer é que ele não é bom em comunicação.

— Nem em observação.

Tristan parece espantado.

— O que você quer dizer com isso?

— Que eu não faço o seu tipo — brinco.

Ele cora de leve e acho isso adorável. Suponho que agora ele vai me contar o que já percebi. Pelo menos, não terá mais nada não-dito entre nós.

— Para falar a verdade, Léonie, em outras circunstâncias, você teria feito bem o meu tipo.

— Sim, entendo bem. E é gentil de sua parte dizer isso. Estou contente que você enfim fale disso comigo. Verdadeiramente te considero como um amigo, Tristan, e quero que saiba que você pode ter a orientação sexual que for, isso não muda nada para mim.

Vejo Tristan perder a compostura na frente dos meus olhos e me olhar como se uma segunda cabeça acabasse de aparecer de súbito nos meus ombros. Estou me aprontando para dizer que não somos obrigados a falar disso se ele não quiser, quando ele pergunta:

— Por que você está falando sobre a minha orientação sexual?

— Quero dizer... é a primeira vez que você me fala que é gay e...

Tristan se racha de rir e não entendo bem por quê. Um riso franco e grave que faz várias pessoas olharem em nossa direção.

— Espera, você está me dizendo que acha que eu sou gay?

— É... não é?

Ele ainda ri e entre sobressaltos anuncia:

— Léonie, se tem uma coisa que eu não sou, é gay. O que te fez acreditar que eu fosse?

Estou mortificada. Queria que abrisse um buraco para eu pular e me esconder. Tristan vê meu desconforto e tenta me tranquilizar.

— Escuta, Léonie, está tudo bem, mas eu gostaria de verdade de entender.

Começo uma explicação esperando que ela não seja muito falha.

— Bem, em primeiro lugar, tem o fato de que você se interessa muito por moda, você sempre comenta quando eu uso uma roupa nova ou estou com uma cor de esmalte diferente.

— Fui criado com quatro irmãs e só um irmão. Com mais a minha mãe, são cinco mulheres na casa. Aprendi desde cedo que era um erro fatal não elogiar os cabelos de uma mulher, quando se sabe que ela saiu do salão.

— Mesmo assim, você não só elogia, você parece se interessar mesmo por esse tipo de coisa.

Ele dá de ombros.

— A última vez que eu vi, não era crime um hétero se interessar por moda.

— Você é o único cara que eu conheço que vai à manicure uma vez por mês.

— Trabalho com público, os clientes veem minhas mãos o dia todo, gosto de estar apresentável.

Hesito antes do meu próximo argumento.

— Nenhuma vez você me olhou como...

Não termino, pois é ao mesmo tempo constrangedor e um pouco presunçoso da minha parte.

— Você precisa acreditar que não é tão irresistível assim
— ele declara me dando uma piscadela, que me faz

entender que ele está brincando. — Mas, falando sério, quando você chegou, você era a irmã de minha patroa. E pouco tempo depois seu namorado me fez entender que você tinha dono.

— Ele não é meu namorado, ele não tinha nenhum direito de fazer esse tipo de demanda. Além do que, detesto isso. Não sou propriedade dele sobre a qual ele pode fazer xixi para marcar o território.

— Dê o nome que você quiser, mas em defesa dele, o cara é mais fiel a você do que um cachorro. Perdoe o reflexo animal dele. E, por favor, acaba com o sofrimento dele e vai falar com o cara. Não aguento mais vê-lo vagar com os olhos de *Cocker spaniel*.

Me preservo de responder que não sou eu que o estou evitando, é o contrário. Porém estou curiosa para saber se Enzo realmente está aqui e se ele está pronto para falar comigo, e não vou deixar essa chance escapar.

Procurei em todos os cantos, não achei o menor traço do Enzo. Poderia deixar passar e voltar para a minha casa, mas, desta vez, isso está fora de questão. É por isso que me encontro de frente para a porta do apartamento dele, em uma cena que me parece estranhamente familiar. Igual a algumas semanas atrás, ele acaba por abrir a porta antes que eu tenha batido.

Ele me faz sinal para entrar, passo por ele sem o tocar e sinto na passagem seu cheiro que se tornou tão costumeiro e que me faz tanta falta.

Entro no apartamento que foi o palco dos melhores momentos entre nós. Sem que ele me convide, me instalo no sofá. Ele continua em silêncio e vem se sentar na mesinha de centro que está na minha frente. Ele poderia ter escolhido colocar mais distância entre nós, um ângulo que me permitiria escapar do seu olhar, e ele do meu. Mas não,

ele me enfrenta com seus olhos cor de café. Suas duas pupilas que, entendo agora, são capazes de expressar muito mais do que suas palavras. Se Enzo é culpado de um crime, é o de não saber falar comigo e expressar seus sentimentos. O meu crime foi nunca ter descoberto como escutá-lo da maneira correta.

Longos segundos se passam enquanto nós nos encaramos.

— A peça foi um grande sucesso — ele acaba por dizer.

Mais uma vez, não sabemos nos comunicar. Enquanto teríamos milhares de coisas para dizer um para o outro, continuamos em um campo neutro. Decido que cabe a mim iniciar o jogo certo, então agradeço o elogio e já parto para a conversa que precisamos ter:

— Encontrei a caixa na parte de baixo do seu armário.

Não preciso dizer qual, ele sabe ao que me refiro. Ele faz uma leve careta, está constrangido.

— Você foi ver todas as minhas peças?

Ele aquiesce.

— Por quê? — pergunto em um murmúrio.

Ele dá de ombros.

— Sou patético, não sou?

— Não, gostaria de entender por que você nunca falou disso. Por que você nunca foi falar comigo?

Ele responde encabulado:

— De certo porque você me dizia que não tinha vontade de me ver. Mas como já te disse, tive dificuldade em te esquecer. Então, ir assistir as suas apresentações era a minha maneira de ter minha dose, como um drogado, sem que você soubesse e que você me tomasse por um maluco.

Tenho todos os motivos para pensar que ele é maluco, mas mesmo assim eu o entendo. Então acabo confessando:

— Sabe, eu também fiquei de olho em você da minha maneira.

Ele parece sinceramente espantado. Desenvolvo:

— Cada vez que minha mãe me dava notícias suas, eu fingia não estar interessada. Mas a verdade é que eu queria saber. Quem você estava se tornando, com quem você saía. Para ser totalmente honesta, até te espionei nas redes sociais. Acabei desativando meu Facebook para me forçar a parar esse joguinho doentio. Tinha a impressão de saber muito e não o suficiente ao mesmo tempo.

— Espionei o seu Instagram da mesma maneira — ele confessa. — Você parecia tão feliz nas fotos, acho que, em parte, é por isso que decidi durante muito tempo te deixar em paz.

— Você sabe que tudo aquilo não reflete a verdadeira realidade. São só fotos selecionadas e editadas demais para serem totalmente sinceras. Um tipo de vitrine para fazer os seguidores babarem, enquanto no interior tudo está vazio.

Deixo passar alguns segundos e acrescento:

— Pelo menos, acho que na vida real as pessoas não vivem de salada e fazem academia todo dia o dia inteiro, caso contrário, eu preciso repensar meu estilo de vida.

Ele ri de maneira doce antes de retomar:

— Seu sorriso no fim de uma apresentação, isso, não é falso. Você estava feliz.

— Suponho que sim.

— Você foi feita para isso — ele afirma.

— Não sei mais para o que eu fui feita, Enzo. Estou perdida.

Sinto as lágrimas surgirem em meus olhos e Enzo percebe. Ele pega a minha mão que estava em meu joelho e eu deixo.

— Ei — ele fala de maneira doce —, foi ótimo o que você fez na apresentação desta noite. Sei que você deu tudo de si e o resultado foi fantástico. Espero que você tenha visto o brilho de orgulho nos olhos dos seus alunos. Tudo graças a você.

Abro um sorriso triste para ele.

— Estou indo para Paris. Aceitei o papel em *Tartufo*.

Vejo seu olhar vacilar no tempo de um segundo, mas ele recupera o autocontrole muito rápido.

— Estou orgulhoso de você — ele responde. — E triste de não ter te dito isso antes.

— Você está decepcionado que eu vou embora?

Ele suspira.

— É claro, mas não foi isso que me ofendeu. O verdadeiro problema é que me senti excluído quando dei de cara com o fato concreto. Em nenhum momento você tinha me falado do teste. Tenho a impressão de ser, aos seus olhos, menos do que nada. Tinha o sentimento de ter me tornado seu amigo e, essa experiência me mostrou que não era o caso, eu não contava tanto para você sequer achar relevante comentar comigo sobre algo assim. Isso me deixou com raiva, me convenci que merecia mais. Queria ser aquele para quem você contasse tudo: suas alegrias, suas dores, suas conquistas e seus problemas. Se era para me contentar com migalhas, seria melhor não ter nada.

Suas palavras me chocam, mas eu entendo. Ele se cala e me dou conta do peso do que ele acaba de me contar.

— Isso quer dizer que a gente vai se evitar de novo?

Ele se levanta e vem se sentar ao meu lado. Prendo minha respiração. A ideia de ir embora correndo para fugir da notícia terrível que ele vai me dar passa pela minha cabeça. Mas ele não solta a minha mão. Ele se instala pertinho e eu quase sufoco. Sou invadida por sua presença, o traidor do meu corpo é alterado pela sua proximidade. Não ousa cruzar meu olhar com o dele.

— Olha para mim, Léonie.

Obedeço com um nó no estômago. Quando meus olhos pousam nos dele, não preciso mais de explicações. Vejo neles tanto bem-querer e amor que minhas angústias se evaporam. Repenso em todas as vezes que ele me olhou da mesma maneira e que não soube interpretar o que eu tinha bem diante dos olhos. Repenso na foto do baile de fim de ano do último ano, na vez que ele me ofereceu me levar de

volta do cinema em sua moto e todas as outras. Tenho a impressão de ter sido cega a minha vida toda e de repente recuperar a visão.

— Sou incapaz de viver sem você — ele murmura contra meus lábios.

Meu coração saltita.

— É igual para mim. E acredito que gosto muito de brigar com você, principalmente para fazer as pazes.

— Então, me deixa te beijar.

Não me dou ao trabalho de responder, parto para a ação.

Acaricio sua boca com a minha, me deleitando com seus lábios carnudos, me embriagando com os assaltos de sua língua durante longos segundos. Em seguida, me afasto ligeiramente, como para colocar minha cabeça no lugar e verificar que não estou sonhando. Ele não me deixa tempo de refletir, desta vez é ele quem me ataca da maneira mais deliciosa. Este segundo beijo, mais intenso, me faz perder a razão. Sou apenas sensações, o resto não existe mais. Meu espírito sai voando e o mundo a nossa volta poderia muito bem desmoronar que eu não perceberia nada.

Nunca achei que um beijo pudesse ter tal significado. Que ele pudesse momentaneamente parar o batimento do coração e que um toque tão delicado pudesse te fazer se sentir irresistivelmente amada. Mesmo assim, é exatamente o que ele produz.

Passamos longos minutos nos beijando. De maneira intensa e apaixonada, mas igualmente mais leve, quase provocativa. Mergulho a mão em seus cabelos, meus dedos afundam em seus cachos sedosos. Eles cresceram muito desde meu retorno a Cadenel.

— Por que você usava os cabelos tão curtos quando eu cheguei?

— Não foi bem uma escolha — ele anuncia com falsa irritação.

— Parece que tem uma história por trás disso.

— Você conhece a Gina?

— A cabeleireira da vila?

Capto de imediato o que ele deixa subentendido e começo a rir.

— Ah, não! Não me diga que você cometeu o erro...

Ele me confirma com um gesto de cabeça.

— Não morava mais aqui há seis anos, tinha esquecido...

— Estava terrível a que ponto?

— Ainda tenho pesadelos a noite — ele se diverte. — Mal saí, fui comprar uma máquina e raspei a cabeça.

— Ah, sim! Radical como sempre.

— Era uma das minhas únicas opções. Isso ou usar uma touca 24 horas por dia.

— Daí o boné?

— Daí o boné — ele confirma.

— Fica bem em você.

— O boné ou os cabelos curtos?

— Os dois.

— Seria isso um elogio, senhorita Fabre?

— Talvez. Como você se sente sabendo que foi um elogio derivado de um trabalho da Gina?

Ele coloca uma careta de falso amedrontamento no rosto que me faz rir de novo.

— Você tinha que vê-la no casamento da Laetitia com o Sébastien, ela tinha um coque no alto da cabeça absolutamente asqueroso. Ela ficou muito ofendida que minha irmã não a tenha escolhido como cabeleireira do dia D.

— Teria gostado de estar lá, mas não para ver a Gina.

— Por que você não veio? Me disseram que era por causa do trabalho. Foi para me evitar?

Ele suspira e me puxa um pouco mais contra ele.

— Pensei que você não tinha a menor vontade de me ver e não queria estragar o seu dia. E foi também um pouco egoísta da minha parte. Achei que talvez você viesse

acompanhada e não estava pronto para passar várias horas te vendo rindo e dançando nos braços de outro.

Ele beija meus cabelos, enquanto brinca distraidamente com as pontas deles.

— Perdemos tempo demais não nos falando. Por que a gente esperou 24 anos para nos dizer tudo isso?

Ele parece refletir com a minha pergunta.

— Talvez a gente precisasse crescer longe um do outro.

— Não tenho certeza se já sou uma adulta — suspiro.

— A gente realmente se torna um dia?

— Quero acreditar que sim.

Conversamos mais um momento, sentados no sofá. Eu conto sobre a minha partida para Paris, as minhas preocupações. Ele me tranquiliza me explicando que isso não significa o fim desta nova história que começou entre nós. Ele argumenta que a gente precisou de tempo, mas que ainda tem muito tempo a nossa frente. Ele me lembra que preciso ir atrás dos meus sonhos, fazer minhas próprias escolhas, cair para me levantar melhor. Ele não chega a apagar todos os meus medos, ele não me faz crer que, de agora em diante tudo será um mar de rosas, mas ele me acalma. Me deixo embalar por seu timbre grave, aproveitando o instante presente. Só quando seu telefone toca algumas horas mais tarde que entendo que acabamos dormindo nos braços um do outro.

Ele esfrega os olhos, grogue de sono. A conversa de Enzo é breve. Me pergunto com quem ele está falando no meio da noite.

— Era o Sébastien — ele declara depois de ter desligado. Um arrepio de pânico me atravessa.

— Laetitia e Louis estão bem?

Ele me garante que sim e entendo por seu sorriso que me preocupei à toa.

- O que aconteceu então?
- É esta noite.
- Esta noite o que? — me irrita.
- Que a colheita começa.

CAPÍTULO 34

Léonie

No *Domaine des Manons*, a colheita é feita à noite sob a luz de faróis, da lua e das estrelas. Um processo estabelecido há vários anos, não por exigência de um viticultor um tanto bizarro, mas para preservar o frescor da uva com objetivo de qualidade. Isso permite controlar melhor a oxidação das bagas e manter todos os sabores.

Eu poderia muito bem ter voltado para minha casa para dormir, ou até ficar na casa de Enzo (ele ofereceu). Mas não perderia esse momento por nada neste mundo. Se encontrar de noite, nesta agitação não habitual no meio das cepas das vinhas tem alguma coisa de mágico.

Sébastien coordena a manobra nos campos. Com o ar de mocinho de novela e com seu nome de dono do castelo, ele tem essa terra no sangue. Desde que ele pegou as rédeas do *Domaine*, ele modernizou tudo privilegiando a qualidade da produção que fez a reputação da vinícola. Mas mesmo que eu tenha muita admiração pelo meu cunhado, não é ele que quero ver trabalhando. É a primeira colheita de Enzo no *Domaine*. Será a sua primeira safra. Sei que para ele a pressão é enorme. Mas o conheço o suficiente para saber que o desafio não lhe dá medo. Até diria que ele esperava por isso.

Sei que ele passou as últimas semanas, quiçá os últimos meses, preparando a adega da melhor maneira possível. Enquanto as primeiras bagas são recolhidas, ele supervisiona cada remessa para verificar que ninguém

maltrate as preciosas uvas. Por aqui, nada de bombas ou tubulações, se utiliza a gravidade para reduzir os riscos de alteração.

Ele parece tão sério em seu trabalho que eu não ousa me aproximar dele. É ele quem finalmente percebe a minha presença e, quando seu olhar cruza com o meu, sua expressão tão concentrada desaparece e ele sorri para mim. Ele se aproxima.

— É impressionante, não é? — ele pergunta apontando para os cachos coloridos que estão fluindo.

Concordo com a cabeça.

— Sua primeira colheita — digo sonhadora.

— E certamente não a última.

De repente, uma pergunta que me fiz muito nestes últimos dias me vem à mente.

— Enzo, o que você foi fazer em Bordeaux? Você vai se mudar para lá?

Confesso que se ele me disser que sim, ficarei terrivelmente decepcionada. Não poderia criticá-lo por partir, sabendo que vou fazer isso daqui a poucos dias, mas sobretudo porque, depois da conversa que acabamos de ter algumas horas atrás, espero que não tenha mais coisas não-ditas entre nós. Os olhos dele brilham de diversão, ele me observa, um leve sorriso nos lábios.

— Sabe, você foi muito gentil de cuidar da minha carreira enviando meu currículo para os quatro cantos da França, mas não estou pronto para largar o *Domaine des Manons*.

Me sinto corar até a ponta das orelhas.

— Sinto muito. Não devia ter feito.

— Eu te perdoo. É muito gratificante para o meu ego receber ligações de vários vinhedos de prestígio, mesmo que algumas tenham sido negativas. Mas imagine a surpresa do *Domaine des Brugières* quando eles receberam minha candidatura, sendo que eu tinha recusado o cargo alguns meses antes.

Ops.

— Imagino — murmuro.

— Se você tivesse tirado um tempo para ler meu currículo corretamente, teria visto que fiz meu último estágio com eles. Auxiliei o mestre de adega durante quase um ano, foi ele que me ensinou tudo. Ele vai se aposentar em dois anos e teria adorado que eu assumisse seu lugar.

— Por que você não aceitou? É um vinhedo de prestígio, não?

Ele me olha e levanta a mão para ajeitar uma mecha de meus cabelos que escapou de meu rabo de cavalo.

— É um *Domaine* de prestígio e eu provavelmente teria aceitado se não tivesse ouvido falar que Sébastien também procurava por alguém para o *Domaine des Manons*. Pesei os prós e os contras e confesso que até mesmo listei os argumentos para os dois lugares antes de me decidir. Tanto aqui quanto em Bordeaux, eu tinha a promessa de uma bela carreira, mas aqui ia além da carreira. Eu teria essa região que eu amo, os vinhedos nos quais cresci, teria minha família, minhas raízes. Tudo isso não se pode quantificar, esse valor não tem preço. Pensei que não importava muito viver experiências fantásticas, se no fim do dia não tivesse ninguém com quem compartilhar.

Ele pega a minha mão.

— Entendi tudo isso antes mesmo de saber que você voltaria para a região. Então, quando passei pela minha entrevista de emprego e sua irmã me disse que você viria, vi isso como um sinal. A cereja do bolo.

— Poderia ter terminado mal. Como você disse, eu poderia estar namorando, por exemplo.

— Poderia. Se fosse o caso, talvez eu enfim conseguisse te esquecer. Mas sou um cara mais para otimista.

— Também gostaria de ter esta qualidade.

— Eu te ensino — ele diz antes de levar a minha mão aos seus lábios.

— Mas então o que você foi fazer em Bordeaux?

— Fui dar uma ajudinha para o mestre de adega do *Domaine des Brugières*, ele estava atrasado na preparação da adega para a colheita, enquanto eu já tinha tudo pronto por aqui. Foi por isso que ele me ligou na manhã que você atendeu. E me senti obrigado a aceitar, *visto que alguém tinha se candidatado por mim*.

Abro um pequeno sorriso arrependido que o faz rir. No segundo seguinte, ele me beija. Acho que estou perdoadada.

EPÍLOGO

Léonie

Ato V, cena 7
Paris, sete meses mais tarde

A cortina cai sobre o casamento de Mariane e Valère. Conto *um... dois... três...* uma salva de palmas ressoa. É a última.

Meses de ensaios, de apresentações, olho para os atores a minha volta, a equipe técnica, o diretor, todo esse pessoal que faz parte de meu cotidiano. Sinto um aperto no peito, mas ao mesmo tempo muita empolgação.

Nos alinhamos para os agradecimentos finais, a cortina se abre para uma sala cheia, uma sala que está de pé. Não consigo distingui-los por causa dos projetores que me cegam, mas sei que eles estão aqui. Meus amigos, minha família e Enzo. Tenho pressa de descer para os bastidores, tirar meu figurino e ir encontrá-los.

Infelizmente, não é tão simples assim. A peça foi muito bem-sucedida e comentaram sobre ela. Então tem jornalistas querendo entrevistas, VIPs que tiveram autorização para vir falar conosco. Os minutos passam se transformando em horas. Mas como Enzo adora me lembrar sempre, as melhores coisas não são feitas com pressa. A princípio, ele falava mais dos vinhos, mas ele adora aplicar esse mantra para vários aspectos de nossa vida.

Digo *nossa*, pois sim, apesar da distância continuamos juntos. Não foi fácil, houve brigas e reconciliações. Mas

estes meses nos permitiram evoluir juntos passo a passo. Encontrar um ritmo. Depois de anos só nos comunicando por ataques e golpes baixos, e algumas curtas semanas vivendo uma paixão intensa, mas destrutiva, nós voltamos ao início. Fizemos os que os casais normais fazem, eu acho: saímos sozinhos quando estávamos na mesma cidade, passamos longas noites ao telefone quando estávamos separados, dividimos as pequenas coisas que formam nosso cotidiano. Principalmente, nós nos comunicamos. Aprendemos a compartilhar nossas dúvidas, a aconselhar um ao outro, a escutar. Criamos uma dinâmica única entre nós e aprendemos a nos conhecer.

Alguém bate na porta do camarim que divido com uma outra atriz e, um segundo depois, é Albin Duprey, o diretor, que aparece. Ele nos parabeniza, em seguida fala comigo em particular:

— Não tem jeito de eu te convencer a participar da minha próxima produção? — ele pergunta.

— Não, já tomei minha decisão.

Ele suspira, fingindo uma enorme decepção. Faz muito tempo que ele não sobe aos palcos, mas é um excelente ator.

— Então, não me resta muito mais além de te desejar boa sorte nas suas novas aventuras.

— Obrigada.

Trocamos um abraço, adorei nossa colaboração. Albin é um diretor genial, aprendi muito convivendo com ele.

— Espero que você me envie um convite para a sua estreia.

Albin Duprey em Cadenel. Parece que nossa vila vai enfim ser visitada por uma estrela.

— Não vou esquecer. Mas você vai precisar ser indulgente, são apenas amadores afinal.

— Não duvido que você vá saber tirar o melhor deles. E tenho um conselho para te dar: nunca subestime seus atores.

— Vou me lembrar disso.

Conversamos por mais alguns minutos sobre meu projeto. É uma ideia que tive algumas semanas depois do meu retorno a Paris. Entendi rápido que não seria mais capaz de morar aqui o tempo todo. Mas não estava pronta para abandonar o teatro. Gostei muito da minha experiência do curso de verão com Loraine, mesmo que minha relação com ela tenha sido tensa às vezes. Gostei muito da parte da apresentação. Também amo atuar. É por isso que decidi montar uma trupe de teatro amador com base em Cadenel. Penso, talvez, em um segundo momento, propor um curso de teatro para crianças. Estou bem consciente de que não poderei viver unicamente da minha paixão. Mas minha experiência no *Domaine des Manons* me provou que posso me desenvolver em outros trabalhos. Gostaria que o teatro continuasse uma paixão e não se tornasse um sacerdócio. Então, escolher não fazer dele a minha primeira fonte de renda é também me dar uma certa liberdade. A de poder escolher meus papéis, de ser tanto atriz como diretora. Penso de novo no conselho de vovó Violette de alguns meses atrás. Não estou no meu melhor vestido, mas em um jeans e uma camiseta; não estou com batom, pois acabei de tirar a maquiagem, mas estou diante do espelho. A resposta estava em mim, eu só precisava encontrá-la.

Alguém mais bate à porta. Desta vez, estou sozinha no camarim. Recoloco uma mecha atrás da orelha e me apoio na penteadeira antes de falar para a pessoa entrar. Estou com um nó no estômago e, quando a porta se entreabre, ele aperta mais.

Enzo mal tem tempo de fechar a porta atrás de si e eu já estou pendurada em seu pescoço. Meus lábios colam nos

dele e trocamos um beijo apaixonado. Suas mãos vêm parar na minha bunda, o impulso que eu esperava para enrolar as pernas em torno de sua cintura. Meu peito cola em seu torso, minhas mãos percorrem sua nuca, brincam com seus cabelos cortados curtos. Ele dá alguns passos, atravessa o camarim e me deposita na penteadeira. Ele se afasta e finjo fazer um biquinho.

— Que foi? Já está cansado de me carregar? — pergunto observando seus bíceps.

O que são esses bíceps magníficos?

Ele sorri.

— Não, mas estou tentando não me deixar levar muito, não esqueça que tem ao menos uma dezena de pessoas que nos esperam logo ali no corredor.

— Talvez eles possam nos esperar mais um pouquinho? — sugiro.

— Vou sentir falta desses reencontros depois de semanas de separação — ele anuncia me dando um beijo leve nos lábios.

— Prometo pular em cima de você da mesma maneira quando você voltar do trabalho.

Ele dá uma olhada a nossa volta.

— O sexo no camarim também não era ruim.

— A gente vai achar uma solução.

— Não tenho dúvidas.

Pego minha bolsa e seguro sua mão.

— Vamos?

Ele aquiesce, um segundo depois estamos no corredor.

— Você estava maravilhosa esta noite.

— Você diz isso toda vez.

— Mas porque é verdade.

— Pelo número de vezes que você viu, tenho certeza de que finge prestar atenção e que você perde um pedacinho de vez em quando.

— Só durante as cenas em que você não aparece.

Enzo assistiu várias apresentações da peça, insisto a cada vez que ele não é obrigado a vir, que bastaria me esperar depois da peça, mas ele afirma que adora me ver atuar. Ele acrescenta:

— Bom, não vou mentir, se eu puder ficar sem *Tartufo* durante algum tempo, não vou reclamar.

— Você sabe que Molière é um dos meus dramaturgos preferidos, então se não for *Tartufo*, corre o risco de você assistir um bom número de suas peças nos próximos anos.

Ele finge estar desesperado, antes de retomar a palavra:

— A gente vai achar uma solução.

Meus pais estão aqui, minhas irmãs também, Sébastien ficou com o bebê Louis em Cadenel. Fico comovida de ver que meus amigos vieram para a última apresentação: Elena, Romy, Oriane e Tristan. Também estão aqui Solène, Léo e Bruno, seu amigo parisiense. Nosso pequeno grupo animado se encontra em um restaurante não muito longe do teatro, que Enzo reservou para a ocasião. Todo mundo faz seu pequeno comentário sobre a peça, as críticas são unânimes, eles me acharam ótima.

— Estou tão feliz que você vai voltar a morar perto da gente! — exclama Elena. — Sentimos muito sua falta nos nossos encontros no *Bar de la Place*, temos um monte de fofocas para te contar.

— Ah, Oriane precisa te contar do novo colega de apartamento!

Esta fica tão vermelha quanto meu batom preferido. Sinto que tenho uma história quentíssima para ouvir. Mas Romy já se ressentir:

— É uma pena, você não vai mais poder nos acompanhar nas saídas de solteiros.

Faço uma pequena careta para pedir desculpas e chego um pouco mais perto de Enzo, que está conversando com

Bruno a sua esquerda. Por instinto, ele passa um braço pelos meus ombros.

— Será que eu posso acompanhar vocês? — pergunta Tristan.

— Mas é claro! — se entusiasma a padeira.

De canto de olho, vejo que Elena tem um interesse repentino por suas cutículas. *Interessante*.

Um garçom se aproxima, ele traz uma bandeja com taças de vinho e uma garrafa de rosé que ele coloca na frente de Enzo. A garrafa não está etiquetada, Enzo a abre com uma facilidade desconcertante.

— Isso é...?

Ele aquiesce.

— É a nova safra, na pré-estreia só para você.

Seu olhar brilha. Sei como esse momento é importante para ele, como é para mim. Ele serve dois copos e me passa um antes de pegar outro para ele. Nós brindamos.

— A minha atriz preferida. Tão tanina quanto um bom vinho. Você às vezes aflora a adstringência, mas é isso que eu amo em você. Esta maneira de sempre me provocar. Sinto que não vamos nunca nos cansar.

Sorrio por trás de meu copo.

— Confesse, essa você treinou na frente do espelho.

— Talvez — ele admite com malícia.

— Eu diria que você é a doçura que equilibra meus taninos naturais, mas a gente sabe muito bem que não é bem assim.

Como resposta, ele me beija.

— Estou ansioso para você me dizer o que achou — ele diz apontando meu copo.

— Bela maneira de mudar de assunto — comento, e ele nem finge estar arrependido.

Observo o vinho através do copo.

— A capa está límpida e brilhante, um belo rosa pálido
— detalho da maneira como ele me ensinou no *Domaine*.

Enzo me faz sinal para continuar.

— Notas de citrinos no primeiro aroma, está agradável e frutado.

Levo o copo aos meus lábios e dou um primeiro gole. Eu o faço rolar no meu palato por alguns segundos antes de engolir; fora de questão cuspir esse.

— Ele é vivo e leve, tem um gosto de toranja, de cascas, de citrinos e diria até algumas notas de limão verde. O conjunto é fresco e harmonioso. Eu o serviria como aperitivo ou com crustáceos.

O sorriso que Enzo abre para mim confirma o fato que estou cada vez mais consciente: ele está muito apaixonado por mim e posso falar qualquer coisa.

— Parabéns — o cumprimento antes de dar um beijo em seus lábios. — Se sente que tem muito amor nesta adega para fazer um vinho assim.

— Você vê isso com uma simples degustação? — ele se diverte.

— Não pela degustação, mas sim por ser a primeira opção de um certo mestre de adega.

— Poderia ter ainda mais amor na adega na próxima safra. O que você me diz de outra noite por lá? Eu, você, os barris...

— Suponho que, na sua cabeça, seria uma noite de amor dos sonhos, mas me desculpe por não dividir o entusiasmo.

— Vou saber te fazer mudar de ideia.

— Com certeza não.

— Quer apostar?

— Toma cuidado, Deluca, em matéria de teimosia, posso ser muito cabeça dura.

Começamos mais uma vez.

Mas sinto que não vamos nos aborrecer dessa vez...

FIM

GOSTOU DESSE LIVRO?

Agora é a sua vez! Deixe um comentário sobre o livro na Amazon ou no Skoob e ajude esta história a alcançar mais leitores.

LEIA TAMBÉM:



Sinopse:

Um endereço de email errado mudou a vida deles para sempre.

Solène estava tentando se comunicar com Leo, a irmã da melhor amiga, para organizarem a despedida de solteira da amiga. Acabou conversando com Leo, um arquiteto de Paris que não sabia nada sobre casamentos.

Ambos têm seus motivos para não estarem nas redes sociais e nem possuírem fotos na internet, então eles se conhecem através de uma intensa troca de e-mails que logo evolui para uma troca de mensagens e telefonemas.

Será que esse relacionamento virtual conseguirá sobreviver à realidade e aos segredos que serão revelados no momento que se conhecerem pessoalmente?

Tamara Balliana é autora bestseller da Amazon França com mais de 50 romances publicados. Mensagem para você é o primeiro romance traduzido para o português.

[Leia agora](#)

[Clique para se inscrever na nossa newsletter e não perder nenhum lançamento da Galuba Editorial](#)

SOBRE A AUTORA

Apaixonada por leitura desde sua mais tenra idade, Tamara Balliana nunca tinha registrado em papel as histórias nascidas de sua imaginação. Desde que ela descobriu a autopublicação, ela decidiu dar o primeiro passo e concretizar seu sonho escrevendo seu primeiro romance: *The Wedding Girl*, em parte inspirado por seu ambiente profissional. O sucesso chegou e a incitou a continuar escrevendo comédias românticas, desenvolvendo com seus romances um universo leve e contemporâneo que seduz suas leitoras.

Tamara Balliana vive no sul da França com seu marido e suas três filhas pequenas.

CONHEÇA A GALUBA EDITORIAL

Das profundezas da literatura, surge a Galuba: uma editora focada em publicar mulheres do mundo inteiro. Fundada em 2020, nosso propósito é encorajar as mulheres no mercado editorial e promover a bibliodiversidade.

Mergulhe nessa história conosco!

Conheça outros títulos publicados em:



www.galubaeditorial.com



<https://www.instagram.com/galubaeditorial/>



<https://web.facebook.com/GalubaEditorial>



<https://br.pinterest.com/galubaeditorial/>

CRÉDITOS E COPYRIGHT

TÍTULO ORIGINAL

L'amour est dans le chai

EDITORA DE AQUISIÇÃO E REVISÃO

Carina Derschum

TRADUÇÃO:

Nina Schilkowsky

CAPA E DIAGRAMAÇÃO:

Laura Machado

ILUSTRAÇÃO DE CAPA:

Adobe Stock

L'amour est dans le chai by Tamara Balliana ©2019

© Galuba Editorial, 2024

Todos os direitos desta edição reservados à Galuba Editorial.

Dados Internacionais da Catalogação-na-Publicação (CIP)

B192a Balliana, Tamara.
Amor na Adega. [recurso eletrônico] / Tamara Balliana; tradução de Nina

Schilkowsky. -- Rio de Janeiro: Galuba, 2024.

0.8 Mb

ISBN 978-65-84978-16-4 (e-book)

Tradução de: L'amour est dans le chai.

1. Romance contemporâneo. 2. Literatura francesa. I. Schilkowsky, Nina. II.
Título.

CDD 843

Bibliotecária: Isabela Lustosa CRB-7 RJ-007115/O

Bibliotecária: Isabela Lustosa CRB-7 RJ-007115/O

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida em qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico ou mecânico, incluindo sistemas de armazenamento e recuperação de informações, sem a permissão por escrito da autora e da editora. Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e eventos são produtos da imaginação da autora ou foram usados de maneira fictícia. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, ou acontecimentos é mera coincidência.

[1] Para descobrir como uma simples questão de homônimos conduziu a uma história de amor, é preciso ler *Mensagem para Você!*

[2] Comédia de Marivaux em três atos e em prosa.

[3] Comédia de Molière em cinco atos e em verso.

[4] O filme é "Náufrago".

[NE1] Nota da Editora: *Martine à la plage* é um famoso livro infantil francês que não tem publicação no Brasil.

[[NE2](#)] Nota: Marcel Pagnol foi um dramaturgo e cineasta francês, membro da Academia Francesa de Letras.

[[NE3](#)] Nota: pequena cordilheira no sudeste da França